



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
**INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS**  
Programa de Pós-Graduação em Geografia

LUIZ FERNANDO ROSCOCHE

**A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS E AS PRÁTICAS DE LAZER:  
TERRITORIALIDADES NAS COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DE  
BRAGANÇA (PA)**

GOIÂNIA

2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**      Dissertação      Tese

**2. Identificação da Tese ou Dissertação:**

Nome completo do autor: LUIZ FERNANDO ROSCOCHE

Título do trabalho: A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS E AS PRÁTICAS DE LAZER:  
TERRITORIALIDADES NAS COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA (PA)

**3. Informações de acesso ao documento:**

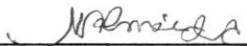
Concorda com a liberação total do documento  SIM      NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:



\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) orientador(a)<sup>2</sup>

Data: 04 /06 /2019

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser escaneada.

LUIZ FERNANDO ROSCOCHE

**A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS E AS PRÁTICAS DE LAZER:  
TERRITORIALIDADES NAS COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DE  
BRAGANÇA (PA)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção do título de Doutor em Geografia.  
Área de Concentração: Natureza e Produção do Espaço  
Orientadora: Prof. Dra. Maria Geralda de Almeida

GOIÂNIA

2018

LUIZ FERNANDO ROSCOCHE

ROSCOCHE, Luiz Fernando. A igreja Assembleia de Deus e as práticas de lazer: territorialidades nas comunidades do município de Bragança (PA). 2018. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Orientadora: Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2018.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudo Socioambientais –IESA, da Universidade Federal de Goiás – UFG, sob requisito para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida (IESA-UFG)  
Orientadora

Profa. Dra. Maria Idelma Viera D’Abadia (UEG)  
Membro Externo

Profa. Dra. Maria Goretti da Costa Tavares (UFPA)  
Membro Externo

Prof. Dr. Denis Castilho (IESA-UFG)  
Membro Interno

Prof. Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira (IESA-UFG)  
Membro Interno

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

ROSCOCHE, LUIZ FERNANDO  
A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS E AS PRÁTICAS DE LAZER  
[manuscrito] : TERRITORIALIDADES NAS COMUNIDADES DO  
MUNICÍPIO DE BRAGANÇA (PA) / LUIZ FERNANDO ROSCOCHE. -  
2018.  
CCCXII, 312 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. MARIA GERALDA DE ALMEIDA.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de  
Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em  
Geografia, Goiânia, 2018.  
Bibliografia. Apêndice.

1. Ócio. 2. Trabalho. 3. Religião. 4. Protestantes. 5. Amazônia. I.  
ALMEIDA, MARIA GERALDA DE, orient. II. Título.

CDU 911



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO DE**

**LUIZ FERNANDO ROSCOCHE**

Aos 18 dias do mês de junho do ano de dois mil e dezoito (2018), a partir das 15:00h, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Tese de Doutorado de Luiz Fernando Roscoche "A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS E AS PRÁTICAS DE LAZER: TERRITORIALIDADES NAS COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA (PA)". A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 062/2018 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: **Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida** (Orientadora), **Prof. Dr. Denis Castilho** (Membro Titular Interno), **Prof. Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira** (Membro Titular Interno), **Profa. Dra. Maria Goretti da Costa Tavares** (Membro Titular Externo) e **Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia** (Membro Titular Externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. Às 19:30 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo o candidato obtido os seguintes resultados:

**Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida (Presidente) - Ass.** Almeida

Aprovado  Reprovado ( )

**Prof. Dr. Denis Castilho - Ass.** Denis Castilho

Aprovado  Reprovado ( )

**Prof. Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira - Ass.** Adriano Rodrigues de Oliveira

Aprovado  Reprovado ( )

**Profa. Dra. Maria Goretti da Costa Tavares - Ass.** Maria Goretti da Costa Tavares

Aprovado  Reprovado ( )

**Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia - Ass.** Idelma

Aprovado  Reprovado ( )

**Resultado final:** Aprovado  Reprovado ( )

**Houve alteração no Título?** Sim ( ) Não

Em caso afirmativo, especifique o novo título: \_\_\_\_\_

Outras observações: \_\_\_\_\_

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Secretaria..... Luana de Castro Amorim  
Luana de Castro Amorim  
Assistente em Administração  
Instituto de Estudos Sócio Ambientais  
Matrícula: 2357313



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO DE  
LUIZ FERNANDO ROSCOCHE**

Aos 18 dias do mês de junho do ano de dois mil e dezoito (2018), a partir das 15:00h, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Tese de Doutorado de Luiz Fernando Roscoche "A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS E AS PRÁTICAS DE LAZER: TERRITORIALIDADES NAS COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA (PA)". A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 062/2018 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: **Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida** (Orientadora), **Prof. Dr. Denis Castilho** (Membro Titular Interno), **Prof. Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira** (Membro Titular Interno), **Profa. Dra. Maria Goretti da Costa Tavares** (Membro Titular Externo) e **Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia** (Membro Titular Externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. Às 19:30 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo o candidato obtido os seguintes resultados:

- Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida (Presidente) - Ass.** Almeida  
Aprovado  Reprovado ( )
- Prof. Dr. Denis Castilho - Ass.** Denis Castilho  
Aprovado  Reprovado ( )
- Prof. Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira - Ass.** Adriano Rodrigues de Oliveira  
Aprovado  Reprovado ( )
- Profa. Dra. Maria Goretti da Costa Tavares - Ass.** Maria Goretti da C. Tavares  
Aprovado  Reprovado ( )
- Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia - Ass.** Idelma  
Aprovado  Reprovado ( )

**Resultado final:** Aprovado  Reprovado ( )  
**Houve alteração no Título?** Sim ( ) Não   
 Em caso afirmativo, especifique o novo título: \_\_\_\_\_

Outras observações: \_\_\_\_\_

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Secretaria..... Rauana de Castro Amorim  
Rauana de Castro Amorim  
Assistente em Administração  
Instituto de Estudos Sócio Ambientais  
Matrícula: 2357313

A minha mãe, Odete Lima, minha primeira e mais importante mestre e educadora. Obrigado pelo suporte material, mas sobretudo pelo incentivo moral e espiritual. Você acreditou em mim quando eu mesmo não acreditava.

## AGRADECIMENTOS

Esse é um dos momentos da carreira acadêmica dos quais as lembranças de uma vida pregressa são ativadas e conseguimos ver a concatenação das conexões nos trouxeram a esse momento. Percebemos que o que nos tornamos traz uma profunda e indissociável relação dos lugares e pessoas por onde vivemos ou convivemos pessoal e virtualmente. Nessa interação humana, deixamos um pouco de nós e levamos um pouco dos outros, nesse processo contínuo e inacabado. Agradeço sobretudo a todos os mestres da vida e aos sacerdotes do saber, que desde a mais tenra idade nos orientam desde os primeiros e inteligíveis traços das primeiras letras que custam a surgir no papel nas séries iniciais até a graduação e pós-graduação (onde dissertação e tese também custam a sair do papel) que contribuíram incessantemente para esse construto coletivo e solidário chamado educação.

Nesse processo nos (re)construímos enquanto sujeitos no contato e interação com os outros, deixando um pouco de nós em cada contato e incorporando um pouco dos outros em nosso ser. Foi assim na graduação, na Universidade Estadual de Ponta Grossa que aprendi a admirar professores como Luís André Sartori que só com um giz colorido conseguia desenhar estruturas geomorfológicas no quadro negro. Foi nos projetos de pesquisa e extensão com a profa. Dra. Cicilian Luiza Lowen Sahr e o prof. Dr. Wolf Dietrich Gustav Johannes Sahr, que me maravilhei com os trabalhos de campo e a pesquisa. Certamente dois professores que se destacam não só por sua produção científica, mas principalmente por sua disciplina e postura ética e profissional. Mais uma vez no mestrado em Turismo na Universidade de Caxias do Sul, tive a honra de ser orientado pela prof. Dra. Margarita Barretto, que além de sua disciplina e rigor teórico e metodológico, soube compreender um (des)territorializado paranaense. A professora Norma Moesch, que mais que uma orientadora de estágio docência na Universidade de Caxias do Sul, que para além de seu profissionalismo, sempre buscou oferecer a busca proporcionar a esses “estudantes imigrantes”, os cuidados e aconchego de um lar para aqueles que estavam longe do seu.

Agradeço o aprendizado ao lecionar como professor colaborador por mais de 7 anos junto a Universidade Estadual de Ponta Grossa, nos cursos de Geografia, Biologia, Turismo, Engenharia Civil, Química Tecnológica. Foram inúmeros processos seletivos, dezenas de disciplinas ministradas e centenas de alunos nas mais diversas disciplinas e cursos. Que as instituições e nossos colegas docentes saibam reconhecer o trabalho desses profissionais que

tanto contribuem para sanar as lacunas deixadas seja pelas manobras evasivas do estado para contratar professores efetivos ou por darem cobertura aos afastamentos por motivo de saúde ou capacitação dos professores efetivos. De forma semelhante agradeço meus colegas e alunos da Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira, por todo aprendizado e orgulho que tenho dos profissionais que se tornaram. Com vocês iniciei o aprendizado de como é ser e viver na Amazônia Brasileira. Agradeço ao Campus de Bragança, em primeiro lugar a professor Dra. Iracely Rodrigues pela acolhida junto a Faculdade de Educação no Campus de Bragança. Graças a essa generosa alma, fui além de ter sido bem recebido na instituição, teve significativa contribuição para o desenvolvimento dessa pesquisa, “abrindo portas” e estabelecendo contatos valiosos junto a Igreja Assembleia de Deus em Bragança. Sem o auxílio dela e de outros membros da Igreja e fiéis essa pesquisa não teria sido possível. Meu profundo agradecimento aos professores da Faculdade de Educação, por anuírem minha ausência durante meu afastamento para a realização do doutoramento.

Em minha passagem como pesquisador visitante da Universidade de Coimbra (Portugal), a todos os professores do Departamento de Geografia e Turismo com os quais tive disciplinas e seminários e em especial a recepção e atenção do coordenador do Departamento, prof. Dr. Lúcio Cunha. De modo semelhante agradeço a atenção e indicações bibliográficas da profa. Dra. Fernanda Cravidão.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás, por toda infraestrutura física e humana, além do aporte financeiro para participação em eventos e trabalhos de campo. Especial agradecimento aos funcionários da Secretaria pela prontidão e eficiência pela prestação de serviço nas figuras de Yuji, Luana, Ivonaldo, Daiane e Thomas. E também aos professores que no decorrer do processo ocuparam a direção do programa, prof. Dr. Ivanilton, prof. Dr. Manuel e prof. Dra. Eliana. Sou grato pela eficiência e seriedade na condução da coordenação a frente do Programa Pós-Graduação em Geografia. Ao Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais (LABOTER), por todas as oportunidades de aprendizado, seja na participação de trabalhos de campo em projetos de pesquisa e extensão, planejamento e participação em eventos, bem como a organização e participação de Grupos de Estudo. Não poderia olvidar a grande contribuição que os esses grupos de estudo tiveram no processo de formação. Tive a grata oportunidade de iniciar a participação no grupo de estudo de festas em 2014 e 2015. E entre o período de 2014 a 2018, a de participar do Grupo de Estudos de Teoria e Método,

coordenado pelo professor Dr. Denis Castilho, que sempre com muito entusiasmo, humildade e alegria, nos contagiava com sua paixão pelo conhecimento, especialmente pela ciência geográfica. Já entre 2016 à 2018, tive a oportunidade de contribuir na organização do Grupo de Estudo de Paisagens Culturais no qual foram estudados os clássicos da geografia cultural. Posteriormente esse grupo mudou sua abordagem e denominação para “Conceitos e Métodos na Geografia Cultural”, buscando trazer para o estudo, autores da geografia cultural de diversos países do mundo, escritos em inglês, espanhol, francês, português e italiano. Obrigado aos participantes por todo aprendizado e reflexão coletiva em especial aos colegas Carlos Roberto B. S. JR. com o qual dividi a responsabilidade pela organização desse grupo. Estendo meus cumprimentos a Jéssica Soares, Lívia Mesquita, que eram presença constante nesses encontros. Agradeço em especial a geógrafa, Dra, Lara Cristina, sempre extremamente solícita, gentil e competente busca sanar as demandas que lhe eram dirigidas.

Aos meus colegas membros da grande Família Almeida, que muito contribuíram em sessões coletivas de orientação com críticas e contribuições, são eles: Eliseu Pereira de Brito, Rosiane Dias Mota, Valney Dias Rigonato, Livia Mesquita, Ingrid Santos, Fátima Sueli Oliveira dos Santos, Marcos Bonifácio, Elizeth Costa, Alice Castro, Jéssica Soares, Carlos Roberto B. S. JR, Marília Iaçanã, Evelyn Bucarsz, Marcos Moura, Isabella Bretas, Sara Alves dos Santos, e Leonardo Ravaglia.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) Pesquisa, pela bolsa de estudos recebida entre 2016 à 2018, a qual muito contribuiu durante esse período a participação em eventos e internacionais, aquisição de bibliográficas nacionais e estrangeiras bem como os trabalhos de campo em Bragança (Pará).

Ao povo goiano e sua hospitalidade ímpar, que nos trouxe amigos inesquecíveis e lembranças para o resto da vida. Agradeço ao meu grande amigo Daniel Vallerius, que foi um dos grandes incentivadores para essa jornada e o acolheu-me em sua casa, quando dos primeiros dias em terras goianas.

Aos fiéis da Assembleia de Deus de Bragança, pelo seu tempo, seu acolhimento e por abrirem as portas de suas igrejas, casas e corações para esse humilde aprendiz. Com vocês, aprendi um pouco sobre essa fé que move multidões. Estar junto e conviver com esses fiéis possibilitou uma melhor compreensão de seu lugar de fala.

Á minha família e desde já peço perdão pela minha ausência física do reduto familiar, sempre carreguei vocês em meus pensamentos. A minha companheira e amiga Guaraciara de Andrade Picanço, por todo seu carinho, amor e compreensão. Posso dizer que sempre estive ao meu lado em todos os sentidos, inclusive na vida acadêmica. Enquanto realizava o doutorado você concluiu seu mestrado e agora segue também no doutorado em terras goianas. Dos ciclos de presença e ausência parecem viver os acadêmicos.

Do Paraná, ao Rio Grande do Sul, Pará, Goiás, como residente e passageiro em muitos outros locais, aprendi a ser paranaense, gaúcho, paraense, goiano, enfim, um cidadão brasileiro em movimento.

## RESUMO

ROSCOCHE, Luiz Fernando. A igreja Assembleia de Deus e as práticas de lazer: territorialidades nas comunidades do município de Bragança (PA). 2018. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Orientadora: Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2018.

### **Resumo:**

Este trabalho tem como objetivo verificar de que forma a conversão para a Igreja Assembleia de Deus alterou as territorialidades do lazer dos fiéis nas comunidades da cidade de Bragança, localizada na região nordeste do estado do Pará, na Amazônia Brasileira. Esta pesquisa parte de uma perspectiva pautada na geografia humana, numa abordagem da geografia cultural. Considerando a religião e o lazer a partir da teoria da modernidade líquida buscou-se compreender a territorialidade material e imaterial dos sujeitos. A abordagem proposta na tese é de uma pesquisa qualitativa, com uso de fontes primárias e secundárias, documentos históricos e em especial questionários, entrevistas e observações em campo. Para melhor compreensão da problemática estudada foram realizadas pesquisas exploratórias de campo pela observação e realização de conversas e entrevistas em comunidades do município, onde foram pesquisados fiéis e membros da igreja. A pesquisa dividiu-se em dois momentos, o primeiro de caracterização do perfil dos fiéis e de suas territorialidades religiosas e de lazer, elegendo aqueles que optassem voluntariamente por participar da pesquisa. Na segunda etapa foram realizadas entrevistas qualitativas em profundidade com alguns fiéis voluntários, seja em entrevistas individuais ou em grupos focais. As entrevistas, depoimentos e transcrição de cultos e eventos foram analisados por meio da análise de conteúdo e do discurso. Para fins dessa pesquisa, os sujeitos foram divididos em sujeitos centrais, ou seja, fiéis convertidos para a Igreja Assembleia de Deus, bem como membros da igreja como pastores, presbíteros, obreiros) e os sujeitos contextuais, que embora nascidos na fé evangélica, ajudam a contextualizar o evangélico convertido. É possível verificar que a mudança religiosa cria novas territorialidade religiosas e de lazer, muito embora resistam elementos que são ressignificados nesse processo.

**Palavras chave:** Ócio; trabalho, religião; protestantes; Amazônia;

## ABSTRACT

ROSCOCHE, Luiz Fernando. The church Assembly of God and leisure practices: territorialities in the communities of the municipality of Bragança (PA). 2018. Thesis (Doctorate in Geography) - Advisor: Profa. Dr. Maria Geralda de Almeida - Institute of Socio-environmental Studies, Federal University of Goiás, 2018.

**Abstract:** This work aims to verify how the conversion to the Assembly of God Church has changed the leisure territorialities of the faithful in the communities of the city of Bragança, located in the northeastern region of the state of Pará, in the Brazilian Amazon. This research starts from a perspective based on human geography, an approach to cultural geography. Considering religion and leisure from the theory of liquidity modernity sought to understand the material and immaterial territoriality of the subjects. The approach proposed in the thesis is a qualitative research, using primary and secondary sources, historical documents and in particular questionnaires, interviews and field observations. In order to better understand the problem, exploratory field research was carried out by observing and conducting conversations and interviews in communities in the municipality, where faithful and members of the church were researched. The research was divided in two moments, the first of characterization of the profile of the faithful and their religious and leisure territorialities, electing those who opted voluntarily for participating in the research. In the second stage, in-depth qualitative interviews were conducted with some faithful volunteers, either in individual interview or in focus groups. The interviews, testimonies and transcription of cults and events were analyzed through content analysis and discourse. For the purposes of this research, the subjects were divided into central subjects, that is, converts to the Assembly of God Church, as well as members of the church as pastors, presbyters, workers) and the contextual subjects who, although born in the evangelical faith, help to contextualize the converted evangelical. It is possible to verify that religious change creates new religious and leisure territoriality, even though they resist elements that are re-signified in this process.

**Keywords:** Otium; Territoriality; Assembly of God; Bragança; Evangelicals

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

## FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do município de Bragança no Estado do Pará. ....	18
Figura 2. Localização da área de estudo.....	28
Figura 3. Igreja Assembléia de Deus – Sede – Centro – Bragança.....	29
Figura 4. Vila dos pescadores de Ajuruteua – Bragança.....	29
Figura 5. Praia da Vila dos Pescadores – Ajuruteua – Bragança .....	30
Figura 6. Igreja Assembléia de Deus da comunidade do Acarajó.....	30
Figura 7. Espacialização do fenômeno religioso .....	37
Figura 8 - Frequência semanal aos locais de culto. ....	124
Figura 9 - Local onde exerce suas práticas religiosas. ....	126
Figura 10 - Tipo de auxílio prestado pelo fiel à Igreja. ....	128
Figura 13 - Tempo disponível e tempo desejado para prática do lazer semanalmente .....	141
Figura 14. Placa de identificação da Praça da Bíblia .....	145
Figura 15. Praça da Bíblia .....	146
Figura 16. Visão da Orla da cidade em direção ao porto .....	146
Figura 17. Um dos bares existentes na vila dos pescadores de Ajuruteua .....	152
Figura 18. Show de talentos golpel - comunidade do Acarajó.....	157
Figura 19. Público presente no show de talentos golpel - comunidade do Acarajó.....	158
Figura 20. Praça da Bandeira - Centro – Bragança .....	159
Figura 21. Pannel de despedida do Pastor Valdolino e esposa e de boas vindas ao Pastor Natalino e esposa. ....	168
Figura 22. Coral Infantil da Igreja Assembleia de Deus - Congresso de Missões – Bragança – 16/09/2017.....	234

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Motivações que levaram o entrevistado a abandonar sua religião anterior.....	131
Quadro 2 - Principais expressões chave presentes nas respostas dos sujeitos sobre sua concepção de lazer.....	139
Quadro 3 - Locais de lazer frequentado pelos sujeitos antes e depois de sua mudança de crença religiosa à Igreja Assembleia de Deus .....	143
Quadro 4 - Locais de lazer frequentado pelos sujeitos antes e depois de sua mudança de crença religiosa à Igreja Assembleia de Deus. ....	145
Quadro 5 - Atividades de lazer indicadas pela igreja segundo os sujeitos.....	151
Quadro 6- Forma como as atividades de lazer não indicadas pela Igreja podem interferir na vida do entrevistado condensada. ....	154
Quadro 7 - Forma como as atividades de lazer não indicadas pela Igreja podem interferir na vida do entrevistado.....	156
Quadro 8 - Relatos dos sujeitos sobre suas atividades cotidianas. ....	302
Quadro 9 - Relatos dos sujeitos sobre o que pensam obre os locais de salvação e locais de perdição parte 1 .....	304
Quadro 10 - Relatos dos sujeitos sobre o que pensam obre os locais de salvação e locais de perdição – parte 2 .....	306
Quadro 11 - Relatos dos sujeitos sobre os seus hábitos de lazer.....	308
Quadro 12 - . Relatos dos sujeitos sobre o que pensam/imaginam ser o céu .....	312

## SUMÁRIO

### SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1 - GEOGRAFIA DA RELIGIÃO – UM “VELHO TEMA” SOB UMA NOVA ÓTICA.....	23
1.1 Uma aproximação da problemática.....	23
1.2 Geografia Cultura Na Ciência Geográfica .....	39
1.2.1 A Geografia Cultural na Geografia .....	39
1.2.2 A Geografia Cultural na Perspectiva Contemporânea .....	46
1.2.3 As Geografias da Religião na Ciência Geográfica.....	51
CAPÍTULO 2 - A BUSCA PELA INTERCESSÃO ENTRE TRABALHO, RELIGIÃO E O LAZER .....	62
2.1 Trabalho, lazer e religião: uma aproximação histórica e filosófica .....	63
2.2. Uma discussão de lazer no contexto contemporâneo.....	67
2.3 Trabalho, lazer e religião numa perspectiva bíblica.....	75
2.4 A perspectiva do lazer pelo protestantismo .....	79
2.5 Por uma abordagem líquida do lazer.....	83
2.6 Lazer Líquido na perspectiva de Tony Blackshaw .....	86
CAPÍTULO 3 – AS TERRITORIALIDADES DA ASSEMBLEIA DE DEUS EM BRAGANÇA – PARÁ .....	99
<b>3.1 A Assembleia de Deus em Bragança.....</b>	<b>99</b>
3.2 Os sujeitos das comunidades do município de Bragança (PA).....	110
3.3 Os sujeitos das comunidades do município de Bragança (PA).....	120
3.4 Das práticas religiosas dos fiéis das comunidades da Assembleia de Deus no município de Bragança (PA).....	122
<b>3.5 Das atividades religiosas e a análise do discurso dos fiéis da Igreja Assembleia de Deus .....</b>	<b>130</b>
3.6 Caracterização do perfil e do discurso dos pastores da Igreja Assembleia de Deus .....	160
CAPÍTULO 4 - AS TERRITORIALIDADES MATERIAIS E IMATERIAIS DO LAZER E DA RELIGIÃO DOS CONVERTIDOS PELA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS EM BRAGANÇA – PARÁ .....	166
4.1. Conhecendo os sujeitos da pesquisa e seu mundo material .....	166

4.1.1. Os sujeitos contextuais da pesquisa – Os evangélicos natos na Fé Evangélica .....	166
4.1.2. Os sujeitos – Os evangélicos convertidos para Fé Evangélica.....	175
4.2. As territorialidades religiosas e do lazer dos sujeitos das comunidades de Bragança .....	203
4.2.1 Os lugares da salvação e da perdição – em busca de uma territorialidade da Assembleia de Deus .....	207
4.3. As territorialidades imateriais dos sujeitos .....	219
4.4. Dos seres invisíveis que influenciam a vida material e imaterial dos fiéis.....	228
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	237
REFERÊNCIAS .....	254
APENDICE .....	282
Apêndice 01 – Questionário de Pesquisa de Campos destinado aos fiéis .....	283
Apêndice 02 –Roteiro para entrevista destinado aos pastores .....	287
Apêndice 03 – Quadro de Análise do Discurso sobre a questão de motivos de abandono da religião anterior .....	288
Apêndice 4 – Quadro de Análise do Discurso sobre a questão de motivos da mudança de crença religiosa para a Igreja Assembleia de Deus .....	290
Apêndice 05 – Quadro de Análise do Discurso sobre a concepção dos sujeitos sobre o que consideração que era o lazer.....	292
Apêndice 06 – Quadro comparativo das respostas relativas as atividades de lazer antes e depois da mudança de crença religiosa. ....	294
Apêndice 07 – Atividades de lazer promovidas pela igreja, segundo os sujeitos.....	296
Apêndice 08 – Forma como as atividades de lazer não indicadas pela Igreja podem interferir na vida do entrevistado - completa. ....	298
Apêndice 09 – Espaços considerados da salvação e da perdição, segundo a opinião dos sujeitos. ....	300
Apêndice 10 – Relatos dos sujeitos sobre suas atividades cotidianas.....	301
Apêndice 11 - Relatos dos sujeitos sobre o que pensam obre os locais de salvação e locais de perdição – parte 1 .....	303
Apêndice 12 - Relatos dos sujeitos sobre o que pensam obre os locais de salvação e locais de perdição – parte 2.....	305
Apêndice 13 – Relatos dos sujeitos sobre os seus hábitos de lazer .....	307



## INTRODUÇÃO

Aqui expressamos a profunda imbricação entre nosso mundo vivido e experiências profissionais que fazer brotar algumas inquietações científicas que dão base a esta pesquisa.

Desde o ano de 1999, minha trajetória acadêmica foi delineada por questões relativas ao turismo pelo viés geográfico, seja para a problematização do planejamento turístico, questões infraestruturas urbanas; padrões espaciais e sociais e desigualdades criados pela atividade turística, com destaque para a segregação socioespacial. Uma das primeiras experiências profissionais, junto ao Departamento de Cultura e Meio Ambiente e Turismo da Prefeitura Municipal de Palmeira (PMP) (Paraná). Tal trabalho possibilitou conhecer as comunidades que constituem o município de Palmeira por meio do levantamento da oferta turística do município. Como bolsista de iniciação científica junto ao curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), foi possível conhecer a realidade de dezenas de municípios paranaenses através do Projeto de Pesquisa coordenado pela professora Dra. Cicilian Luiza Löwen Sahr, intitulado “Patrimônio Cultural e Turismo: Potencialidades e Riscos na Região dos Campos Gerais”, e financiado pela Fundação Araucária. As múltiplas diversidades socioculturais encontradas nos trabalhos de campo, fizeram surgir a curiosidade sobre questões relativas à geografia cultural, com destaque para questões étnicas e religiosas.

Ao término da graduação me concurrei como servidor estadual da Universidade Estadual de Ponta Grossa, trabalhei durante pouco mais de um ano, até ser aprovado no Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS), onde ingressei como bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Na referida universidade busquei compreender de que forma a distribuição espacial da infraestrutura básica urbana e turística do perímetro urbano da cidade de Canela influenciava a qualidade de vida da comunidade local. Os paradoxos e as contradições de uma cidade voltada a atividade turística e sua relação conflitante com os habitantes locais em alguns quesitos me fez questionar as contradições do turismo e do sistema onde este está inserido, bem como refletir sobre algumas concepções teóricas da atividade turística.

No regresso para meu estado de origem (Paraná), atuei como consultor junto a algumas instituições públicas e privadas na área de turismo. E entre os anos de 2005 à 2009, atuei como professor substituto junto a Universidade Estadual de Ponta Grossa, lecionando disciplinas nos cursos de geografia (bacharelado e licenciatura); biologia (bacharelado e licenciatura); turismo (bacharelado); engenharia civil (bacharelado) e química tecnológica (bacharelado).

No ano de 2010, fui aprovado como professor efetivo na Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Altamira, lotado na Faculdade de Geografia. Mais que um novo emprego, novas concepções de tempo e de espaço, uma imersão em um novo arcabouço cultural. E também, mudança de objetos de estudo, que antes eram relativos aos temas geográficos e turísticos embasados em uma realidade sulista do país (com destaque para a região dos Campos Gerais no Paraná e a Região da Serra Gaúcha no Rio Grande do Sul).

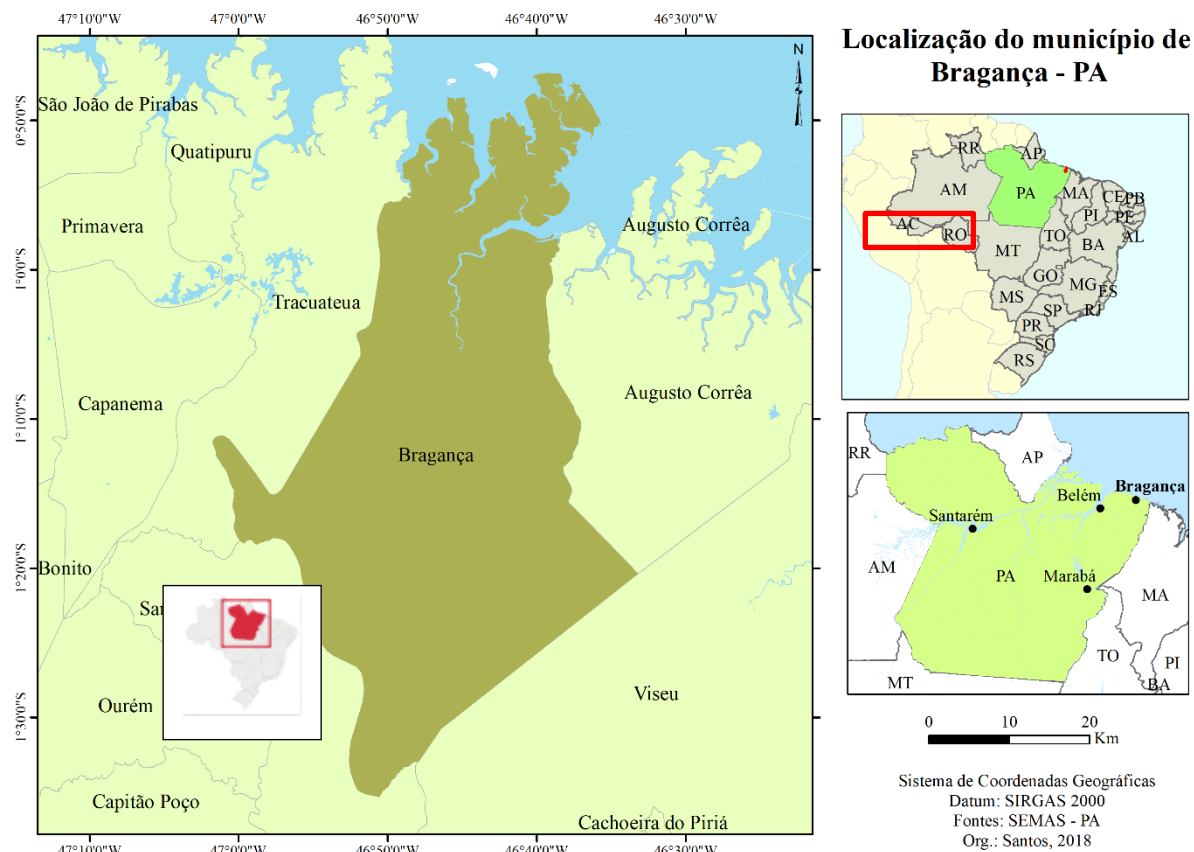
A realidade do estado do Pará, mais especificamente no município de Altamira onde o Campus da Universidade Federal está sediado, demandava uma nova leitura de uma realidade completamente diversa das demais experiências até então, com características físicas e sociais bem distintas de tudo que havia experienciado até então. A partir da iniciava o aprendizado desses outros “Brasis” desconhecidos. A inexpressividade da atividade turística, aliado a tantas demandas sociais da região fez surgir o interesse por um dos direitos fundamentais da população: o lazer. A temática despontava como a melhor alternativa de estudo e pesquisa, de modo que não houvesse uma ruptura com a área do turismo.

O contexto socioeconômico da região reivindica a um só tempo, inúmeras demandas de pesquisas por parte da Universidade Federal do Pará e principalmente ações do poder público por políticas públicas, que subsidiem condições mínimas de infraestruturas para a população local. Tal cenário se agrava ainda mais com o início das obras da Usina Hidrelétrica de Belo Monte em 2010, trazendo mudanças profundas e radicais tanto em termos ambientais e sociais para toda a região.

Diante do exposto opta-se por realizar um projeto de pesquisa que buscasse caracterizar a infraestrutura, equipamentos, serviços e hábitos de lazer da população da cidade de Altamira e posteriormente moradores nas praias fluviais de Altamira. O interesse pela temática, portanto surge de diversos estudos (ROSCOCHE, 2011; 2012; ROSCOCHE et. al. 2012; ROSCOCHE et. al. 2013; ROSCOCHE E VALLERIUS, 2014), na região do Xingu (Amazônia Paraense). Nesses estudos, foi possível constatar a estreita relação da população local com os rios e igarapés e também o impacto que a religião exercia nas atividades de lazer. Em muitos casos, verificou-se que a própria igreja era responsável pela promoção de atividades de lazer e que muitos fiéis consideravam a religião como uma forma de lazer. Esse último fato, trouxe uma primeira inquietação, levando a questionar que as classificações tradicionais de lazer já não satisfaziam as novas problemáticas em torno do lazer.

Tais problemáticas foram levadas para a nova unidade de trabalho, o Campus Universitário da cidade de Bragança (PA) (figura 1), na região nordeste paraense, situada a

poucos quilômetros do litoral, no ano de 2013, quando é construído um novo projeto de pesquisa, aprovado pela unidade, com o intuito de pesquisar a influência das religiões evangélicas nos hábitos de lazer nas comunidades locais. Desse interesse, deriva, portanto a ideia de construção de um projeto de doutorado com as características que lhe são inerentes.



**Figura 1 - Mapa de localização do município de Bragança no Estado do Pará.**

Fonte dos dados cartográficos: SEMAS – PA

Organização: SANTOS (2018)

Não é somente a pura curiosidade pelos temas em questão que nos movem, mas sim questionamentos mais profundos. Quais as razões levam os sujeitos a mudarem de crença religiosa e em que medida o território afeta ou é afetado por essa decisão? Que razões levam as pessoas a escolherem religiões com usos, costumes e territorialidades completamente diversos de sua religião anterior? De que forma a territorialidade é ressignificada diante de uma nova crença religiosa? Mesmo diante de um mundo de tantas incertezas em suas relações econômicas, culturais, sociais, sentimentais e espirituais levam pessoas em uma corrente aparentemente oposta, pautada em ideias de segurança, identidade e certezas terrenas e espirituais?

Embora este estudo não tenham a pretensão de responder a todos esses questionamentos anteriormente levantados, dada as limitações e complexidade de tal empreitada, mas sim

contribuir de forma a descortinar de que forma a relação entre a religião e o lazer interferem nas territorialidades (tangíveis e intangíveis) da população das comunidades do município de Bragança no contexto atual, entre os anos de 2014 a 2017, período em que a pesquisa foi realizada.

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi analisar como a mudança de religião alterou as territorialidades do lazer dos convertidos da Igreja Assembleia de Deus nas comunidades de Bragança. Para atingir esse objetivo buscou-se por meio de uma revisão teórica, identificar os principais elementos que permitem analisar o fenômeno da geografia da religião e suas principais categorias e abordagens em seu desenvolvimento histórico até o contexto atual. Para a consecução do objetivo principal ponderamos ser necessário conhecer as principais características dos sujeitos e do contexto socioespacial onde estes estão inseridos. Buscou-se ainda as territorialidades religiosas e do lazer antes e depois da conversão dos fiéis por meio dos seus relatos.

Assim, para realizar tal trabalho, no primeiro capítulo, intitulado **“A geografias da religião – um “velho tema” sob uma nova ótica”, inicia situando os aportes teórico e metodológicos utilizados para fins desse estudo.** De igual modo, situar a temática de estudo seja na geografia cultural e na própria geografia.

Realizada a contextualização da geografia da religião no âmbito da ciência geográfica, busca-se no segundo capítulo, intitulado, **“A busca pela intercessão entre a religião e o lazer numa perspectiva geográfica”,** realizar uma amarração teórica entre concepções religiosas (centrando-se especificamente no cristianismo) e o lazer, segundo o referencial dos textos sagrados. Concebe-se necessário realizar tal discussão sob a interligação entre trabalho e o lazer nessa perspectiva religiosa. Objetivou-se ainda realizar uma contextualização nos mais diversos momentos históricos e geográficos, visando identificar que valores foram atribuídos ao trabalho, lazer e religião em alguns momentos chaves da história, de mudanças paradigmáticas dessas categorias. Tal exercício teórico visou evidenciar o caráter mutável dos valores relativos ao lazer, ao trabalho e a religião em nossa sociedade.

Sendo a religião um elemento nesse processo de valoração, legitimando segundo sua concepção, o que era “lícito” ou não para a prática de seus fiéis. A espacialidade e a territorialidade nesse caso sempre foram elementos condicionantes e condicionados, nessa intercessão entre lazer e religião. As religiões assim como o lazer se espacializam, se territorializam no espaço em algum momento. Mesmo quando não há materialidade dos

processos, acreditamos que exista uma territorialidade imaterial (intangível) em constante processo de transformação na mente dos fiéis, que constroem desde suas concepções de lugares como céu e inferno, da mesma forma que seres angelicais e demoníacos (segundo a opinião de alguns fiéis) teriam poderes de influenciar direta e indiretamente sua vida cotidiana material (e por consequência as atividades cotidianas, a exemplo do lazer). A religião existe nessa territorialidade, material e imaterial, da mesma forma que seus sujeitos se encontram em transição entre esses mundos. Considerando essa constante mudança e transição de nossa sociedade busca-se trazer uma concepção de lazer que se adeque ao contexto histórico de convivência entre a modernidade sólida e a modernidade líquida, adotando-se, portanto, a concepção teórica do lazer de Tony Blackshaw (2017), sendo que esse último realiza uma leitura do lazer a partir da teoria de Zygmunt Bauman (2001, 2011, 2004, 2017a) que trata sobre a fluidez da sociedade na sua teoria da modernidade líquida. De modo a entender a concepção geográfica que dá suporte a esses fenômenos, busca-se amparo nas teorias da territorialidade de Haesbaert, como um ponto de interseção diante dessa fluidez dos tempos líquidos de Bauman. Centra-se a discussão da religião sob a ótica da modernidade líquida, sendo que a instituição religiosa e muitas vezes seus representantes, oferecem aos fiéis uma modernidade sólida, ou seja, prometendo verdade sólidas sobre a vida e a morte, uma disciplina rígida em sua vida pessoal e no trabalho e principalmente na busca por uma identidade sólida. Já a modernidade líquida, é a anti-tese desse processo, um sinônimo daquilo que é “mundano”, ou seja, de relações familiares e afetivas extremamente fragilizadas e instáveis, de muitas incertezas, inseguranças, dúvidas, etc. Esse sentimento de desorientação coletiva, promovido pela modernidade líquida segundo Bauman, produz nos indivíduos o que ele chama de “Deriva”. Por meio dessa metáfora de um naufrago, que busca apoio nos destroços do navio para assegurar sua sobrevivência, consideramos que a religião, em alguns casos, pode funcionar como um ponto de suporte, apoio e segurança em um universo líquido que o rodeia. Tal ponto de apoio pode significar a proteção dos sujeitos ante uma modernidade líquida que lhes provoca angústia, medo e insegurança, sentimentos esses que buscam ser minimizados na busca por uma salvação espiritual.

No capítulo 3 intitulado, **“Territorialidades que se cruzam – dos territórios aos sujeitos contextuais”**, como o próprio título sugere, discute-se as múltiplas territorialidades que constituem a Igreja Assembleia de Deus, desde a influência europeia da reforma protestante, passando pelos seus fundadores na Suécia e sua passagem pelos Estados Unidos até sua chegada em terras brasileiras, mais precisamente no estado do Pará e sua instalação em

Bragança. Mesmo depois de se tornar autônoma em relação aos seus fundadores, a igreja Assembleia de Deus traz em seu interior, influências das mais diferentes territorialidades que em contato com a cultura nacional e local ganha novos contornos. E para compreender os sujeitos centrais de nossa pesquisa, buscou-se conhecer melhor o que nomeamos de sujeitos contextuais, ou seja, os dirigentes locais da igreja Assembleia de Deus, como diáconos, presbíteros, pastores e fiéis nascidos na fé protestante. Assim, pensamos ser possível melhor entender como os novos evangélicos (os convertidos) estabelecem relações com os demais membros e com o próprio universo material que o cerca.

Já no quarto capítulo, intitulado “**As territorialidades materiais e imateriais do lazer e da religião dos convertidos pela Igreja Assembleia de Deus em Bragança – Pará**”, adentra-se especificamente em nosso objeto de estudo, ou seja, nas mudanças e permanências, das territorialidades dos sujeitos que se converteram à Igreja Assembleia de Deus. Buscou-se assim, aproximar-se das territorialidades dos sujeitos antes e após sua conversão. Aqui nos referimos a territorialidade imaterial da religião e do lazer, por considerar, que além do universo visível dos sujeitos, estes criam ou imaginam lugares intangíveis como o céu e o inferno e que estes estão indissociavelmente ligados a esfera material e mundana. De forma semelhante, podemos dizer que também o lazer é uma idealização ou expectativa, que difere daquilo que é efetivado no mundo material. Utiliza-se o conceito de territorialidade por acreditarmos que não só em termos religiosos, como também sociais, econômicos e culturais, os sujeitos da pesquisa estão num processo contínuo de alterações de uso e apropriação material e/ou simbólica do território. Territorializar-se em uma nova religião, portanto, não é somente nos apossarmos e identificarmos com uma territorialidade física, material, mas também de um novo arcabouço intangível e imaterial. Assim, buscou-se identificar traços dessa territorialidade implícita na igreja, seja por suas ligações históricas e contemporâneas. Problematiza-se como a instituição religiosa e suas lideranças pensam e agem a respeito do lazer dadas as (de)limitações teológicas e de seus usos e costumes. Para conhecer nossos sujeitos, buscou-se realizar uma contextualização da religião em território paraense, bem como uma contextualização no município, ouvindo assim os líderes locais e até mesmo os fiéis que já nasceram na fé evangélica. Tanto as lideranças como os fiéis nascidos na fé evangélica denominados aqui como sujeitos contextuais, já que eles podem auxiliar na compreensão dos relatos dos fiéis convertidos. Num primeiro momento desse estudo, realizou-se uma incursão exploratória, que possibilitasse uma análise panorâmica desses sujeitos. Para tanto, foi realizado um levantamento de aspectos de suas características socioculturais, hábitos religiosos e de lazer e

suas territorialidades em relação a esses processos. Essa primeira análise exploratória, permitiu refinar e até mesmo redefinir os instrumentos metodológicos, que culminou numa pesquisa qualitativa que permitisse que o sujeito externaliza-se em sua fala ou até mesmo em seu silêncio, suas concepções de lazer e religião e como estas eram territorializadas.

Finalmente nas considerações finais são identificados alguns aspectos que reiteradamente estão presentes na pesquisa sobre a geografia da religião e busca-se assim realizar um intercruzamento das concepções teóricas da pesquisa aos resultados obtidos na pesquisa.

## **CAPÍTULO 1 - GEOGRAFIA DA RELIGIÃO – UM “VELHO TEMA” SOB UMA NOVA ÓTICA**

Num primeiro momento busca-se situar as opções teórico-metodológico adotadas, bem como o percurso metodológico adotado para esse estudo. Na sequência é debatida a temática de estudo na geografia cultural em algumas abordagens de pensamento da geografia. E também realizar uma revisão teórica da geografia da religião na ciência geográfica desde os autores clássicos e suas contribuições até hoje presentes no debate do tema. Essa revisão teórica torna-se necessária para demonstrar a evolução do debate teórico conceitual, bem como seu valor no debate geográfico.

### **1.1 Uma aproximação da problemática**

Ao longo da história dos estudos da geografia e/da religião, houve certa predominância de priorização dos fenômenos visíveis e materiais que ocorriam no espaço geográfico. Relegando a um segundo plano os estudos que abordavam pelo viés geográfico a imaginação, a emoção e a própria espiritualidade dos fenômenos geográficos são recessivos, mais comuns na contemporaneidade. Acreditamos que ambas abordagens, dos fenômenos vistos seja pelo seu prisma material e imaterial, tangível e intangível, não só são importantes, como são intrinsecamente indissociáveis.

Relegando a um segundo plano os estudos que abordavam pelo viés geográfico a imaginação, a emoção e a própria espiritualidade dos fenômenos geográficos são recessivos, mais comuns na contemporaneidade. Acreditamos que ambas abordagens, dos fenômenos vistos seja pelo seu prisma material e imaterial, tangível e intangível, não só são importantes, como são intrinsecamente indissociáveis. Conforme já expostos por Claval (1999c), para suportar todos os problemas inerentes a vida, a religião e a criação de um mundo que lhes dá significado e principalmente sentido. Essa relação fora do plano real e do sensível portanto, transcende. Como bem diz Claval (1999, p. 53), os geógrafos teriam que compreender, portanto como os fenômenos religiosos ocorrem nas categorias de análise da geografia, mas que sobretudo devem “conhecer o universo das representações mentais” dos sujeitos, “pois a terra

não é pensada pelos homens como uma realidade puramente material”, é uma realidade que transcende.

A fronteira entre o real e o transcendental é fundamental para entendermos a relação dos homens com a religião. Seja pela oração, cânticos ou sonhos muitos fiéis se dizem transportados temporariamente para outros mundos, para outros estados de espírito, felizes ou não. Há um trânsito, portanto entre esses mundos o mundo visível e invisível mediado pela religião. Poderíamos dizer que os fiéis assim como encontram-se em constante trânsito em seu cotidiano, em sua vida religiosa também se encontram em constante trânsito. Tal ideia de trajeto, itinerário, fica claro quando os fiéis dizem “seguir o caminho do pai”, andar no caminho do bem”, “seguir os passos do senhor”, “nunca se desviar do caminho” e “fazer uma boa jornada”.

Consideramos que a separação das experiências ditas sagradas ou profanas seja uma forma artificial de criar cisões na vivência dos indivíduos. A postura no trabalho e na família por exemplo está indissociavelmente ligada a esfera religiosa muitas vezes servindo como guia e controle do comportamento. Mesmo supondo a existência entre a esfera do sagrado e do profano, tal linha que supostamente separa essas duas esferas seria muito tênue, cabendo ao pesquisador adentrar aos aspectos mais subjetivos como propõe Gil Filho. Os aspectos relativos a religião, são difíceis de serem mensurados pelo pesquisador. Adota-se a concepção de Gil Filho (2000, 2007, 2008, 2009, 2014). de modo a compreender o espaço vivido não só em sua perspectiva, material mas também simbólica e imaterial.

Nossa análise centra-se na percepção do indivíduo sobre o fenômeno religioso e sobre suas práticas de lazer, buscando-se, portanto, amparo nos significados atribuídos pelos sujeitos em relação ao espaço e as atividades que nele desenvolve. Corroboramos assim a ideia de Merleau-Ponty de que o homem não pode ser reduzido a objeto. (CAPALBO, 2007), razão pela qual adotamos aqui a expressão “sujeito” aos nos referirmos aos fiéis da Assembleia de Deus. Optamos por adotar a atribuição de sujeito, por considerarmos que esses não são objetos, mas sim pessoas que em construção, que se constroem na relação com os outros. Tal qual a concepção de Touraine (2010), que considera que o sujeito surge a partir de uma ação conflituosa entre os mundos interior e exterior ao sujeito, e entre pessoal e público. Consideramos adequado, o uso dessa expressão por considerá-la em consonância com nossa leitura de mundo e principalmente por considerar a pertinência da aceção da relação entre o mundo exterior e interior do sujeito, fato marcante quando se estuda a religiosidade das pessoas.

Também é importante ressaltar o significado da ação implícito, quando se pensa na ideia de sujeito, ou seja, de um ser atuante, e não um ser passivo e estático.

Da mesma forma que o sujeito não pode ser compreendido por um único prisma o próprio espaço não deve ser estudado simplesmente a partir de sua localização física ou dos fenômenos religiosos. Tal leitura além de insuficiente deixa escapar uma parte importante desse mundo invisível, das experiências vividas pelos sujeitos, em práticas que transcendem a própria realidade. Têm-se que considerar que as experiências ordinárias e extraordinárias vividas pelos sujeitos são capturadas através por seus sentidos, fato este que confere ao sujeito uma relação íntima e pessoal com o mundo invisível da religião. Grande parte dessa experiência talvez possa ser captada por sua fala, seu gestual, seu comportamento, muito embora algumas experiências nunca cheguem a ser materializada em alguma forma de representação. Por isso a importância de se considerar a ideia da não representação como uma possibilidade a ser explorada na geografia.

Todavia, uma forma de buscar uma melhor aproximação do objetivo de estudo poderia ocorrer por inúmeras vias, todavia optamos pela por uma abordagem qualitativa pautada na linguagem. Segundo Nascimento e Marcelino (2010b) a linguagem é um mecanismo que propicia não só a interação entre os sujeitos, como também provoca um processo de argumentação e contra argumentação, numa tentativa de chegar a um acordo.

Para Capalbo (2007, p. 1), a linguagem é

[...] o Cogito tácito, isto é, uma consciência que está “próxima de si”, consciência cuja essência consiste em dar significações. Como se vê, a relação entre essência e linguagem é aqui pressuposta. A essência é, portanto, um conceito “analógico” para falar das coisas. Ora, a doação de sentido coloca uma questão mais profunda que a da constituição ou da relação entre essência e linguagem: é que “as significações são invisíveis”, elas nos põem em presença de uma ausência; em outras palavras, este invisível indica que há uma presença dada sob a modalidade de ausência ou de “afastamento” do ser.

Uma das preocupações centrais de Merleau-Ponty (1999) além de descrever a estrutura do ser humano, foi discutir a percepção, corporeidade, sexualidade, pensamento, liberdade, temporalidade e da linguagem e intersubjetividade. Grande parte dessas categorias de Ponty nos interessam, mas de modo especial a linguagem, já que esta se liga ao nosso itinerário metodológico, ao buscar amparo na análise das narrativas dos sujeitos. A linguagem, portanto, vai fornecer a possibilidade de ter acesso a aquilo que o indivíduo diz, como também o que este não diz, que está no seu silêncio ou na sua não-representação.

A linguagem para Fernandes e Gil Filho (2011), ou a virada linguística como eles utilizam, teria aberto um leque de possibilidades nas ciências sociais de modo a enfatizar as

representações. Assim como a linguagem estaria em todas as partes do mesmo modo a geografia também. Dessa forma, os autores propõem a investigação das espacialidades simbólicas, que seriam propícias não só ao entendimento da complexidade do ser humano e de suas relações sociais e de modo especial, como essas relações que se processam no interior da religião. O ponto central do debate desses autores seria em torno da espacialidade do sagrado e do discurso religioso.

A articulação de sentido, portanto, estaria ligado a articulação do sentido conduz-nos à linguagem. Esses laços de sentido poderão estar presentes, portanto tanto no mundo visível e no mundo que é percebido, como de seu contrário, ou seja, daquilo que não vemos ou percebemos, mas que são indissociáveis e estarão na totalidade do ser. Aqui reside a proposta de Ponty de repensar a experiência do ser no mundo, do ser coisa, do ser imaginário, do ser homem (CAPALBO, 2007).

São analisados assim as narrativas dos sujeitos, aqui considerados tanto os fiéis como os pastores responsáveis pelas igrejas das comunidades pesquisadas. Objetiva-se verificar especialmente do modo essas narrativas são construídas pelos pastores no que toca a prática de lazer e suas implicações religiosas e suas repercussões territoriais e simbólicas. De forma semelhante, é pretendida a análise desses do conteúdo desses relatos dos fiéis e de suas práticas efetivas em relação ao lazer, de forma a evidenciar e melhor compreender as ligações entre os discursos e suas implicações simbólicas e em seus territórios e territorialidades. Busca-se assim não os fatos em si, mas sim os significados dos fatos (SILVA, 2008).

Uma das razões pela escolha desse tipo de análise reside no fato de que grande parte da transmissão do conhecimento e do processo de comunicação da Amazônia paraense é pautada pela oralidade, (CARVALHO E SILVA, 2012; MAGALHÃES, 2010, 2012; BIESEK e SOUSA, 2009; LIRA, 2013; CRISTO, 2012), principalmente em comunidades tradicionais, a exemplo de comunidades ribeirinhas, quilombolas e caiçaras. Dado o contexto socioespacial da área de estudo, somado a subjetividade dos temas que pretendesse abordar, considera-se, portanto, a conjugação da análise das narrativas e do seu conteúdo como abordagens adequadas ao objetivo proposto.

Conforme orienta Nogueira (2001), existem critérios e fases para serem seguidas quando se analisa o discurso (em nosso caso um relato), que passa pela seleção daqueles sujeitos informantes, de palavras-chave, de contextualização do universo dos sujeitos entrevistados e até mesmo buscar identificar as relações de poder presentes nessas falas, sua relação com outras falas e suas espacializações.

Nesse sentido, a escolha dos sujeitos foram os fiéis da igreja Assembleia de Deus das comunidades de Bragança, alguns convertidos (chamados de fiéis natos na fé – ou seja, nascidos no seio da igreja Assembleia de Deus – aqui eles também são chamados de sujeitos contextuais uma vez que para fins da pesquisa ajudam a compreender os fiéis convertidos) ou aqueles sujeitos convertidos (que não possuíam religião e possuíam outra religião).

A escolha dos sujeitos se deu por livre participação, ou seja, nas igrejas e em outros locais foi informado sobre os objetivos da pesquisa e aqueles que aceitaram participar foram inseridos no calendário de entrevistas. Cerca de três sujeitos desistiram e não quiseram responder ao questionário, por razões que não foram informadas. Foi esclarecido também aos sujeitos da pesquisa que eles poderiam desistir em qualquer tempo de responder aos questionamentos se assim o quisessem, todavia, em nenhum caso foi registrado desistência.

Além de certa vivência no local, realizou-se uma pesquisa exploratória, buscando captar as primeiras impressões do grupo e dos locais foco do estudo. De modo a buscar uma maior aproximação para compreensão de nossos sujeitos buscou-se realizar a caracterização e do local de estudo, por meio de entrevistas realizadas junto aos fiéis e pastores da igreja Assembleia de Deus nas comunidades de Bragança. Com os relatos coletados em campo, serve de base para contextualizar não só os sujeitos, mas também a área de pesquisa. Ademais, algumas questões levantadas nessa fase da pesquisa, permitirão que se busque um aprofundamento qualitativo junto a inserção entre os sujeitos e ao local de estudo, inserindo-se assim no universo da pesquisa e permitindo uma aproximação do olhar do ponto de vista dos sujeitos.

Sobre a delimitação do universo da pesquisa, primeiramente pensou-se em realizar uma análise com todos as congregações da igreja Assembleia de Deus no município, mas devido ao grande número de congregações tornou-se inviável devido a exigência de uma grande demanda de recursos financeiros e de tempo. A igreja possui mais de 17 distritos, podendo possuir mais de uma igreja por distrito tanto da região urbana e rural e possuindo cerca de 16 mil fiéis, segundo dados repassados pelos dirigentes da igreja. Dado que muitas dessas igrejas se encontram em lugares remotos e de difícil acesso e ponderada as limitações de tempo e recursos financeiros, optou-se um recorte amostral dado que o cunho da pesquisa buscou aprofundar a análise qualitativa. Por essa razão, optou-se por estudar de forma amostral intencional, na área urbana no centro e bairro de Samuamapara e Aldeia), outra comunidade rural e lindeira (Acarajó), e ainda uma comunidade de pescadores na praia de Ajuruteua, conforme demonstra a figura 2.

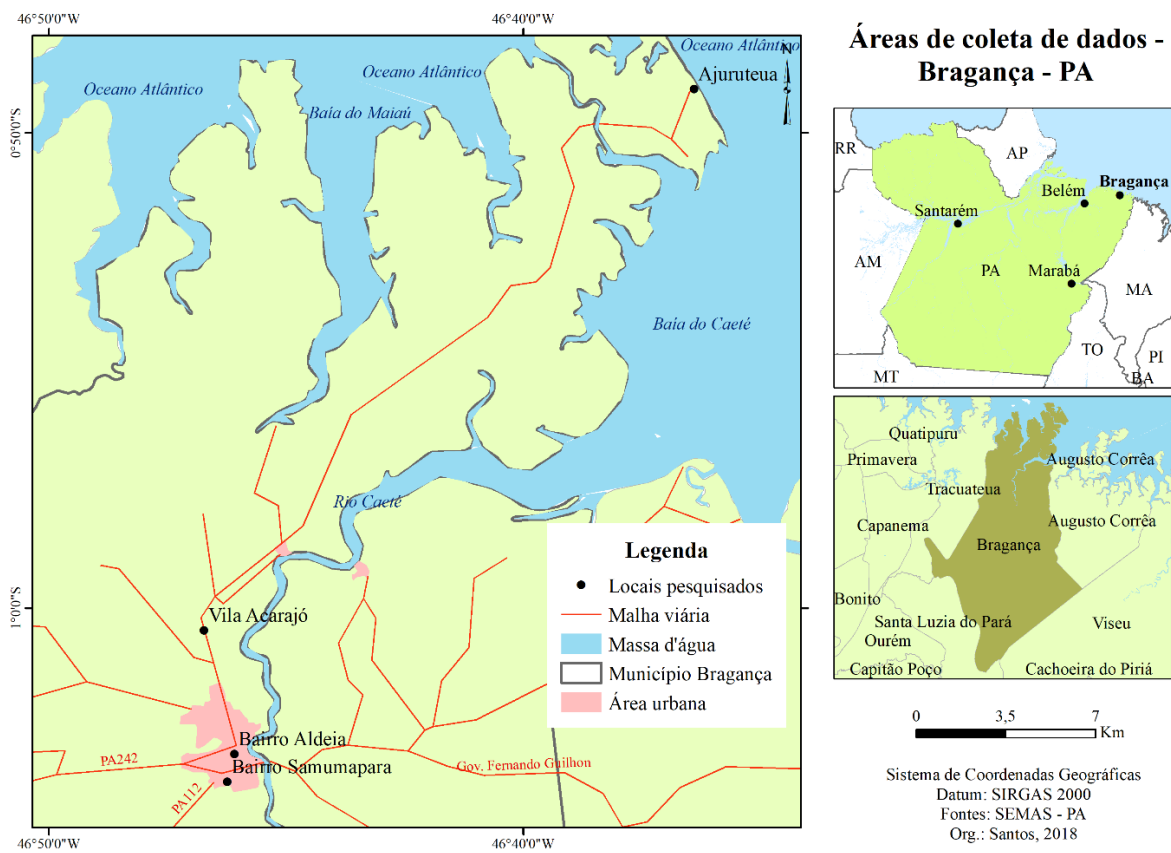


Figura 2. Localização da área de estudo

Fonte: Guimarães (2011, p. 29). Adaptado por Roscoche (2016)



**Figura 3. Igreja Assembléia de Deus – Sede – Centro – Bragança**  
Fonte: ROSCOCHE (2016) - Arquivo pessoal – trabalho de campo (2016)



**Figura 4. Vila dos pescadores de Ajuruteua – Bragança**  
Fonte: ROSCOCHE (2016) - Arquivo pessoal – trabalho de campo (2016)



**Figura 5. Praia da Vila dos Pescadores – Ajuruteua – Bragança**  
Fonte: ROSCOCHE (2016) - Arquivo pessoal – trabalho de campo (2016)



**Figura 6. Igreja Assembléia de Deus da comunidade do Acarajó**  
Fonte: ROSCOCHE (2016) - Arquivo pessoal – trabalho de campo (2016)

O

Para melhor compreender as características dessas populações optou-se numa primeira fase da pesquisa pela aplicação de questionários e entrevistas em uma igreja evangélica no centro da cidade de Bragança (na Sede) e outra no bairro Samaumapara, em uma comunidade caiçara (Praia de Ajuruteua), no litoral do mesmo município e finalmente na comunidade lindeiras do Acarajó. Tais comunidades permitem compreender as sutis diferenças e reconhecer certas características e particularidades individuais de suas práticas religiosas, territoriais e de lazer realizadas nesses locais. Nessa primeira fase da pesquisa, para analisar as informações coletadas em campo foram utilizadas entrevistas com perguntas abertas e fechadas. Inicialmente foram realizadas 38 entrevistas com os fiéis, distribuídos da seguinte forma: 10 no bairro Aldeia (centro da cidade), 10 no bairro Samaumapara (periferia urbana); 10 da comunidade caiçara de Ajuruteua e 8 questionários na comunidade do Acarajó. Nessas 4 comunidades os pastores também foram entrevistados, resultando assim em mais 4 entrevistas. Nesse primeiro momento optou-se por uma pesquisa de caracterização de alguns traços das condições socioeconômicas das comunidades e a caracterização dos seus hábitos religiosos e de lazer.

Após a realização dessas entrevistas, os dados foram inseridos numa plataforma on-line de banco de dados (Google Docs), para sua organização, classificação e representação dos dados. Para análise desses relatos, buscou-se extrair as ideias principais e secundárias desses relatos (SOUZA JUNIOR, 2009), verificando suas semelhanças e diferenças, bem como a predominância e recessividade de algumas ideias-chaves desses depoimentos (SANTOS, 2013). Conforme orientam Santos e Ramires (2009), fez-se, portanto, uma análise do conteúdo desses relatos, atendo-se a pré-análise flutuante desses relatos; análise desse material e sistematização do material a ser analisado. Sendo que a primeira fase é o momento em que o pesquisador retira do material suas primeiras e possíveis orientações para análise, podendo o pesquisador possuir ou não conhecimento sobre os conceitos utilizados pelo autor da fala. De todo o material captado, de toda a fala dos sujeitos o pesquisador retira aquilo que atende aos seus objetivos da pesquisa e o submete a análise. (SANTOS E RAMIRES, 2009)

Após a coleta, organização e representação dos relatos coletados nesses questionários, verificou-se a necessidade de um aprofundamento qualitativo de questões não respondidas de forma satisfatória nessa primeira fase.

Assim, com as informações obtidas nesse primeiro momento da pesquisa foi realizada uma segunda fase é realizada entrevistas com tópicos guias, (sem questões fechadas) e com momentos de livre expressão dos sujeitos, quando não estavam debatendo as temáticas propostas. Cerca de 4 encontros foram realizados nas dependências na Universidade Federal do

Pará, quando foram entrevistados um presbítero, dois fiéis natos na fé, um convertido. No bairro Aldeia foi realizado uma entrevista com uma convertida na Congregação daquela comunidade, após um culto de domingo. Outras 3 entrevistas foram realizadas com fiéis convertidos nas comunidades do Acarajó e uma no local de trabalho de uma fiel nascida na fé evangélica. Um outro encontro na comunidade de Ajuruteua foram realizadas com duas entrevistas individuais também com convertidos e duas entrevistas com grupos, um deles composto por senhoras e lideranças da comunidade e um outro com dois jovens daquela comunidade. Outras duas entrevistas foram realizadas individualmente na sede da igreja evangélica, uma com um presbítero e outra com um jovem convertido. Também na sede da igreja foi realizado uma entrevista com um grupo de jovens de 3 jovens da igreja.

Importante registrar que foram inseridas pregações de 2 pastores e uma missionária, durante o XVIII Congresso de Missões da Assembleia de Deus de Bragança, ocorrido no mês de setembro de 2016. O evento foi registrado em DVDs, comercializados pela igreja central e foram todos transcritos de forma que pudéssemos ter acesso as pregações.

De forma a buscar imersão na comunidade local, tendo como objetivo buscar maior proximidade com o mundo vivido pelos sujeitos e buscar observar e registrar os fenômenos, bem como coletar os relatos e narrativas dos sujeitos da pesquisa. Nessa segunda etapa, visa buscar um aprofundamento qualitativo, buscando compreender os discursos, narrativas e os silêncios dos sujeitos, suas presenças e ausências que constituem sua identidade, território e territorialidade. De forma semelhante foram realizadas anotações de campo, registros fotográficos, participação em cultos e atividades sociais, artísticas e de lazer dos fiéis. Além dos cultos, participamos de shows gospel, show de talentos dos fiéis e frequência a alguns locais de lazer como pizzarias, restaurantes e visita aos locais públicos visitados.

Seja em seus itinerários de vida, permanecendo, migrando temporária ou definitivamente dentro da própria comunidade, do município e do Estado, caiçaras e ribeirinhos carregam consigo referenciais simbólicos construídas junto ao seu mundo vivido. Como bem expõe Haesbaert (2011, p. 15), “esse ir e vir ou esse transito entre diferentes territórios - e territorialidades, enquanto referencias simbólicas – pode representar no final das contas, a construção de uma espécie de multitransterritorialidade”. E muito embora aqui poder-se-ia realizar uma abordagem sob diversas nuances, em nosso caso chama[mos a atenção para a abordagem da territorialidade simbólica, pautada principalmente na religiosidade, podendo implicar aspectos materiais e imateriais em razão da transição de uma religião à outra. Esse

transito entre territórios materiais e imateriais, em outras palavras tangíveis e intangíveis, é de suma importância para compreensão das dinâmicas dos sujeitos e consequentemente do território.

Uma das grandes marcas das comunidades de Bragança em seu modo de vida se liga a religiosidade, seja marcada pelos traços animistas indígenas, a influência católica no processo de colonização e mais recentemente com a influência dos evangélicos protestantes. Segundo Pereira (2014, p. 72), esses múltiplos traços formam o que ele denomina de “nova religiosidade”, considerando essas múltiplas influências. Essa ecleticidade religiosa também é ressaltada por Saraiva e Silva (2008, p. 7-8) que registra a “crenças nos santos católicos, nos elementos das águas e das matas, às festas religiosas, bem como a presença de igrejas pentecostais com seus cultos e festividades próprias e outras formas de religiosidade como a crença em xamanismos e entidades sobrenaturais”. Nesse sentido, as sobreposições e entrelaçamentos existentes não só em nível material, mas principalmente em nível simbólico, nos permitem reafirmar a ideia de multitransterritorialidade (HAESBAERT, 2011), onde a religião possui contribuição nesse processo. Corroboramos com a reflexão de Brito (2016), quando ao revisar o conceito de território em vários autores (HAESBAERT, 1995; MORAES; 2008; ALMEIDA; 2009 e BONNEMAISON, 1985), o território é visto como relacional, em que a identidade se origina desse processo.

Além da religiosidade, existe uma forte relação desse com a natureza, em especial com os rios e igarapés, os mitos e as religiosidades são fatores centrais para compreender o modo de vida das comunidades de Bragança.

O modo como o sujeito constrói e interpreta está carregada de sentido, significados e símbolos nascidos dos conhecimentos experienciados ou acumulados na vivência cotidiana com outros sujeitos e com o meio.

Os mitos e as narrativas são elementos aos quais os indivíduos atribuem um significado e que por sua vez, orienta-os no mundo. O pensamento mítico é o conhecimento que a população incorpora, atribuindo-lhe um significado. Tem-se em especial na Amazônia os mitos das águas e das florestas que acrescenta-se aos mitos religiosos. A inserção de uma nova religião, portanto, não extingue com os mitos arraigados na cultura e no imaginário dos sujeitos das comunidades lindeiras, caiçaras e ribeirinhas. Com a mudança de religião, tem-se o compartilhamento ou aproximação de mitos que são comuns as religiões de origem cristã.

Segundo Silva e Gil Filho (2009, p. 77), em Cassirer o mito é religião em potencial, essa última estaria entre o sentir mítico e o representar da linguagem. “O pensar religioso assemelha-

se ao mítico, porém o transcende. A relação que os aproxima mais fortemente é a morte, ambos se originam na consciência da finitude humana”. Os autores afirmam ainda que o pensamento religioso, impregnado por elementos míticos, também atribui qualificativos mágicos aos espaços. Além da religião estar repleta de elementos míticos, inclusive em sua dimensão espacial. Outro fato para compreender a relação entre o mítico e o espaço seria a representatividade. A religião assim como o mito se diferenciariam pelo fator representacional assim como o espaço vivido pelo homem religioso.

Nas palavras de Silva e Gil Filho (2009, p. 77):

No mito, o espaço é uma totalidade. É o sentir mítico que lhe atribui distinções. Não há uma representação, não há individualidade espacial. As divisões atribuídas ao espaço são muito mais divisões do sentir humano sobre seu entorno (CASSIRER 1998). No mito há uma disposição no espaço daquilo que não é necessariamente espacial (GIL FILHO, 2009, p. 77).

Dessa forma, podemos conceber que a espacialização das ideias religiosas tem seu início a partir do sentimento mítico-religioso. A partir do sentir e da expressão e representação, o fenômeno pode se tornar espacializado. Isso é o que Silva e Gil Filho (2009, s/n) consideram como “a esfera do representar e da ação religiosa, esfera na qual o sentimento se torna discurso, se transforma em narrativa” Ainda, segundo eles, uma suposta diferenciação entre o pensar religioso e o sentir mítico, estariam presentes nos livros sagrados, nas tradições e discursos sobre o transcendente, que por sua vez estão ligadas à função representativa da linguagem. Entre os livros sagrados de cada religião e a percepção e representação do conteúdo ocorre como uma forma de ação que incide sobre os fiéis num exercício também de percepção, representação e ação. Frequentar ou não festas ou espaços públicos parte de uma representação de mundo que confere valores emotivos e espirituais em relação a determinados territórios e espaços do mundo vivido pelo sujeito. Embora a ação e reação dos fiéis em relação a lugares que julgam sagrados ou não-sagrados, tem como base uma unidade simbólica em comum, no caso sua fé religiosa ou a representação realizada pelo pastor de sua igreja. Necessário considerar também que cada individuo poderá realizar sua própria interpretação da doutrina e dos usos e costumes da igreja.

A religião confere assim aos espaços qualitativos religiosos numa concepção de interpretar e representar o mundo. A maneira como os pastores podem representar o mundo aos fiéis pode ser percebida por esses em alguns casos por meio do seu aparelho sensorial, que é feita de maneira diversa de acordo com cada sujeito. Não existiria, portanto, um dado puro da realidade religiosa, ou em nosso caso, um território ou territorialidade absoluta. A maneira

como cada fiel percebe e se organiza no espaço é resultado de um processo cognitivo e subjetivo próprio. Assim, “o espaço é meio no qual são fixadas as particularidades das coisas concebidas”. (SILVA e GIL FILHO, 2009, p. 79)

Já a escolha pela temática pela influência das igrejas evangélicas (em especial a Assembleia de Deus), se deve ao fato de que este é um fenômeno que vem ganhando cada vez mais destaque no país como no estado e no cotidiano do município. Outro fato é que a igreja Assembleia de Deus no município de Bragança possui uma importância histórica dada ao seu pioneirismo, sendo a terceira igreja a ser instalada no estado do Pará. Considerando, no entanto, que historicamente o município possui uma origem pautada no catolicismo, a mudança de crença religiosa assume uma importância fundamental em uma nova dinâmica socioespacial que possui repercussões espaciais e territoriais na sociedade. A presença da Igreja Assembleia de Deus é uma forma de resistência em um espaço com forte influência católica desde sua fundação até os dias atuais, gerando com isso conflitos em relação a primazia da Igreja Católica.

Interessa-nos a mudança de crença religiosa, o que nos leva a escolha de sujeitos que tenham tido qualquer fé religiosa antes de se tornarem fiéis da Igreja Assembleia de Deus. Tal delimitação, busca compreender seu universo material e simbólico no que se refere ao lazer antes e após sua mudança de crença religiosa. Não só entender as práticas de lazer e também, se houve alterações de seus territórios, territorialidades em função da mudança religiosa.

Para melhor compreender o universo onde os fiéis convertidos estão inseridos, buscou-se entrevistar os fiéis já natos na Assembleia de Deus e também os pastores, aqui nessa pesquisa considerados como sujeitos contextuais da pesquisa e que auxiliam a compreender o contexto e nossos sujeitos centrais da pesquisa.

Uma das questões centrais da pesquisa é questionar se a alteração da religião provoca modificações nos territórios e territorialidades dos sujeitos. Que novas territorialidades seriam essas? E até que ponto a religião pode influenciar mudanças nos territórios e territorialidades? Mesmo não havendo mudança de cunho pragmático em suas práticas de lazer ou de seus territórios e territorialidades, questiona-se se as alterações poderiam ser de cunho simbólico e imaterial.

Em nossas pesquisas anteriormente realizadas, verificou-se que muitos usos e costumes embora não tenham sido alterados, tiveram seus significados e/ou ressignificados. Dito de outra forma, podemos afirmar que mesmo realizando as mesmas práticas de lazer e fazendo uso do território quase do mesmo modo que antes de sua mudança de crença religiosa, houve alteração dos significados atribuídos aos sujeitos em relação as atividades de lazer e de suas

territorialidades. Ilustramos tal afirmação com base em pesquisa que já realizamos na Região do Xingu (Amazônia), quando buscamos identificar a caracterização dos hábitos de lazer da população de Altamira. Verificou-se que o hábito secular na Amazônia de utilizar os rios para múltiplos fins, inclusive para o lazer, não é modificado mesmo com a alteração da crença religiosa, muito embora o modo de fruição desse tipo de lazer tenha ganhado novos significados e formas de fruição. Praias, rios e balneários que antes eram utilizados para festas, agora são locais de visitação em família ou com os irmãos da igreja.

É possível ainda afirmar que não só a existência da religião cria território, mas é também pelo território que perpassam as relações e experiências religiosas coletivas e individuais. É importante considerar que as territorialidades religiosas não ocorrem somente no espaço físico, mas também nas territorialidades intangíveis criadas pela fé, na imaginação e nos espíritos dos fiéis. Dessa forma, poderíamos considerar que existe uma territorialidade intangível, pautada pela fé. Ou nas palavras de Cassirer (apud GIL FILHO, 2011 s.n)

A realidade física parece retroceder na medida em que avança a atividade simbólica do homem. No lugar de tratar as coisas mesmas, o homem está, em certo sentido, conversando consigo mesmo. Está envolto de tal modo em formas linguísticas, em imagens artísticas, em símbolos míticos ou em ritos religiosos, que não pode ver ou conhecer nada se não for pela interposição desse meio artificial. Sua situação é a mesma, tanto na esfera teórica quanto na prática. Contudo, o homem vive em um mundo de fatos brutos ou de acordo com suas necessidades e desejos imediatos. Vive mais bem na névoa de emoções imaginárias, entre esperanças e temores, em suas fantasias e sonhos. (GIL FILHO, 2011 s.n)

Gil Filho (2011, s.n), explica que Cassirer entende que o mundo está no sujeito e o que conhecemos das coisas está em nós e não nas coisas. Nesse sentido como nós que damos sentido ao mundo e objetivamos a realidade. E o entendimento do mundo e dos fenômenos que nele ocorrem só podem ser entendidos pelo símbolo ou fenômeno em si, ou seja o mundo não pode ser entendido em si mesmo. Uma das formas de construir o mundo é através da linguagem, que é também um mundo de símbolos que construímos artificialmente.

A linguagem constitui aspecto central na cultura humana e na teoria das formas simbólicas. Para Cassirer, se consideramos o aspecto material da realidade como verdade, toda forma de idealização humana é reduzida a uma versão dos fatos. Da mesma forma obras de arte, estilos, poesia, religião, mito seriam distorções subjetivas que acabam por desfigurar a realidade. Existiriam assim vários mundos formados por formas simbólicas, aqui entendidos enquanto arte, mito, religião e ciência (FERNANDES E GIL FILHO, 2011).

Silva e Gil filho (2009), consideram que uma das primeiras formas de espacialização das ideias religiosas são as palavras, seja através de oralidade ou dos textos que difundem o

saber religioso. Ao se apropriar do discurso e propagar o discurso religioso o homem se torna assim um sujeito “especializador”. Assim, as representações presentes no discurso religioso vão além do espaço originário. Ainda segundo os autores, um dos pontos iniciais do fenômeno religioso é dado pelo discurso fundador, que transforma experiências religiosas e míticas em verdades religiosas. Trata-se de um discurso que parte dos dirigentes religiosos, passando por seus fiéis de forma a buscar uma “eficácia simbólica” necessária na especialização e nomação da experiência religiosa com o mundo.



Figura 7. Espacialização do fenômeno religioso  
Adaptado de Silva e Gil filho (2009)

Adaptamos a ideia de Silva e Gil Filho (2009) na figura 7, considerando que o discurso religioso pode se dar diretamente pela instituição, pelos líderes religiosos e ainda pelos seguidores. Todavia, somente os seguidores e os líderes religiosos terão uma relação direta de interpretação e de narrativa da experiência religiosa, muito embora limitados pela interpretação dada pela instituição em relação ao discurso fundador. E embora Silva e Gil Filho (2009), em sua ideia original que é a instituição que organiza e controla o espaço de ação e difusão dos discursos religiosos institucionalizados por meio da apropriação propriamente física do território, consideramos que os seguidores assim como os líderes religiosos realizam uma

apropriação do espaço/território, seja de forma física ou simbólica. Como as instituições não possuem sentimentos, mas as pessoas que a compõem sim. Teremos o sentir mítico presente nos líderes religiosos e nos seguidores. E cada um representa à sua maneira o fenômeno religioso.

As demandas dos fiéis e da instituição religiosa estão numa dinâmica constante entre mundos espirituais imaginados e espaços concretos da vida cotidiana que constroem uma territorialidade dinâmica tangível e intangível.

## 1.2 Geografia Cultura Na Ciência Geográfica

### 1.2.1 A Geografia Cultural na Geografia

Onde, quando e porquê se inicia a geografia ou mesmo a geografia cultural? São questões que até hoje inquietam geógrafos de todo mundo na busca-se pela gênese da geografia e de seu arcabouço teórico e metodológico. Esse estudo não tem a pretensão de atingir essas respostas, mas sim de problematizar qual a importância da geografia cultural na ciência geográfica para que assim possamos entender de que forma a religião se situa nesse debate.

Como bem justificou Andreotti (2013), a história da Geografia cultural não pode ser dissociada da evolução da ciência como um todo, e de sua contextualização filosófica. Muito embora algumas “escolas de pensamento”, possam ser assim denominadas devido a sua aproximação de semelhança entre seus pensadores, não encontramos por outro lado, uma homogeneidade ou consenso científico em relação a ciência e seus aportes teóricos e metodológicos. Ao se referir especificamente ao desenvolvimento da geografia humana, Claval (2007), reitera que esta não possui a mesma forma na Alemanha, nos Estados Unidos e na França.

Como já afirmou, Paul Claval em sua obra “Geografia Cultural”, o homem não se encontra em uma relação direta com a natureza, pois vive em um ambiente artificialmente construído por eles mesmos, como suas casas, estradas, etc. A natureza acaba se tornando a matéria-prima para suprir as necessidades humanas. E como bem ressaltou o geógrafo francês, nem todas as necessidades humanas são respondidas com as mesmas disponibilidades de ferramentas e insumos para vencê-las. Em cada sociedade e em cada momento histórico, as mais variadas soluções, baseados em seus conhecimentos e técnicas e pela educação que receberam, em outras palavras, a cultura será uma ferramenta fundamental em todo o processo de transformação dos territórios e do próprio homem. Ou nas palavras de Bonnemaïson (2002, p. 108 – grifo nosso), “[...] o sentido último da abordagem cultural em geografia está, sem dúvida, em reencontrar a riqueza e a profundidade da relação que une o homem aos lugares. Essa relação varia segundo as civilizações e as épocas; **ela pode ser real ou apenas sonhada.**” Tal é a relação dos sujeitos com a religiosidade, que pode ou não se materializar no espaço geográfico, muitas das relações estabelecidas por meio da religião hora se pautam na materialidade ou na imaterialidade da fé e da imaginação.

Segundo Andreotti (2007), desde o século XIX até os dias atuais, a evolução da ciência geográfica sofre influência por duas orientações opostas, a partir da filosofia europeia, a saber a corrente de cunho positivista e outra idealista ou humanista. Para além dessas duas grandes influências, a autora afirma que muito embora a geografia ganhe reconhecimento ao longo da história, a geografia cultural permanece por muito tempo como um mero ponto de vista.

Já na Antiguidade Clássica estão presentes análises geográficas e etnográficas com autores gregos, a exemplo de Heródoto, Tucídides, Estrabão e tempos mais tarde por pensadores latinos como César e Tácitos. Estes últimos, segundo ela, não descrevem apenas o território e os povos conhecidos, mas também procuram explicar as motivações culturais ligadas às suas escolhas sociais e religiosas. Até mesmo Heródoto, no século V, A.C, relata em suas histórias as características dos povos que ele teria conhecido. Tucídides, por sua vez ao fala sobre a “Guerra do Peloponeso”, propõe uma análise das causas culturais, que caracterizariam as civilizações antigas. Andreotti (2007), descreve o trabalho desse historiador como uma análise geográfica cultural, onde este descreveria o território de Ática e Atenas e o modo como a paisagem teriam sido construídas. No século I A.C, Estrabão além de descrever sistematicamente as regiões conhecidas do mundo em seu tempo teria considerado o papel das diferentes culturas em relação aos fenômenos geo-antrópicos. Até mesmo o general Romano Júlio César, na Guerra da Galícia teria observado e descrito os costumes dos alemães e seu modo de vida naquele território. César em suas descrições, reconhece o caráter único e diferencial da cultura germânica, porém considerando-a como bárbara. Muitos seriam os exemplos que poderiam ser trazidos desde a antiguidade clássica, da idade média até os tempos contemporâneos para demonstrar a presença dos aspectos culturais na geografia, segundo Andreotti (2007).

Segundo Zanatta (2008, p. 3), a geografia cultural permeia obras de autores do século XIX como Alexander von Humboldt e Karl Ritter, podendo ser considerados os precursores colaboradores da Geografia Humana, sendo que no final do século XIX, a relação entre sociedade cultura e natureza tornam-se objeto central de geógrafos como “Friedrich Ratzel (1844-1904), Paul Vidal de La Blache (1845-1918), Otto Schuter (1872-1952), entre outros.” Ainda segundo ela (ZANATA, 2008), entre os autores clássicos da geografia, Ratzel teria sido um dos primeiros geógrafos a considerar a cultura na sua obra intitulada Antropogeografia. A obra teria dado suporte ao início da geografia humana, abordando a relação entre homem e o meio. Ratzel teria sido o primeiro geógrafo a abordar a cultura nos Estados Unidos em sua tese

de doutorado intitulada “A imigração chinesa na Califórnia”, quando ele assume como professor titular na Universidade de Munique. Na sequência foi publicado um livro intitulado “A geografia cultural dos Estados Unidos da América do Norte” (título em alemão: *Kulturgeographie der Vereinigten Staaten von Nordamerika unter besonderer Berücksichtigung der wietschaftlichen Verältnisse*), quando o termo geografia cultural é introduzido pela primeira vez (CLAVAL, 2007).

Segundo Almeida (2008, p. 38):

[...] quem utilizou o termo “Geografia Cultural” como um fator importante na geografia humana, pela primeira vez, foi Ratzel, em 1880, falando de uma “culturgeographie” dos Estados Unidos. Nos anos seguintes, influenciado por Ritter, Humboldt e Darwin, ele elabora uma nova concepção da geografia a qual ele denomina de “Antropogeographie”, publicada em 1891. (ALMEIDA, 2008, p. 38)

Para Claval (2007, p. 23), “na medida em que a geografia humana é constituída em todos os lugares sobre a base dos problemas colocados por Friedrich Ratzel, a cultura é uma das variáveis fundamentais”. A seleção dos seres vivos proposta por Darwin em Ratzel é substituída pela seleção das sociedades pelo espaço, onde a política é considerada uma variável cultural. Importante salientar que nas análises de Ratzel, é o reconhecimento de que uma das características fundamentais e a essência dos povos seria sua mobilidade<sup>1</sup>. A cultura teria papel fundamental nesse processo já que forneceria meios para o deslocamento do homem, todavia, a cultura visto principalmente pelo seu viés material.

Outro geógrafo que teria se debruçado sob a questão cultural seria o geógrafo Otto Schuler (1979), que com o desenvolvimento da geografia humana e da paisagem humanizada propôs o conceito de paisagem cultural. Claval (2007), postula que para Ratzel o estudo geográfico da cultura em alguma medida se confunde com os artefatos utilizados pelos homens para dominar o espaço, enquanto para Otto Schuler (1979) e muitos geógrafos do século XX, é a marca que os homens impõem a paisagem que constituiria o objeto fundamental de todas as pesquisas. Seria essa uma das funções da geografia, compreender a organização dessas marcas na paisagem, compreender e morfologia e gênese das paisagens culturais.

O interesse por Schuler (1928) por paisagens humanizadas fora em grande parte influenciados por August Meitzen (1822-1910), jurista e economista alemão, especializado em

---

<sup>1</sup> A mobilidade, considerada mais tarde como um fluxo (SANTOS, 1994), juntamente com os fios seriam fundamentais para entender o espaço geográfico.

problemas de economia e direito fundiário rurais. Parte de sua experiência empírica foi adquirida junto a serviços prestados no serviço alemão de estatística, onde obteve estreito contato com formas de habitat de alemães de todo o país. Após sua aposentadoria Meitzen, publica uma obra de grande impacto onde versava sobre as migrações, a sedentarização e ao direito agrário dos povos europeus no norte dos Alpes. (CLAVAL, 2007).

Outro pesquisador de destaque na geografia cultural seria Eduard Hahn (1856-1928), que estudou medicina e ciências naturais antes de se inserir no universo geográfico, orientado pelos ensinamentos de Von Richthofen em Berlim. Entre suas problemáticas de pesquisa figuraram a zoogeografia, a origem da agricultura, e a domesticação de animais. Muito embora afastado do circuito acadêmico, o resultado de suas reflexões, Hahn defende que a agricultura e a domesticação dos animais caminham juntas como defendeu em sua obra publicado em 1896, cogitando inclusive a ideia de que a domesticação de animais teria forte influência de fatores religiosos. (CLAVAL, 2007)

Para Zanatta (2008, p. 253), a paisagem foi um dos conceitos mais caros e desenvolvidos por geógrafos franceses e alemães na perspectiva cultural. A maior ênfase nessa época foi a morfologia da paisagem, influencia esta que se manteria por muitos anos, privilegiando assim os aspectos materiais da paisagem, evidenciando, portanto, uma clara tendência naturalista ou positivista. Tendência essa que se estenderia até mesmo a Escola de Berkeley.

Conforme lembram Costa e Rocha (2010), a geografia cultural está inserida na corrente humanista, que por sua vez, tem suas origens remontando o final do século XIX e início do XX, nos estudos sobre paisagem de Otto Schlüter (1928), August Meitzen e Carl Sauer<sup>2</sup> da década de 1920. Estudos estes que vão ser retomados na década de 70 no debate da geografia humanista ou da percepção.

Haveria uma diferença na abordagem do espaço-vivido ou mundo-vivido do humanismo fenomenológico anglo-saxão e francês divergem, pois, esses últimos teriam estudado o mundo-vivido de maneira independente e desvinculado do humanismo. O pensamento geográfico francês estaria pautado principalmente em autores como Vidal de La Blache e Deffontaines,

---

<sup>2</sup> Segundo Wolzer (2000), é impossível falar da geografia cultural sem tocar no nome do americano Carl Sauer (1889-1975) ou da “Escola de Berkeley”. Nascido no Missouri, o americano de descendência alemã, não só é um dos grandes nomes da geografia, mas principalmente da geografia cultural. O geógrafo que introduziu conceitos da geomorfologia na geografia cultural, teve forte influência da geografia alemã e da geomorfologia em especial. Entrou na Universidade de Berkeley em 1923, onde se tornou professor e onde permaneceu até seu falecimento. Em sua obra, “The Morfology of Landscape” (A Morfologia da Paisagem), publicado em 1925, o autor introduz seu pensamento sobre a morfologia da paisagem e dá início ao aprofundamento da geografia cultural.

Jean Brunhes, Frémont foi pioneira no estudo das regiões sob o ponto de vista do espaço vivido. Este espaço vivido ganha sua dimensão humana na medida em que é construído e representado pelos atores sociais que se movimentam pelo espaço (GOMES, *apud* ROCHA E ALMEIDA, 2008). Almeida (1993), lembra que os geógrafos franceses (leia-se BRUNHES e Vidal de LA BLACHE em especial) se debruçam sobre a temática cultural. Para a autora, Jean Brunhes, teria sido o único a demonstrar interesse pelos aspectos culturais na geografia, considerando a paisagem como elemento central em sua análise. Almeida (1993), cita ainda Hard, que em 1939 teria publicado sua obra intitulada “*Geographie Psychologique*”, onde estuda o papel da psicologia no cotidiano dos lugares, nas paisagens e nos espaços. A autora destaca o papel de Eric Dardel em sua obra *o Homem e a Terra*, que teria dado especial atenção às intenções e sentimentos humanos em relação aos espaços e lugares, sendo o precursor, segundo ela, das bases do pensamento humanista francês.

Segundo Turra Neto (2013a), tem sido frequente que alguns autores, ao debater a evolução da geografia cultural, considerem os clássicos como Ratzel, La Blache e Sauer. Este último teria sido o geógrafo que de forma deliberada e consciente definiu o estudo da Geografia Cultural. Aliás, é somente nos Estados Unidos, de modo mais preciso na Escola de Berkeley, fundada por Sauer, que se definia Geografia Cultural àquilo que se estudava, ainda que houvesse estudos similares na França e na Alemanha – mas que ainda não eram assim rotulados. Além de Sauer, Almeida (2013b), destaca na geografia cultural norte-americana, os trabalhos de Platt, onde o conceito de cultura aparecia já em 1915 em mapas topográficos, para identificar as construções antrópicas realizada pelo homem. Após a segunda guerra mundial, o ambientalismo teria sido superado e desenvolveu uma linha de pensamento ligada à antropologia. Já em 1923, outro antropólogo chamado Kroeber reconhece a influência de Sauer ao fazer referência ao conceito de cultura ao analisar grupos indígenas americanos.

Os geógrafos ligados a então intitulada “escola de pensamento” em Berkeley, consideravam que a Geografia Cultural não deveria se ocupar aos aspectos dinâmicos e internos da cultura, devendo se ater, portanto a aquilo que se materializa na paisagem. A cultura, segundo essa conjuntura acabaria por ter um caráter operacional e não analítico, sendo comum os pesquisadores buscarem delimitar as áreas culturais e as paisagens culturais oriundas desse processo de criação. Dava-se especial atenção a procedimentos como mapeamento e delimitação, focando principalmente nos padrões existentes e não ao processo. Assim, como ressaltado anteriormente, em relação aos autores franceses e alemães, permanece a preocupação com o aspecto material da cultura. O problema da geografia cultural, por dar quase

exclusivamente da dimensão material da atividade humana e de suas marcas na paisagem, segundo Claval (2011), acaba dificultando abordar assuntos como a geografia religiosa.

Considerava-se, contudo, que as paisagens eram construção e resultado de um processo histórico, sendo responsabilidade dos geógrafos buscar compreender suas origens, delimitações, distribuições espaciais. A cultura, segundo Claval (1999, p. 35), teria “essa estrutura geralmente estável de comportamento que interessa descrever e explicar”.

Essa perspectiva de cultural, esta era considerada como imutável, transmitida de uma geração para outra, seja pela imitação ou pelos hábitos. Citando Duncan (1998), Turra Neto (2013a), pondera que esse tipo de abordagem em relação a cultura era considerada como “visão supra orgânica da cultura”, onde a cultura estaria acima dos sujeitos e teria leis próprias de funcionamento. Ou seja, em outras palavras, os indivíduos não teriam muita ou talvez nenhuma autonomia, sendo regidos por uma força transcendental. Por considerar toda a influência do determinismo alemão, Turra Neto (2013a), afirma que houve uma incorporação sem crítica de um “determinismo cultural”, que teria tido pouco tempo de sobrevivência na antropologia. Nesse sentido, as áreas culturais delimitadas e as paisagens culturais consideradas pelos geógrafos de Berkeley teriam homogeneidade interna ao grupo, chegando até mesmo a defender a existência de uma cultura unificada, mesmo em se tratando da escala do Estado-Nação. Esses teóricos consideravam ainda que as mudanças culturais além de pouco frequentes, quando ocorreriam, eram fenômenos externos.

Para Levy<sup>3</sup>, se a geografia no final do século XIX, foi intitulada como *Kulturgeographie*, pautada na etnografia das paisagens, ligadas em especial aos povos tradicionais, por outra parte a geografia francesa de Paul Vidal de la Blache, onde trabalhou-se os modos de vida, tendo como foco a análise regional. A influência alemã se estenderá até os Estados Unidos, fundamentando assim os trabalhos de Carl Sauer. Sauer, segundo Levy (2015), fez da geografia cultural, um ramo clássico na geografia americana, deixando um legado de décadas de pesquisas que tinha como objetivo identificar os traços da ação humana sobre as paisagens e ao mesmo tempo adentrando a problemática ambiental.

Ao analisar a múltiplas influências da geográfica clássica nos estudos culturais, ou daquilo que poderíamos chamar de uma proto-história da geografia cultural, podemos verificar

---

<sup>3</sup> LÉVY, Jacques. Qual o sentido da Geografia Cultural?. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 61, p. 19-38, ago. 2015.

forte atuação francesa e alemã (com destaque para essa segunda), ao mesmo tempo em que possibilitam o surgimento de uma geografia cultural americana, numa perspectiva ambivalente traz marcas de fundamentos teóricos e metodológicos das correntes europeias como avança numa proposição de uma releitura da geografia cultural.

Conforme aponta Claval (2003), até o final do século XIX até os anos 50, existiu uma perspectiva positivista ou naturalista dos geógrafos que tinham interesse nos aspectos materiais da cultura, das técnicas, das paisagens e do gênero de vida, desconsiderando por vezes as representações, experiências subjetivas, assim como os aspectos psicológicos e mentais da cultura. Porém, como bem reconhece Claval (2003), esse momento foi importante e teve sua contribuição, reconhecendo:

a) as relações homens/meio ambiente, através do estudo do meio humanizado, da paisagem, das técnicas e das densidades; b) das relações sociais, a partir do estudo das instituições, da comunicação e da difusão das ideias e das técnicas; c) da organização regional e do papel dos lugares. Essa classificação permanece útil para o entendimento dos problemas atuais [...] (CLAVAL, 2003, p. 19)

Corroboramos com Levy (2015), a ideia de que a geografia cultural foi profundamente marcada recentemente pela “virada cultural”, que ocorreu entre os anos 60 e 80. É nesse período histórico que Andreotti (2013, p. 100)<sup>4</sup>, houve uma reação a esse positivismo lógico, ao quantitativismo e as explicações mecanicistas, ou seja, numa geografia que “sem pessoas”, levou a uma necessidade de diante dos problemas enfrentados pela sociedade, fosse realizada uma empreitada para além do racional, valorizando os sentimentos, “o humano e o espiritual, assim como as profundezas das raízes culturais, para que os sentidos do viver não caíssem em desconcerto”.

A geografia clássica marcará sua presença na geografia contemporânea<sup>5</sup>, sendo que esta última trará novas contribuições à geografia cultural, tal como avançar no sentido de conceber os aspectos culturais para além de sua tangibilidade e materialidade no espaço geográfico,

---

<sup>4</sup> ANDREOTTI, G. Geografia emocional e cultural, em comparação com a racionalista. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz, PINÓS DA COSTA, PIRES, Benhur, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs) **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

<sup>5</sup> “Como disciplina científica, na Itália, a geografia cultural experimentou uma primeira fase de desenvolvimento entre o século XIX e a década de 1960. Não era uma corrente institucionalizada, como era pela escola de Carl Sauer em Berkeley, mas uma articulação implícita no grande campo de domínio da geografia humana. Desde o século XIX até hoje, duas concepções se opuseram à filosofia européia: uma é positivista e outra idealista. Ambas as correntes influenciam o curso da geografia cultural. As fontes mais autenticamente clássicas da geografia moderna são entre os séculos XVIII e XIX. Ainda faltava a especialização geográfica; pois eram homens que vinham de formações muito variadas - filósofos, historiadores, etnógrafos, economistas - que elaboram e espalham o pensamento e o métodos geográficos. (ANDREOTTI, 2007, p. 64 – Tradução nossa).

trazendo novos olhares teóricos, metodológicos e abordagens para reflexão dos fenômenos geográficos, em especial da geografia da religião, agora sob novas nuances teórico e metodológicas. Exemplo dessas novas temáticas debatidas na geografia cultural, segundo uma matriz não-positivista conforme destaca Correa (1998), sendo elas: a cultura popular; conflitos culturais, espaço e identidade cultural, a extração dos conceitos geográficos contidos em obras literárias, na música, pintura e cinema, os simbolismos contidos nas formas espaciais, percepção e comportamento espacial em diferentes grupamentos humanos, e outros temas.

### **1.2.2 A Geografia Cultural na Perspectiva Contemporânea**

Muito embora tenhamos iniciado a discussão em relação a geografia cultural por uma perspectiva clássica, por considerar que esses elementos históricos contribuem para entender as influências que se fizeram e ainda fazem presente nos trabalhos científicos da contemporaneidade. O início da geografia cultural não é consenso entre os geógrafos, pois como já visto, alguns consideram que a geografia cultural tem suas raízes da antiguidade clássica, ainda que não carregassem esse rótulo.

Embora reconheça as origens da geografia cultural remontem a década de 1890, principalmente na geografia, a primeira fase da geografia cultural para Claval (2007), teria ocorrido entre 1890 e 1940. Com forte influência alemã e francesa, e posteriormente norte americana, foi caracterizada em traços gerais por dar maior ênfase a paisagem cultural e os gêneros de vida, processo estes resultantes na interação entre homem e meio. Tais discussões deram origem, segundo Claval (2007), a discussões em torno das regiões culturais, ecologia cultural, difusão cultural e a função do homem como agente modelador da paisagem. O segundo período da geografia cultural segundo Claval (2007), teria ocorrido entre 1940 a 1970, ao que o autor denomina como um período de “retração da geografia cultural”, em virtude da forte influência da geografia regional de Richard Hartshorne entre 1940 e 1955 e sequencialmente devido a adoção da geografia teórico quantitativa entre 1955 e 1970. Com a Segunda Guerra Mundial a geografia é levada a trabalhos de cunho mais pragmático e voltado a questões mais abrangentes, sendo que culturas tradicionais e regionais acabam sendo eclipsadas por essas novas demandas. O trabalho de campo comum nos estudos anteriores é em grande parte substituído por inferências estatísticas. Entre as décadas de 60 e 70, muitos avanços na geografia são registrados, como a publicação em 1962 de *Readings in Cultural Geography*, obra

organizada por Philip Wagner e Marvin Mikesell (1962). Ainda segundo Claval (2007), é na década de 70 que terá profundos debates epistemológicos, teóricos e metodológicos. Nesse cenário surge a geografia crítica e também uma série de subcampos em 1980 do que viria a ser chamada de uma geografia cultural renovada, uma espécie de nova concepção de geografia cultural. Correa (1998), lembra que na década seguinte surgem periódicos especializados em geografia cultural<sup>6</sup>.

Para Claval (1999), a partir da década de 70, esse movimento de renovação da geografia trouxe novas formas de abordagens do lugar, território e da paisagem. Para o autor, estas categorias estão carregadas de sentido para aqueles que vivem nesses lugares, sendo assim, a percepção e subjetividade humana acabam sendo reconhecidos no campo de pesquisa das ciências sociais. Segundo Zanata (2008, p. 6), é nesse período que inicia-se “um processo de recuperação da abordagem cultural na geografia que, desde então denotando um nítido interesse pelo pensamento pós-moderno, passou a dar mais atenção às questões anímicas e ontológicas dos seres humanos”. Assim ao se estudar a diversidade cultural, busca-se transcender os aspectos materiais, adentando ao universo da cultural imaterial, ao que Zanata (2008, p. 6) denomina em três sistemas: a saber o “sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas práticas sociais), um sistema simbólico (mitos e ritos unificadores) e um sistema imaginário, que serve de liame aos dois últimos, constituindo-se no *locus* da construção da identidade espacial de um grupo”.

Para Almeida (2009), a renovação da geografia cultural, estaria ligada a insatisfação das investigações na geografia que possuíam uma base estruturalista. É justamente nos anos 70 que o estruturalismo vai ser criticado por suas fraquezas, por tentar explicar o mundo em suas estruturas, todavia, ignorando a evolução das estruturas e por consequência ignorando a história. (CLAVAL, 2011).

Não por acaso, a Geografia Cultural Renovada acaba diferindo da Geografia Humana, tendo como bases teóricas fundadas no pós-estruturalismo, baseando-se em três correntes, a teoria da desconstrução, do criticismo e da interpretação do signo como sinal de poder. A teoria da desconstrução, ou desconstrutivismo, segundo Almeida (2003), tem sua fundamentação em Jacques Derrida (1971) e Roland Barthes (2006, 1967), que buscam construir conhecimento a

---

<sup>6</sup> Como a revista “Géographie et Cultures”, editada na França pelo geógrafo Paul Claval, seguido de outras publicações como a “*Ecumene*”, na Inglaterra e nos Estados Unidos, que em 1994 passará a ser chamada de “*Cultural Geographies*”. Ambos se juntam ao “*Journal of Cultural Geography*” criado nos Estados Unidos. A criação posterior do “*Social and Cultural Geography*” veio ampliar as possibilidades de publicar textos em geografia cultural. Outras publicações, principalmente coletâneas, registradas na sequência como “*Vejase*”, “*Re-Reading Cultural Geography*” e “*Handbook of Cultural Geography*”.

partir do texto, ou dito de outra forma, das representações da realidade. Nessa concepção desconstrutivista, teria como foco descortinar, desvelar aquilo que está implícito ou dissimulado no texto. Texto entendido no seu sentido mais amplo, podendo ser uma carta, uma narrativa, uma descrição, representação, etc. As representações da cultura, que constituem o texto, como objeto autônomo de pesquisa e de explorar as relações que o texto possui com o contexto cultural e social ao qual pertence.

Já a corrente do criticismo, Almeida (2003) argumenta que esta tem sua fundamentação em Foucault (1966), buscando fazer frente a modernidade. Este teria evidenciado que a forma de produzir conhecimento segundo a concepção moderna se baseava na construção de signos por meio de processos de racionalização da realidade. Uma segunda contribuição de Foucault, teria sido sua indagação de como na modernidade, foi atribuído maior primazia do tempo em relação ao espaço, produzindo assim um conhecimento historicista. Segundo explica Almeida (2013, p. 31), “na pós-modernidade a relação existencial entre pessoa e lugar assume um lugar central na construção do conhecimento”. E uma terceira contribuição, foi a proposição de que o espaço estereotípico, poderia ser um espaço real, possuindo aparatos simbólicos e significados próprios.

Almeida (2013b, p. 30), lembra ainda de outra corrente vinculada ao pós-estruturalismo, e com traços da pós-modernidade, são oriundos da contribuição de Lyotard (1979), o qual propõe o signo como instrumento de poder. Sob influência desse teórico, é proposta uma leitura do território como “uma tessitura de signos obedientes a uma estratégia social por meio da qual se manifesta o poder”. Nessa perspectiva pós-modernista, portanto, o território é lido como um texto. O território seria um universo de signos inseridos num contexto social e cultural no qual esses signos estão inscritos. Cabe ao geógrafo identificar a relação entre as práticas sociais e a construção do cultural. (ALMEIDA, 2013b). Para Motta (2016, p. 334), “nos Estados Unidos e no Reino Unido a conexão da Geografia Cultural foi com o pós-modernismo”.

Segundo Correa e Rosendahl (2008), a geografia cultural renovada desvincula-se da ideia de cultura como entidade supra orgânica, atuando de certo modo de forma independente e como o próprio nome sugere pairando sobre a sociedade, podendo determinar suas ações. Em grande parte, essa visão recebeu muita influência do darwinismo, em especial do Darwinismo Social de Herbert Spencer que por intermédio professor e antropólogo da Universidade de Berkeley, Alfred Kroeber, influenciou Sauer e seus discípulos com tal teoria. Essa visão super orgânica de cultura sofrerá duras críticas de Duncan (2003), onde a cultura é vista como um

contexto, um reflexo da prática social ao mesmo tempo um meio no qual essa prática se realiza e uma condição na qual essa mesma prática tende a se reproduzir.

Para Correa e Rosendahl (2008), a cultura nessa geografia cultural renovada é vista como uma construção social que é constantemente reconstruída, porém, vivida de forma diferente de acordo com os grupos sociais que possuem de forma conjugada uma combinação de traços como classe, gênero, idade, etnia e religião e outros.

Outra característica dessa geografia cultural renovada seria sua diversidade metodológica, teórica e temática, que segundo Correa e Rosendahl (2008, p. 75), representam um “enorme ganho para a geografia”. Nesse sentido a geografia se beneficia das abordagens oriundas “do marxismo, fenomenologia, hermenêutica, ciências sociais e humanidades, como a crítica literária e a linguística, e das ciências naturais”. A geografia cultural na opinião dos autores teria apresentado a partir da década de 1990, perspectivas, sendo uma delas humanista, outra marxista e uma terceira pós-estruturalista, perspectivas estas que em muitos casos se interpenetram.

Ainda segundo Correa e Rosendahl (2008), uma terceira característica da geografia cultural renovada seria sua preocupação com os “significados”, pois a compreensão da realidade social pressupõe transcender sua materialidade (seja em sua organização, constituição e estrutura) e adentrar ao universo dos significados para desvendar seus sentidos, afinal como afirma Cosgrove (2003, p. 103 *apud* CORREA E ROSENDAHL, 2008, p. 75), “toda atividade humana é ao mesmo tempo material e simbólica, produção e comunicação”. E finalmente uma outra faceta da geografia cultural renovada seria a dimensão política na geografia cultural renovada. Essa relação entre política e cultura se manifestam materialmente e imaterialmente, apresentando contornos espaciais de interesse do geógrafo. Outras temáticas são discutidas nessas relações entre cultura, classes sociais, poder, políticas culturais e política de significados. Se discute em especial o aspecto político da presença das marcas deixadas pela classe dominante na paisagem urbana, onde a toponímia de ruas, monumentos e outros lembram apenas militares ou figuras públicas de projeção política e econômica.

Essa nova geografia cultural renovada, portanto, busca superar a perspectiva da cultura como algo supra orgânico, passando a ser vista como mais dinâmico e explicado por meio de sua contextualização resultante da interferência de múltiplas variáveis. Seu ecletismo temático, teórico e metodológico abre um leque de abordagens de novos temas, podendo ser realizado por meio de concepções teóricas e metodológicas variadas, assegurando dessa forma um universo de possibilidade de estudos. Outro salto nos estudos culturais foi a consideração dos

significados, transcendendo assim a materialidade dos fenômenos e adentrado no universo simbólico.

A construção dessa Nova Geografia Cultural, como bem destacam vários geógrafos (ALMEIDA, 2013, 2008a, CLAVAL 1999, 2001a, 2001b, 2012, COOK, et. al. 2000), foi importante as viradas nas ciências sociais, ou seja, a Virada Linguística; Virada Espacial da Sociologia; Virada Cultural da Geografia Humana. Conforme conclui<sup>7</sup> Claval:

Todos os geógrafos concordam sobre a necessidade de se levar em conta as viradas que caracterizaram as ciências sociais durante a última geração: **a virada linguística**, que ressalta que o pesquisador sempre trabalhou sobre palavras e imagens, e não diretamente sobre a realidade; **a virada espacial da sociologia**, que recorda que sociedades não existem numa esfera conceitual e abstrata, mas num espaço e em lugares precisos; **a virada cultural da geografia humana**, que enfatiza o fato de que os processos sociais, econômicos ou políticos dependem das culturas onde eles atuam. As três famílias de abordagem cultural que se desenvolveram há uma geração têm em comum o fato de sublinhar o papel da subjetividade, de dar conta do papel das representações e do peso dos dados corporais. Elas esforçam-se, cada uma à sua maneira, para apreender o sentido da vida individual e coletiva. Todas estudam, mais ou menos, os processos culturais. (CLAVAL, 2008a, p. 28)

Como podemos perceber, tais viradas contribuíram para as ciências sociais como um todo numa tentativa de superação de lacunas e ampliação do conhecimento científico. Na opinião de Almeida (2013b), após uma relativa inercia que caracterizou os anos 1980, a geografia ganha novo oxigênio por meio do enfoque cultural. A essa mudança a valorização desse enfoque, denominou-se de “*The cultural turn in geography*” (A Virada Cultural na Geografia). De acordo com Claval (2002, p. 24), a Nova Geografia Cultural, se coloca como uma orientação, na qual a capacidade de imaginação e invenção do pesquisador “são mais importantes do que nas Geografias do passado”. Por essa razão o autor considera que esta é uma geografia que tem como característica ser mais livre em suas abordagens quando comparadas as “geografias do passado”.

A insatisfação com os modos de investigação, principalmente no campo acadêmico surge no final do século XX e início do século XXI, no que Franca (2015, p. 81), denomina do conjunto de “pós-ismos”, ou seja, seria o fim das meta-narrativas e das formas convencionais de se ver e pensar o mundo. Assim, os fundamentos dos “ismos”, historicismo, fordismo, modernismo, estruturalismo, marxismo e outros são criticados na tentativa de superação,

---

<sup>7</sup> Dizemos aqui que Claval conclui, pois essa passagem faz parte da conclusão de seu artigo “Uma, ou algumas, abordagem(ns) cultural(is) na geografia humana?”, que faz parte do livro organizado por Ângelo Serpa, publicado em 2008, intitulado “Espaços culturais vivências, imaginações e representações”.

fazendo surgir o pós-modernismo, pós-estruturalismo, pós-humanismo, anarquismo, feminismo, pós-colonialismo, ou outros movimentos. Para Franca (2015), embora tal postura não seja uma ruptura completa com o passado, conforme argumentam autores pós-modernistas mas sim uma forma de reestruturação ampla e profunda da modernidade. Continua a autora (FRANCA, 2015, p. 79), afirmando que esses movimentos, tornam-se possibilidades não apenas de “reestruturação teórica”, como também “cultural, política e econômica”.

Verifica-se, portanto, que há uma transformação na forma como não só a geografia cultural evolui, mas também como esse movimento da sociedade acompanha essas mudanças ao revisitar o próprio conceito de cultura mediante as demandas da sociedade. Evidencia-se em especial a necessidade de se abordar as temáticas para além da sua materialidade evidente, fato este que muito interessa aos estudos da religião, já que grande parte dela ocorre em um universo imaterial e intangível, em espaços e territórios imaginados.

### **1.2.3 As Geografias da Religião na Ciência Geográfica**

Tomando como base a discussão teórica realizada até aqui, há historicamente uma forte influência do pensamento francês, alemão e norte-americano na geografia cultural e conseqüentemente na leitura geográfica da religião. Identificou-se ainda nessa revisão teórica a preocupação com os aspectos materiais da religião também marcaram os estudos realizados.

Para Rosendahl (1996, p. 20) “o positivismo caracteriza-se por um agnosticismo que à razão e a fé o poder de provar a existência de Deus”, sendo que essa última questão seria uma questão metafísica. Reitera que a geografia apoiada no positivismo lógico, o caráter prático e de aplicabilidade imediato, geralmente voltado ao capitalismo, torna sem sentido estudar a religião. Segundo a mesma autora, para os marxistas, a religião é vista como uma utopia na qual mantem as classes populares na ignorância e seria responsável ainda por tirar a possibilidade desses adquirirem consciência política. De forma semelhante, Almeida (2009), tece uma crítica ao geógrafos adeptos da visão ortodoxa do marxismo como via metodológica única da geografia e também razão pela corrente humanista neopositivista não encontrar eco entre os pesquisadores brasileiros. Bell (2007, p. 104), faz também crítica semelhante ao marxismo, acrescentando que o este foi incapaz de explicar até os dias de hoje a sobrevivência de religiões como o budismo, hinduísmo, confucionismo que por sua vez sobreviveram ao desaparecimento dos impérios onde se formaram e desenvolveram. Esta seria não as contradições culturais do capitalismo

senão as contradições culturais do marxismo como “teoria completa”. Até mesmo porque um dos pressupostos básicos da teoria, baseada na sociedade de classe possui suas fragilidades teóricas, como lembra Hall (1997, p. 22):

As pessoas não se identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas. (HALL, 1997, p. 22):

Sahr e Godoy (2009, p. 267), endereçam sua crítica à geografia cultural brasileira, ao considerar que essa sofre um atraso teórico e metodológico. Em suas palavras:

[...] as atuais ferramentas da Geografia Cultural brasileira são ainda precárias. Elas dispõem principalmente da semiótica (destaque: significado), da fenomenologia individualista (destaque: identidade e lugar) e do materialismo dialético (destaque: indústria cultural, alienação, luta de classes) e se restringem, assim, a parâmetros de abordagens importadas da modernidade”. (SAHR e GODOY, 2009, p. 267)

Rosendahl (1996), adverte que a negligência no estudo da religião não se verificaria entre sociólogos e antropólogos como Durkheim, Max Weber<sup>8</sup>, Peter Berger, Mircea Eliade, Pierre Bourdieu, Evans-Pritchard e outros haviam discutido sobre o tema. Os quatro primeiros autores são citados por Pereira e Gil Filho e Pereira (2012a) como autores tradicionais no estudo da religião.

Sahr e Godoy (2009, p. 5), analisam a contribuição epistemológica de alguns autores<sup>9</sup>, considerando "não é suficiente descrever o fenômeno religioso como um fato científico", como também não seria suficiente “compreender o fenômeno religioso fenomenologicamente por suas características intrínsecas, ainda menos como um fenômeno radicalmente e totalmente diferente da ciência e da vida comum”, como fizeram Rudolf Otto (1979) e Mircea Eliade (1992). Na visão desses autores, seria necessário compreender o delineamento das diferenças nas religiões, que não se expressaria em espaços e lugares religiosos concretos.

Fernandes (2012), ao analisar o desenvolvimento histórico da religião observa que na antiguidade clássica foi utilizada uma geografia religiosa elaborada a partir de uma geografia cristã. Já no início da Idade Moderna, foi criada pelos sacerdotes cristãos uma geografia

---

<sup>8</sup> Weber, em seu livro Sociologia da Religião, analisa as grandes religiões da humanidade como o hinduísmo, budismo, confucionismo e outros ao mesmo tempo em que busca desvelar o significado da religião no racionalismo ocidental.

<sup>9</sup> Autores como Durkheim (1996) e Weber (2004), Deffontaines (1948), Sopher (1967), Park (1994) e recentemente no Brasil por Rosendahl (1996).

eclesiástica, que estaria alinhada com a teologia. Nos séculos XVI e XVII, teria surgido uma geografia bíblica, sendo que nos séculos subsequentes (XVIII e XIX), teria surgido uma Geografia de Abordagem Cosmológica. A influência do determinismo geográfico do século XIX para o XX marcou o estudo da religião, sendo que esta sofreria influência do meio ambiente. Segundo o autor (FERNANDES, 2012a, p. 17) “seria possível encontrar divisões como ecologia da religião e, na primeira metade do século XX, Ambientalismo aplicado no estudo da geografia da religião”. Fernandes (2012a,), diz que na geografia das religiões existiriam duas grandes tendências. A primeira partiria de influências que a religião imporia à percepção humana, enquanto a segunda seria uma instituição humana possuindo dimensões sociais, culturais e ambientais.

Já entre 1930 e 1950 autores franceses e alemães, respectivamente realizaram uma abordagem social para a compreensão do fenômeno religioso (GIL FILHO, 2007a e b). Nesse período Rosendahl (1996), dá destaque aos trabalhos do alemão Paul Fickeler (1947) em sua obra “*Grundfragen der religions geographie*”, que teria abordado questões fundamentais na geografia da religião; o francês Pierre Deffontaines (1948) com sua obra “*Geographie et religions*”<sup>10</sup>, quando investigou as relações entre as culturas e suas representações religiosas concretas no espaço e o francês Maxmilien Sorre (1957), que em “*Rencontres de la geographie et de la sociologie*”, evidência os elementos religiosos nos textos geográficos. Segundo Franca (2015), Sorre, busca analisar a função religiosa nos centros urbanos, considerando que a religião seria um dos fatores responsáveis pelo surgimento de cidades desde a Antiguidade. Para ele, a religião seria um dos elementos fundamentais dos “modos de vida”, considerados fundamentais para a compreensão das atividades humanas, já que estabelece normas e das práticas religiosas que influenciam a sociedade. Assim como Deffontaines, Sorre, considera que a religião deve ser estudada em relação aos aspectos coletivos e não individuais.

---

<sup>10</sup> Deffontaines em sua obra *Geographie et religions* (1948), dá destaque a forma como a religião influencia a construção da paisagem, afetando inclusive a moradia. A religião segundo ele teria papel central na ocupação e exploração do solo (como até hoje possui em comunidades tradicionais, onde o trabalho e a realização de determinadas tarefas são balizadas pela questão religiosa). O autor também discutirá a influência da religião no cotidiano e nos modos de vida (agrícola, pastoril ou industrial), afetando com isso seu modo de vestir, se alimentar. Ainda segundo ele, a religião teria interferência na circulação e mobilidades dos povos, pois tais movimentos (migração definitiva ou temporária) teria como causa primária a religião. (FRANCA, 2015). Como diria Santos (2004, p. 147), Deffontaines, “numa orientação própria do seu tempo, em que se procurava observar não apenas as consequências religiosas na paisagem e, reciprocamente, os condicionalismos físicos que esta impunha às práticas religiosas, mas sobretudo os gêneros de vida religiosamente motivados”.

Outra grande contribuição, Max Weber, que em 1920, em sua obra *Sociologia da Religião*”, teve grande impacto no meio acadêmico. Todavia, suas contribuições teriam eco em tempo posterior, conforme destaca Franca (2015, p. 56):

Não obstante o papel crítico de Weber, só entre os anos 40 e 50 é que assistimos ao despertar da geografia da religião e à consolidação do seu campo de pesquisa com maior coerência acadêmica e científica, mais teórico e com metodologias e temáticas mais definidas. O pós-Guerra Mundial favoreceu o estudo dos fenômenos religiosos na sua vertente geográfica, ao reconhecer que a religião tem poder e influência na transformação do ambiente e das estruturas sociais. É superada a visão determinista que apresentava uma visão unilateral das relações ambiente-religião e foi estabelecido um novo campo de estudos, com focos em vários grupos profissionais e com destaque em conferências acadêmicas, publicações de jornais e revistas e ainda como tema de trabalhos acadêmicos [...] (FRANCA, 2015, p. 56):

Segundo Rosendahl (1996, p. 17), com exceção de Deffontaines (1948) e Sorre (1957), “não houve por parte dos geógrafos franceses, uma preocupação com a temática da religião”. Tal posição de certo modo é corroborada por Claval (2010) ao dizer que:

Hace más de 50 años que la geografia religiosa aprovecha los trabajos de Mircea Eliade (Dardel, 1952). Cuando insiste en lo sagrado, introduce en la comprensión de lo religioso el papel de lugares misteriosos que afloran en ciertos puntos, haciéndolos a la vez atractivos y temidos, abriendo a las creyentes ventanas a otro mundo. Los geógrafos hasta ahora han dudado en explorar estos lugares, que se dan a sí mismas todas las colectividades. Para ir más lejos por el camino de la profundización, es decir, en la exploración de los procesos y de los mecanismos sociales e individuales que implican el espacio, hay que vencer estos prejuicios. (CLAVAL, 2010 p. 80).

Claval, dessa forma, critica a pouca produção que se baseia em raros autores como também estende a abordagem como esses estudos são feitos, sem o aprofundamento necessário. Ainda segundo Claval (1992) até o final da década de 1960, os estudos de geografia cultural tradicional, sob influência das Escolas de Chicago e Berkeley teriam abordado apenas a localização dos crentes, sejam eles protestantes ou católicos. Nessa perspectiva a religião é vista com um agente modelador da paisagem, produto da força cultural e ambiental. A religião é considerada ainda como uma estrutura super-orgânica, que influencia a paisagem cultural e determina o comportamento dos homens (FRANCA, 2015).

Já na década de 1960, iniciam-se as abordagens interdisciplinares (GIL FILHO, 2007). Nessa época segundo Rosendahl, (1996), os estudos geográficos da religião foram fortemente influenciados pela geografia cultural de Berkeley, por Carl Sauer e também David Sopher<sup>11</sup>,

---

<sup>11</sup> Sopher, na sua obra *“Geography of Religions”*, analisa a inter-relação entre interação espacial e as diferentes culturas, dando especial destaque a variável religioso na cultura. Analisa vários sistemas religiosos em sua dimensão coletiva, estudando a organização desses sistemas o modelo cultural que o envolve, a institucionalização da religião e o comportamento religioso. Ele faz a distinção entre os sistemas religioso, classificando-os da entre

esse último como principal representante do estudo da religião na geografia cultural de Berkley. Este teria analisado os fenômenos religiosos, abordando a interação espacial destes com a cultura e seu ambiente terrestre complexo.

Segundo Rosendahl (1996), no ano de 1972, King, estuda a peregrinação islâmica e a organização espacial fortemente marcada pelo ritual na cidade de Meca.

Claval (1999b) aponta que após um maior dialogo estabelecido entre as ciências da religião de base fenomenológica e a geografia, houve uma significativa mudança na forma de conceber o fenômeno religioso pela geografia. Graças a essa aproximação, foi “possível estudar o fenômeno religioso além da manifestação concreta na paisagem”.

Na década de 1980, verifica-se a abordagem da geografia das atitudes e valores, que ganhou destaque em função da forte atuação do humanismo no pensamento geográfico naquele momento histórico (GIL FILHO, 2007). Nesse período, Rosendahl dá destaque aos estudos de H. Tanaka (1981), que analisa a peregrinação budista na ilha de Shikoku, no Japão e na sequencia G. Rinschede (1985) e Wunenburger (1996), analisam a convergência dos fiéis e sua vivência no sagrado.

Fernandes (2012a) ao citar o trabalho de Pereira (2009), considera que entre o final da década de 1990 e início do século XXI, houve uma retomada nos estudos da religião pela Geografia, citando como exemplos os trabalhos de Kong (1990), Park (1994), Rosendahl (1996) e Gil Filho (2008).

Segundo Fernandes (2012a, p. 17), a geografia da religião se desenvolve no Brasil a partir de 1990, que teria ganhando força com a Nova Geografia Cultural. No princípio, muitos dos estudos de religião se pautaram em uma abordagem descritiva ou estruturalista. Fernandes (2012), usando as ideias de Claval (1999a), considera que foi graças a aproximação das Ciências da Religião que foi possível realizar uma análise “entre espaço e religião que privilegiasse a

---

sistema religioso étnico, universal e segmentar. Os sistemas étnicos simples seriam aqueles de pequena dimensão geográfica e populacional, onde a escrita foi inserida recentemente, culturalmente homogêneos, onde existe uma elevada diferenciação espacial e estão estreitamente ligados a espaços. As práticas religiosas por sua vez estariam relacionadas com a natureza, bem como seu contexto físico. Já os sistemas universalizantes seriam aqueles adotados por grandes grupamentos e possuem mecanismos que facilitam a transmissão de seus conhecimentos. Neste grupo, portanto, as restrições espaciais são quase nulas. São consideradas religiões dominantes pelo menos à escala regional, a exemplo do Cristianismo, o Islamismo e o Budismo. Já a religião segmentar, com o nome sugere se ocupa apenas de um segmento da sociedade, não tendo pretensões universalizantes, estabelecendo domínio em áreas ou classes sociais específicas.

essência do fenômeno religioso”. Considera que foi por meio das bases fenomenológicas e das Ciências da Religião, que “a espacialidade do fenômeno religioso deixou de ser considerada apenas em seus aspectos visíveis, abrindo espaço para reflexões de cunho existencial”. (FERNANDES, 2012a p. 18) ou espiritual como defende Andreotti (2002), citado por Almeida (2009) que defendia uma abordagem espiritual na Geografia. Segundo esta última, o estruturalismo teve influência nos estudos sobre o componente religioso das culturas ou a forma como as religiões agem sobre os costumes de um dado grupo social. Do estruturalismo, passando a semiótica a autora chega a abordagem espiritual na geografia. Em suas palavras:

Na geografia, o espiritualismo se articula com vários movimentos, leituras e, principalmente, dos modos de considerar e paisagem pelo viés da sensibilidade mesmo que seja apenas pelos aspectos estéticos. Pelo fato dessa abordagem ser recente, ela é vista como promissora para, posteriormente, abrir novas vias na pesquisa de valores espirituais que as culturas atribuíram aos lugares. (ALMEIDA, 2009, p. 250)

A abordagem espiritual na geografia (não necessariamente religiosa), abre possibilidades, como já expos Almeida (2009) e pode ser o prenúncio de novas possibilidades de pesquisas, razão pela qual torna-se importante discutir questões de cunho religioso na ciência geográfica.

A construção da história do pensamento geográfico brasileiro teve inúmeras influências de pensadores das mais diversas correntes teóricas e filosóficas. Portanto, considera-se importante fazer um breve relato dessas não com o objetivo de realizar uma revisão teórica profunda, mas para situar o leitor em que corrente de pensamento da geografia cultural e especificamente em que corrente de estudos de religião na geografia este estudo mais se aproxima.

Segundo pondera Almeida (2013), a partir dos anos 1930 a geografia cultural desenvolveu seu próprio aporte epistemológico. E para tanto, registra-se a importância da contribuição da Antropologia Cultural, a adoção do estruturalismo e a consideração da relação entre os elementos. A discordância de muitos pesquisadores em relação ao estruturalismo e a inserção do racionalismo como crítica a essa corrente, gera o que vai se denominar mais tarde de pós-estruturalismo.

Para Claval (2012), outro momento é marcado pelo fim da ditadura militar, colocando em cheque a geografia quantitativa de inspiração americana, dando início assim a uma série de críticas. O fim da ditadura, marca também o retorno de um dos maiores geógrafos brasileiros à sua terra natal, Milton Santos, contribuindo significativamente para evolução do pensamento geográfico brasileiro. Continua Claval (2012), afirmando que tanto na América do Norte quanto

na Europa, acontece na década de 1970 uma renovação da abordagem cultural pela geografia humanista que debate o sentido dos lugares, a região como espaço vivido e as territorialidades. Na visão de Christlieb (2006, apud ALMEIDA, 2013), o enfoque cultural incorporado à geografia teria sido um oxigênio para a disciplina. Para Claval (2012) e Almeida (2013), inicia-se uma mudança e uma valorização do enfoque cultural que ficará conhecido como a virada cultural na geografia.

A virada cultural da geografia no Brasil inicia-se segundo Claval (2012) no início dos anos 1990. Borges (2015), em sua tese de doutorado, considera que existem 3 categorias dos estudiosos da religião, os precursores, os sucessores e os inovadores. Segundo ela:

Desde o início do século XXI é possível identificar uma evolução significativa no aumento de teses e dissertações voltadas cada vez mais para estudos geográficos da religião. Esse aumento tem sido acompanhado também por uma maior diversificação de programas de pós-graduação em geografia que começam com maior ênfase a suscitar estudos sobre o tema. Destacam-se, além das instituições citadas anteriormente, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); a Universidade Federal de Goiás (UFG); a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", principalmente no campus de Rio Claro (UNESP); a Universidade Federal do Ceará (UFC); a Universidade Federal do Paraná (UFPR); a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); a Universidade Federal da Bahia (UFBA); a Universidade Federal de Sergipe (UFS); a Universidade Federal de Uberlândia (UFU); a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), entre outras. (BORGES, 2015, p. 50).

Segundo a autora, a geografia da religião no Brasil teria desenvolvido de maneira considerável neste início de século (XXI), embora considere que esse desenvolvimento esta, por vezes, atrelado ou em suas palavras “diretamente subordinada aos centros e núcleos ligados à geografia cultural”, cabendo aos geógrafos buscar desenvolver sua própria trajetória e sua autonomia teórico-metodológica, no que se refere aos estudos geográficos da religião. A autora dá destaque a atuação do Laboratório de Estudos Geoeducacionais (LEGE), na Universidade Federal do Ceará, que além de estudar temas relacionados ao ensino também discute a religiosidade como expressão cultural da construção do espaço geográfico, possuindo uma linha de pesquisa voltada para estudos dos espaços simbólicos. Cita ainda o Laboratório de estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECGEO) da Universidade Federal de Pernambuco, que a partir de uma base interdisciplinar e a partir de uma abordagem cultural da geografia também realizaria estudos sobre religião. Outra unidade voltada aos estudos geográficos da religião seria o Laboratório de Estudos em Geografia Cultural (LEGEC) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), instituição esta que segundo ela desenvolve pesquisas em geografia da religião desde meados da década de 1990. Segundo Borges (2015, p. 51), “grupos e núcleos acadêmicos

diretamente voltados para a geografia da religião ainda são poucos no Brasil”. Na maioria das vezes os intelectuais dessa área e as pesquisas desenvolvidas sobre esse tema estão ligados a laboratórios e núcleos da geografia cultural ou de abordagem interdisciplinar de estudos sobre cultura, território e sociedade, entre outros, ou metodológica, como a geografia fenomenológica, tendo como exemplo o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural da Universidade Federal Fluminense. (BORGES, 2015, p. 51).

Em 1994 cria-se no Rio de Janeiro o laboratório chamado de “Espaço e Cultura”, coordenado por Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Correa, que mais tarde se tornará o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Cultura (NEPEC), responsável por difundir estudos da geografia cultural brasileira.

Outro centro de estudos da religião se localiza na região centro-oeste do Brasil, quando segundo Almeida (2013), cria-se na Universidade Federal de Goiás, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Turismo e Cultura que teria como objetivo se debruçar sobre estudos de geografia cultural. Assim como o núcleo o NEPEC, esse grupo possui estreitos laços com pesquisadores franceses, em especial o geógrafo Paul Claval. Mais tarde, o referido nome do grupo de pesquisas da UFG foi alterado para Grupo de Estudos e Pesquisas “Geografia Cultural: territórios e identidades”, ligado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas de Dinâmicas Territoriais (LABOTER). Esse centro de estudos em processo de formação, começa a consolidar temas com o “espaço e religião” ou ainda e “espacialidade e religiosidade de festas populares”, está no estado de Goiás, tendo como seus representantes, Rosiane Dias Mota (2011, 2012, 2016), Mary Anne Vieira Silva e Maria Idelma D'abadia, Isabella de Faria Bretas (2016), ou que possuem laços de orientação ou pesquisa, trabalhando em parceria com professores e pesquisadores do Estado, tal como Solimar Guindo Messias Bonjardim (2011, 2013, 2014). Com destaque para as pesquisadoras Maria Idelma Vieira D'abadia (2009, 2010, 2014), e Maria Geralda de Almeida (2011, 2016), que pesquisam de longa data a interface entre a geografia e a religião.

Em 2006, segue a criação do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER), sediado na Universidade Federal do Paraná e que aglutinaria as universidades periféricas fora do eixo Rio–São Paulo (CLAVAL, 2012). Segundo Pereira (2013) o NEER congregaria projetos e grupos de pesquisa de vinte (20) universidades brasileiras (UFRGS, UFSM, FURG, ULBRA-RS; PUC-MG, UFU-MG; UFAM- AM; UFBA, UNEBBA; UERJ, UFF- RJ; UFMS-MS; UFG-GO; UFPR, UEPG-PR; UNIR-RO; UFPB-PB; UFMT-MT; UFCE-CE; UFTO-TO). O grupo teria os seguintes temas e/ou abordagens: Nova Geografia Cultural; Geografia

Humanista-Cultural; Estudos de Percepção e Cognição em Geografia; Geografia das Representações; Geografia Social; Geografia da Religião; Geografia Escolar: Representações e Ensino; Teoria e Método na Geografia Cultural e Social.

Nos dois primeiros grupos a religião é discutida, ainda que com diferentes abordagens teórico metodológicas. Para Pereira (2013), existiriam duas tendências nos estudos da religião, uma delas que busca entender a manifestações espaciais do fenômeno religioso, partindo dos aspectos visíveis presentes na paisagem e outra que busca compreender as manifestações religiosas a partir de seus aspectos estruturantes e das estruturas da religião e ainda de seu caráter fenomenológico. No primeiro caso, referindo-se aos estudos do núcleo do carioca e do outro o paranaense, respectivamente representados nas figuras de Zeny Rosendahl e Sylvio Fausto Gil Filho. Conforme aponta Pereira e Gil Filho (2012):

Não sendo monolítica, a Geografia da Religião no contexto brasileiro apresenta discussões teóricas e abordagens que passam por dois vieses diferentes; representados principalmente por dois núcleos institucionais: o NEPEC/UERJ - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura / Universidade do Estado do Rio de Janeiro; e, o NEER-NUPPER/UFPR - Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, e, Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião / Universidade Federal do Paraná. (PEREIRA E GIL FILHO, 2012a, p. 37)

Os trabalhos realizados pelo primeiro grupo teriam perspectivas teóricas distintas, sendo que no primeiro o enfoque principal se atém às estruturas espaciais das religiões e a dicotomia sagrado e profano. Outro viés seriam os estudos funcionais sobre cidades-santuário e dispersão espacial das hierofanias. O primeiro grupo partiria, portanto, de uma perspectiva de compreender as manifestações espaciais do fenômeno religioso a partir de suas formas que se encontram na paisagem (SILVA e GIL FILHO, 2009). Já a segunda perspectiva “busca compreender as manifestações religiosas partindo das dimensões estruturantes e do caráter fenomenológico e, posteriormente, das estruturas da religião”. Dito de outra forma, parte-se do pressuposto que a ação do homem religioso possui papel de destaque podendo vislumbrar o espaço da religião, suas representações, expressões, percepções, seja em face do discurso ou pensamento religioso. Essa perspectiva, defende ainda que as territorialidades institucionais religiosas, transcendem a materialidade dos templos, passando por questões de cunho simbólicos e de relações de poder (SILVA E GIL FILHO, 2009).

Rosendahl, teria centrado sua atenção na discussão dicotômica do sagrado e profano (com base nos trabalhos de Mircea Eliade) de forma a construir uma abordagem geográfica, ou como um estudo geográfico da religião voltado para a compreender a espacialidade do sagrado. Pereira (2013), afirma ainda o indivíduo na abordagem na autora ocupa papéis dentro da

estrutura religiosa (seja ela sagrada ou institucional), atribuindo aos sujeitos um papel de passividade frente aos fenômenos estudados.

Gil Filho (2007), faz a seguinte crítica a essa concepção, que segundo ele acaba por:

Circunscrever o fenômeno religioso apenas em sua materialidade imediata é descuidar seus aspectos mais íntimos e subjetivos. Nossa premissa é que a análise do fenômeno religioso requer uma cognição especial, uma sensibilidade as suas nuances a fim de captar suas características mais sutis. O fenômeno religioso aparece mais nítido no plano do cotidiano. Não é suficiente que o fenômeno se apresente como matéria-prima da ciência que praticamos, é necessário penetrar nos seus sentidos últimos e compreender o que dizem. (GIL FILHO, 2007, p.212).

Para justamente dar conta dessa subjetividade e desses aspectos sutis da religião é que Gil Filho (2007), parte da fenomenologia das manifestações religiosas, se atendo as dimensões não visíveis da religião e também a importância da ação humana na construção da sua realidade. Entre suas influências teóricas principais, destaca-se Rudolf Otto, passando por Ernst Cassirer e sua Filosofia das Formas Simbólicas, que acabou por originar uma Geografia da Religião direcionada aos mundos simbólicos. (PEREIRA, 2013).

Por considerar que ao discutir a categoria religião e a categoria lazer, torna-se imprescindível discutir os conflitos inerente a estas, visto sob sua perspectiva mundana e sagrada. Nesse sentido nossa aproximação teórica se respaldada nas concepções do núcleo paranaense, que parte do sagrado (GIL FILHO, 2009), focando especificamente no ser humano, que é necessariamente quem designa quais elementos são ou não sagrados. Tal tendência teórica não se dá apenas por uma simples proximidade de sua concepção teórica, mas principalmente porque identificou-se na vivência com os sujeitos que dizem que os espaços não carregam nenhuma rotulação a priori, e que a intenção do sujeito no espaço é que muitas vezes vai dizer se este tem um caráter mundano ou sagrado.

Consideramos que quem dá sentido e significado à aquilo entendido como sagrado e profano é o sujeito, que em muitos casos, mudam seus conceitos e convenções constantemente. Conforme já ressaltado anteriormente, a partir da concepção Cassirer, é o sujeito que dá sentido. E o sentido desse mundo e dos fenômenos podem ser entendidos pelos símbolos.

Ressalvamos, no entanto, que nem todo o arcabouço cultural dos sujeitos são passíveis de serem traduzidos pela representação em todas as suas formas, razão pela qual, consideramos ser necessária a discussão das teorias não-representacionais. A aproximação às teorias não-representacionais se dá pelo fato de que esta busca compreender o "fluxo" da vida cotidiana (THRIFT, 2007), e que o mundo é "mais excessivo que podemos teorizar" (DEWSBURY , et al., 2002, p. 437). Até mesmo o discurso possuiu suas limitações, pois como bem expõe

Foucault (2002, p. 10), “o que vemos nunca reside no que dizemos”. A referida teoria também é contrária ao modelo clássico de ser humano, transparente, racional e contínuo (THRIFT, 2007), fato este que contribui para entender o sujeito religioso em sua emoção, seu espírito e sua irracionalidade. Outro aspecto da teoria não representacional é que está interessada no corpo humano e sua coevolução com as coisas (THRIFT 2007). O corpo, portanto, não é considerado como separado do mundo, mas sim um elemento que está em evolução no/com o mundo.

Na perspectiva dessa pesquisa, verificou-se junto aos sujeitos que estes possuem um cotidiano de muitas práticas e ações e o corpo possui função central por viabilizar estas ações e também possuir um significado sagrado pelos fiéis, sendo por muitos considerado a morada, ou a casa do espírito. É também no corpo que as identidades religiosas buscam imprimir sua marca, seja por meio do vestuário, de práticas cotidianas e hábitos de consumo e sendo por este que o sujeito produz sua territorialidade religiosa e do lazer.

## **CAPÍTULO 2 - A BUSCA PELA INTERCESSÃO ENTRE TRABALHO, RELIGIÃO E O LAZER**

Realizada a abordagem da religião na ciência geográfica, esse capítulo buscou realizar a aproximação teórica entre a religião (centrando-se especificamente no cristianismo) e o lazer principalmente, enfocando primeiramente a partir dos textos bíblicos. Impossível realizar tal discussão sem dissociar o trabalho e o lazer nessa perspectiva religiosa.

De forma semelhante, abordar tais temáticas sem realizar uma contextualização histórica e geográfica. Em outras palavras, torna-se necessário verificar que valores eram atribuídos ao trabalho e ao lazer ao longo de alguns momentos-chaves da história, sendo a religião um elemento nesse processo de valoração, legitimando segundo sua concepção, o que era “lícito” ou não para a prática de seus fiéis. A espacialidade e a territorialidade nesse caso sempre foram elementos condicionantes e condicionados, nessa intercessão entre lazer e religião.

As religiões assim como o lazer se espacializam, se territorializam no espaço em algum momento. Mesmo quando não há materialidade dos processos acreditamos que exista uma territorialidade imaterial (intangível) na mente dos fiéis, que constroem lugares por seus processos cognitivos, imaginários, mas que sempre possuem uma relação com o mundo circundante. Para além daquilo que está registrado nas escrituras sagradas (aqui no caso específico, a Bíblia Sagrada), sabemos que existe uma construção discursiva da Igreja sobre uma espacialidade mítica que explica a origem do mundo, assim como uma espacialidade que se atém a espaços idealizados, como o céu, o inferno, purgatório, que por sua vez são povoados por seres intangíveis e “não visíveis pelos olhos da carne” (para utilizar as expressões usadas pelos fiéis), como os demônios ou anjos. Embora existe uma objetividade daquilo que foi escrito, tais informações vão ser interpretadas pelos líderes religiosos e pelos próprios fiéis que adicionaram a essas construções imaginárias, elementos próprios que vão conferir certa singularidade a esses seres e locais idealizados e imaginados. Essa construção desses seres e lugares serão representados pelos fiéis com suas “próprias cores”.

A religião existe nessa territorialidade, material e imaterial, da mesma forma que seus sujeitos se encontram nesse processo contínuo de transição. Considerando essa constante mudança e transição de nossa sociedade busca-se trazer uma concepção de lazer que se adeque a esse contexto histórico. Por isso, adota-se uma concepção teórica do lazer de Rojek (1985,

1990, 1995, 1999, 2000, 2004, 2005, 2010) e Blackshaw (2002, 2003, 2005a, 2005b, 2006, 2007, 2008a, 2008b, 2010a, 2010b, 2010c, 2010d, 2010e, 2012, 2013a, 2013b, 2013c, 2013d, 2013e, 2013f, 2013g, 2016a, 2016b, 2016c, 2017a, 2017b), sendo que esse último, faz uma leitura do lazer a partir da teoria de Zygmunt Bauman. Pensando nessa fluidez da sociedade adota-se a territorialidade<sup>12</sup> de Haesbaert (1999, 1997, 2007b) como um ponto de interseção diante dessa fluidez dos tempos líquidos de Bauman. Buscou-se ainda centrar a discussão da religião sob a ótica da modernidade líquida, onde a instituição religiosa e muitas vezes seus representantes, oferecem aos fiéis uma modernidade sólida, prometendo verdade sólidas sobre a vida e a morte, uma disciplina rígida em sua vida pessoal e no trabalho e principalmente na busca por uma identidade sólida. Já a modernidade líquida, é a antítese desse processo, um sinônimo daquilo que é “mundano”, ou seja, de relações familiares e afetivas extremamente fragilizadas e instáveis, de muitas incertezas, inseguranças, dúvidas, etc. Vemos aqui, portanto a religião como um ponto de apoio para um naufrago da modernidade líquida, que busca na religião um apoio para sua existência, para a incerteza e toda insegurança apresentada pelo mundo líquido que o cerca.

## **2.1 Trabalho, lazer e religião: uma aproximação histórica e filosófica**

Na sua essência, a filosofia do lazer é uma investigação sobre parte da boa vida. Como tal, é um ramo da filosofia moral e política (SAGER, 2013). Definir lazer não é uma tarefa fácil. Pois pertence a um conjunto de conceitos como ócio, descanso, tempo livre, jogar e trabalhar. A palavra lazer tem raízes no latim “*licere*”, que é aquilo que é permitido. O conceito de raiz latina por sua vez derivaria do vocábulo grego “*skbolé*”, que se aproxima do português da palavra escola no qual descreve um estado de necessidade de liberdade. Uma das primeiras premissas que para desenvolver o lazer seria necessário tempo livre, todavia, nem todo tempo livre é lazer.

Sager (2013), considera que os antigos gregos faziam uma distinção entre as diversões (*paidia*) e recreação (*anapausis*). Essas duas atividades permitiriam que as pessoas se recuperassem do trabalho. Lazer na concepção do autor seria direcionado para atividades mais

---

<sup>12</sup> Aqui nos referimos ao nosso de territorialidade enquanto um processo em constante alteração e por essa razão aventamos que os conceitos de multi-transterritorialidade de Haesbaert podem auxiliar futuros estudos da geografia da religião.

valiosas, voltadas para seu próprio benefício, não para o descanso da rotina da vida. Por esta razão, ele considera que é um erro relacionar ociosidade com o lazer.

Na tradição ocidental, a filosofia do lazer tem sua origem na filosofia grega antiga, em especial a partir do ponto de vista de Aristóteles que influenciou a cultura ocidental. Embora nos dias atuais lazer é muitas vezes definida como o oposto de trabalho, com predominância e maior valorização desse último nos discursos dos sujeitos. Todavia, para uma classe dos gregos (uma elite) era o inverso, o lazer era predominante, onde o trabalho era definido pelo termo *askolia*, ou a ausência do lazer tendo como finalidade tarefas para realizar coisas necessárias. Platão diferenciava o mundo da reflexão e da contemplação como uma forma superior de vida à aquela destina aos afazeres cotidianos. (SAGER, 2013)

Platão, em sua obra intitulada República, partia da ideia de um currículo para preparar jovens com talento potencial para a filosofia para que adquirissem a capacidade de reflexão sobre o bem. Essa educação inclui ginástica, música, aritmética, geometria e a dialética. Notadamente, Platão sublinha que a educação não deve ser autoritária ou obrigatória, já que isso prejudica a autonomia do aluno (PLATÃO, 2006).

Já Aristóteles em sua investigação sobre a natureza da felicidade que ele chama de *eudaimonia*. Para Aristóteles tudo na natureza tinha uma finalidade, e esse sim esperado permitiria um bom funcionamento das coisas. O homem, diferente das plantas e animais possui razão. Por isso, Aristóteles considera que existiria um fim mais elevado para os seres humanos, sua felicidade seria aquela onde exercemos nossas virtudes, utilizando-se para tanto da energia da alma e da razão. (SAGER, 2013).

Segundo Vaz (2012), para Aristóteles, existiriam 3 modos de vida: o modo de vida prazeroso e agradável; o modo de vida político e o modo de vida contemplativo. O primeiro tipo seria o modo de vida de um animal irracional, guiado pelo instinto e pelo prazer. Aristóteles considera que muitos homens viveriam se igualariam ao modo de vida escravo, considerado por ele como bestial. No modo de vida político por sua vez, exige que o homem faça política, ou seja, que realize a “*politéia*” (todos os procedimentos feitos na *pólis* grega). Por essa razão o espaço propício para a política segundo Aristóteles, não por acaso seria a *pólis*, a cidade, onde o homem pode se expressar e mostrar seu caráter e virtudes. O modo de vida contemplativo seria de responsabilidade do filósofo. A ele caberia contemplar o divino e as coisas naturais, do belo eterno, da verdade e da razão suprema (Deus). Até atingir o modo de vida contemplativo

e do mesmo modo o político seriam necessárias o hábito, a experiência e o tempo pois, de modo que o homem possa desenvolver suas potencialidades.

Se embora Aristóteles restringe o espaço de política à cidade, o ato de contemplação do divino e a natureza ao que parece além da cidade poderia ter como foco as áreas rurais, onde a natureza e o divino ganhariam contornos mais nítidos. Tanto o modo de vida contemplativo como a política necessitariam do exercício do hábito para que atingisse os fins desejados. O poder de mobilidade de nobres e pensadores dessa época, aliados ao seu poder econômico demonstram as discrepâncias sociais do lazer restrito a uma minoria da sociedade.

Inúmeras críticas, no entanto, são feitas a visão de lazer de Aristóteles que está pautada na escravidão de um grande número de pessoas para que uma pequena minoria possa usufruir da política, lazer e contemplação.

Para Sager (2013), artesão e escravos não poderiam ser virtuosos já que não poderiam ter o lazer necessário para desenvolver atividades benéficas e si mesmo pois estariam ocupados realizando atividades servis como de utilidade pragmática como a carpintaria, artesanatos e outras. Aristóteles admira a vida política e reconhece a importância da virtude cívica, que também dependeria do lazer. Segue nessa mesma linha de pensamento afirmando que em uma sociedade onde o lazer é ausente, gerará cidadãos mal informados e apáticos, incapazes de governarem a si mesmos de acordo com o que é bom.

Os romanos teriam seguido os ideais gregos de predominância do lazer em detrimento do trabalho, em que a negação do trabalho receberia o nome de “*negotium*”. Embora Cícero considera-se a importância do lazer para arte de governar, Sêneca teria mantido grande influência de Aristóteles em seus escritos. Nos estágios iniciais de ascensão do cristianismo, segundo Sager (2013) preservou muitos aspectos da concepção antiga de lazer. Muitas passagens bíblicas que evocam a contemplação, assim como a ideia de Santo Agostinho da contemplação de Deus. Esse último, teria preservado muitos aspectos do pensamento de Aristóteles na defesa para a vida contemplativa. No entanto, o período medieval desenvolve-se uma ideia de lazer completamente diversa da de Aristóteles, ou seja, do ideal de uma vida monástica de divisão rígida do tempo e da valorização do trabalho físico de oração e trabalho. No final do período medieval e início do renascimento a ideia de contemplação da natureza proposta por Aristóteles e Tomás de Aquino dá lugar a um raciocínio tecnocrático instrumental de reformular e controlar a natureza para fins específicos. Nesse sentido, as proposições de

Francis Bacon de que a ciência deve transformar a natureza e a sociedade de modo a aliviar as misérias humanas, conforme propôs em sua obra literária intitulada “Nova Atlantis”. De forma semelhante, Thomas More, desenvolve sua ideia de sociedade utópica em que todos possuam tempo livre para que estudem e busquem uma formação que os satisfaça individualmente. Outra mudança sob a perspectiva do trabalho e conseqüentemente do lazer ocorre com a Reforma Protestante, especialmente no calvinismo. Martin Luther e John Calvin criticaram a vida monástica, considerando-a como ociosa e conclamaram os cristãos para descansar em trabalho. (WEBER, 2002). No início da era moderna, surge a teoria do valor do trabalho com suas origens em Locke (1998, 1999, 2005) e seu desenvolvimento por Smith (1996) e Ricardo (1996). Locke afirmou que criamos valor por meio da transformação da natureza pelo trabalho.

No século XX, assiste-se ao surgimento da personificação do *Homo economicus* (homem econômico), em que a função do lazer desaparece em favor de um trabalhador produtivo orientado pela administração burocrática e tecnocrática.

Na tradição hegeliana, o trabalho se torna fundamental para a natureza humana. Para Hegel (2002), o trabalho distingue os seres humanos dos outros animais. Segundo Albornoz (2010), Hegel (2002) considera que o trabalho seria uma atividade espiritual e que o homem só podia realmente cumprir seu papel se fosse capaz de satisfazer suas necessidades por meio do trabalho. Ele teria formulado ainda a primeira teoria filosófica do trabalho, em que o trabalho fizesse com que o egoísmo fosse substituído pela realização das necessidades de todos. Nesse sentido a liberdade de nossa sociedade também seria resultado, portanto do trabalho.

Ao contrário da ideia depreciativa do trabalho, segundo a visão aristotélica, Hegel considerava que o trabalho não seria externo as pessoas, muito pelo contrário, ele seria criativo, envolvendo atividade intelectual bem como trabalho físico e auto realização.

A crítica marxista, no entanto, se dirige de forma ampla ao capitalismo e de sua gestão científica das pessoas através da alienação do trabalho. Tal gestão tecnocrática reduz o trabalhador a uma simples peça da fábrica, que realiza atividades monótonas em série, privando os trabalhadores de desenvolver e exercitar sua criatividade, gerando o que o marxismo denominou de alienação do trabalho.

Além disso, no marxismo, o trabalhador teria seu trabalho expropriado pelos donos dos meios de produção e sua força de trabalho transformada em mera mercadoria. O lazer provoca

ainda muitos questionamentos e pensadores procuram responder quais são as bases das escolhas das atividades de lazer e o valor intrínseco atribuído a cada atividade.

A noção de valor em relação a essas atividades, portanto é de suma importância para entender as escolhas e o valor atribuído pelos indivíduos. Alguns teóricos afirmam que as escolhas estão baseadas na ideia da recompensa ou do prazer que o indivíduo pode obter com tais atividades. O posicionamento teórico de Bentham (1984), teria influenciado muitos cientistas sociais que buscam evitar juízos de valor controversos em suas teorias. Filósofos da teoria do lazer consideram que as preferências das pessoas possuem muitas fontes, alguma delas oriundas inclusive de raciocínios errados e mesmos conflituosos. (SARGER, 2013).

O utilitarismo de John Stuart Mill, critica Bentham (1984), que sua versão do hedonismo psicológico, por ignorar o que ele chama de distinção de prazeres superiores e inferiores. Os primeiros exigiriam o intelecto e a imaginação, possuindo dessa forma mais valor, ao passo que o segundo, seriam meros prazeres corporais. Segundo ele, por exemplo uma vida contemplativa em frente a televisão é inferior a uma vida de colaboração científica. Mill e Rawls estão comprometidos com uma teoria moral chamado perfeccionismo que incentiva as pessoas a se esforçar em direção a excelência humana pelo desenvolvimento de seus talentos. O perfeccionismo teria suas raízes no pensamento de Platão, Aristóteles e seus defensores incluem filósofos tão diversos como Spinoza, Kant, Hegel, Marx, Nietzsche e outros. A liberdade do lazer levaria a desenvolver os talentos ou faculdades que contribuem para o florescimento humano. A corrente perfeccionista, deve-se não só buscar a felicidade, mas a excelência humana.

## **2.2. Uma discussão de lazer no contexto contemporâneo**

Traçado um breve histórico e filosófico do entrelaçamento entre a religião, trabalho e lazer, faz-se necessário uma discussão contemporânea do lazer e do ócio para melhor compreender como estes se entrelaçam com a religião na atualidade.

Talvez a primeira advertência que seja necessário realizar é de que como bem expõe Marcelino (2006, p. 14-15), não é possível entender o lazer isoladamente, sem relação com outras esferas da vida social, pois o lazer influencia e é influenciado por outras áreas de atuação numa relação dinâmica. “O entendimento do lazer de maneira isolada, sem considerar as mútuas

influências das outras esferas da vida social, pode provocar uma série de equívocos”. A palavra lazer teria sido por muito tempo associada pela população como atividades recreativas ou eventos de massa. Até mesmo nos órgãos públicos existe uma indefinição ao se conceber Secretarias ou Departamentos de esporte, turismo e lazer, esporte e lazer, etc. Para Marcelino (2006), tudo isso contribui para que acabe se perpetuando uma visão parcial e limitada das atividades de lazer, o que acabaria por restringir seu âmbito e dificultando, portanto, o entendimento do fenômeno.

A premissa inicial para discussão do conceito de lazer passa, antes de mais nada, pela definição do que é o tempo livre ou tempo disponível como preferem alguns autores<sup>13</sup>. Segundo Ferreira (2010), o tempo seria dividido em tempo de trabalho e tempo livre, sendo que este último abarcaria administração familiar, atividades sociais e atividades de entretenimento. Observa-se, com isso, que apenas uma parte do tempo livre pode ser destinada ao lazer. Para Lohmann e Panosso Neto (2008) o lazer não deve ser uma negação do trabalho e sim um o complemento do outro, pois para existir a categoria tempo livre e conseqüentemente o lazer é necessário o trabalho. Entretanto a necessidade de existência de trabalho para a prática de lazer é refutada por diversos autores que por exemplo, estudam o lazer com sujeitos encarcerados (MELO, 2007; BETINE DE ALMEIDA 2003, 2005, 2008). Podemos acrescentar que a concepção de trabalho, tal qual concebemos em sociedades industriais não são encontradas em sociedade tradicionais, razão pela qual devemos contextualizar sob qual forma de lazer e trabalho estamos nos referindo.

Segundo Gomes (2004, p. 120):

Trabalho e lazer, apesar de possuírem características distintas, integram a mesma dinâmica social e estabelecem relações dialéticas. É preciso levar em conta o dinamismo desses fenômenos, atentando para as inter-relações e contradições que eles apresentam. Em virtude deste aspecto, trabalho e lazer não constituem pólos opostos, representando faces distintas de uma mesma moeda. (GOMES, 2004, p. 120).

Concordamos que o trabalho bem como o lazer possuem características distintas, sejam elas de natureza ou material ou subjetiva e que são nitidamente dinâmicas e complexas, não podendo ser possível de maneira unilateral por apenas um método de análise.

Mascarenhas (2005), nessa perspectiva em que o lazer não é definido em relação ao trabalho, não existiria, portanto, a antinomia tempo livre e tempo de trabalho, mas sim de um tempo livre e tempo das obrigações. Assim sendo, na opinião do autor, tudo aquilo que vai de

---

<sup>13</sup> Marcellino (1987) considera que tempo disponível seria mais adequado que tempo livre, uma vez que segundo ele tempo nenhum está livre de coações ou normas de conduta social.

uma simples contemplação ao trabalho, prazeroso e gratificante, percebido como não obrigação, seria considerado tempo livre.

Ainda sobre o tempo livre, Elias e Dunning (1992, p. 110), consideram que este pode ser utilizado segundo sua classificação para: 1) trabalho privado e administração familiar; 2) repouso; 3) provimento das necessidades biológicas; 4) sociabilidade; 5) atividades miméticas ou jogo. Nessa última categoria estariam efetivamente as atividades de lazer o que demonstra, portanto que parte considerável do nosso tempo livre não é, portanto, lazer. Como reitera Ferreira (2010, p. 40), “a maioria das atividades de lazer corresponde às atividades realizadas no tempo livre, mas nem todas as atividades realizadas no tempo livre são consideradas atividades de lazer”.

Jost Krippendorf (2003, p. 37) reitera que desejamos aproveitar nosso tempo livre, para que sejam satisfeitos nossos desejos que não foram realizados no cotidiano do trabalho e no dia-a-dia. Para o mesmo autor, geralmente tais necessidades são, via de regra sanadas fora de casa, excluindo-se os casos de “alguns privilegiados” como artistas, professores, pintores, músicos, escritores, que seriam livres e determinam seu próprio ritmo de trabalho e cuja residência nada falta. Por outro lado, a grande maioria da população que é “escrava do trabalho” e que faz parte da sociedade industrial precisa dessa fuga, ou desse consolo externo que pode ser suprido pelo lazer e pelo turismo.

Quando Krippendorf (2003) se refere aos nossos desejos, se refere a motivação que nos leva a praticar essas atividades de lazer, que podem ser concretizadas nos mais diversos espaços geográficos, seja em nossa casa, em outra cidade, país ou seja até mesmo em um espaço de realidade virtual. A satisfação em cuidar do jardim ou brincar com os filhos dentro do espaço familiar, assim como muitas outras atividades, cremos exemplificar essa hipótese. De forma semelhante, segregar a felicidade e autossatisfação a determinadas classes, ou profissões pode ser uma generalização perigosa, dada a complexidade e fluidez<sup>14</sup> de nossa atual sociedade. O mesmo autor, ressalta que nas profissões que ele intitula como “privilegiados” muitas vezes se escravizam até mais que operários, podendo também se tornar um mecanismo de alienação e de frustração, como os *Workaholic*<sup>15</sup> Muitas atividades tidas como obrigatórias como o trabalho formal, trabalhos domésticos, obrigações familiares e sociais podem ser para muitos, uma

---

<sup>14</sup> Aqui nos referimos ao termo da sociedade líquida cunhada pelo sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, radicado na Inglaterra, segundo o qual considera que essa sociedade líquida, essa fluidez é caracterizada pela incerteza e insegurança do sujeito pós-moderno, que não tem mais referencial nenhum para construir sua vida, a não ser ele mesmo. O fluidez ou liquidez da sociedade portanto seria essa incapacidade de tomar forma fixa.

<sup>15</sup> Uma gíria de língua inglesa que designa pessoas viciadas em trabalho.

atividade voluntária e que lhe proporciona prazer, entretenimento e diversão, embora outros considerem obrigação social. Um exemplo fornecido por Costa (2015), exemplifica bem uma situação concreta. O pesquisador relata que a praça de alimentação que ele frequentava normalmente tinha um caráter simplesmente de alimentação, contudo, quando estava reunido com seus colegas de pós-graduação após as aulas, esse mesmo local se tornava um local de lazer.

Muito embora se estabeleça uma ligação entre lazer e prazer é necessário lembrar que nem mesmo as atividades consideradas como propriamente lazer estão livres de frustrações, como apontam Lohmann e Panosso Neto (2008). Embora atividades de lazer visem o prazer, essas duas não podem ser consideradas como sinônimas pois tais buscas nem sempre são satisfeitas. Para Gutierrez (2001, p. 7) “lazer não pressupõe necessariamente a consumação do prazer”. Assim podemos afirmar que um torcedor de futebol que vai a um estádio a assistir seu time jogar o faz por prazer, todavia, a ansiedade e o sofrimento antecedem o resultado final, que pode ser a consumação do prazer pela vitória ou sentimentos negativos de derrota. Poder-se-ia ainda, citar o exemplo de um fiel, que vai em busca do culto pela satisfação e plenitude espiritual e pode ou não encontrar eco em seus desejos, como também o fiel que vai ao culto carregado de sofrimentos, encontrando conforto e por que não dizer um prazer espiritual, que a princípio não era esperado.

Outro fator que chama atenção, ainda na citação de Krippendorf (2003), é justamente a dualidade do lazer considerado por alguns como mecanismo de fuga ou alienação ou por outro lado de emancipação, liberdade e crescimento pessoal. Embora Marcelino (2006) reconheça que o lazer frequentemente é considerado uma atividade de livre escolha, de caráter desinteressado, o mesmo pode ser influenciado por atividades compulsivas, modismos e status. Por outro lado, o mesmo autor critica a visão unilateral do lazer que segundo ele pode provocar uma série de riscos “como a sua utilização como fuga, alienação e simples consumo”. Assim é possível questionar até que ponto os sujeitos são livres para escolher, já rotineiramente somos alvos de influências ideológicas diretas ou indiretas? Outro ponto de debate no conceito de Marcelino (2006) é o “caráter desinteressado”, haja vista que grande parte das ações humanas carregam em si, interesses conscientes e objetivamente bem definidos enquanto outros residem em nosso inconsciente. Necessário levar em consideração que numa sociedade permeada por diversos conflitos de ordem econômica, ideológica e sociocultural, muitos indivíduos e grupos sociais entram em conflito pelos mais variados interesses. E partindo da premissa que o lazer é

uma atividade com potencial de transformação, seria contraditório afirmar que ela é desinteressada.

Outros autores fazem um “elogio” ao lazer como finalidade da existência e ideal de felicidade (MASI, 2000; 2001; 2003; RUSSEL, 2002; HUIZINGA, 2012), ou ainda como fator de autonomia, liberdade e crescimento pessoal. Marcelino (2006, p. 15), também critica esse ponto de vista segundo qual poder-se-ia atingir o sentido da vida “num fim de semana, ou uma viagem, muito embora essas ocasiões possam ser consideradas como possibilidade de felicidade e formas de resistência para o dia-a-dia.” Marcelino (2006, p. 15) reitera que “um trabalho empobrecedor está ligado a um lazer empobrecedor e vice-versa”. O autor lembra ainda que o lazer não pode ser entendido como um simples assimilador de tensões ou “alguma coisa boa que ajude a conviver com as injustiças sociais”.

O lazer como ‘assimilador de tensões’ não teria essa função de desviar a atenção dos problemas sociais e pessoais, ou da exploração de muitos por poucos, perturbadora da ‘paz social? A tensão, em certo grau, não seria necessária para percepção das problemáticas individual e social? (MARCELINO, 2006, p. 16).

O conceito de lazer do autor, considerado pelo prisma cultural, parte da premissa dessa atividade como uma das importantes dimensões da cultura, tal como o trabalho, educação, família e outros.

Para chegar a uma definição de lazer, Dumazedier (1973) identificou algumas características que constituiriam o lazer. A primeira delas é a livre escolha da atividade e seu caráter libertário, ou seja, o tempo que restaria o indivíduo depois das obrigações profissionais, familiares, sócio espirituais e sociopolíticas. Um segundo aspecto seria o caráter desinteressado, em que o indivíduo não buscaria nesse nenhum fim lucrativo, profissional, utilitário, ideológico, material, social, político, sócio espiritual. Na sequência, o caráter hedonístico marcado pela busca de um estado de satisfação. Para Dumazedier (1973) a busca pelo prazer, felicidade, alegria ou fruição é de natureza hedonística e representa a condição primeira do lazer. E por fim o caráter pessoal, em que seriam inseridas as funções do lazer que por sua vez responderiam às necessidades de cada indivíduo.

Dessa forma, Dumazedier (1973), chega a definição de que o lazer seria:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1973, p. 34),

Ao analisar a definição de Dumazedier (1973) o lazer só seria possível depois do indivíduo se tornar livre de suas obrigações. Para o autor, não são lazer atividades rituais ou ligadas ao cerimonial, resultantes de uma obrigação familiar, social ou espiritual (visitas oficiais, aniversários, reuniões políticas, ofícios religiosos) (DUMAZEDIER, 1976).

[...] o caráter desinteressado do lazer o autor assume que tal experiência não atende a nenhum fim ideológico ou proselitista, de forma que - se o lazer obedece parcialmente a um fim lucrativo, utilitário ou engajado, sem se converter em obrigação, já não é mais totalmente lazer". (DUMAZEDIER, 1999, p. 95)

Todavia, Dumazedier, diferentemente da escola recreacionista, considera que existe a possibilidade de interface entre religião e o lazer, ou seja, que haveria a possibilidade de invasão de modelos culturais de lazer na esfera religiosa. Nesse sentido, o autor adota o vocábulo semi-lazer, para atividades que estariam em oposição aos fenômenos por ele estudado. Em suas palavras:

observa-se, principalmente em certos meios e grupos de jovens, formas de atividades ambíguas de caráter religioso ou pseudo-religioso, de inspiração muitas vezes oriental, onde se mesclam o ideal e a mística, o sonho e a metafísica, o erotismo e o transnatural, etc. Tais atividades são exercidas dentro de pequenos grupos ou de grandes ajuntamentos em fins de semana ou em férias: a celebração, a festa, o lazer coletivo aí se imbricam em proporções variadas: semiculto, semilazer. (DUMAZEDIER, 1999, p. 90).

Todavia, como já ressaltado anteriormente, muitas dessas obrigações como por exemplo: participar de atividades religiosas ou brincar com os filhos podem ser atividades geradoras de diversão, recreação e prazer. Tudo depende do significado atribuído que sujeito às suas motivações e práticas. Dessa forma, corroboramos nossa insatisfação com a definição de lazer de Dumazedier, obtido pelo relato de Costa (2015, p. 20), que diz:

No avançar da graduação em Ciências Humanas, também cursei a disciplina Fundamentos do Lazer, conhecendo a perspectiva teórica de Dumazedier. Muito me incomodava a definição do lazer em oposição às obrigações, visto que, em seu quadro teórico, a religião era interpretada como obrigação. Isso porque eu conhecia algumas igrejas em Juiz de Fora (MG) que promoviam práticas com os mesmos conteúdos culturais que foram apresentados como característicos do lazer pelo próprio Dumazedier (1976). Minha impressão era de que esta perspectiva teórica estava muito distante da realidade que podia ser observada. (COSTA, 2015, p. 20)

Liberdade e desinteresse marcam o conceito de Dumazedier (1973), muito embora possa ser questionado até que ponto o que move o indivíduo é realmente uma "livre". Contraditoriamente somos influenciados direta ou indiretamente por forças mercadológicas, sociais e outras que o afetam nossas escolhas cotidianas afetando com isso nossos interesses e nossa suposta liberdade de escolha.

O avanço da história e o desenvolvimento da própria ciências e de seus novos paradigmas e perspectivas de análise, nos levam a vislumbrar novas problemáticas de pesquisa sob novas óticas. Imprescindível também é considerar a influência que o pensamento de Dumazedier teve no Brasil.

Uma grande preocupação surge com o intuito de ocupar o tempo livre das pessoas. Costa (2015) citando Ferreira (1959), considera que para esse autor o lazer como um tempo que deveria ser preenchido pela recreação, sendo essa última como uma possibilidade de preencher o tempo desocupado dos sujeitos. Nas palavras de Costa (2015, p. 42):

Tal perspectiva está imbuída da ideia de que é necessário ocupar as pessoas que adquirem um tempo livre com atividades consideradas —saudáveis (GOMES, C. L., 2004, p. 120). Havia entre as elites políticas um medo de que as pessoas que tivessem a jornada de trabalho reduzida ficassem ociosas, envolvendo-se em atividades nocivas à sociedade. Sendo assim, durante muito tempo, a concepção que serviu de orientação política no Brasil foi a de que o lazer é um período de tempo que deve ser — racionalmente organizado e adequadamente preenchido (GOMES, C. L., 2004, p. 120). Ainda hoje grande parte das políticas públicas de lazer é feita com o objetivo claro de evitar que as pessoas, sobretudo os jovens, —caiam na ociosidade, que é tida como um mal para a sociedade. (COSTA, 2015, p. 42)

Costa (2015), reitera que nesse sentido, a preocupação com o tempo livre acaba se tornando uma questão central para algumas tradições religiosas, principalmente as de matriz protestante. E não é de se espantar que tal lógica tenha surgido justamente nos Estados Unidos, um país majoritariamente protestante, marcado pelo protestantismo de vertente puritana. O puritanismo que é um dos modos da fé cristã originário do século XVII. Vertente essa que via o lazer com certas ressalvas, uma possível ameaça ao trabalho, este último considerado uma vocação dada por Deus aos homens. Em razão disso, as práticas de lazer eram vistas com certo cuidado, pensando-se na disciplina na ocupação adequada do tempo, que por sua vez era uma das características da escola recreacionista. Tal forma de se conceber o lazer permeava não só o Estado na metade do século XX mas também em diversas instituições, incluindo igrejas protestantes clássicas, tais como a metodista, a presbiteriana, a congregacional e a batista. Costa destaca que

[...] no Brasil, entre 1916 e 1952, sob a influência de uma —Teologia do Evangelho Social, algumas igrejas protestantes de maior porte criaram centros sociais em que eram oferecidos vários serviços, entre eles, os que o historiador denomina de —recreação. É relevante este traço, pois demonstra como as igrejas protestantes começaram a se envolver em atividades de lazer, muito antes da emergência das igrejas ditas neopentecostais, geralmente vistas como —mais modernas. Eram atividades desenvolvidas com a meta de ocupação —saudável. (COSTA, 2015, p. 43)

A religião, portanto, acaba se manifestando no lazer. Dumazedier (1976), considera que algumas práticas culturais típicas do lazer: turismo, teatro, dança, espetáculos, jogos, literatura, seriam conteúdos culturais do lazer (DUMAZEDIER, 1999) e identificadas com o tempo livre moderno. Para Costa (2015), portanto, quando a religião se manifesta em meio a essas atividades, seria como se a mesma estivesse transgredindo um espaço que não era seu e é por essa razão a incursão religiosa numa perspectiva modernista seria algo considerado ilegítimo. Ainda para o mesmo autor (2015), algumas atividades que hoje preenchem o lazer dos modernos teriam origem religiosa.

Outras duas questões fundamentais colocadas por Dumazedier (1999), é em relação ao tempo e o lazer. O lazer é considerado como uma criação moderna (DUMAZEDIER, 1976), tendo sua origem associada ao industrialismo. Segundo ele, as sociedades modernas operaram a revolução cultural do tempo livre (sendo um dos traços da modernidade seria a explosão do lazer segundo Dumazedier - 1994). E nesse sentido religião a lazer hora acabam possuindo pontos conflitantes, já que a religião está ligada a tradição e o lazer a modernidade. Nesse processo de modernização, portanto, registra-se não só um aumento das horas livres conquistadas com os direitos trabalhistas, como também se verifica que a igreja tem uma redução do controle da vida dos fiéis por consequência de seu tempo livre. Fica o questionamento se esse vácuo deixado pela igreja foi ocupado pela livre iniciativa do indivíduo ou sua tutela foi relegada para o mercado.

Nesse sentido, reafirmamos nossa posição, que no caso específico da Igreja Assembleia de Deus, consideramos que a igreja em seu discurso, traz certezas, em um mundo cheio de dúvidas; evoca a ideia de valores familiares tradicionais num momento em que a ideia de família tradicional é contestada; busca fundamentar os relacionamentos afetivos em bases sólidas enquanto o mundo nos oferece relacionamentos superficiais ou líquidos (para utilizar a expressão de Bauman). Sendo assim, em nossa concepção, de modo amplo podemos considerar que muito embora as igrejas e religiões busquem se adequar os seus contextos históricos e socioeconômicos, temos presente a ideia de que o discurso da igreja Assembléia de Deus, se pauta na concepção de uma modernidade sólida, de uma retropia, enquanto a sociedade está imersa em um universo circundante pautado pela fluidez das coisas, objetos e relações.

Talvez a concepção de Mascarenhas (2005), se aproxime mais de nossas inquietações ao considerar que é pela busca de experiências prazerosas vivenciadas pelos indivíduos podem

ser identificadas como lazer, desse modo, resguardadas as características do prazer e da satisfação.

Nesse sentido até o trabalho pode ser considerado como lazer. Assim defendemos que o conceito de lazer não pode estar atrelado ao modelo de sociedades industriais, nem mesmo ao sistema capitalista, ou visto pelo prisma dual entre trabalho versus lazer. Podemos dizer que mais do que definir atividades ou locais de lazer de maneira euclidiana, preferimos considerar que o lazer é a busca de satisfação, realização ou prazer, ainda que esta não se consume, de acordo com os interesses dos sujeitos. Nesse sentido o lazer seria mais uma busca de realização de nossas vontades e desejos. Ou segundo Ferreira (2010, p. 43), as atividades voltadas ao lazer procuram proporcionar uma excitação agradável ou um estímulo das emoções, por intermédio de escolhas e vontades individuais. O lazer seria, portanto, uma combinação de tempo e de atitude que por meio da ação dos sujeitos o torna único.

### **2.3 Trabalho, lazer e religião numa perspectiva bíblica**

Embora possa se questionar que o lazer seria uma construção recente quando comparada a religião, consideramos importante ponderar que seja pelo lazer ou ócio, esta presente nos livros sagrados, mesmo que não com essas palavras e conceitos. O que os indivíduos fazem em seu tempo livre sempre foi uma preocupação da sociedade como um todo e também das igrejas.

Teologicamente, desde o início do universo há a percepção da necessidade do descanso. De acordo com o livro do Genesis, na Bíblia Sagrada, após 6 dias criando o mundo “[...] Deus acabado no dia sétimo a obra que fizera, **descansou no sétimo dia** de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que Deus criara e fizera” (Bíblia Sagrada, 2005 - Gênesis 2:2-3 – grifo nosso). Essa passagem bíblica deu origem à concepção do dia de repouso, que usualmente em algumas religiões também consiste no sexto dia.

Para os judeus o dia de descanso é o sábado ou “*shabat*” que significa em hebraico, parar e descansar. O sábado seria consagrado, assim ao descansarem neste dia os israelitas contemplavam e se alegravam com as obras de Deus e as bênçãos que emanam desse dia. Para

o autor, Jesus Cristo foi outra personagem bíblica que teria feito ressalvas em relação ao sábado. Para Jesus este dia deveria ser destinado para servir as pessoas, e não as pessoas para servirem o sábado, como se esse fosse um dia santificado.

Muito embora existam outras passagens bíblicas<sup>16</sup> que contrariem tal passagem, afirmando que Deus nunca se cansou e nunca cessou seu trabalho<sup>17</sup>. Tal discussão a respeito do descanso ou não de Deus é uma discussão de fundo teológico a qual não adentraremos no mérito dessa questão. Todavia não podemos desconsiderar o fato que um dos objetivos de qualquer cristão na busca pelo paraíso ou céu, seja em muitos casos a busca pelo “descanso eterno”, após a morte.

O fato é que tal preceito religioso legou ao mundo cristão um dia de descanso. Ainda que este não seja no sétimo dia, e sim no primeiro, como é o caso do domingo como dia de descanso. Este surgiu em 321 D.C., com o imperador Romano Constantino, que o instituiu por meio de decreto imperial que o primeiro dia da semana judaica fosse o dia de descanso geral. A ideia de transpor o dia de descanso do sábado para domingo é estranha ao cristianismo primitivo. Segundo alguns, Constantino, quis agradar os adoradores do sol que tinham o domingo como dia resguardado e os judeus que tinham no sábado tal função. Tal dicotomia entre resguardar o sábado e o domingo persiste até os dias atuais, a exemplo dos adventistas, que diferentemente de outras religiões cristãs guardam o sábado em detrimento do domingo:

A Igreja Adventista do Sétimo Dia reconhece o sábado como sinal distintivo de lealdade a Deus (Êx 20:8-11; 31:13-17; Ez 20:12, 20), cuja observância é pertinente a todos os seres humanos em todas as épocas e lugares (Is 56:1-7; Mc 2:27). Quando Deus “descansou” no sétimo dia da semana da criação, Ele também “santificou” e “abençoou” esse dia (Gn 2:2, 3), separando-o para uso sagrado e transformando-o em um canal de bênçãos para a humanidade. Aceitando o convite para deixar de lado seus “próprios interesses” durante o sábado (Is 58:13), os filhos de Deus observam esse dia como uma importante expressão da justificação pela fé em Cristo (Hb 4:4-11). (Fonte: <http://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/observancia-sabado/>)

---

<sup>16</sup> “Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa nem se fatiga?” (Bíblia Sagrada, 2005 - Isaias 40:28).

<sup>17</sup> Ao realizar um milagre no dia de sábado. “Por essa razão, os judeus perseguiram a Jesus e tentavam matá-lo, pois Ele estava fazendo essas coisas durante o sábado. Mas Jesus respondeu a eles: “Meu Pai continua trabalhando até agora, e Eu também estou trabalhando.” Por isso, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu Pai, fazendo a si próprio igual a Deus”. (Bíblia Sagrada, 2005 – João, 16:18).

Importante destacar nessa passagem a exigência de se resguardar o sábado, como uma prática que deve permanecer para todos os seres humanos (não só os adventistas) em todos os tempos e lugares. Nessa passagem fica demarcado o sábado como um dia sagrado voltado à Deus, negligenciando-se, portanto, os interesses pessoais. Como será visto mais a frente seja na preservação do sábado ou do domingo como dia santo, se verificará que em muitos casos, a totalidade do dia acaba se restringindo a algumas horas do dia para práticas religiosas.

Embora as discussões dos dias santos sejam explícitas na Bíblia Sagrada, o mesmo não se pode dizer do lazer, este último, tratado por vezes de forma indireta como ato de contemplação, festa, confraternização, alegria, prazer ou descanso.

Já a discussão de ócio e trabalho são bem mais claras e diretas na Bíblia Sagrada. A concepção de ócio e a necessidade de retirar da terra o sustento é percebido no Livro do Gênesis. De acordo com este, Adão e Eva (personagens Bíblicos) viviam no paraíso em uma eterna condição de não trabalho. No entanto, esta condição é quebrada e ocorre sua expulsão de devido a terem descumprido as determinações de Deus e entrado em pecado. Deus teria com o pecado, punido o primeiro casal os condicionando a trabalhar na terra e tirar dela seu alimento. Nas palavras bíblicas “Com o suor de seu rosto comerás teu pão, até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás”. (BÍBLIA SAGRADA, 2005 - Gênesis 3:17-19).

Este fragmento de história de relatos Bíblicos, permite Chauí (2012, p. 77) descrever que “ao ócio feliz do paraíso segue-se o sofrimento do trabalho como pena imposta pela justiça divina, e por isso os filhos de Adão e Eva, isto é, a humanidade inteira pecará novamente se não se submeterem à obrigação de trabalhar”. Neste contexto, a condição de ócio no paraíso apontada pela autora talvez deva ser repensada já que não existira o ócio propriamente dito no paraíso já que esse era o único modo de vida possível.

Chauí (2012) reitera que a ideia de trabalho como punição não é uma exclusividade da tradição judaico-cristã e que ele estaria presente em quase todos os mitos que narram a origem da sociedade humana na qual, o trabalho é considerado uma punição por erros anteriormente cometidos. Não é por acaso que a uma das etimologias da palavra trabalho em sua raiz latina é *tripalium*, instrumento de tortura para empalar escravos rebeldes. Já no Latim, “*labor*” significa esforço penoso, dobrar-se sob o peso de uma carga, dor, sofrimento, pena e fadiga.

A morte por sua vez também é considerada como o descanso eterno para os católicos. Fica evidente a ideia de que o paraíso como *locus* de onde não há trabalho nem sofrimento e, somente após uma boa vida, seguindo os preceitos religiosos é que se alcançará o descanso almejado. As ações em vida terrena, portanto condicionam de certo modo a vidas pós-morte. O mundo material e o próprio corpo se tornam assim uma chave que dá acesso, portanto a esses mundos invisíveis.

Mesmo diante de tantas contrariedades ao lazer e ao ócio, haverá em qualquer religião atividades que serão permitas (*lícitas-licere*) à serem praticadas e práticas que serão inconvenientes, conforme afirma o apóstolo Paulo no Livro I Coríntios “Todas as coisas me são lícitas, mas nem tudo convém. Todas as coisas me são lícitas; mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (Bíblia Sagrada, 2005 – 1Co. 6:12). Esta citação “rege” os usos e costumes das muitas denominações religiosas no cristianismo, e apesar do homem possuir livre arbítrio ele é convidado à continuamente auto avaliar suas práticas e principalmente não se deixar dominar por essas práticas, ou seja, o sujeito não pode ser dominado pelas coisas terrenas, pelo “mundano”. Certamente que a consciência não é o único mecanismo de vigilância nesse processo, existindo ainda a cooperação de membros da própria denominação religiosa, membros da igreja e até mesmo o invisível, na figura de Deus e de anjos, que sondariam as ações humanas em todos os momentos.

Em uma postura mais crítica, aponta Romera (2008, p. 78):

A dificuldade de aceitação do lazer, ou ócio, tem causado, desde a antiguidade, certo temor a sociedade, e principalmente aos seus dirigentes políticos e religiosos. Influenciais dos dogmas religiosos, que sempre visaram ao controle do homem, de suas emoções e pensamentos, de seus desejos e de sua liberdade... (ROMERA, 2008, p. 78):

Baseando nesse contínuo exercício de santidade o homem terá a oportunidade de se religar a Deus, conforme afirma Santos (2003):

Na religião cristã o homem novamente religa-se a Deus, mas religa-se compreendendo em que este religamento não é mais para ele uma prisão, mas é a abertura para uma nova liberdade; a sua salvação não é apenas uma entrega, não é uma submissão, não é o aniquilamento, não é a anulação de si mesmo, ao contrário, é a elevação de si, é sua mais alta afirmação, é a aquisição dos maiores poderes para que possa, então, plenamente afirmar-se, a afirmação da sua personalidade, da sua vontade; este anelo para afirmar do bem e do seu entendimento, este anelo cheio de vontade da verdade, tudo isso poderá se unir nele para que se eleve, para que se engrandeça, para que atinja as raias do transcendente. (SANTOS, 2003, p.72).

E é em meio a este contexto de religar na dimensão espiritual, e na busca pela santificação, que as práticas de lazer são ressignificadas após a mudança de crença religiosa ou no contexto de formação e educação cristã, tanto no catolicismo quanto no protestantismo.

Se a origem mítica do mundo, segundo a Bíblia inicia com trabalho e finaliza com o descanso de Deus, a narrativa humana não difere muito uma vez que muitos fiéis costumam se referir a morte como o descanso eterno e onde a ausência de sofrimentos como será vislumbrado nos relatos dos fiéis. Conforme destaca Stadelmann (2016) a passagem da prece de Simeão:

A prece do profeta Simeão é dirigida a Deus, cuja presença se confirma pelo Espírito Santo que mora na alma dos fiéis e se manifesta no rito litúrgico da apresentação do menino Jesus por Maria no Templo. Sua despedida se situa na ocasião de desenlace, mas aspira a uma continuidade da presença divina além das barreiras da vida sensível até a vida eterna. Ele almeja que essa vida seja um descanso, **após as peripécias de uma agitação ininterrupta para assegurar o repouso merecido. O que ele deseja é o “descanso eterno” num ambiente de “paz”, ou seja, na fruição de um prazer que resulta dos dons sobrenaturais.** São sete ao todo: bem-aventurança eterna, reencontro dos falecidos no céu, integridade moral, domínio das paixões, ciência infusa, visão beatífica, imortalidade corporal no final da história da salvação. Ora, as pessoas agraciadas com esses dons têm que preencher uma condição *sine qua non* para merecê-los, caso contrário não terão a dita de recebê-los. É que precisam dar em troca algo do que têm de mais caro: isto é, a vida sensível (corpo, vida terrena, familiares, saúde, moradia, profissão, propriedades) (STADELMANN, 2016, p. 28).

Todavia, como bem lembra, a ideia de descanso eterno, nunca foi tão almejada, mas também alimentou períodos mais duros da história como relata Passos (2012, p. 185), o ajustamento da religião aos interesses humanos vem de longa data, a exemplo da Idade Média, onde as condições precárias e inóspitas, o que levou a certo desapego ao mundo e um desejo de se voltar para “a transcendência, à salvação da alma e o descanso eterno como meta”.

Como será visto na sequência, o lazer ganha contornos específicos em relação aos usos e costumes instituídos em cada contexto histórico. Muitos temas recentes em relação ao lazer e temas correlatos tem atraído pesquisadores por como o consumo cultural, mídia entre outros.

## 2.4 A perspectiva do lazer pelo protestantismo

O Brasil por sua colonização portuguesa, não só tem traços ainda muito marcantes do catolicismo, prova disso é o número de feriados e dias santos existentes no calendário nacional. Outro fato, que reitera a importância da religião para o lazer e o turismo é o interesse de pesquisadores (CHRISTOFFOLI, PEREIRA e SILVA, 2012; CHRISTOFFOLI, 2009; ARNT,

2006; RIBEIRO, 2010; ABUMANSSUR, 2003), em relação a temática, em especial da relação das festas com o turismo e o lazer (SCHAUFFERT, 2003; ARAGÃO, 2011; FARIAS, 2013). Outra linha de publicações na área abordam as peregrinações e romarias religiosas (D'ABADIA, 2003; TIMOTHY e OLSEN, 2007; XAVIER DE SOUZA, 2012; MAIA, 2010; SANTOS, 2010); o consumo e as religiões (MESQUITA, 2007; CAVALCANTE, 2012; STORNI e ESTIMA, 2010).

Já com o protestantismo, o lazer passa a ser considerado de forma reticente. Era um mal que deveria ser combatido. Por outro lado, o trabalho foi dignificado. O lucro por sua vez não é visto como pecado oriundo da usura e sim o resultado do esforço do trabalho cristão como forma de agradar a Deus. (GOMES, 2002).

A inserção do Protestantismo no Brasil teve dificuldades de inserção, devido a peculiaridades locais como é o caso já citado do imenso número de feriados e dias santos, que segundo Mendonça (2007, p. 171):

[...] deixava pouco espaço para o trabalho, isto é, mais lazer do que atividade produtiva, uma dupla moral para o casamento e, sob o ponto de vista político, uma monarquia supostamente “esclarecida” e socialmente escravista. Era tamanho o fosso que o protestantismo não teve outra saída senão converter os católicos e retirá-los para outro mundo, isto é, o da comunidade da fé (MENDONÇA, 2007, p. 171).

Entre os protestantes existem concepções diferentes do que é considerado como lazer e como ele é praticado. É possível que para manter e ampliar seu número de seguidores, algumas religiões evangélicas<sup>18</sup> tenham flexibilizado algumas práticas de lazer dentro dos pressupostos religiosos. Farias e Blanc (2011), por exemplo, ao discutir em seu artigo “Juventude, religiosidade e o ‘tempo livre’: formas de sociabilidades efetivadas por jovens universitários”, aponta por exemplo, que o tempo livre para os estudantes evangélicos significa participar de eventos, reuniões, confraternizações e cultos de sua Igreja, sendo que em algumas ocasiões assistem filmes com os amigos ou ainda se dirigem com os amigos do grupo religioso para uma lanchonete. O autor aponta ainda que existem para esses jovens os espaços de circulação que se subdividem em “espaços de perdição” e “espaços de salvação”.

Fernandes (2012) ao discutir em sua dissertação o tema “Geografia da Religião: um olhar sobre as espacialidades da juventude evangélica da Assembleia de Deus”, relata que

---

<sup>18</sup> Para Oliveira (2006 apud OLIVEIRA, 2009. p. 136), “evangélico são todos que participam de denominações religiosas que tiveram suas origens na Reforma Protestante. Entretanto, existem duas classificações para os evangélicos, que são os históricos (ou de missão, ou tradicionais) e os pentecostais. Dentro dessa classificação também existem sub-divisões, como por exemplo, os pentecostais que são divididos em: pentecostais clássicos, deuteropentecostais e neopentecostais”.

muitas das atividades realizadas pelos jovens são auto impostas e que não seriam necessariamente de lazer, tais como música e dança para os grupos de louvor; teatro para encenação de passagens bíblicas e para comemoração de datas especiais e ainda estudos bíblicos, vigílias e outros. Para Carrano (2002 apud Fernandes, 2012), tais atividades são providas de ludicidade e que a perspectiva de diversão está inserida na própria forma como elas são propostas. As atividades teriam a finalidade de proporcionar “espaços de diversão” dentro da Igreja para que os jovens não procurem os “espaços de perdição”, fora da igreja.

Segundo Cavalcante (2012), assim como a mídia evangélica, os espaços de lazer e consumo criado pelos evangélicos são como compensações do sistema excludente em que os fiéis da igreja estão inseridos na sociedade. Cavalcante (2012, p. 39) explica que os evangélicos no Brasil buscaram uma cultura de “repressão do corpo e de todo prazer que pudesse advir dele ou a ele ser direcionado”. Mais tarde, pressionados pelo fato de que o lazer e a diversão se constituem como quesitos no quadro de necessidades humanas, as igrejas históricas, com a diferença que o lazer praticado nas igrejas difere do lazer comum, já que o lazer e entretenimento religioso seria “consagrado”. Os protestantes clássicos consideraram que a abertura por ampliação do lastro permitido pelos lazares mundanos, principalmente e no tocante a Igreja Católica teria passado dos limites embora os neopentecostais entendam que o lazer pode existir desde que seja voltado para Deus e cercado pela santidade.

Nas igrejas neopentecostais principalmente, os jovens além de participarem das atividades religiosas regulares da igreja, estes acabam aproveitando o templo como um espaço de convívio, de encontros, festas religiosas, seminários, conferências. Muitos shows e festas gospel, atraem milhares de jovens que se divertem cantando e dançando dentro de espaços controlados e consagrados pelas igrejas. A música é um elemento essencial nesse processo segundo Cavalcante (2012, p. 40) que daria sentido a esse modo de vida religioso que além de uma expressão litúrgica seria também uma forma de mediação do sagrado. A música juntamente com o entretenimento seriam as bases da cultura gospel, uma cultura religiosa que constitui um modo de vida construído pelo segmento cristão evangélico brasileiro.

O consumo e o entretenimento segundo Cavalcante (2012), podem ser acessados não apenas nos locais de culto, mas também pela internet, canais de televisão on-line, revistas eletrônicas mensais, rádios que transmitem uma programação própria da Igreja via internet, entre outros. O autor chama à atenção que os produtos culturais no que se refere especificamente a Igreja Bola de Neve *Churc*, não são voltados exclusivamente a religião evangélica.

A pesquisa de Storni e Estima (2010) evidencia a importância que essa “indústria cultural” possui para as igrejas (em especial nas evangélicas)<sup>19</sup>. Storni e Estima (2010, p. 19), citando Prandi e Pierucci (1996, p. 260), lançam a ideia de que a religião estaria passando gradativamente para uma atividade focada no indivíduo e subsequentemente no consumo onde os indivíduos seriam obrigados “a seguir as regras do mercado”. Tal posicionamento é um tanto contraditório na medida em que muitas dessas religiões (como colocam os mesmos autores), ofertam aos seus adeptos bens simbólicos, moda, entretenimento, estilo de vida e identidade cultural, que são gestados para um grupo e não apenas para o indivíduo.

Outro estudo realizado por Costa (2015), analisa a sociabilidade interação entre jovens evangélicos de Juiz de Fora (MG) em diferentes espaços de lazer. O autor considera que ao contrário do que é comumente pensando:

A maneira como os jovens vivenciam a sua fé e desfrutam de seu lazer demonstra que o crente não é necessariamente avesso ao lazer. Ao lançar um olhar retrospectivo sobre seu sistema cultural é possível perceber que talvez nunca tenha sido. A moderação, o sectarismo e certo tipo de hedonismo parecem disputar a influência sobre o lazer. (COSTA, 2015, p. 8)

Interessante observar que o autor dessa dissertação de mestrado relata em sua pesquisa, que ele sendo evangélico, membro de uma Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), quando realizava graduação no curso de sociologia, teria se afastado da igreja ao ter tido contato com as teorias marxistas e a partir desse ponto:

[...] minhas convicções religiosas foram cada vez mais enfraquecidas e fui me afastando das atividades da igreja, até me tornar o que na linguagem religiosa evangélica se chama de —desviado. Para mim, foi um período de grande mudança de hábitos. Minhas vivências de lazer se tornaram outras. As músicas, os lugares, os eventos que me chamavam a atenção. Antes, meu interesse estava voltado para práticas cujos conteúdos tematizavam a religiosidade evangélica, nesse novo momento eu me abri a outras possibilidades, como shows não religiosos. O meu lazer começou a assumir outra forma à medida que me distanciava da vivência religiosa. (COSTA, 2015, p. 19)

Fica evidente nos casos citados que para que não percam seus “espaços de poder” as religiões passam por modificações, tornando-se mais tolerantes em relação as práticas de lazer,

---

<sup>19</sup> Segundo os autores somente no ano de 2002, foram vendidos 8 milhões de discos de música e mensagens cristãs o que equivale a 14% das vendas da indústria fonográfica nacional. Somente a igreja evangélica possui 30 gravadoras, enquanto os católicos. No que se refere as emissoras de rádio, 470 são evangélicas, contra 200 católicas. No que se refere a edição de livros religiosos as editoras católicas faturaram 91 milhões em 2002, contra 87 milhões das editoras evangélicas. No que se refere a mídia eletrônica os católicos possuíam 4 emissoras de televisão com 608 retransmissoras que multiplicam o sinal de TV por todo o território nacional. Já igrejas evangélicas detêm 93 emissoras e 5103 retransmissoras, números esses que demonstram a superioridade numérica dos evangélicos que possuem vinte vezes mais recursos que os católicos.

mas sempre mantendo o controle de tais atividades. A oferta de produtos religiosos (sejam eles música, programa de tv, literatura), bem como muitos eventos religiosos ocorrem em espaços da igreja, onde buscam por meio do controle privado exercer seu poder.

Importante ressaltar que entre as igrejas protestantes, há aquelas que não aceitam a modificação ou modernização de seus pressupostos religiosos como é o caso das igrejas luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas, consideradas integrantes do protestantismo chamado tradicional ou histórico. Todavia, o protestantismo enfrentou uma série de modificações, gerando o que se denominou de igrejas renovadas ou movimento carismático, fazendo surgir novas divisões no seio do protestantismo (MENDONÇA, 2005).

Assim como os protestantes acabaram alterando alguns de seus aspectos em função da cultura brasileira (como os feriados católicos por exemplo) da mesma forma outras religiões resultam moldadas de acordo com o local onde ocorrem, existindo assim um processo de resistência local em relação a religião e vice-versa. Poderíamos assim dizer que as religiões não são homogêneas e ganham contornos específicos de acordo com o local onde se instalam.

O lazer além de sua relação com a esfera religiosa, foi historicamente acompanhado em cada tempo histórico, por discussões filosóficas que por sua vez buscaram definir e fazer distinções entre outros conceitos correlatos.

## **2.5 Por uma abordagem líquida do lazer**

A nossa opção conceitual por uma conceituação de lazer, conforme já debatido anteriormente, defendemos que existem limitações teóricas ao conceber o lazer atrelado ao modelo de sociedades industriais, ou mesmo ao sistema capitalista, ou ainda considerado em uma dicotomia entre trabalho versus lazer. Preferimos mais do que definir atividades ou locais de lazer de maneira euclidiana, considerar que o lazer é a busca de satisfação, realização ou prazer, ainda que esta não se consume, de acordo com os interesses dos sujeitos.

Ou segundo Ferreira (2010, p. 43) as atividades voltadas ao lazer procuram proporcionar uma excitação agradável ou um estímulo das emoções, por meio de escolhas e vontades individuais. O lazer seria, portanto, uma combinação de tempo e de atitude, que pela ação dos sujeitos o torna único. Dessa forma consideramos que conceituarmos o lazer segundo uma perspectiva fluída (ou líquida para empregar o termo de Bauman (2001), coaduna com os objetivos desse trabalho de diferentes formas, seja pelo fato de que a conceituação

contemporânea de lazer não se enquadraria no atual contexto social dadas as limitações já discutidas e também por nossa experiência empírica em campo onde percebeu-se na voz de nossos sujeitos que lazer adentra o universo religioso. Onde a experiência religiosa se torna motivo de satisfação, realização é também prazer.

Aqui consideramos que não só o lazer pode ser considerado pela perspectiva da modernidade líquida de Bauman (2001), como também consideramos que assim como defendeu o autor, teria suas forças de tensão, no objeto de estudo em questão, primeiro a sociedade e a modernidade líquida que permeia toda a sociedade e por outro, certos redutos e instituições que resistem as mudanças dessa modernidade líquida, prometendo uma retropia<sup>20</sup> (BAUMAN, 2017a), ou seja, a tentativa de preservação de valores e formas de viver de tempos anteriores.

Ou seja, a Igreja Assembleia de Deus, ao que podemos perceber nos discursos de nossos sujeitos da pesquisa, busca ofertar a seus fiéis a ideia de que esta pode ser um reduto onde os valores tradicionais são preservados.

A Igreja seria uma forma de resistência a tempos incertos, permeados de insegurança, de relações pessoais superficiais e utilitárias. A igreja seria o espaço, o “porto seguro”, um fragmento de uma modernidade sólida em meio a uma sociedade líquida. Poderíamos assim como Bauman, nos utilizarmos da metáfora de que a religião, ou mesmo a igreja podem ser o pilar de sustentação para os naufragos da sociedade líquida atual.

Utilizamos tal metáfora por considerar que conforme os líderes religiosos e fiéis consideram, a igreja é uma forma de salvação do sujeito. Todavia, mesmo diante da segurança e suporte oferecido pela religião, não poderíamos desconsiderar a influência que a modernidade líquida exerce sobre esses sujeitos, ela os cerca por todos os lados. Esses sujeitos podem permanecer apegados a esse fragmento (tal qual destroços de um navio) que lhe dá suporte e sustentação na vida até a chegada do salvador (Jesus Cristo).

Por outro lado, podemos conjecturar a hipótese de que os indivíduos poderão abandonar esse ponto de apoio e tentar nadar em alguma direção em busca de sua própria salvação. O que

---

<sup>20</sup> BAUMAN, Z. Retropia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2017a. Conceito cunhado por Bauman que se refere ao desejo das coisas como eram no passado, ou seja, um retropia, uma utopia do passado.

queremos argumentar, portanto é que por maior que seja significativa a influência da igreja, haverá sempre influência externa da sociedade, podendo alterar seus usos e costumes.

Dito de uma forma mais exemplificada e pragmática, podemos citar o exemplo da restrição do uso da televisão e do rádio pelas igrejas evangélicas, inclusive na Assembleia de Deus, que hoje são permitidas pela igreja. Mais do que isso, algumas igrejas possuem canais próprios de comunicação via rádio, tv e até mesmo internet com os seus fiéis.

Se antes havia uma estratégia de combate e resistência ao uso de determinados recursos, hoje ele é apropriado pelas igrejas como maneira de propagar e comunicar ao público em geral e aos seus fiéis suas ideias. De forma semelhante, pastores em seus cultos condenam o uso de redes sociais, ressaltando os riscos que estas podem significar para a sua vida e salvação, mas também é através do uso dessas redes sociais e de comunicação que a igreja e os fiéis lançam mão para buscar mais fiéis. Embora a igreja se utilize de muitos recursos da modernidade líquida para se expandir, ao mesmo tempo tece uma crítica aos valores dessa mesma modernidade líquida.

Ao nos amparamos por uma pesquisa pelo viés da geografia cultural, como bem expõe Lévy (2015), desde o surgimento da geografia cultural, muitas publicações exploraram novos temas de pesquisa, que hoje constituem o patrimônio da geografia. Corroboramos com as ideias de Turra Neto (2013b, p. 53), quando este diz acreditar que uma das contribuições da geografia cultural seria “trazer para a ciência geográfica, novos temas, “reabilitar ou dar novas roupagens para velhos conceitos e propor novas abordagens”. A necessidade de renovação dos temas e das abordagens teórico-metodológicas, nasce de uma crise instalada na sociedade, e por consequência afetando os sujeitos, inclusive os geógrafos que “buscam novos sentidos para suas vidas”, buscando novas filosofias e saberes, produzindo geografias plurais (NABOZNY, 2014, p. 30).

É justamente nesse contexto que acreditamos que revisitamos “velhas temáticas” (lazer e religião), vistas não mais com a mesma forma de antes e atualmente analisados pelo prisma de modernidade líquida em sua territorialidade dinâmica. Dito de outra forma, embora a religião e o lazer não sejam temas novos na geografia cultural, levantamos a necessidade de que estes dois temas sejam ponderados pelas lentes da teoria da modernidade líquida, ao qual buscamos aproximar. E para compreender a espacialidade (tangível e intangível) desses fenômenos, recorreremos ao conceito de territorialidade, por considerar que este seria a categoria da geografia

que mais se adequaria a esses fenômenos dinâmicos que são a religião e o lazer e suas territorialidades.

Quando nos referimos ao lazer visto pelas lentes da modernidade líquida de Bauman, estamos nos pautando no trabalho pioneiro do pesquisador inglês, Tony Blackshaw, que busca por meio das lentes das teorias de Bauman, lançar luz sobre as reflexões em relação ao lazer<sup>21</sup>.

Antes de adentrar ao universo teórico da adaptação da teoria da modernidade líquida ao lazer, torna-se necessário contextualizar a obra e do sociólogo polonês Zygmunt Bauman pelas lentes de Rojek e Blackshaw<sup>22</sup>.

## 2.6 Lazer Líquido na perspectiva de Tony Blackshaw

A partir do exposto anteriormente, muitas das conceituações e definições de lazer nos parecem defasadas no tempo, ou necessitando de uma nova atualização e contextualização. O mundo moderno e sólido e de certezas dá lugar cada vez mais a um mundo mais incerto, instável, ou líquido na metáfora de Bauman. Temos um novo tipo de sociedade que pode ser pensada na modernidade líquida ou também de pós-moderna (ROJEK, 1995), onde tudo está em permanente mudança. O desafio atual, é ir além das dicotomias na análise do lazer, como a do trabalho e do lazer, entre o consumismo e a busca por autenticidade, ou aspectos positivos e negativos do lazer. O lazer significaria como nas palavras de Blackshaw (2017), um apelo ao desconhecido, a liberdade e todas as possibilidades de uma atividade pautada pela paixão, prazer e propósito, onde o lazer é sujeito de nossa devoção. Devoção aqui não entendida em seu aspecto sacro, mas sim na dedicação a essa atividade, buscando com isso o que o autor

---

<sup>21</sup> O autor evoca os debates em relação a teorização do lazer de um modo geral como em suas obras: “Leisure-Key ideas (2010A); “Leisure and emotional labour : a commentary on Rojek's (2010); Leisure and emotional intelligence”. (2010b); Decentring leisure : rethinking leisure theory (2017a); *Re-Imagining Leisure Studies* (2017b), como também trás a reflexões de Bauman em relação ao lazer vistas em suas seguintes obras: “Zygmunt Bauman” (2005); “*The new Bauman reader : thinking sociologically in liquid modern times*”; “Bauman on consumerism: living the market-mediated life” (2008). E ainda artigos ou capítulos de livro publicados pelo autor ou em parceria com outros escritores a saber: o capítulo intitulado “Two sociologists: Pierre Bourdieu and Zygmunt Bauman” que faz parte do livro “*The Routledge international handbook of leisure studies*” (2013); e outro capítulo “Bauman’s challenge to sociology” no livro “*Bauman's challenge: sociological issues for the 21st century*” (2010). E ainda obras organizadas pelo autor como “*The new Bauman reader : thinking sociologically in liquid modern times*” (2016) e “*The Routledge international handbook of leisure studies*” (2013).

chama da arte de viver (onde o sujeito se torna protagonista de uma histórica escrita por ele mesmo). O lazer então é visto como uma fonte de significado para a vida, uma forma de imaginar e por em ação um outro tipo de vida. Nessa leitura os indivíduos são considerados como seres atuantes na realidade e com potencial de transformação, não sendo vistos como meras vítimas determinísticas da sociedade. Vemos que a religião e o lazer nesse sentido conjugam essa faculdade e por vezes se entrelaçam.

Também torna-se válido salientar que os estudos de lazer passaram pelo que Blackshaw, chama de crise do lazer, ou seja, uma crise silenciosa e profunda, que se abateu inclusive das universidades, provocando declínio nos estudos do lazer. A crise é entendida aqui num primeiro momento como uma crise de legitimação que se reflete na dilapidação das bases explicativas e teóricas. Dessa forma pode-se dizer que se tem uma crise de autoridade que "consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo não pode nascer", ou o velho não consegue mais explicar a realidade frente aos novos processos.

Dito isso, consideramos que na contemporaneidade, num mundo de modernidade líquida os problemas não conseguem mais ser resolvidos com as fórmulas do mundo moderno sólido. A ideia de modernidade como um todo coerente e ordenado se desfaz. O mundo se tornou diversificado e múltiplo como nunca antes, um mundo no plural onde existem diferentes possibilidades existenciais. É nesse sentido que teóricos como Roberts, (1978, 1981) e Clarke e Critcher (1985), levantam a problemática dessa multidimensionalidade dos fenômenos do lazer. Outro salto qualitativo na abordagem do lazer é construída por Chris Rojek em suas obras *Capitalism and Leisure Theory* (1985), *Decentring Leisure* (1995), *Leisure and Culture* (2000), *Leisure Theory* (2005) and *The Labour of Leisure* (2010). Especial destaque a sua obra *Decentring Leisure* (1995), quando este propõe a tese de decentramento, onde estaríamos vivendo uma era pós-moderna de pluralismo radical – onde tudo passa. Segundo Blackshaw (2017), Rojek:

[...] enfatizando a importância da alteração social da modernidade para a pós-modernidade, a condição cultural, que ele argumentou, "modificou radicalmente a ideia de lazer". Em um livro, Rojek aparentemente reabilitado a posição de estudos de lazer nas ciências sociais, avançando uma leitura original do lazer e construindo uma nova concepção. Ele tinha transformado o discurso teórico e alterou os limites de estudos de lazer de forma profunda. (BLACKSHAW, 2017b, p. 6)<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> [...] stressing the importance of the societal shift from modernity to postmodernity, the cultural condition, which he argued, had 'radically changed the idea of leisure'. In one book, Rojek had seemingly rehabilitated Leisure Studies' position within the social sciences, advancing an original reading of leisure and constructing a new conception. He had transformed the theoretical discourse and changed the boundaries of Leisure Studies in profound ways. BLACKSHAW, 2017b, p. 6) (tradução nossa)

Todavia, para Blackshaw (2017b), nem os estudos do lazer, nem a abordagem pós-moderna, conseguem explicar adequadamente ao pluralismo encontrado no lazer no século XXI, pois segundo o autor as falhas de ambas abordagens têm uma raiz comum ou estão interconectadas. Ambas as abordagens mostram uma marcada relutância em abordar questões fundamentais de lazer: não apenas ao que ele é ou significa, mas como este funciona e representa para os indivíduos, de ver estes como uma prática de vida artística ou mesmo como uma fonte para diferentes tipos de pertença.

Tal fato lança a necessidade de que precisamos desenvolver novas interpretações de lazer, considerando seu pluralismo e o fato de que o que este não é limitado a um modo ou estilo. É por essa razão que Blackshaw (2017b), que os estudos de lazer da forma como conhecíamos está morta. Não o fim do lazer propriamente dito, mas sim o fim das filosofias legislativas em relação a este. O lazer em uma perspectiva funcionalista teria chegado ao fim, não possuindo uma grande narrativa, nem uma história convincente.

Para Peter Sloterdijk (2013), o lazer não é um instrumento para legitimar a "reafirmação moral" dos Estudos de Lazer e sim um modo de liberdade humana que não pode ser reduzida à suposições funcionalistas. Blackshaw (2017b), considera que o lazer hoje é difícil de ser definido, podendo ser muitas coisas, ele se torna uma arte de viver, sendo um significado da vida. Podendo ser considerado como um direito de todos, uma vez que não deve ser restrito apenas ao social, cultural ou intelectual, podendo suas interpretações serem compatíveis com todas as possibilidades. Nega-se assim a imposição de qualquer imperativa delimitador ou restritivo de interpretação, não devendo excluir nada em seu processo de análise. O que se chama de lazer, na verdade é uma forma de vida social, cultural, onde trabalho e lazer muitas vezes se cruzam e se informam mutuamente (BLACKSHAW, 2017b).

Portanto, a metáfora usada pelo sociólogo polonês, Zygmunt Bauman é extremamente pertinente para compreender o século XXI, ou a passagem de modernidade sólida para modernidade líquida, ou da modernidade e pós-modernidade como preferem alguns. Bauman em *Modernidade Líquida* (2000a), argumenta que as últimas décadas da modernidade passaram por profunda transformação. A modernidade sólida se caracteriza pela solidez das instituições e das relações dos sujeitos, a modernidade líquida se caracteriza pela fluidez das relações econômicas, sociais, culturais, permeada por incertezas e inseguranças. O que isso sugere, é que qualquer compreensão do lazer na modernidade líquida deve ser capaz de compreender o

significado de incerteza, risco e fragmentação, que são as características dos tempos modernos líquidos.

Na visão de Bauman, a modernidade líquida é uma sociabilidade que "desvincula" o tempo; enfraquece o impacto restritivo do passado e efetivamente previne a colonização do futuro"(BAUMAN, 1992 p. 190).

Embora muitos autores tenham tentado classificar os sujeitos e entende-los por meio de suas características, demográficas, econômicas, sociais e culturais, buscando identificar padrões e características grupais. Houve uma mudança social de nossa sociedade em que nossas identidades eram amplamente predeterminadas por nossa classe social, gênero, etnia e similares e a arte de viver domina mais do que qualquer outra coisa, e onde nos mesmos sempre permanecem um trabalho em progresso. A classe social, o gênero e a etnia podem ainda exercer algum grau de influência nas nossas formas de lazer, mas certamente não as determinam. De forma semelhante, durante muito tempo os sujeitos mais pobres foram invisibilizados nos estudos do lazer. Se antes do pós-guerra o lazer estava vinculado aos trabalhadores de modo periférico ou inexistente, reconhece que a desigualdade social no lazer é relacional e tem múltiplas dimensões. Todavia nos dias de hoje, mesmo os mais pobres habitam mundos plurais, com diferentes possibilidades para lazer, onde este pode ser o aspecto central de suas vidas.

Não se quer afirmar aqui nesse estudo, no entanto que a desigualdade social não possui importância para a compreensão do lazer, muito ao contrário. A desigualdade social continua a ter uma influência enorme no lazer das pessoas, a exemplo do tempo e das oportunidades oferecidas a alguns grupos sociais em detrimento de outros. Fato é que a desigualdade nos dias atuais ganha outra dimensão, a pobreza na modernidade sólida é diferente da pobreza na modernidade líquida e a contingência toma o lugar da necessidade. Ao contrário de nossas origens sociais, os desejos dos indivíduos em relação ao futuro podem ser bem mais ousados que nossos antepassados.

A passagem ou mudança de nossa sociedade das últimas décadas do século XX é chamada por Blackshaw como "*interregnum*", ou seja, uma mudança conjunta que significa o período entre o fim de um tipo de sociedade e o nascimento de outro. Seguindo Bauman (2010), o termo é definido aqui como o intervalo de tempo que apareceu nas últimas décadas do século XX, quando a modernidade entrou em um enorme estado de fluxo à medida que a antiga "modernidade sólida" baseada no produtor estava morrendo e uma nova a modernidade começa a surgir, o nome que Bauman dá a esse período indefinido de *interregnum* é a "modernidade líquida".

As pessoas têm seus lugares designados e são inseparáveis das identidades. Tudo está interligado. Você pode conectar uma coisa à outra porque tudo tem seu lugar designado. Nesta distribuição, tudo é "sensivelmente", ou seja, uma coisa ou outra; qualquer compromisso, qualquer indício de contágio, prejudica sua certeza ontológica.

Na modernidade sólida as coisas também foram mantidas separadas em seus lugares apropriados, certas roupas para determinadas ocasiões, público e privado distintamente separados, formal do casual, etc. Havia assim certo temor em misturar as coisas, de perder sua ordem e lógica organizacional. Todos se preocupavam com o que estava certo e errado, com as hierarquias, as diferenças classes sociais, entre gêneros, etc.

O senso de classe da modernidade sólida era bastante distinto, pois sua identidade de classe significava quem você era, seu valor, sobre a responsabilidade moral do seu lugar na ordem das coisas. Basicamente, na modernidade sólida sabíamos o que esperar das pessoas e das instituições, seus papéis eram estáveis. Era um mundo consideravelmente previsível, raramente surpreendente e extremamente familiar, onde a perspectiva de que mudasse de forma radical era quase desconsiderada.

As pessoas atuavam de modo quase automático em suas vidas, fazendo o que se esperava delas. Embora não tivessem controle absoluto sobre suas vidas, estavam seguros de que vida seguiria seu curso de forma linear: saíam da escola, iriam trabalhar, namorar, casar, ter filhos, seriam avós, se aposentariam, sem pensar muito profundamente sobre qualquer coisa. Todavia, com um pequeno empurrão, tudo parecia mudar, e de repente eles tiveram que aprender a acordar e descobrir a si mesmos.

Toda transgressão a ordem estabelecida era punida com a violência tradicional e também com a violência simbólica, que permitia à polícia impor um arbitrário cultural arbitrário - isso fez com que as desigualdades de classe e gênero parecessem naturais e necessárias. A liberdade de "viver fora da lei", parecia uma aventura estranha explorada em filmes e em outros gêneros culturais. As pessoas se comportaram de acordo com os limites e escolhas que encontravam antes deles, um acordo tácito entre as normas e os desvios da norma Foucaultiana (1977), esperados pela sociedade.

Todavia, a mudança ou transição de uma modernidade sólida para uma modernidade líquida pressupõe rupturas e discontinuidades no processo histórico, rompe-se o suporte de segurança dos indivíduos. Por essa razão começam a se questionar qual seria o sentido da vida, do trabalho, da família, dos relacionamentos e até mesmo do próprio lazer. Assim, as crenças herdadas perdem sua autoridade.

Ao desafiar este estado de coisas, o ponto de partida de Bauman é que, para entender as mudanças conjunturais instigadas pelo início do interregno, devemos levar em consideração as práticas sociais à medida que emergem contingentemente na vida cotidiana das pessoas. É importante reconhecer duas coisas: desde que as pessoas hoje têm um poder sem precedentes para fazer escolhas individuais e, em segundo lugar, que essas escolhas devem ser entendidas dentro dos *habitats* em que ocorrem. O que Bauman considera é que tempo e o espaço constituem os *habitats* onde vivemos nossas vidas e continuamente refazemos nosso senso de nós mesmos.

Viver na modernidade em nossa sociedade como argumenta Heller (1999), é uma sociedade que possui senso de contingência social, ou seja, os indivíduos são desafiados a fazer seu próprio destino individual. Mesmo que classe, o gênero e a cultura podem, em certa medida, ajudar a construir quem somos, os indivíduos modernos não estão restritos a identidades de classe. Os indivíduos acrescentam suas próprias experiências e contribuições para o mundo social. A contingência permanece assim como um elemento constituinte e inevitável de nossas vidas, em razão das escolhas que fazemos, nos separa do que fomos no passado.

Como Bauman diz, nossa liberdade de escolher nosso próprio destino ou sentido de si é sempre uma relação social, a diferença da ação que depende da vontade dos outros e da ação que depende da vontade própria do indivíduo (BAUMAN, 1988). As influências ocultas ou apenas parcialmente conhecidas da classe social, da comunidade, da família e dos amigos continuam a desempenhar um papel importante para nos tornar o tipo de pessoas que somos, todavia, essas ocupam papel secundário.

A metáfora da liquidez, ou do lazer líquido, é como resultado, uma questão de pensamento dialético e não o desenvolvimento da teoria. A justaposição de "solidez e" liquidez "oferece uma nova maneira de pensar sobre o lazer. Esta é uma maneira de pensar que não depende da teoria, mas sim da metáfora, que é a ferramenta retórica que nos permite "desfamiliarizar o familiar" e mostrá-lo em uma nova luz (BAUMAN, 1990). A metáfora é essa parte do idioma que nos permite praticar a hermenêutica. Isto é, por um lado, fazer sentido (ou seja, tornar inteligível o que não poderia ser entendido) e, por outro, aprofundar a nossa compreensão, de modo a tornar o significado ainda mais significativo, no processo de criação de alguns princípios de funcionamento democráticos à medida que avançamos.

A modernidade líquida, portanto, considera importante em suas acepções a conjugação da imaginação como nas observações do mundo empírico, seria não só um registro de fatos observáveis, mas também uma leitura mais profunda delas com a ajuda da imaginação. O pensar

líquido move-se constantemente entre a crítica ética e a contemplação estética e reconhece que o objetivo não é a busca ou a invenção, mas reunir-se em assembleia. Esta metáfora inventada por Deleuze e Guattari ajuda a compreensão do pensamento líquido do lazer, pois permite ir além da distinção entre conhecimento e imaginação, uma forma mais humilde e híbrida que tem um status completamente diferente, é dois planos de assunto e expressão, uma colcha de retalhos de conteúdo heterogêneo, fluido (DELEUZE E GUATTARI, 1987, p. 81).

Blackshaw (2017b), insere ainda na discussão do lazer a tese de desencantamento do mundo, a partir da ótica de Max Weber na sua obra *“The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism”*, escrita em 1904. Weber argumentou que o surgimento do capitalismo moderno é acompanhado por um processo inexorável de racionalização que por sua vez desencadeia o “desencanto do mundo”, que pode ser explicado como a perda do mito, o fim da filosofia, a perda de beleza, abandono do fanatismo, loucura e legitimação por meio do carisma. Dito de outra forma, significa que as esferas dominantes da vida moderna não proporcionam vida com significado, ou seja, um desencantamento.

Dessa forma o processo de racionalização moderno não apenas destrói o mundo do universo invisível dos espíritos e divindades que até então habitaram o mundo natural e deu significado à vida humana, substituindo o mágico e o místico por alternativas abertas aos cálculos da razão técnica, mas também surge a tendência de ver o mundo em termos mecanicistas. Altera-se, portanto, os valores tradicionais por racionalização puramente instrumental; o surgimento de uma atitude de realização mundana impessoal, fundamentada na ética puritana da vocação; a crescente importância do conhecimento especializado estreito em economia e administração e o desenvolvimento concomitante da burocracia. O resultado disso é que a substituição do capitalismo pela fé religiosa substituindo o controle místico por meios tecnicamente racionais.

Blackshaw (2017b), afirma que as pessoas sempre foram atraídas pelo encantamento e que o *“interregnum”* entre a modernidade sólida para a modernidade líquida, trouxe consigo ofereceu novas formas de encantamento (BAUMAN, 1992), ou que Heller (1999) chama de “iluminação romântica” uma vez que o mundo finalmente se transformou em uma pluralidade de mundos.

Assim como Weber outros autores consideram que o “desencantamento do mundo”, surgiu com o consumismo e que isso teria sérias implicações nas diversas esferas da sociedade, não apenas para o lazer, mas para a liberdade humana de forma mais geral. Há uma extensão

da produção bibliográfica ao longo da história de críticos em relação ao capitalismo e sobretudo do impacto que o consumo crescente representa para a liberdade humana.

De forma semelhante, Bauman (1990) faz sua crítica ao consumismo, onde na modernidade líquida, o "modo de vida mediado pelo mercado", penetram no indivíduo mecanismos, normas e valores de mercado em todos os aspectos da existência humana – subtraindo do indivíduo autonomia, a autenticidade e outros tipos de atividade de representação do significado, até mesmo a ideologia, como principal defensor da identidade e da diferença social. Esse sentimento de desorientação é chamado por Bauman de deriva.

Os indivíduos subjugados em uma modernidade sólida, são naturalmente atraídos pela ideia de liberdade da modernidade líquida, muito embora em alguns casos seja simplesmente uma liberdade de consumo, ensejando assim um outro tipo de subjugação, só que desta vez de forma mais sutil em razão da sedução e não da repressão (BAUMAN, 1992).

Em duas das obras de Blackshaw (2010; 2013b), este considera que o mercado e o consumismo se apresentam como desafios mais insidiosos e entrincheirados para a liberdade humana nos dias de hoje. Claramente, essa visão simplifica grosseiramente alguns problemas complexos. A busca performativa do "autoconhecimento" (LYOTARD, 1984) e a distinção entre lazer autêntico e lazer consumista (ou qualquer outra dicotomia) perde seu significado e o mundo é aberto a novas possibilidades de encantamento.

Muito embora Bauman (1990) reconheça que esse modo de vida mediado pelo mercado a maioria das atividades humanas é comercializada, privatizada e individualizada e pode de alguma forma arrefecer o papel da imaginação. Adverte ainda o autor que o pior não é o gosto pelas compras que nos atrai, esse não seria o o cerne do problema, mas sim os altos e baixos da própria vida, as frustrações e desapontamentos, de sonhos satisfeitos e sucessos parciais. Para usar a própria analogia de “caçador” de Bauman, ser realmente livre é perseguir a lebre, não apenas para pegar. Apanhar a lebre prenuncia o fim de todas as expectativas, salvo se outra caçada for planejada e imediatamente empreendida. Em uma sociedade de caçadores, uma perspectiva de fim da caça não é tentadora, mas ao mesmo tempo assustadora – uma vez que significa uma derrota pessoal.

Se não considerarmos, portanto, o modo de vida mediado pelo mercado e nossos próprios anseios, podemos perder de vista a ambivalência da liberdade. A atitude hoje de nossa sociedade se resume, portanto, naqueles que gostam de “ter” e aqueles que buscam o “ser”.

Na opinião de Bauman, a modernidade líquida surge em um momento em que a uma parcela de pessoas poderia dar ao luxo de consumir itens que não eram necessários para a mera

sobrevivência. O consumismo pressupõe a aproximação entre o consumidor e a mercadoria, mediado pelo transporte, assim a modernidade líquida é um mundo no qual o fluxo e o movimento são uma obrigação. Nós somos obrigados a agir, em um mundo que está sempre em movimento e onde nada permanece o mesmo durante muito tempo. Talvez por isso nessa incerteza a religião seja uma opção para os mais inseguros.

A modernidade líquida é episódica e contingente e a incompletude essencial da vida não apenas nos convida a criar demandas e seguir as instruções de uma educação voltada para o consumidor ao longo da vida" (BAUMAN, 2004, p. 66), que nos diz como viver, que música ouvir, onde comprar, o que comer e beber e onde ir para as nossas férias. Blackshaw sugere, portanto que consumir a vida faz todo o sentido, já que é por meio do consumo que percebemos que somos capazes de exercer nossa individualidade.

A realização do distúrbio descentrado que sustenta a modernidade líquida foi sua capacidade de chamar a atenção do *homo faber* e *homo ludens* para a vida do *homo consume* (BAUMAN, 2007b). Na verdade, como Bauman argumenta, é a instantaneidade de cultura de consumo e sua capacidade de se entregar a esperanças e sonhos de um consumidor. A compreensão de Bauman sobre o consumismo sugere a maneira como Hannah Arendt entendeu o totalitarismo. Seus membros não têm interesses, não se preocupam com seu "bem-estar", sem crenças coletivas, comunidade ou identidade que eles podem chamar de seus próprios. O que eles têm é uma ansiedade provocada pela solidão, ou o que Arendt (1972, p. 477) chamou de "a experiência de não pertencer ao mundo", e um desejo de mergulhar no consumismo, mesmo que isso signifique, em última instância, extinguir sua "identidade individual permanentemente". O que o consumismo oferece é um efêmero sentimento de pertença.

Bauman demonstra que a emoção de consumir é a ambivalência que representa na rede móvel entre liberdade e segurança. Em poucas palavras, não só os desejos dos consumidores nunca podemos satisfazer adequadamente, exceto apenas temporariamente, mas o ato de consumir é mais emocionante do que realmente adquirir bens de consumo. O verdadeiro prazer de fazer compras reside na emoção da busca em vez da aquisição de produtos. Bauman sugere que consumir pode ter uma ampla gama de significados e vir com uma ampla gama de práticas, mas o fato é que não é realmente o consumismo per se que nos interessa. Em outras palavras, os significados e sim as práticas que vêm com o consumo não são tem o objetivo de satisfazer as necessidades dos consumidores. O deleite das férias é substituído pelo deleite das compras, que nos bombardeiam a todo momento com propagandas de todo tipo de produtos, alguns dos quais podemos e outros não podemos pagar. Como indivíduos racionais, sabemos que nossa

sobrevivência econômica depende de comprar apenas o que podemos pagar, mas a disponibilidade de crédito nos encoraja a ir além de nossos meios. A modernidade líquida é, de fato, uma sociedade em que essas virtudes ligadas à cidadania foram subsumidas pelo papel de consumidor, onde sua posição moral depende de sua capacidade de pagar as contas. Como Bauman (2004, p. 74) diz, é como se "nós fomos treinados para deixar de nos preocupar com coisas que ficam teimosamente além do nosso poder, como questões mais importantes da coletividade em uma sociedade e concentramos nossa atenção e energia nas tarefas dentro do alcance (de competência) individual, da competência e da capacidade de consumo.

Segundo Blackshaw (2017b) a modernidade líquida redefine os limites entre as divisões de classe social entre aqueles que consomem efetivamente e aqueles que não conseguem consumir, apesar dos seus desejos. Essa sociedade fragmentada é impulsionada pelo "princípio do prazer". Assim Bauman aventura-se a dizer que se na modernidade sólida era uma sociedade de classes baseada na vigilância panóptica, na modernidade líquida é o consumismo com a sua (des) organização do controle social baseada na "precarização", como o "princípio da realidade" e o "princípio do prazer" que o caracterizam.

O verdadeiro poder que advém dessa modernidade líquida seria não a ideologia e sim o poder da sedução, que ajuda a compreender o controle social. Existiria, portanto, por parte dos indivíduos um desejo de ser seduzido, algo para acreditar e de se sentir pertencente. Na verdade, esse sentimento é fé e crença, indiferente em que relação se estabeleça, ou seja, fé na roupa que compramos, fé em nós mesmos, fé em nossos relacionamentos, fé no mercado, fé na religião e até mesmo fé na raiva. Todavia Bauman alerta que a fé é algo extremamente frágil, passível de quebrar caso percamos o interesse.

Bauman sugere que nos afastemos da linguagem reutilizável dominante do consumismo para um discurso alternativo, ou seja, ao invés de consumir avidamente, deveríamos prestar atenção aos pequenos e verdadeiros detalhes da vida. Ao afastar essa ideia de consumidor de vidas desordenadas em busca de um novo relacionamento com o mundo, que é ao mesmo tempo mais completo e mais responsável. Blackshaw (2017b), defende a ideia de que os estudos de lazer não prestam atenção suficiente a imaginação humana, uma nova forma de ver e sentir o lazer. Para ele, o lazer pode ser visto como uma espécie de prática espiritual ou uma fonte de encantamento, o que lhes permite tornar suas vidas significativas, além de colocá-las no caminho da autenticidade.

O problema é que para Bauman, precisamos nos desprender da "atitude do consumidor", muito embora isso seja impossível, dada a onipresença da modernidade líquida que influenciam

as ações dos sujeitos. Tal como Max Weber, Bauman buscando evidenciar a perda de encantamento para mudanças religiosas e econômicas que inauguraram o capitalismo produtor moderno para os efeitos putativos de uma sociedade pós-produtiva baseada no consumismo, deixando-nos com pouca experiência.

Para Bauman o nosso lazer de hoje é explicitamente orientado para o consumidor. Mas o lazer moderno sempre foi um ato de equilíbrio da produção artística e de consumismo.

Na modernidade líquida, a distinção entre lazer autêntico e lazer consumista perde o seu significado. Existe apenas um lazer mais ou menos capaz e digno de propagação: "lazer devocional" e "lazer performativo". A falsa dicotomia de "produtores" e "consumidores" é substituída pela distinção entre o comprometido e o não comprometido: por um lado, aqueles que tornaram suas vidas significativas e, por outro lado, aqueles que preferem tomar a vida à medida que ela vem, ou - alternativamente - quem apenas quer esquecer a inexistência existencial da vida.

Um dos objetivos centrais de Blackshaw é explorar de maneira crítica, o lazer daquelas pessoas que decidem fazer do seu tempo livre um dos aspectos centrais da sua vida, de tornar sua vida mais significativa pelo lazer, por meio do "lazer devocional", ou ainda daqueles que vem o lazer de maneira "performativa". Ele alega que muitos de nós procuram fugir das opções disponíveis do mundo do consumidor. O encantamento mesmo num momento de liquidez não tornou o "encantamento" obsoleto, e o aproximou da esfera do lazer. Seria através do lazer devocional e performativo que as pessoas se comprometem na criação de novos modos de vida, habitats, esferas, formas, redes, espaçamentos e outros tipos de arranjos sociais, que por sua vez estão pautados na liberdade. A busca do lazer numa perspectiva que foge do ordinário tem como objetivo a busca do encantamento e da busca do significado.

A maneira como o lazer se efetiva no século XXI, desempenha um papel fundamental na construção deste novo temperamento; é pela via do "lazer devocional" e "lazer performativo" que nos comprometemos a criar novos mundos da vida - habitats, esferas, formas, redes, espaçamentos e outros tipos de arranjos sociais - por causa da nossa liberdade.

O "lazer devocional" e o "lazer performativo" para Blackshaw (2010), apresenta novos tipos de encantamento e auto-realização na modernidade líquida para aqueles que ele chama de artistas da vida. O lazer tem um objetivo que seria permitir que façamos coisas que não conseguimos fazer antes, em práticas extraordinárias. Por meio dessas novas formas de lazer constantemente reinventamos a vida para experimentar novas formas de ser no mundo, o que por sua vez gera novas formas de interação comunitária. Em cada momento histórico temos

diferentes formas de nos expressar, inclusive no lazer e também por meio do corpo. O corpo social restringe a forma como o corpo físico é percebido.

Blackshaw reitera que muitos são os artistas da vida, como o fazendeiro que possuía certa liberdade em seu trabalho e na atividade criativa. Os turistas podem ser vistos como artistas, ou como coloca Bauman, como “os mestres supremos da arte de derreter os sólidos e despreocupados os fixos” (BAUMAN, 1997, p. 89). Os turistas, segundo ele, estão encantados com as possibilidades de escolha de suas viagens, de pensamento e da própria viagem. Os turistas estão encantados com as possibilidades que o próprio pensamento de viagem lhes apresenta e sempre embarcam em suas viagens por escolha. Na modernidade líquida, não existe um "corpo social" que permita colocar limites sobre onde minha imaginação pode me levar e com isso meu direito de desocupar a identidade social que atualmente ocupo. É postulado que a "vida" e o "lazer" uma relação mais consistente quando comparado a vida e trabalho. Nessa última relação, o lazer é visto muitas vezes como uma vida de fuga e não como uma transcendência. Assim, como os indivíduos gastam seu tempo livre - o que eles podem e o que eles escolhem fazer é uma das características de suma importância em relação ao lazer.

Para muitos indivíduos hoje, sugiro que a "vida" seja invariavelmente moldada pelo "lazer", ou seja, eles conseguem estabelecer uma relação mais fácil entre o um e o outro.

Para emprestar uma visão de Heller (2011), alguns indivíduos descobrem em seu lazer que o mundo tem um centro e isso assume a forma de uma vocação, ao qual eles estão profundamente comprometidos, e eles vivem suas vidas tentando descobrir seu segredo. Aqui a escolha traduz a liberdade em necessidade. Escolher este modo de vida é que ambos se sintam inconscientemente em casa em um mundo de vida de lazer e que conseguem se tornar alguém no mundo, ou seja, alguém distinto.

Max Weber afirma que o indivíduo é a única realidade discernível e que qualquer análise deve começar com as ações dos indivíduos. Os membros da sociedade fundadora como indivíduos é a marca registrada da modernidade (BAUMAN, 1999). Com base no trabalho de Bauman, argumenta-se que a individualização é o destino de todos os indivíduos hoje. Em outras palavras, no século XXI, a liberdade baseia-se no modelo clássico de auto-escolha: “*gnothi seauton*”, a antiga injunção grega inscrita em letras douradas sobre o pórtico do templo em Delphi, o que significa "conhecer a você mesmo". Este modo de vida trazido ao ser universal pela modernidade e transformado de um "dado" para uma "tarefa" (BAUMAN, 2000, p. 31) como um destino pessoal no interregno não é, como Agnes Heller argumenta, "um produto de mera introspecção, mas o resultado da ação; isto é uma "prova" ou um "tornar-se" pelo qual o

Eu alcança o tipo de ações apropriadas para o caráter e o destino escolhidos por si mesmo. Uma vida inicial de "tornar-se" não admite identidades fixas; o que isso sugere é que deve ser entendido como irredutivelmente mutável e heterogêneo. Isto é, antes e mais, porque a pré-condição do indivíduo moderno de fato é o potencial para viver uma vida ainda não determinada.

Argumenta-se que os indivíduos saboreiam perder-se no seu lazer porque é aqui que eles esperam conhecer a si próprios. O lazer, é o meio pelo qual eles podem descobrir como controlar e ordenar suas vidas. Quando esse controle e ordem são estabelecidos, o lazer desaparece e se torna a arte de viver.

## **CAPÍTULO 3 – AS TERRITORIALIDADES DA ASSEMBLEIA DE DEUS EM BRAGANÇA – PARÁ**

### **3.1 A Assembleia de Deus em Bragança**

Após a sua primeira igreja em Belém a Assembleia de Deus inicia sua expansão para o interior do Estado, ou nas palavras do pastor e escritor Fredhson Magalhães (2001, p. 21), “com o crescimento acelerada da Assembleia de Deus, em Belém nossos missionários passaram então a engravidar o interior com filhos gerados pela Igreja Mãe”. A primeira viagem ocorreu em 1911, quando Gunnar Vingren viaja para Soure e Mosqueiro, enquanto Daniel Berg seguiria via estrada de ferro para Bragança. Daniel Berg chega em Bragança em 05 de março de 1912, trazendo uma mala cheia de Bíblia e tendo pernoitado e um dos bancos da Praça da Prefeitura. Curiosamente segundo relata Magalhães (2001), Daniel Berg extenuado de sua viagem teria entrado em um bar para tomar café, fazendo os primeiros contatos com Manuel Arruda, que o convidou para ir à sua casa. Daniel Berg teria prontamente aceitado o convite já que não dispunha de recursos para hospedagem. Manuel Arruda e Raimunda Arruda (esposa e Manuel), teriam sido os primeiros convertidos em terras bragantinas. A casa dos então católicos teria muitas imagens de santos, que conforme relata Magalhães (2001), foram destruídas e no maior cômodo da residência construído um local para cultos, no bairro hoje denominado de Aldeia (que foi um dos locais, onde essa pesquisa foi realizada).

A inserção de uma nova religião seria permeada por muitos conflitos e perseguições a partir daí. Nos primeiros cultos realizados relata-se pessoas enfurecidas jogando lama e outros objetos nos fiéis da nova fé protestante. Daniel Berg teria respondido dessa forma a multidão enraivecida:

Juntem-se a nós e participem do culto; ou sejam ou sigam os seus caminhos. Saibam que vivemos num país democrático e todos temos direito a declarar nossa fé com base na constituição do Brasil. Aparecer aqui com armas não é sinal de força, mas de fraqueza que vocês procuram compensar, na falta de argumentos. (MAGALHÃES, 2001, p. 24).

Desde de a Constituição de 1824 o culto de outras religiões já era permitido, porém, deveria ser feito de maneira doméstica, não podendo haver a identificação oficial de igreja ou centro religioso, exceto os católicos. (REIMER, 2013).

Após seus primeiros convertidos, Daniel Berg regressa para Belém para dar andamento a outros trabalhos, voltando a Bragança em 1914, dessa vez, acompanhado pela irmã Celina de Albuquerque, Estevão Gaspar e José de Matos. Os religiosos visitariam a comunidade de Tamatateua, pois segundo visões da irmã Celina, lá viveria um homem que atenderia pelo nome Aprígio e que teria sido escolhido por Deus para dar prosseguimento a obra da igreja. Como pode ser verificado, muito da história, dos caminhos e serem percorridos, bem como das pessoas escolhidas para as tarefas a serem cumpridas são descritas na história mítica da igreja, pautadas pela intervenção divina. De forma semelhante cada feito relatado sobre o princípio fundador da igreja é narrado como uma história de sacrifício e proações, onde a persistência e fé dos trabalhadores da igreja se sobressaem em todas as ocasiões.

O relato de encontro de Felício Aprígio também assim é feito, após uma longa e extenuante caminhada, no limite de suas forças físicas e a mercê de uma possível noite ao relento, eis que os trabalhadores evangélicos encontram um senhor de nome Cesáreo, que indica aos viajantes a localização da família de Felício Aprígio. Após serem recebidos a altas horas da madrugada as conversões se mostraram frutíferas e foi foram sendo feitas as revelações e da manifestação do Espírito Santo, fazendo com que a família Aprígio e alguns vizinhos acabassem por se converter a nova fé. Embora Daniel Berg tenha tido que retornar a Belém, a irmã Celina teria ficado para dar prosseguimento aos trabalhos de consolidação da igreja naquela localidade. Em 1915 chega a comunidade o pastor sueco Samuel Niströn, que nas águas do Rio Caeté, batiza “quatro novos soldados de Cristo”. (MAGALHÃES, 2001, p. 30). Em função de seu retorno a Belém, o pastor sueco atribui a Aprígio Felício da Silva a função de auxiliar os trabalhos da igreja naquela localidade. Em fevereiro de 1917 instala-se, portanto, a primeira Assembleia de Deus em Bragança com sede na localidade de Tamatateua e Bragança como congregação.

Um dos próximos convertidos seria um compadre de Aprígio, que atendia pelo nome de Manoel de Paula Filho, que havia jurado de morte aqueles que o convidassem a ser protestante. Todavia, seu compadre Aprígio descreve a forma que teria sido tocado pela palavra, ao bêbado, provocar a Bíblia, perguntando se essa a livraria do vício da bebida. Manoel teria aberto a Bíblia em Apocalipse Capítulo 21, versos de 1 a 8, e ficado impressionado com a condenação ao sofrimento no lago de Fogo. Aprígio teria explicado que para o mesmo ser liberto dessa condenação ao Lago de Fogo, o mesmo teria que aceitar Cristo como seu Salvador, fato esse consumado após alguma relutância. Interessante observar que as descrições de muitos locais

de bênção ou de suplício citados na bíblia guardam referência a elementos naturais que existentes na terra, tal como o lago de fogo, fazendo referência a processos vulcânicos. Em 1922, após uma convenção estadual da Igreja, é enviado Manoel de Paula passa a residir em Bacuruteua de forma a atender Bacuruteua e Bragança. Dois anos mais tarde, em 1924, é construído o templo Sede de Bacuruteua. A decisão de construção de um templo central fosse construído em Tamatateua e Bragança gerou discordâncias, embora esse último acabou sendo escolhido como local.

Nesse momento, na década de 1930 os missionários suecos passam a residir no Rio de Janeiro em função dos trabalhos de expansão da igreja. Também é em 1930 que ocorre a primeira convenção da Assembleia de Deus em Natal, quando se discute a maior autonomia dos pastores brasileiros em detrimento da subordinação aos pastores estrangeiros e também discute-se o papel das mulheres na igreja. Fato é que os pastores estrangeiros acabam entregando as obras da região norte e nordeste para os pastores brasileiros enquanto esses abrem uma nova frente de expansão ao sul do país.

Em Bragança conforme relata Magalhães (2001, p. 36), “Em Bragança a Igreja orava ao Senhor por um terreno onde pudessem construir o Templo Central”, a ponto de que depois que um culto ocorrido em Augusto Correa, os assembleianos Luiz Soares e o Pastor Morais ao passarem em frente aos correios a observarem um grande terreno de esquina (na travessa Senador José Pinheiro – onde hoje está construído o templo central da Igreja Assembleia de Deus de Bragança), “inspirado por Deus, irmão Luiz Soares, teria dito “Senhor esse terreno será tua Igreja em nome de Jesus”.

Magalhães (2001), relata as perseguições que supostamente eram infligidas pela Igreja Católica contra os protestantes em terras bragantinas por diversas formas, a começar pela própria construção da própria igreja.

Sabedores da aquisição do terreno por parte da igreja Assembleia de Deus (que desde 1932 já havia registrada com esse nome estatuto) o sacerdote católico na época Bispo Monsenhor Francisco Richad conseguiu monopolizar a venda de tijolos para qualquer empreendimento menos para Assembleia de Deus. As duas Olarias da cidade estavam fechadas para os crentes. A igreja carecia de um templo em alvenaria. A perseguição das autoridades eclesíásticas se constituía por uma razão, temiam o rápido crescimento da igreja e sua publicidade, já que durante muitos vários anos as reuniões dos crentes eram realizadas no anonimato, sempre oculta por uma residência, garagem ou salão, todavia, a Igreja se reunia na principal Avenida da cidade a uma quadra da catedral Matriz do Instituto Santa Teresinha do Menino Jesus. Com isso os católicos perceberam a igreja ganhando espaço e reconhecimento na cidade, como dizia o irmão Luiz Soares em entrevista a esse documento Eclesiástico em 23/03/2001. O evangelho de Cristo, a força e poder de Deus. Reconhecendo a discriminação e o preconceito os

irmãos incansavelmente se dirigindo a Viseu no barco comercial cedido pela família em busca de uma Olaria por aquelas bandas do Senhor Pedro Marinho com interesse em vocês a negociar alguns milheiros de tijolos. [...] A igreja precisava dar prosseguimento na construção já que seu templo era a parte e madeira e parte de alvenaria o que contrariava o prefeito da época Augusto Corrêa que defendiam a igreja toda em alvenaria ficava próximo à Praça da Estação. (MAGALHÃES, 2001, p. 38-39)

Como pode ser observado no relato, a instalação da igreja no município também de reveste de um discurso mítico permeado de sofrimento e perseguição, todavia também de vitória, conseguindo se instalar em uma área nobre da cidade, ganhando destaque e prestígio perante a sociedade, ao mesmo tempo possui um significado simbólico muito forte, fazendo frente a primazia da Igreja Católica no município e que historicamente se situa em muitos municípios brasileiros em locais centrais da cidade.

Em 1959 é feita a doação de terreno para a construção da Igreja de Augusto Correa (hoje município), então Congregação de Bragança, sendo efetivada sua construção em 1965 pelo então Pastor Afonso Menino Rey. Em 1942, por meio da Igreja Assembleia de Deus de Belém é enviado para o município de Viseu o primeiro pastor, Absalão Piano, sucedido respectivamente pelo Pastor Nilo e Pastor José Rodrigues.

A Congregação de Monte Negro entre 1941 e 1950. Seguido de Curupaití onde são iniciados os trabalhos em 1950, mas somente em 1953 é que é lançada a pedra fundamental da construção da primeira igreja pelo Pastor Nilo Silva. A abertura de uma estrada em 1964 faz com que a igreja seja transferida para próximo deste onde depois se desenvolveu um núcleo urbano. Nesse local Magalhães (2001), registra alguns contratemplos, em função da animosidade criada pela inserção da igreja no local:

De Curupaiti o Evangelho se expandiu ao interior, vindo todos os irmãos a se mobilizarem na difusão do Reino de Deus. No Ministério do Pastor Edigar Souza Guimarães as portas do Evangelho foram fechadas numa vila chamada São José do Gurupi, mesmo com ameaça de morte pastor Edgar decidiu dirigir o culto na residência de um senhor muito respeitado do povoado; o qual recebeu os crentes com satisfação. Antes de visitar o lugar ungido de Deus consagrou-se vindo nessa consagração a receber uma revelação de Deus o qual ele mostrava 11 pessoas escolhidas no lugar. Enquanto dirigir um culto alguns moradores se amotinavam com paus e pedras arremessando contra os irmãos e o telhado do proprietário da casa Senhor Elizeu Gomes. Com o telhado em ruínas o proprietário encheu-se de fúria passou a mão a cartucheira papo amarelo que havia no seu quarto e passou tirar contra multidão por cima de suas cabeças. Como boiada em um estouro, assim a multidão se dispersou alguns ímpios do lugar imploraram clemência e misericórdia outros escusavam-se dizendo ‘não fui eu’, ‘não fui eu!’. Percebendo a fúria do homem valente o pastor Edgar atacou com o homem afirmando: “Por favor não comenta tal violência estamos aqui não para destruir os pecadores, mas para salvá-los, nosso trabalho é diferente; o nosso Deus, a quem servimos se quiser, se responsabilizará por nós”. O homem valente atendeu ao pastor ficando todos atônitos vindo a se

converterem 11 pessoas inclusive o proprietário da casa. Glória a Deus. (MAGALHÃES, 2001, p. 46)

Esse episódio de perseguição narrado pelo autor, demonstra os atos de bravura dos pastores que colocam suas vidas em risco para pregar a palavra, todavia, sempre conseguindo vitória ao final de cada passagem, ao mesmo em que se confirma as previsões sobrenaturais reveladas aos fiéis, nesse caso com a conversão de 11 pessoas conforme havia previsto o pastor em questão. Embora tanto pastores quanto fiéis atribuam para si a figura de soldados de Cristo, nos relatos tanto dos diários dos Missionários assim como outras obras redigidas por fiéis da igreja não há relato de violência ou uso da força, o que não quer dizer que episódios de violência não tenham existido por parte dos fiéis. As revelações divinas não se restringem apenas a revelação de locais e pessoas a serem convertidas, mas também de negócios a serem feitos, com relata Magalhães na cidade de Fernandes Belo (antiga Quitéria):

Em 1870, na administração do saudoso pastor Abner Cantão as dificuldades foram as mais diversas, as perseguições sucederam tanto por parte da Igreja Católica como pela igreja adventista. Os cultos eram realizados na residência do irmão Antenor Brito na cidade Velha esquina com a praça da igreja romana (antigo campo do Pará) em seguida, os cultos passaram a ser dirigidos na residência do irmão Aldo Cruz na direção do Ie. Orlando Cardoso, dentista, que dirigiu o trabalho e a construção da primeira para isso mobilizando os crentes a contribuírem plantando feijão. **Com o tempo a igreja cresceu e passam a buscar a intervenção divina na compra de um terreno na rua principal do lugarejo.** Sabedores do desejo da construção de uma assembleia Central muitos se negaram a vender seus imóveis aos líderes da igreja. Aldo Cruz, então, esforçando-se adquiriu onde outrora funcionava uma paróquia católica, dizendo que era para residência; mais tarde doado para a igreja. Hoje agência dos Céus. Em 1977 o pastor Arthur Silva lançou a pedra fundamental juntamente com o seu dirigente irmão Orlando Cardoso. Em 27 de março de 1999, o campo foi desmembrado com 163 crentes e uma congregação ao Pr. Adilson Souza Gouveia que assumiu o trabalho e deu prosseguimento a expansão missionária. Hoje, o trabalho conta com cerca de 300 crentes na cidade, 3 congregações e com dezenas de pontos de congregação. (MAGALHÃES, 2001, p. 48-49 – grifo nosso)

São inúmeros os relatos de histórias e testemunhos de dirigentes da igreja de intervenções divinas no sentido de auxiliar a igreja em seus objetivos, tal como relato essa passagem. Atual também é a resistência de alguns setores da sociedade seja para repelir a presença da Igreja Assembleia de Deus, assim como outras denominações evangélicas em alguns espaços e hora buscando tirar alguma vantagem econômica da venda de terrenos. Assim define um pastor em seu depoimento em relação a aquisição de propriedade para a igreja:

Na verdade, surge assim. Por exemplo, se tem num bairro 10 crentes, você tem um lugar central você vai lá e aluga e com o tempo a gente vai lá e compra. E hoje nós temos uma estratégia, quando as pessoas sabem que é para a igreja evangélica o valor é 3 vezes maior, então a gente vai lá e pede pra que um membro compre pra ele, assim fica mais barato que se a igreja comprar. Fomos ver uma casa que era 20 mil, quando a mulher soube que era pra crente pediu 80 mil, porque eles não aceitam crente. Mandamos um irmão comprar, daí um irmão foi lá e comprou e deu pra Igreja, é assim que funciona. A sociedade na verdade não gosta de evangélico. Ultimamente ser

evangélico se tornou chique, mas no princípio o embate era muito grande desde o tempo da reforma protestante. (Relato do Pastor da Assembleia de Deus – 13/06/2016)

Na verdade, a estratégia espacial da igreja começa antes disso, da aquisição propriamente dita do terreno. Os grupos de oração que se originam nos bairros iniciam-se com poucos membros. A medida que esse o grupo cresce, é estudada, portanto a possibilidade de aluguel de imóveis. Caso a demanda desses fiéis seja significativa, justifica-se, portanto, a compra de imóvel de acordo com a disponibilidade financeira.

Dando prosseguimento a história da Igreja Assembleia de Deus em Bragança, Magalhães (2001), relata a chegada em 1958 de Pastor Luizinho na comunidade de Açaieteua, que fora substituído em 1962 por Francisco Alves Pinheiro que além de sua função religioso trabalhava como marceneiro fabricando móveis na região. A década de 50 é marcada por inúmeras perseguições conforme relata Magalhães (2001):

Enquanto a Igreja se multiplicava no interior sob a mão forte de Senhor em Bragança a Igreja era perseguida sem piedade. E, 1953 o Pr. Leonardo Severo da Luz, após desbravar muitas colônias quase inacessíveis, foi substituído pelo Pr. Manoel Malaquias que presidiu o trabalho até o ano de 1960. Durante seu Ministério muitos acontecimentos importantes abrilhantaram a sua liderança como o episódio da Queima das Bíblias na praça das bandeiras. Na época Dom Elizeu Maria Corolly, Bispo da prelazia de Bragança, expediu uma ordem aos seus padres: Machado e Albenis juntamente com alguns seminaristas e paroquianos tais como: Ademar Tucupi, Ademar Pereira e Ismaelino José da Silva que investigassem nas residências de seus paroquianos as Bíblias deixadas pelos protestantes, que segundo os seus dizeres eram nocivas a fé católica, sendo as mesmas obliteradas e heréticas, pertencentes ao movimento do Anticristo. Com o apoio dos padres italiano em 1955 houve a primeira queima de Bíblias. Isto povoou a praça das bandeiras. Todos se ajuntavam para ver o espetáculo da destruição do Evangelho do Senhor. A semelhança do rei Joaquim, Rei de Judá, que queimou o rolo contendo a palavra do Senhor, com intenção de calar o profeta Jeremias, que anunciava seus pecados, assim se comportava a liderança religioso dessa cidade. MAGALHÃES (2001, p. 51)

Outro episódio ocorre em 1956 realizasse uma passeata pelas ruas de Bragança, onde os católicos teriam realizado uma passeata na qual eles conduziam uma cruz de madeira até o bairro do Morro onde se localizava a igreja, realizando uma manifestação contra os crentes, naquilo que ficaria conhecida como a Cruzada Evangélica [uma referência as Guerras promovidas pela Igreja Católica contra outros povos]. Em 1957 em outro ato, padres italianos juntamente com algumas freiras organizaram o que Magalhães (2001, p. 52), denomina de “mais uma inquisição”:

Com a população presente e como vítimas algumas Bíblias amontoados em plena praça pública, num ato de loucura, alguns algozes pareciam os imperadores romanos que acenderam a fogueira com intenção de calar Policarpo que mesmo indefeso, disse-lhes: ‘As chamas que agora me ateiam são temporais; mas as que te esperam no inferno são eternas.’. Quando o nobre mártir foi queimado, o Livro Santo ainda não estava todo canonizado, suas cópias eram escassas, mas suas leituras podiam ser feitas

nas vidas e nas atitudes daqueles homens. Numa época em que não havia livros de testemunhos, queimavam-se os homens que eram a própria Bíblia Escrita em testemunhos aquela sociedade.

Como pode ser verificado, de maneira resignada os protestantes relatam ter sofrido perseguições por parte da Igreja Católica, mas sempre resistem de maneira heroica e buscam amparo na própria Bíblia para demonstrar que seus sofrimentos são semelhantes e outras perseguições sofridas por personagens bíblicos. Assim como o relato de seus fundadores que é permeado por lutas e sofrimentos, também relatam atos heróicos de enfrentamentos e conflitos. O relato de Magalhães (2001), compara por exemplo os soldados romanos que foram tocados pela palavra de Cristo, do mesmo modo, Ismaelino José da Silva, incumbido num primeiro momento para investigar os católicos que estriam escondendo as bíblias evangélicas, teria se questionado por que razão a Igreja Católica, havia de forma tão violenta para com os evangélicos. Ismaelino teria conseguido salvar uma das bíblias e a levado para a casa. Com a ajuda e interpretação do texto bíblico realizado com a ajuda do diácono Manoel Furtado, Ismaelino, juntamente com Ademar Pereira foram batizados na Igreja Assembleia de Deus dia 06/06/1957. Ismaelino seria hoje pastor na cidade de Porto Grande no estado do Amapá (MAGALHÃES, 2001).

Em 1959, realizou-se a primeira convenção da Igreja em Bragança, ocasião em que foi consagrado o Pastor Afonso Menino Rey, que teria uma longa estada nessa cidade. Em 1967 a esposa do pastor, Cleonice Rei, mãe de 11 filhos teve complicações em seu trabalho de parto e veio a falecer. A mãe da falecida, teria clamado a Deus para que resolvesse situação do viúvo e das crianças que ficavam.

Conforme demonstra o relato histórico de Magalhães (2001), a então sogra do pastor tendo sido intuída pelas forças divinas profetizou que ele iria se casar com a jovem de 23 anos, mesmo que contrária a vontade dessa e de sua família. Os casamentos arranjados nessa época ainda eram um costume em muitas regiões do país. Todavia, chama atenção o fato de que essas profetizações, essas mensagens sopradas ao ouvido dos profetas tem um impacto direto na vida das pessoas, chegando a interferir nas uniões oficiais entre casais, com a justificativa que mais que união matrimonial, essa era uma promessa a ser cumprida pela vontade divina.

A primeira Congregação a surgir em Bragança teve sua origem em um ponto de pregação que ocorria na casa de um dos fiéis Messias Gaspar que se tornou uma congregação construída em taipa de cerca de 10 metros de comprimento na Vila Nova. Nessa época os caminhos e as reuniões eram iluminados por luz de lampiões dada a falta de uma rede elétrica.

Um círculo de oração se iniciou por intermédio de Lidia Gaspar em 1976. Em 1979, duas outras novas filias surgem dessa congregação, sendo elas Monte Moriá e Filadélfia. Já na Vila Torres, a igreja foi fundada entre 1980 e 1981 dela derivando outra filiam Monte Horebe. Em 1983 na localidade de Vila Sinhá tem início com uma missão Batista de um ex-membro da Assembleia de Deus de Manaus chamado Juracy Ferreira. E é por meio do Pastor Afonso que é construída e primeira igreja, ainda em taipa denominada de Casa de Oração da Assembleia de Deus, sendo que em 1985 a igreja adquire dois lotes é construída a primeira congregação em 1987.

Já a Congregação de Ajuruteua tem seus primeiros registros no início da década de 70 com a conversão das primeiras famílias, sendo que em 1975 é instituído pelo Pastor Afonso Menino Rey, o primeiro círculo de oração. Nessa comunidade é registrado outro episódio de perseguição conforme relata Magalhães (2001):

Com a transferência de muitos inimigos do Evangelho, passaram a perseguir os irmãos; jogando areia no salão; soltando pistolas no telhado do templo; e ameaçando de morte alguns irmãos. Na ocasião, o filho da irmã Ramira, Aroudo Melo ainda adolescente, frequentemente era espancado e caluniado por seus colegas o que fez com que seus pais orassem mais ao Senhor pela proteção do seu filho, que muitas vezes escondia seus ferimentos afim de não preocupar ainda mais seus pais. A igreja ali, passava a viver exemplarmente as palavras do mestre: 'Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e os perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exaltai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim 'perseguiram os profetas antes de vós'. (MAGALHÃES, 2001, p. 66)

Como pode ser constatado na passagem narrada, evidencia-se a resignação no discurso dos fiéis, que buscam apoio para justificar esse sofrimento injustificado nas palavras na Bíblia e nas promessas que elas trazem, evitando, portanto, maiores conflitos, mas por outro lado, servindo como um mecanismo de resignação que não afasta o sofrimento supostamente causado. Além das ameaças e das efetivas agressões físicas e morais sofridas pelos fiéis, também se registram outras provações, tal qual a dificuldade de acesso, conforme relata Magalhães (2001):

As dificuldades ao acesso a praia do Chavascal, fazia com que muitos irmãos atravessassem a baía, com a água pela cintura, fazendo com que os irmãos levassem nos ombros instrumentos musicais, e equipamento de culto e um motor que por muitas vezes eram levados por outros jovens. (MAGALHÃES, 2001, p. 67)

Se de um lado a instalação de um meio técnico como a ferrovia que ligou Belém a Bragança nos idos de 1883, a falta de acesso por estradas, inexistência de pontes e energia elétrica, teve um impacto nos demais diversos setores da sociedade inclusive em relação a religião. Não queremos dizer com isso que a religião está condicionada a existência ou ausência

de equipamentos e serviços de infraestrutura, mas que essa possui um peso que deve ser ponderado, ainda mais quando se trata da inserção de uma nova religião em território paraense que difere daquela instituída pelos colonizadores. O sacrifício<sup>24</sup> em todas as suas variações são um componente essencial na história das religiões, e o sacrifício do tempo e de energia para frequentar cultos, pode ser encarado como um sacrifício também. Todavia, mesmo com todas os problemas da época, os esforços dos fiéis para acessar o Reino de Deus, passava pelo acesso físico a sua casa terrena, no caso a Igreja.

A História da Igreja Assembleia de Deus, continua em 1950, por meio dos trabalhos da irmã José Bonifácia que cede sua casa para as primeiras atividades da igreja. Em 1987, a igreja adquiriu um lote, e em 1988 é lançada a pedra fundamental da igreja, mais precisamente em fevereiro daquele é realizado um mutirão “de 50 pessoas crentes e até descrentes, que em 70 dias de trabalho levantaram a nova congregação” (MAGALHÃES, 2001, p. 67). Nas palavras de Magalhães:

Em fevereiro de 1988; enquanto a cidade se pervertia no carnaval, os irmãos glorificavam a Deus, lançando a pedra fundamental, de mais um novo templo para a Glória do nome do Senhor. (MAGALHÃES, 2001, p. 67)

A passagem histórica deixa claro a oposição da igreja evangélica contra o Carnaval, considerada uma festa pagã e que teria um poder de levar as pessoas à perdição. Associa-se nessa passagem a relação direta entre o carnaval e a perversão, segundo o juízo de valor de seu autor. Fica evidente também a ideia de separação entre as coisas do mundo e aquilo que é divino, fazendo uma contraposição entre um trabalho físico, marcado pelo sacrifício de fiéis e infiéis, em contraposição a aqueles que festejam e transgridem assim os ensinamentos bíblicos. Essas duas atividades que possuem uma localização terrena, estão em associação direta a outros mundos intangíveis, ou seja, segundo a lógica protestante da Assembleia de Deus, enquanto o trabalho físico é consagrado à obra de Deus e ao reino dos Céus, por outro lado tem-se o

---

<sup>24</sup> Os sacrifícios conforme destaca Kuchenbecker (2013), “O valor do sacrifício encontra-se manifesto em variadas formas. Entre elas, e principalmente, estão as dificuldades enfrentadas pelos personagens no passado, o sofrimento e o sacrifício necessários para superar obstáculos em fases anteriores da vida narrada. A pobreza, a falta de esperança e de oportunidade e a renúncia à infância para ajudar nas despesas da casa são alguns dos índices que remetem a essa categoria [...] A ideia de “pagar pelos erros” também é expressa em um testemunho, através da experiência da prisão, diante da vida antes da conversão. [...] o sacrifício é exposto através de grandes perdas vividas, através de doenças e mortes, problemas financeiros e distanciamento de sonhos. [...] As batalhas vencidas através de sofrimento também podem ser classificadas como sacrifícios. Sem tender aqui para a questão do sucesso, mas sim para o esforço, o desgaste e a luta que o personagem passou para alcançá-lo. [...] nota-se a presença de uma necessidade diária de estímulo, para continuar atingindo metas e uma vida agradável. Esses são apresentados como desafios de todos 75 os indivíduos, e assim também dos membros iurdianos, que, da maneira como é manifestado no material, sabem enfrentar os obstáculos”. (KUCHENBECKER, 2013, p. 72-75),

carnaval estaria a serviço de objetivos menos nobres e até mesmo a perdição das pessoas ou de coisas mundanas, conforme relata um dos sujeitos nessa pesquisa<sup>25</sup>.

Muitos daqueles que trabalharam na obra e não eram evangélicos acabaram sendo convertidos conforme relata Magalhães (2011). Outras ampliações foram realizadas na referida igreja no ano de 1984 e 1988. No ano de 1993 teria sido construído um monumento em homenagem a obra pentecostal de Tamatateua. Conforme relato:

Na ocasião se fez presente um semi pioneiro do trabalho aqui, o Pr. João Arlindo que emocionado lembrava a convicção e esperança dos nossos pais que triunfantemente seguiram a carreira da fé, levando a cruz, sem desanimar, perseguidos, atribulados, mas nunca vencidos e que combateram um bom combate, completaram a carreira, e guardaram a fé. Ali muitos choraram e prometeram entregar suas vidas a obra missionaria. (MAGALHÃES, 2001, p. 68).

Conforme pode ser verificado no relato, destacamos a importância da externalização de sentimentos que se agregam ao discurso. A emotividade acaba sendo um elemento central na Assembleia de Deus, que mais do que na racionalidade, se baseia numa percepção espiritual, numa fé, onde os sentimentos de êxtase, comunhão com o divino são comumente relatados. Isso reforça a importância de apreender a religião em sua relação sentimental dos sujeitos para com essas, e como essas sensações e sentimentos possuem relação com essas espacialidades e territorialidades tangíveis e intangíveis. De igual forma, muito do que move os sujeitos nessa caminhada religiosa está pautada na fé, na esperança e no animo que podem acabar ou não em melhorias materiais e imateriais. No caso, da ausência das conquistas materiais, destaca-se as conquistas espirituais e das lembranças das dificuldades travadas e da vitória, ainda que tal construção imaginária seja de forma muito subjetiva pelos indivíduos. Não podemos verificara efetividade de tais vitórias ou derrotas, mesmo porque essas são construções imaginárias coletivas e individuais nas quais o guardião dessa criptografia é o sujeito. A ideia de combate e da existência de um lado bom e mal, também é recorrente. O uso da metáfora de combates e guerras espirituais e materiais são frequentes, muito embora o discurso da paz, do amor e do perdão estejam presentes, residindo uma aparente contradição discursiva.

Como bem relata Pereira (2014), os discursos religiosos de uma forma geral, revelam várias dimensões da vida religiosa em relação mútua: desde da palavra que representa a verdade e a racionalidade teológica; nos rituais em suas múltiplas formas (o batismo, por exemplo); o

---

<sup>25</sup> [...] Mas eu acho que os locais da perdição mesmo eu acho que é o carnaval. O carnaval seria esse local profano na minha opinião, o ambiente profano seria esse ambiente carnavalesco. Extremamente mundano [...] (Entrevista fiel nascido na fé evangélica - 23/09/2016)

sentimentos religiosos (alegria, amor, felicidade amor, ódio, rancor, etc); a divisão e hierarquia do trabalho religioso em seus cargos, funções e dons; o discurso fundante da igreja que se pauta na Bíblia; da paisagem sonora (por meio dos cânticos, orações, ou mesmo falar em línguas estranhas); da emoção (representada nos choros e lamentos dos pastores e fiéis, em seus êxtases; euforia, alegria e emoções indescritíveis) e por fim da performatividade religiosa pautada na adoração. Tudo isso segundo Pereira (2014, p. 209), “parece estruturar e conformar o que mais distintamente poderíamos chamar de espaço sagrado protestante: o culto”.

Em um dos cultos realizados no Congresso das Missões na cidade de Bragança, o Pastor Erivaldo de Jesus (São Paulo) em um dos trechos de sua pregação fala sobre os segredos de uma Igreja Missionária e do crescimento do pentecostalismo na região norte e no Brasil, intercalando com a história dos pioneiros da Igreja. Disse ele:

O primeiro segredo de uma Igreja Missionária oração e tendo eles orado moveu-se o lugar onde eles estavam reunidos. O segundo segredo, todos estavam cheios do Espírito Santo. E para concluir o terceiro segredo de uma igreja missionária “e anunciavam com ousadia a palavra de Deus”. Aqui está o terceiro segredo de uma igreja missionária. E anunciavam com ousadia a palavra de Deus.

Você sabe porque o pentecostalismo tem dado certo no Brasil?

Sabe porque as Igrejas Pentecostais são as que mais crescem no mundo?

Exatamente, para pregar com ousadia a palavra é preciso estar cheio do Espírito Santo. Exatamente esse é o segredo dos pentecostais. Exatamente queridos irmãos, nós comemoramos recentemente cem anos de Pentecostes. Exatamente no Brasil queridos e amados irmãos, quando nossos queridos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, saindo de uma região tão fria e vieram para aqui para o norte do Brasil. E quando chegou em 1910 em Belém do Pará, numa região quente enquanto na Suécia chega a 40 graus abaixo de zero. Eles vieram para 40 Graus acima de zero. Mas quando eles chegaram aqui meus queridos eles ainda não sabiam falar a língua portuguesa. E os dois combinaram, como Gunnar Vingren era o mais intelectual dos dois, ele passou a estudar a língua portuguesa. Enquanto isso Daniel Berg trabalhava e quando os dois se encontravam a noite, Gunnar Vingren ensinava Daniel Berg as primeiras palavras em português. Minhas primeiras palavras que Daniel Berg aprendeu em português foram estas, Jesus Cristo salva Jesus Cristo cura. Jesus Cristo batiza com Espírito Santo e em breve voltará. Essa mensagem pentecostal com ousadia se espalhou por todo o Norte desse Brasil. Rapidamente se espalhou como fogo pelos quatro cantos dessa nação e assim surgiu a Assembleia de Deus, o maior Movimento Pentecostal do século XX. Aonde já somos mais de 20 milhões assembleianos no Brasil falando em línguas estranhas. Somos mais de 70 milhões de assembleianos no mundo inteiro. E somos mais de 700 milhões assembleianos no mundo inteiro pregando com ousadia a palavra de Deus.

Arabacandará, bachandará, riandabacandará [falando em línguas]. !!! (Pastor Erivaldo de Jesus - durante o XVIII Congresso de Missões da Assembleia de Deus de Bragança - 15/09/2016).

Na pregação do Pastor, ele enaltece as discrepâncias de clima, cultura e outros elementos a que os fundadores da Igreja Assembleia de Deus tiveram que passar para consolidar a igreja.

Destaca ainda o caráter cooperativo dos suecos, na forma como se ajudavam mutuamente, tendo sempre como objetivo maior a consolidação da Igreja Assembleia de Deus. A ideia de expansão territorial da religião no Norte do país e como se disseminou para o restante do país, sendo considerada, segundo a fala do pastor no “maior movimento pentecostal do século XX, com 20 milhões de fiéis” e 70 ou 700 milhões [sic] em todo o mundo.

### **3.2 Os sujeitos das comunidades do município de Bragança (PA)**

Conforme já exposto anteriormente a primeira parte da pesquisa tem como objetivo realizar uma caracterização exploratória das comunidades pesquisadas. Sendo assim, aplicaram-se entrevistas com questões abertas e fechadas nas Igrejas da Assembleia de Deus em 4 locais, na igreja evangélica no centro da cidade de Bragança (Bairro Aldeia e Samaumapara), em uma comunidade caiçara (Praia de Ajuruteua), no litoral do mesmo município e na comunidade do Acarajó. Aplicou-se 38 questionários com os fiéis, distribuídos da seguinte forma: 10 no bairro Aldeia, 10 no bairro do Samaumapara, no centro da cidade; 10 da comunidade caiçara de Ajuruteua e 8 questionários na comunidade do Acarajó. Nessas 4 comunidades os pastores também foram entrevistados, resultando assim em mais 4 entrevistas. Ao todo, portanto, foram 42 entrevistas.

Os sujeitos da pesquisa apresentam um perfil jovem apresentando uma média de idade que variava entre 21 e 30 anos. Essa característica de sujeitos jovens também se reflete na própria constituição do estado do Pará. E muito embora a população de idade mais elevada seja minoritária, é possível perceber nos trabalhos de campo a importância atribuída pelos mais jovens a população mais velha, expressada pelo seu respeito e também por sua dependência econômica em alguns casos. A relação entre as gerações será importante mais adiante para compreender inclusive o processo de mudança de fé religiosa, onde a família acaba exercendo alguma influência nesse processo. Embora a idade dos entrevistados em todos os locais gire em torno de 25 e 35 anos, fato esse que pode nos levar a reafirmar que se trata de uma população jovem, muito embora os indivíduos mais velhos não devam ser esquecidos já que não estamos trabalhando dentro de uma lógica quantitativa e suas experiências não podem ser consideradas em relação a sua idade, já que a religiosidade afetada à todos de maneira indistinta. Um maior tempo de experiência vivida pelos mais velhos acaba funcionando como um discurso de

autoridade em muitos casos de formar a legitimar a sua autoridade e a razão de suas escolhas perante os mais jovens.

Na área central da cidade, dos fiéis do bairro Aldeia, assim como na comunidade caiçara de Ajuruteua tem-se a maior média de idade, fato esse que pode ser explicado devido ao fato desses lugares possuírem maior infraestrutura urbana em relação a comunidade do Acarajó. Embora na comunidade do Aracajó sejam frequentes as reclamações em torno da falta de infraestrutura é comum que alguns moradores busquem abrigo temporário na casa de parentes seja na cidade ou mesmo na capital no caso de tratamento de saúde mais longos e complexos. Necessário também o registro de que entre os mais velhos existe uma resistência no que se refere a tratamentos de saúde menos complexos, que por sua vez, buscam tratamentos alternativos ou mesmo na esperança de curas pela fé. Como concluíram Santos, Koller, e Pereira (2004, p. 82), em seu estudo sobre a saúde entre os neopentecostais verificam que “o “diabo” torna-se a causa principal de todos os males. Assim, a doença passa a ser uma ação demoníaca e a cura requer o exorcismo do fiel. Destaca-se que os rituais de cura da igreja e a consulta médica são atos quase excludentes.

A idade dos sujeitos da pesquisa pode ajudar a compreender se as experiências vividas por eles influenciam suas formas de lazer ou até mesmo sua relação íntima com a religião. Nos depoimentos ficou evidente a tendência dos indivíduos mais jovens à abandonar a igreja (Apendice 3). Todavia, a idade não pode ser considerada com um fator determinante para a manutenção ou abandono da religião e sim pela sua experiência vivida. Nos relatos os sujeitos ao se referir sobre o abandono temporário da religião eles atribuem a causa à problemas de cunho familiar, financeiro, vícios e outras causas motivações relacionados a própria fé. Aqui elementos materiais e imateriais podem agir de maneira independente, mas segundo a concepção de alguns pastores e dos próprios fiéis recaem sobre o elemento intangível, nesse caso a própria fé. Os sujeitos admitem a fraqueza de sua fé, diante de provações ou de suas fraquezas em relação a tentação das coisas “mundanas”, como os vícios e outros males. E também enaltecem como uma vitória o fato de ter retornado para igreja e vencido seus problemas.

Talvez um dos questionamentos centrais sobre a questão etária seria como se dá a territorialidade dos fiéis em relação as práticas do lazer. Seria a idade um fator que interfere nessas novas territorialidades do lazer pautadas pelos usos e costumes da Igreja Assembleia de Deus?

Entre os sujeitos, 58% deles são do sexo masculino e 42% do sexo feminino, evidenciando assim um número maior de homens, ratificando assim a tendência de uma população masculina, segundo os dados do último Censo Demográfico do IBGE que 57.291 homens e 55.936 mulheres no município de Bragança.

Embora nessa pesquisa tenha se registrado um número maior de homens, a bibliografia (WOODHEAD, 2007) revela que a prática religiosa no ocidente é mais difundida entre as mulheres do que entre os homens. Tal fato se confirma o Brasil onde a fé entre as mulheres é maior entre as mulheres já que elas se declaravam sem religião quase chegavam a 5 milhões, enquanto os homens era 7,5 milhões. Segundo Kessler e Alves (2015, p. 6), verificaram em sua pesquisa que a presença feminina era “maior em relação à masculina em todas as crenças”.

Segundo Woodhead (2007, p. 2), “a evolução das relações de gênero e as angústias que delas decorrem” e que a divisão dos papéis sexuais entre homens e mulheres uma questão primordial e constante para a religião, revelando as desigualdades de poder dessa relação, corroborando assim a afirmação de Bourdieu (1999) de que as relações de gênero são um conjunto complexo e intrincado de relações de dominação construídas historicamente. As relações de gênero dentro das instituições religiosas igrejas implicam relações dissimétricas de poder.

Nesse sentido, muitos usos e costumes religiosos podem diferenciar a mobilidade entre homens e mulheres no seio das religiões, gerando territorialidades diferenciadas segundo o gênero. Neste estudo, especificamente, a prática do futebol demonstra a territorialidade diferenciada entre os gêneros, sendo um espaço predominantemente masculino. Uma das entrevistadas em conversa informal reclama dessa desigualdade e da falta de atividades de lazer voltada para as mulheres. Dizia ela em seu relato que havia recentemente frequentado a praia de Ajuruteua com sua família e que não via nenhum problema nessa prática. Sobre os locais de lazer, este tema será aprofundado no item que discutirá os locais de lazer frequentados pelos fiéis.

Quando se refere ao estado civil dos sujeitos, dado o perfil jovem em que quase metade deles são solteiros e outra grande parcela casados.

Uma pequena parcela diz viver no regime de União Estável. Embora a Igreja Evangélica Assembleia de Deus não proíba aqueles que vivem em união estável de frequentar a igreja, existe certa pressão dos pastores para que as uniões sejam oficiadas pelo casamento. Em muitos casos aqueles que vivem em união estável não podem ser batizados. Um número ainda mais diminuto dos sujeitos, se declara viúvo e divorciado. O Estado civil é outro fator que pode

influenciar a forma como estes e apropriam do território, mas também suas formas de mobilidade. Conforme outras pesquisas já realizadas na região no Xingu (Pará) (ROSCOCHE, 2012, 2013, 2014), constatou-se, na ocasião, que as atividades de lazer eram tipicamente familiar e que tinham territorialidades bem definidas.

No caso deste estudo, como se verificará mais adiante, mesmo entre os solteiros as atividades de lazer, na maior parte dos casos é realizada com a família e amigos demonstrando que tal prática possui laços afetivos e sentimentais se se cruzam com o espaço vivido. O que talvez não esteja explícito em relação a essa atividade de lazer é que não só existem diferentes arranjos familiares (e aqui nos referimos aos laços de parentesco diversos consanguíneos ou não que podem estar implícitos nesse termo), como as atividades de lazer realizadas no seio familiar podem variar bastante de uma família para outra.

Muito embora nas viagens turísticas a forma de acompanhamento possa evidenciar possibilidades bem distintas na forma de fruição de acordo com o Estado civil, no caso da temática de estudo os fiéis além de estarem em seu município de residência se deparam com mecanismos de controle social (exercido pelos próprios fiéis) no sentido de vigiar as atividades e locais frequentados por estes. Se os fiéis se sentem satisfeitos com as atividades de lazer que realizam só poderá ser respondida junto a vivência com os fiéis, de modo a verificar se existe uma territorialidade do lazer sonhada ou imaginada por eles.

Quando se verifica os hábitos dos solteiros, há uma diferença sobre a fruição do lazer, pois é facultado ao homem desde cedo uma maior liberdade de mobilidade em relação a mulher. Horlle *et. al.* (2012), aponta que nas Igrejas Protestantes Evangélicas, existe uma visão naturalista dos papéis do homem e da mulher, sendo que cabe ao homem o papel de “cabeça”, ou seja, quem comanda as direções da família enquanto a mulher é considerada o “corpo”, ou aquela que executa as ordens da “cabeça”. A mesma autora cabe a mulher trabalhar dentro da sua própria casa, deixando a tarefa de trabalhar para fora para o marido. A ideia de mulher independente é rechaçada pela religião em que a mulher é vista como infeliz, já que sua busca por liberdade “só será encontrada em conjunto com seu marido e Deus” (HORLLE, *et. al.* 2012, p. 1719). A rejeição ao homem e ao chefe de família pela mulher é considerada assim como uma não aceitação ao criador e teria dado autoridade sobre toda criação.

Outro fator ligado em alguns casos ao estado civil e até mesmo o que acabamos de discutir em torno do conceito de família está atrelado aos filhos. Quando cruza-se a informação sobre o estado civil dos sujeitos e a presença ou ausência de filhos é possível vislumbrar outro panorama, ou seja, enquanto menos da metade declara-se solteiro, porém, bem mais da metade

diz ter filhos. Tal fato pode estar ligado ao fato de que a presença de filhos não acabou gerando matrimônio, ou mesmo que viúvos e separados podem ter filhos. Pouco mais de 10% dos solteiros possuíam filhos, enquanto os solteiros sem filhos chegavam a quase 35%.

Mesmo o fato de ser casado não implica necessariamente, quer seja por problemas biológicos ou até mesmo pelo planejamento familiar que relega para cada vez mais tarde a decisão de ter filhos. Entre os que são casados, 36,9%, possuem filhos.

Chama atenção a cifra desses 10,5%, considerando que a postura tradicional da Igreja Assembleia de Deus no que se refere a uniões não oficiais e também em relação a ter filhos fora do casamento. Nesse sentido podemos nos referir as Uniões Estáveis com filhos que representam 5,2% dos sujeitos. Já as uniões estáveis sem filhos representam 7,9%. Somente um caso de entrevistado divorciado e outro viúvo, cada um igualmente com 2,6%.

O estado civil é outra variável que esta indissociavelmente ligada a territorialidade, já que esta pode se alterar, desde territorialidades na sua própria residência, até chegar à territorialidades externas, muitas vezes específicas de cada tipo de estado civil.

Quando os sujeitos são questionados sobre seu local de nascimento quase 90% deles dizem ser natos no próprio estado do Pará e uma minoria oriunda dos estados do Maranhão, Rio de Janeiro e Amapá. Dessa forma, podemos afirmar que grande parte dos sujeitos além de serem nativos na região, reforçando assim o caráter local dos sujeitos e de seus laços afetivos e emocionais com o território e com os demais sujeitos que partilham deste espaço vivido. Não ignora-se contudo a importância dos sujeitos nascidos em outros estados e que em alguns casos incorporam uma topofilia ou topofobia com o estado do Pará, mais especificamente com o município de Bragança e de sua comunidade. A religião como relatou um dos pastores “serve como um cimento para agregar as diferenças para o propósito de Deus”. Se por um lado existe uma primazia em relação a origem do estado do Pará, quando se verifica a cidade de nascimentos dos sujeitos pouco mais da metade são nascidos em Bragança e os demais oriundos de Belém ou de outras cidades da região e apenas pouco mais de 10% oriundos de outros estados da Federação. Mesmo entre os migrantes o sujeito que migrou mais recentemente para o Pará, vive lá há mais de 11 anos, oriundo do estado do Rio de Janeiro. Outros três sujeitos (duas mulheres e um homem), residem no Pará há mais de 20 anos, se auto identificando como paraenses, tendo vivido mais tempo no Pará do que no seu estado de origem. Não pode ser negada todavia essa multiterritorialidade tanto das fronteiras político administrativas e principalmente culturais, seja de uma territorialidade pautada na materialidade ou mesmo numa territorialidade que é também é imaterial e simbólica.

Para aqueles que são convertidos para a Igreja Assembléia de Deus, não estamos nos referindo a alteração de um apropriação do território apenas física (deixar de frequentar um espaço religiosos em detrimento de outro), mas sim de uma nova resignificação do território a partir de uma nova maneira de ler, interpretar e representar o território simbólico a partir de uma nova ótica religiosa religiosa.

Quando questionados sobre sua profissão, 23,7% os sujeitos atribuíram-se como estudantes, constituído em sua maioria por homens, solteiros e que na maioria não possuem filhos. Ao analisar especificamente os estudantes é possível verificar que eles possuem idade entre 18 e 25 anos. Quando se compara a ocupação com os rendimentos verifica-se que quase 80% ganha menos de 5 salários e uma parcela com rendimentos baixos ou de nenhum rendimento. Se os baixos rendimentos preocupam, outros mais de 20% de sujeitos não quiseram responder a esse questionamento. Pelo contexto onde a pesquisa ocorre, por inferência, podemos supor que estes possam possuir uma baixa renda ou nenhuma renda, optam, portanto, pelo silêncio.

Quando recorremos ao passado histórico da Igreja Assembleia de Deus, Fernandes (2006, p. 81), afirma que esta era composta “majoritariamente por pessoas pobres e de pouca escolaridade discriminadas por protestantes históricos e perseguida pela Igreja Católica”. A autora segue afirmando que atualmente embora o perfil da igreja tenha sido alterado, mas que ainda abrigue principalmente pessoas pobres e com baixa escolaridade, mas que também passou a acolher profissionais liberais e empresários.

Entre os estudantes há o predomínio de pessoas com o ensino fundamental completo seguido quase metade deles possuem ensino fundamental completo ou incompleto. No que se refere ao nível de escolaridade dos sujeitos, aqueles que possuem o ensino fundamental completo ou incompleto ultrapassam metade dos sujeitos. Os que possuem o nível superior somam pouco mais de um décimo dos sujeitos, enquanto os demais possuem ensino médio completo ou incompleto. Se por um lado pode comemorar o fato de quem na coleta dos relatos não encontramos nenhum analfabeto entre os sujeitos, por outro verifica-se que mais da metade só possui o ensino fundamental completo ou incompleto, denotando assim um nível de escolaridade muito baixo. Quando nos referimos a escolaridade entre os sujeitos desse estudo, não temos o intuito de realizamos juízo de valor ou comparação, mas sim buscar compreender o contexto de como surge o imaginário e a representação dos sujeitos e a escola possui importância fundamental nesse processo. Como bem expõe Kozel (2007):

A escola, neste contexto é um referencial no espaço e um tempo de construção histórica, social e geográfica (construído na vivência e na representação cultural). O tempo de escola não é uma mera realidade objetiva e a escola não é apenas o lugar objetivo onde se aprende. É o tempo-espaço subjetivo, vivido culturalmente onde aprendemos a nós mesmos de forma objetiva e subjetiva, individual e coletiva. (KOZEL, 2007, s/n)

Ainda no que se refere a ocupação, depois dos estudantes, a segunda ocupação mais citada foi a de trabalhadores informais. E grande parte deles possuem uma idade em torno de 30 anos e renda, muitos deles recebendo menos de um salário mínimo tendo sua renda complementada pelo Programa do Governo Federal de transferência de Renda, o Bolsa Família (apenas 2 sujeitos recebem esse auxílio). Interessante observar que entre esses que estão inscritos no Programa são também aqueles que estão cursando nível superior. Tal fato nos leva a questionar se talvez o benefício recebido pelo governo federal seria decisivo para que estes se mantenham cursando o ensino superior. Uma pequena parcela de menos de 15% dos sujeitos diz receber mais de 10 salários em suas ocupações, geralmente se autodeclarando empresários e profissionais liberais. Muitos dos sujeitos entrevistados ressaltam que tal ocupação foi praticamente “imposta” já que dizem não ter conseguido outra forma de emprego. Muito embora alguns reconheçam a instabilidade do trabalho informal, alguns enaltecem o fato de não precisarem cumprir horário ou seguir ordem de outras pessoas.

Na terceira posição entre as ocupações dos sujeitos entrevistados estão os trabalhadores do setor privado que ultrapassam pouco mais de 15%. O salário recebido em média por esses trabalhadores é em torno de 1 a 5 salários. Na cidade o setor privado é principalmente composto por lojas de roupas e calçados, mercados, lanchonetes, prestadores de serviço das áreas de telefonia, transporte, telecomunicações, entre outros.<sup>26</sup> Um fato que chama atenção é que quase metade dos sujeitos empregados no setor privado possuem ensino médio e quase um quarto deles está cursando o nível superior, evidenciando assim que o setor privado acaba sendo exigente com a formação profissional por parte de seus empregadores que dizem querer uma mão-de-obra melhor qualificada. O acirramento da competitividade no trabalho acaba se refletindo nas demandas da igreja, onde provações do mundo do trabalho, acabam sendo relidas

---

<sup>26</sup> Quase inexistem atividades industriais de médio ou grande porte na cidade de Bragança. A cidade tem como base de sua economia a atividade pesqueira, sendo considerado um dos principais pólos pesqueiros do Estado. Sua produção é destinada às principais cidades da região nordeste e também para Belém. Registra-se como principais atividades econômicas a pecuária, agricultura e extrativismo (com destaque para a extração de caranguejos). O turismo acaba sendo uma atividade econômica dado o potencial do patrimônio natural (principalmente as praias) e também pelo sítio histórico na cidade (com alguns prédios conservados e outros em estado de completo abandono) considerado um dos sítios históricos mais antigos do Estado. Tal sítio histórico data do início do século XVII, em 1613, com grande presença de traços arquitetônicos portugueses, em especial prédios históricos que remetem ao presença católica.

como provações espirituais a serem superadas. Outro fato que pode ser observado em alguns pontos de comércio é que negócios locais possuem em alguns casos o predomínio de empregados evangélicos, já que em muitos casos seus proprietários também o são.

Aquelas pessoas que diziam ser do lar, empresários, que não responderam ou disseram ter outras profissões representam menos de 8% dos sujeitos entrevistados. Quando levado em consideração os preceitos religiosos que pregam o homem como mantenedor do lar e a mulher a responsável pelo cuidado com o lar, chama atenção o pequeno número de pessoas que se diziam do lar. Entre as que se dizem do lar a idade média delas era de aproximadamente 2º anos e que recebiam de 1 a 5 salários. Aqui mais uma vez cabe a ressalva do programa Bolsa Família, já que um terço das entrevistadas recebe este benefício. Essas mulheres apresentam também um perfil com baixa escolaridade sendo que um terço delas possuíam ensino fundamental enquanto os outros quase dois terços possuíam ensino médio incompleto. A evasão escolar, conforme relatam, em muitos casos, ocorre em função do matrimônio e principalmente do nascimento dos filhos entre as mulheres.

Entre aqueles que dizem não possuir profissão, apresentam idade média em torno de 23 anos e apresentam renda que varia de menos 1 salário ou de 1 a 5 salários. Todos eles são negros, solteiros, não possuem filhos, possuem o ensino médio completo e incompleto e possuem emprego e renda. Chama atenção o fato de estes não se atribuírem nenhuma profissão mesmo possuindo emprego, renda e uma escolaridade mediana. Aqui cabe um maior aprofundamento qualitativo em relação a esta questão de modo a verificar qual o entendimento que os sujeitos possuem em relação a profissão e emprego. Todavia, ao que tudo indica, os sujeitos podem ter interpretado a profissão como uma capacitação formal seja ela de nível técnico ou superior.

Três sujeitos dizem ser empresários, sendo que um deles diz ganhar menos de um salário por mês e ser beneficiário do bolsa família. Os outros dois apresentam idade em torno dos 20 anos de idade e dizem receber de 1 à 10 salários mínimos.

Apenas dois sujeitos da pesquisa disseram ser funcionários públicos, sendo que um deles é do sexo masculino, possui 28 anos de idade, solteiro, não possui filhos e possui ensino médio completo. Já a outra entrevistada é do sexo feminino, 49 anos de idade, viúva e possui o ensino médio completo.

A profissão é um fato fundamental para compreendermos não só as práticas religiosas dos fiéis, mas também suas formas de lazer já que o tempo o tempo disponível para essas atividades bem como as condições materiais são fundamentais para entender o valor que os

indivíduos atribuem a essas atividades. Somos partidários que o lazer pode sim ser considerado atrelado ao trabalho como muitos teóricos defendem, já que estudantes que não possuem renda, praticam atividades de lazer. Até aqueles que estão reclusos nas prisões tolhidos de sua liberdade e não exercem nenhuma atividade profissional podem realizar alguma forma de lazer como a leitura, esporte, jogos e outras atividades. A renda e a profissão não são determinantes nas formas de lazer, pois conforme observado nesse estudo existem atividades de lazer como a confraternização em espaços públicos e a busca com rios e a praia ocorrem na quase totalidade dos entrevistados, indiferente de sua profissão ou nível salarial. Todavia, a de se considerar que certos tipos de profissões podem possibilitar maiores possibilidade de tempo livre em relação as outras, assim como o aporte financeiro pode influir na disponibilidade de atividades de lazer.

Da mesma forma, o estado civil dos sujeitos dessa pesquisa é importante, não só porque é possível estabelecer diferenças entre os hábitos de lazer e religião de cada um, mas sobretudo como esta experiência prática afeta seu universo simbólico. O mesmo pode ser dito em relação a escolaridade dos sujeitos e não estamos aqui a uma visão hierárquica ou estabelecendo um senso de juízo ou valor, todavia, as experiências vivenciadas em instituições de ensino podem alterar o universo simbólico desses sujeitos. Compreender a formação familiar dos sujeitos, suas atividades profissionais, seus rendimentos é também tocar em questões intangíveis de seus medos, receios, vergonhas, silêncios e assim buscar uma maior aproximação do universo vivido por eles.

A instituição religiosa, baseado no cotidiano de seus fiéis e de um devir pós morte mítico, tecera seu discurso de modo que a vida dos fiéis seja pautada pelos pressupostos religiosos interpretados e representados pelos líderes religiosos. Não só a experiência cotidiana se liga a religião, como também o inverso é verdadeiro. Segundo Gil Filho (2006b), o homem não vive apenas no universo dos fatos, mas sobretudo em um universo simbólico, na realidade imediata é que se constrói uma prática simbólica e se concretiza a busca dos significados da existência.

Os rendimentos dos sujeitos enquanto grupo podem ser considerados baixos já que 60% deles recebem menos de 5 salários e metade desses recebem auxilio são beneficiários do Programa Bolsa Família. Durante as entrevistas ficou evidente que a cada membro da família recebia entre um e dois salários mínimos, o que denota um rendimento salarial relativamente baixo. E entre os que recebem os salários mais baixos estão as mulheres, fato que reforça a diferença de gêneros em nosso país ainda no que se refere aos rendimentos quando comparadas

aos homens. Tal discrepância de rendimentos pode ajudar a entender as desigualdades de gêneros.

No caso da conversão de homens e mulheres à religiões pentecostais Machado (2005), revela que os homens procuram a conversão religiosa em situações como de desemprego, dificuldades financeiras, problemas de saúde. Já as mulheres procuram a conversão quando possuem desavenças familiares e necessidades materiais e espirituais de sua família. Ainda segundo ela, enquanto os homens procuram a religião em situações em que é ameaçada sua “identidade masculina predominante na sociedade”, as mulheres por sua vez “se colocam como guardiãs das almas de todos que integram a família, buscando os grupos confessionais sempre que um dos seus familiares se mostre em dificuldades” (MACHADO, 2005, p. 389).

Já segundo Woodhead (2007, p. 88), o interesse dos homens é a busca por um papel institucional, benefícios econômicos e um capital social enquanto as mulheres estão mais interessadas “pelo efeito pessoal e afetivo retirados das relações de mútua ajuda estreitadas no contexto religioso”. Em ambos os casos é possível verificar que a religião é vista como um auxílio em casos materiais e também problemas de pressão emocional, abrindo possibilidades de fuga para situações que não teriam fuga pela empiria (GEERTZ, 2008).

Embora o rendimento seja considerado por muitos teóricos como fundamentais na prática do lazer em sociedades modernas industriais, as atividades de lazer em comunidades tradicionais da Amazônia têm como base as relações de amizade e parentesco e se pauta em locais de acesso público, sejam praças, praias fluviais de água doce e praias marítimas e até mesmo locais religiosos como igreja e demais dependências acabam servindo como suporte para muitas atividades de lazer.

O tempo de residência no município e a faixa etária apresentam padrões muitos semelhantes, sendo assim uma população jovem tem-se a apresentar um tempo de residência menor no município, ainda que em sua maioria sejam autóctones. Mais de dois terços dos sujeitos da pesquisa vivem a menos de 30 anos no município, enquanto o restante vive entre 31 e 51 anos. O tempo de residência no município pode fornecer uma aproximação de quão longo é o laço afetivo e emocional com o local pesquisado, todavia, não nos fornece a natureza e a intensidade dessas relações íntimas entre os sujeitos, sendo necessária uma pesquisa qualitativa mais profunda com os sujeitos, conforme é proposto nesse estudo.

Entretanto, o que se pode verificar em conversas informais que aqueles moradores que vivem há mais tempo no município conhecem muitos locais que indicam locais para a prática do lazer, embora reiterem que não costumem frequentar tais locais. Posicionamento diferente é

tido por aqueles que residem a pouco tempo no município e que acabam apresentando maior vontade para conhecer as potencialidades locais de lazer. Aqui cabe a reflexão de muitos teóricos sobre a simplificação da paisagem, onde moradores de longa data dos locais onde residem apresentam certo enfado com a paisagem local, não enxergando pouco ou nenhuma importância a paisagem cênica.

### **3.3 Os sujeitos das comunidades do município de Bragança (PA)**

Mais um fato que corrobora a diferença da situação de moradia no município de Bragança em relação aos grandes centros urbanos de outras regiões do país é o fato de que o acesso a terra é mais facilitado, dada a grande disponibilidade de terras. Tal fato não só faz com que o valor dos terrenos não seja alto, como também existem muitos casos de invasões ilegais onde os moradores acabam tendo somente o custo da edificação das moradias. A constatação empírica dessas afirmações é corroborada por nossa pesquisa de campo que identificou que 95% vivem em casas próprias e quitadas. Outros 3% vivem em casas cedidas por familiares e apenas 2% residem em casas alugadas. Embora as casas possam ser consideradas humildes, quase 80% delas é construída em alvenaria e o restante em madeira. Não há uma plena satisfação com as residências já que muitos reclamam possuem planos de aplicação, reforma e outras melhorias que consideram necessárias. A moradia, portanto, não é uma problemática que mereça muita preocupação por parte dos moradores do centro urbano ou das comunidades ribeirinhas e caiçaras de Bragança, embora sempre haja o desejo por melhoria das moradias ou até das condições infra estruturais das localidades onde residem. Se o acesso a moradia não é um problema a infraestrutura básica urbana não é tão satisfatória.

As condições infraestruturais em alguns casos não é a adequada, mas muito poucas reclamações são feitas nesse sentido. A começar pelo abastecimento de água que para  $\frac{3}{4}$  dos sujeitos é realizado mediante poços (comuns e não artesianos na maioria dos casos) e que não possui nenhum tratamento. Somente 36% dos sujeitos dizem receber o abastecimento de água por rede geral. O abastecimento de água por sua vez tem uma relação direta com a geração de esgoto, já que a água consumida é acrescida de outros desejos, detritos e materiais que são adicionados a ela. A falta de saneamento urbano como é de conhecimento geral podem ser geradoras de muitos problemas de saúde. No caso dessa região em especial os índices de malária, dengue, febre amarela, diarreias e outras moléstias são muito comuns. Para a população que vive a mais tempo, o esgoto a céu aberto não parece ser um problema, pois é considerado

por muitos como uma situação “normal”, dada a convivência de longa data com o referido problema. Muitos moradores costumam construir fossa comuns, onde não há a construção de paredes em alvenaria para evitar o contato direto com o solo. Infelizmente esse tipo de destino final do esgoto doméstico está presente em 71% dos domicílios pesquisados. O percentual de poços e de valas comuns são quase equivalentes, fato este preocupante já que muitos dos poços são construídos próximo as fossas, aumentando as chances assim da contaminação da água ingerida. Pouco mais de 10% do esgoto possui destinação adequada sendo que o restante é jogado a céu aberto, em cursos de água ou outras destinações que causam impacto ao meio ambiente como a própria saúde do homem. Dadas as condições sanitárias precárias, a propagação de muitos vetores e doenças acabam por se tornarem frequentes na vida das comunidades. A presença ou ausência de saneamento pode ter influência direta na saúde da população local, já que ao ser acometida por qualquer tipo de doença há prejuízos para o setor produtivo e principalmente para os sujeitos que geralmente não poderão usufruir desse tempo para o lazer. E até mesmo a prática de lazer em lugar contaminados como rios e mares pode ser uma via de contração de doenças. Aqui nos interessa em especial a condição de saúde e doença, já que em muitos casos tal condição possui uma relação atribuída pelos sujeitos pelo viés espiritual. Como bem destacam Silva e Vasconcelos (2013), o corpo faz parte de um processo que significa e é significado e que também pode ser constitutivo de uma realidade transfigurada, pensada simbolicamente sob a ótica divina. A doença igualmente se destaca como valor social simbólico extraordinário ao buscar a reordenação do desequilíbrio causada por ela.

O atendimento médico-hospitalar é outra variável que chama atenção já que 92% possuem alguma forma de atendimento nos locais onde residem. No bairro Aldeia, no centro da cidade, os sujeitos são quase unânimes em afirmar que lá existe a disponibilidade dos seguintes serviços médico-hospitalares: posto de saúde, hospital, agente de saúde, agente de endemias. Na comunidade caiçara de Ajuruteua, metade dos sujeitos diz possuir: posto de saúde, agente de saúde, agente de endemias, enquanto a outra metade diz apenas agente de saúde e agente de endemias. Na comunidade de Samaumapara a quase totalidade dos sujeitos registra a presença de agente de saúde e agente de endemias. Na comunidade do Acarajó, metade dos registra a existência de: posto de saúde; hospital; agente de saúde e agente de endemias, já outra metade constata apenas a existência de agente de saúde e posto de saúde.

No que se refere a infraestrutura de iluminação pública, segundo a percepção dos sujeitos, 92% deles dizem possuir iluminação pública no bairro ou localidade onde residem. Pode-se afirmar que tal percentual é satisfatório. Pode causar espanto para muitos que

comunidades ribeirinhas e caiçaras possuam um leque tão variado de infraestruturas, todavia, a localização dessas próximas a rodovias (no caso das comunidades ribeirinhas) e próximos a locais turísticos (praias no caso de comunidades caiçaras) podem ajudar a explicar essas presenças.

Com relação ao transporte coletivo, quase 70% dos sujeitos dizem fazer uso desse e os demais disseram não fazer uso. É possível verificar que devido as pequenas dimensões da área urbana de Bragança bem como das comunidades analisadas, as distancias são percorridas de bicicletas pela maioria dos sujeitos ou ainda de motocicleta. Nesse último caso é tanto utilizada para pequenas distancias ou até mesmo de uma cidade para outra. A utilização de veículo próprio só é citado por 15% dos sujeitos. Os que se utilizam de ônibus, taxi, ou transporte a pé, são representados cada um por 8% do total por pé, ambos representando cada um 8% do total. Foi observado que quando os moradores se deslocam de uma comunidade para outra eles costumam utilizar linhas regulares de ônibus ou então transporte (vans; micro-ônibus e lotação de carros particulares) clandestino. Até mesmo o táxi é utilizado, o taxista espera atingir a lotação do veículo (geralmente de 5 lugares), e só então inicial a viagem rateando o valor pré-fixado do trajeto entre uma comunidade ou cidade à outra.

O trânsito maior das comunidades em direção a cidade ocorre geralmente nos dias de pagamento de benefícios e que culmina também com o período de compras de mantimentos e roupas para o suprimento do mês.

### **3.4 Das práticas religiosas dos fiéis das comunidades da Assembleia de Deus no município de Bragança (PA)**

Se nas grandes cidades as distâncias e os custos de transportes podem acabar influenciando as práticas religiosas e as práticas de lazer, em comunidades de menor porte, ao menos as igrejas estão fisicamente muito próximas dos fiéis como pode ser observado na pesquisa.

A presença física das igrejas junto aos fiéis, pode ajudar a compreender não só o domínio territorial da igreja ao se apropriar fisicamente do território, se aproximando fisicamente dos seus fiéis. As igrejas evangélicas para a maioria dos sujeitos (mais de 90% deles) está literalmente algumas centenas de metros (no máximo 1000 metros) de suas residências. Os fiéis, portanto, podem acessá-las a pé, de bicicleta, motocicleta e em alguns poucos casos de carro.

Em muitos casos, os meios de transporte são deixados de lado já que o percurso é feito com a família e é também durante o percurso que os encontros entre os seus pares acontecem.

A proximidade física da igreja em relação aos seus fiéis, além de facilitar o acesso aos mesmos, dispensa em grande parte recursos logísticos de transporte. Tal proximidade física dessas igrejas junto à comunidade faz com que os interlocutores das igrejas conheçam a realidade onde seus fiéis estão inseridos, buscando aproximar suas narrativas à realidade vivida pelos sujeitos. O próprio testemunhos dos fiéis servem como base do discurso dos pastores, que buscam nas superações dos problemas por parte dos fiéis, aqueles que venceram com a ajuda da fé e a da igreja. E também pode-se dizer que essa proximidade física das igrejas, pastores e dos próprios irmãos<sup>27</sup> da igreja, pode ser utilizada como uma potencial ferramenta de vigilância e controle e mesmo de solidariedade e convivência entre eles.

Maiores estudos que demonstrem a distribuição das igrejas evangélicas seriam uma grande contribuição para entender que estratégias são utilizadas nessa lógica de organização especial das igrejas. A distribuição espacial bem como o entendimento das variáveis que compõem o contexto da área de influência dessas igrejas também contribuiriam para entender essas lógicas. O nosso trabalho no entanto, busca compreender as novas territorialidades que implicam o sujeito ao mudar de religião, mais precisamente ao se converter para igreja Assembleia de Deus. Ao mudar de religião, na melhor das hipóteses e uma mudança de territorialidade no que se refere a ação de frequentar um novo local religioso. Os valores religiosos, intangíveis e imateriais por sua vez podem vir a alterar um a nova configuração territorial. Dito de outro modo, os valores religiosos podem fazer com que o sujeito atribua novos significados à espaços e territórios que eles frequentavam. Tal fato será constatado mais adiante em relação aos locais de lazer frequentados antes e após a conversão para a Igreja Assembleia de Deus. Cabe, no entanto, buscar compreender quais as razões subjetivas (sejam elas espirituais, emocionais, afetivas, etc.) para o embasamento dessas alterações que poderão ou não ser respondidas com um maior aprofundamento qualitativo dessas problemáticas.

Aqui cabe a consideração da presença virtual das igrejas seja na sua casa, ou no trabalho seja por meio do rádio, de programas de TV, de músicas gospel ou conteúdo interativos.

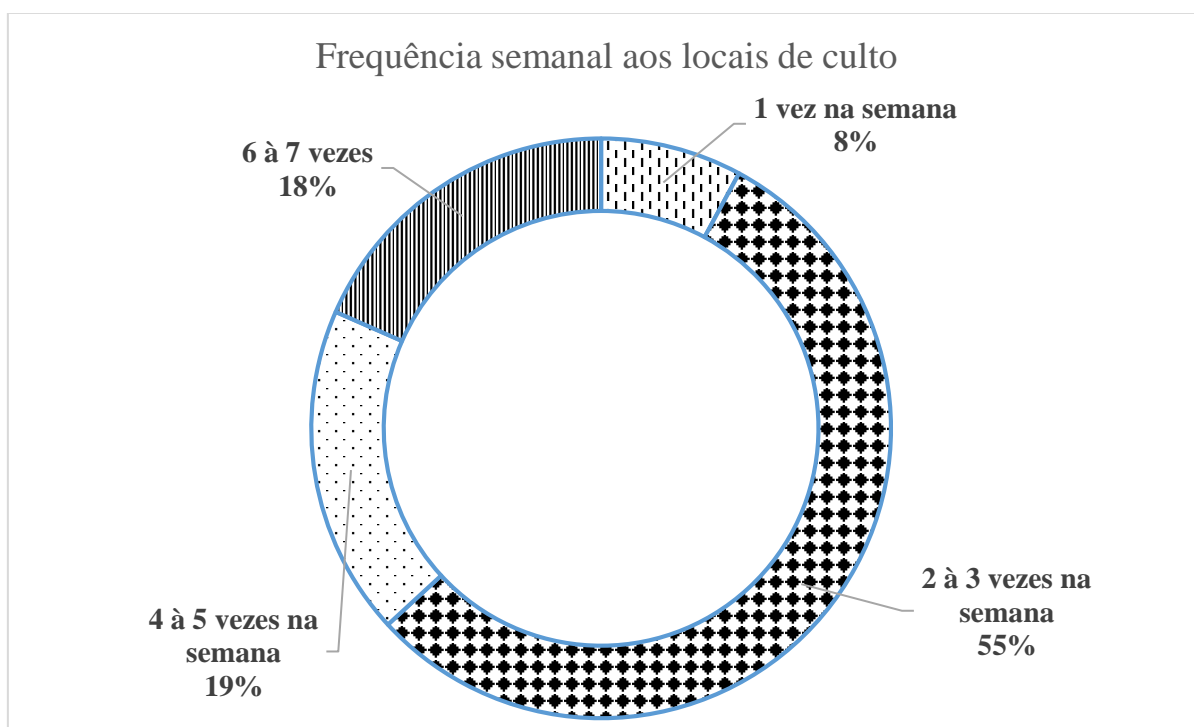
Todavia, nos discursos junto aos pastores esses deixam claro que o acesso a todos esses meios é recomendado, mas que a presença dos fiéis fisicamente nas igrejas nos cultos e em outras atividades promovidas é imprescindível. A presença ou ausência da física não significa

---

<sup>27</sup> Na Igreja Assembleia de Deus assim como em outras denominações religiosas é normal que os fiéis se tratem entre si como irmãos ou irmãs, considerando que se somos filhos de Deus (do Pai), somos todos irmãos.

necessariamente que a ligação religiosa seja extinta, mas sim que seja intangível. Existe uma territorialidade simbólica e intangível que transcende as paredes das igrejas, que se espalham pelas ondas eletromagnéticas do rádio, da tv ou da fé.

Continuando nossa análise, em relação de frequência aos locais de culto e que de certa forma possui correlação com o assunto discutido anteriormente, ou seja, a distância entre o local de residência e de culto. Ao contrário do que acontece entre outras religiões como os católicos, em que a maioria frequenta a igreja uma vez por semana, nas Igrejas Evangélicas de forma geral os fiéis frequentam mais de uma vez por semana. Verificou-se por exemplo, que todos os sujeitos frequentam efetivamente as igrejas, sendo que somente uma minoria que não chega a 10% frequenta apenas uma vez enquanto mais da metade dos sujeitos frequentam o local de culto de 2 a 3 vezes por semana. Quando nos referimos aos “locais de culto”, estamos fazendo alusão não só a igreja propriamente dita, mas também em reuniões realizadas na residência dos fiéis. Chama atenção do fato de que quase 40% dos sujeitos frequenta a igreja de 4 à 7 vezes por semana.



**Figura 8 - Frequência semanal aos locais de culto.**

Fonte dos dados: Pesquisa da Campo, 2015

Organização: ROSCOCHE (2018)

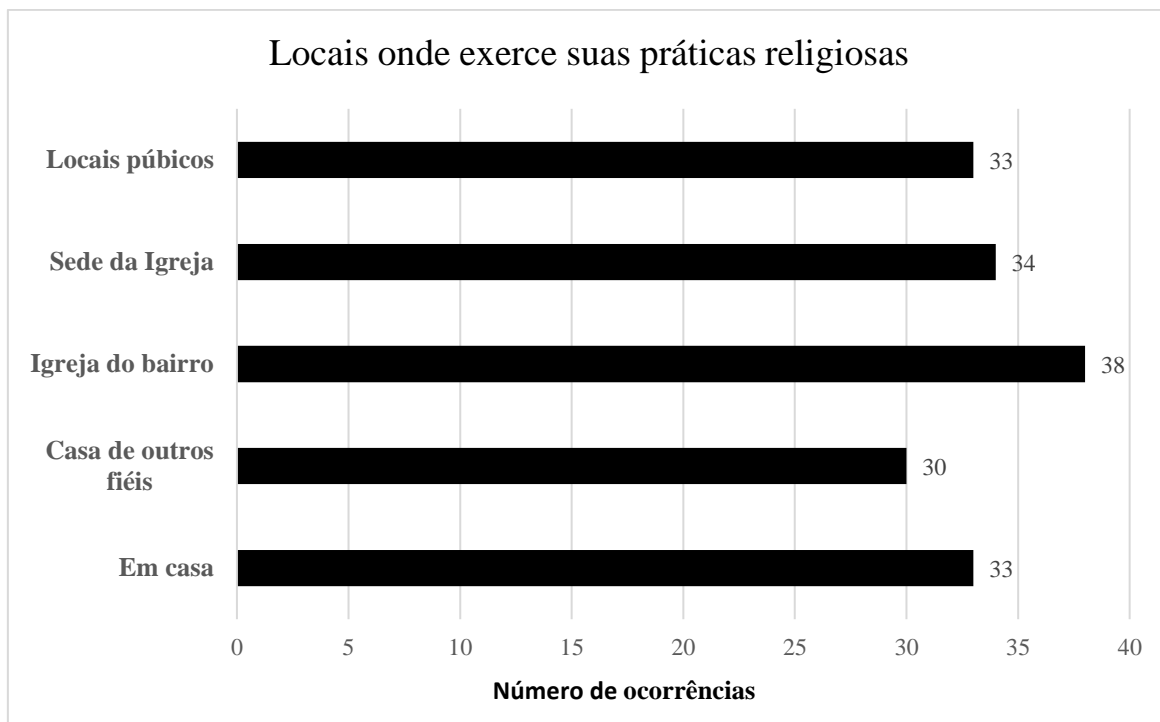
Essa grande frequência dos fiéis é entendida por Bohn (2004), como nível de religiosidade, que seria o grau de exposição às autoridades religiosas, medido pela frequência com a qual ele participa de missas ou de cultos. Podemos afirmar que nossa pesquisa corrobora

a pesquisa de Bohn (2004), que considera que mais de 80% dos fiéis da Assembleia de Deus frequentam o culto duas vezes ou mais por semana. Na verdade, a frequência dos sujeitos de nossa pesquisa é ainda superior ao índice apresentado pelo autor. Tal fato, demonstra o compromisso dos fiéis que fazem da religião um hábito em alguns casos cotidiano e que por sua vez gera um fluxo intenso de deslocamentos e de territorialidades. Todavia, a intensidade do fluxo não é autoexplicativa, cabendo o questionamento das razões que geram essa grande frequência aos locais de culto. Seria essa frequência uma necessidade individual ou uma “obrigação” assumida junto a igreja? Seria a satisfação pela interação social ou bem estar espiritual proporcionado que faz com que essa frequência seja tão elevada?

Outra informação complementar a frequência aos cultos religiosos é a forma de acompanhamento deste. Os fiéis costumam fazer do culto uma atividade com uma participação predominantemente familiar conforme relatam os fiéis. Conforme os relatos coletados, pode-se perceber que aqueles que são casados ou em união estável costumam ir com seus companheiros e filhos. E um quarto dos sujeitos dizem frequentar os cultos sozinhos ou com amigos.

Além dos objetivos espirituais que são a principal razão da maioria dos fiéis, estes consideram que ir ao culto é também uma forma de socialização, uma oportunidade para encontrar e fazer amigos. Interessante observar que não existe uma centralização das atividades religiosas somente na sede da igreja. A territorialidade das ações religiosas é bastante diversificada.

Quando questionados em que locais os fiéis costumam exercer suas atividades religiosas é possível verificar que a maioria diz exercer sua religião em múltiplos espaços. Aos nos referirmos as atividades religiosas não estamos falando apenas de orações, mas também de atividades de ensino, estudo, pregações, conversas, auxílio aos congêneres, etc.



**Figura 9 - Local onde exerce suas práticas religiosas.**

Fonte dos dados: Pesquisa da Campo, 2015

Organização: ROSCOCHE (2018)

O local onde as atividades são mais intensas e possuem maior nível de envolvidos é a igreja do bairro onde a totalidade dos sujeitos diz frequentar. Logo em seguida aparece a igreja sede (localizada na área urbana de Bragança, onde além de cultos outros eventos são realizados), onde os sujeitos dizem exercer suas atividades religiosas.

Quase 90% dos sujeitos diz ainda não restringir sua religiosidade e igreja, realizando algum tipo de atividade religiosa em sua residência e o mesmo em locais públicos. Quando os sujeitos se referem as atividades religiosas ligadas as suas residências, geralmente citam as orações, leituras, ouvem músicas evangélicas e podem realizar estudos bíblicos. De forma semelhante, as residências podem servir para atividades coletivas como orações e estudos bíblicos. Essa é a razão dos sujeitos são interpelados em que lugares exercem suas atividades religiosas citam a “casa de outros fiéis” em quase 80% dos casos. A igreja deixa de ser uma entidade distante chegar aos lares dos fiéis e de seus vizinhos da fé, fortalecendo não só os laços familiares e de vizinhança.

Um acompanhamento de maior duração e profundidade qualitativa, fornecerá subsídios para entender essa territorialidade religiosa e como qualitativamente ela ocorre. Se por um lado ter em mãos informações de onde ocorrem as diversas práticas religiosas nos ajuda a compreender que essa territorialidade religiosa extrapola a igreja, por outro, deixa em aberto

algumas questões fundamentais. Que atividades religiosas são essas que ocorrem em lugares públicos e até mesmo nas residências dos fiéis? Qual a cartografia dessa territorialidade religiosa e se ela se entrelaça em algum momento com atividades de lazer? E claro, quais as diferenças entre uma territorialidade anterior a conversão evangélica e após a conversão, de forma a buscar identificar ausências e permanências dessas territorialidades frente a uma nova (re) significação desses territórios. Tal procedimento poderá ser realizado pela convivência com os fiéis de modo a compreender qualitativamente essas dinâmicas e as razões que as fundamentam.

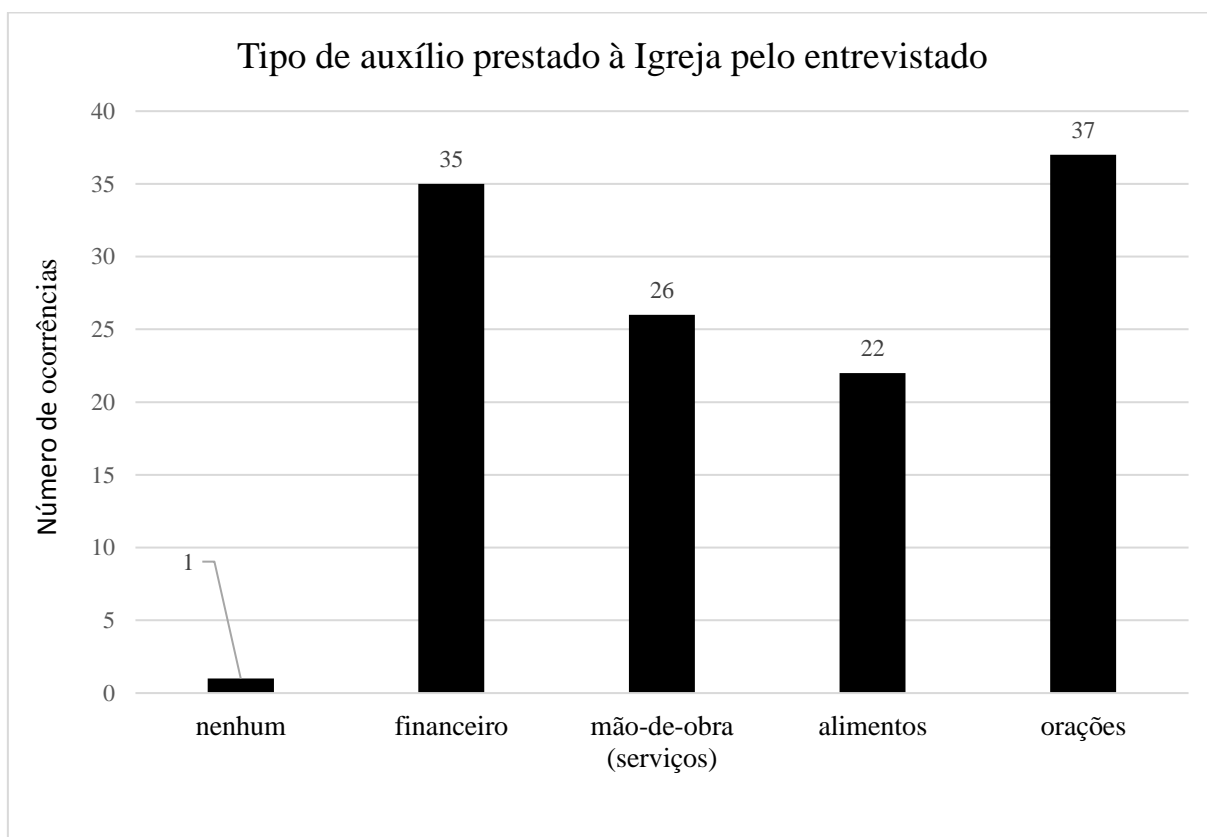
A efetiva participação dos fiéis nas atividades ofertadas pela igreja também merece destaque. O culto é uma unanimidade entre os fiéis pois todos dizem participar efetivamente destes, o mesmo ocorre com os estudos, dos quais a quase totalidade diz participar. No que se refere as atividades culturais 29 sujeitos disseram que a igreja proporciona esse tipo de atividade e 26 disseram participar dessas atividades que vão de cantos e encenações bíblicas, entre outras atividades.

Tanto as confraternizações como as atividades culturais ainda que imbuídos de toda uma esfera religiosa é tida por muitos como a concomitância de um momento de lazer. As atividades culturais pela quase totalidade dos sujeitos embora  $\frac{3}{4}$  deles dizem participar dessas confraternizações. Um número reduzido de sujeitos diz não citou a existência de atividades culturais, seja talvez por desconhecimento ou simplesmente por negar que tais atividades possam ser consideradas culturais e sim sagradas.

Os sujeitos citam ainda a realização de treinamentos ou capacitação assim como retiros espirituais como atividades promovidas pela igreja e em menor grau dizem participar dessas atividades. As atividades como os retiros espirituais são citadas por 76% dos sujeitos, muito embora somente por 60% dizem participar dessa atividade. O público que frequenta essas atividades é geralmente representado por fiéis jovens, solteiros, em sua maioria homens. Eventos esses que também de certo modo são constituídos por palestras, testemunhos e outras atividades de grupo. Segundo um dos pastores, o retiro espiritual é fundamental para fortalecer a fé dos fiéis deixando seus problemas e preocupações cotidianas para voltar seu pensamento à Deus. Nos dias de retiro, segundo o pastor, os fiéis conseguem perceber a importância da família, dos amigos e entendendo melhor a fé. A ideia de retiro possui embasamento bíblico, já

que por muitas vezes<sup>28</sup> Jesus teria se isolado sozinho ou com seus discípulos para reflexão. Interessante observar que alguns retiros acontecem justamente em datas como o carnaval, buscando afastar os jovens das festas dessa época e levá-los ao exercício da oração e meditação. Em contraposição, a própria igreja realiza regularmente as festas distritais, onde já o encontro de diversas igrejas e que possui uma ampla programação, sempre voltada ao louvor à Deus.

Nessa interação com a Igreja buscamos saber junto aos sujeitos que relações estes estabeleciam com a igreja, mais especificamente de que forma eles contribuiriam com a igreja. Embora a ideia inicial de auxílio à igreja seja a primeira vista a financeira, muitas outras formas de colaboração são citadas pelos fiéis. Chama atenção o fato que mais do que ajuda financeira a quase totalidade dos sujeitos dizem contribuir com orações para a Igreja. Nesse sentido ao que nos parece o principal “ativo” da igreja, se esse pudesse ser medido, seria o das orações, o maior patrimônio intangível da igreja.



**Figura 10 - Tipo de auxílio prestado pelo fiel à Igreja.**

Fonte dos dados: Pesquisa da Campo, 2015

Organização: ROSCOCHE (2018)

<sup>28</sup> Algumas passagens bíblicas que corroborariam com a ideia de retiro para reflexão religiosa. “Venham vocês também para um lugar deserto e descansem um pouco” (Mc 6, 31); “Partiram na barca para um lugar solitário, à parte”.(Mc 6, 32); “Retirou-se para uma região vizinha do deserto, a uma cidade chamada Efraim, e ali se detinha com seus discípulos.” (Jo 11, 54); “Mas ele costumava retirar-se a lugares solitários para orar”.(Lc 5, 16);

A oração ou prece segundo Mauss (2002), seria prece seria um fenômeno central e/ou definidor da vida religiosa. Fenômeno este que perpassaria o corpo e o espírito, o individual e o coletivo. Essa “doação” de orações dos sujeitos para à Igreja nos leva a questionar, porque razão elas são levadas a realizar tal prática e sobretudo com que objetivo esses sujeitos dispõem seu tempo na realização de orações. Poderíamos talvez antes de mais nada considerar o que os sujeitos entendem por igreja.

Esses sujeitos transferem o poder dessas orações para o local onde está situada a igreja, para a instituição ou para seus dirigentes? Ou suas orações são atos de benevolência com a igreja no intuito de cumprir com sua obrigação ética e moral ou são movidos pela caridade em prol da construção da obra de Deus? Ou numa perspectiva mais geográfica poderíamos questionar de que forma os pensamentos, as orações e até mesmo as pregações tornam espaços públicos e privados em locais ou territorialidades sagradas? Esses questionamentos implicam um aprofundamento qualitativo da pesquisa numa vivência junto aos fiéis, de modo a buscar uma maior aproximação com esse ato de doação para com a Igreja.

Já no que se referem as contribuições financeiras, o dízimo é citado também pela quase totalidade dos sujeitos. Vale lembrar que essa é a maior fonte de arrecadação da igreja e em alguns casos os dos pastores são influenciados por essa arrecadação. A exigência de regularidade de contribuição financeira, por meio do dízimo, conforme relatam alguns sujeitos que acabaram abandonando a igreja é um obstáculo para populações mais pobres como também afasta potenciais adeptos.

Todavia, o dízimo enquanto doação financeira é uma entre outras formas de contribuição já que os sujeitos dizem contribuir financeiramente para obras da igreja (aqui leia-se construção e ou ampliação de instalações já existentes, missões humanitárias em outros países, aquisição de redes de comunicação, etc.<sup>29</sup>), realização de eventos e contribuições para o auxílio de outros irmãos da fé<sup>30</sup> que estejam passando por dificuldades financeiras. Existe toda uma rede de colaboração nesses últimos casos no sentido de dar suporte a toda a família. Há casos em que essa ajuda costuma vir acompanhada de ofertas de emprego, como já citamos anteriormente.

Quase 70% dos sujeitos dizem ainda contribuir com a igreja doando sua mão-de-obra, seja na realização de eventos da igreja, na construção de novas igrejas ou ampliação daquelas

---

<sup>29</sup> Para saber mais sobre a arrecadação e os gastos das igrejas evangélicas ver Souza e Magalhães (2002).

<sup>30</sup> Chama-se de irmãos da fé por considerar que se todos somos filhos de Deus, somos todos consequentemente irmãos.

já existentes ou mesmo através de mutirões para construção de residências para os fiéis da igreja. Aqui a doação de mão-de-obra pode-se incluir também o trabalho voluntário de muitos fiéis que pregam em locais públicos, com o intuito de levar a palavra de Deus e tentar converter novos adeptos. Em alguns casos nas famílias onde o marido trabalha as mulheres acabam exercendo a função de pregar a palavra de Deus, nas casas ou em locais públicos.

E ainda mais da metade dos sujeitos diz auxiliar a igreja com doação de alimentos. Como pode-se ser verificado, a grande maioria dos sujeitos auxilia a igreja de formas múltiplas, ou seja, auxilia em mais de uma forma a igreja, criando laços de cooperação e irmandade entre os mesmos, ao mesmo tempo em que auxiliam a instituição em si. Essas ligações não só ajudam a instituição de forma material, estreitando os laços entre os fiéis e a instituição como auxilia na consolidação de uma identidade que é ao mesmo tempo uma identidade religiosa e territorial.

### **3.5 Das atividades religiosas e a análise do discurso dos fiéis da Igreja Assembleia de Deus**

Para melhor compreender a comunidades que estudamos, torna-se necessário saber qual foi o itinerário seguido pelos fiéis até chegarem a sua mudança de crença religiosa evangélica para a Igreja Assembleia de Deus. Como já ressaltado anteriormente, uma das condições fundamentais entre nossos sujeitos era que esses fossem evangélicos convertidos, ou seja, não se considerou, portanto, aqueles que são natos da igreja Assembleia de Deus.

Cabe nesse sentido, portanto, questionar qual seria a religião anterior dos sujeitos. Conforme conseguimos constatar, a quase totalidade dos sujeitos pertencia a Igreja Católica enquanto apenas 5% são oriundos de outras religiões ou simplesmente não possuíam religião. É compreensível esse elevado número de católicos convertidos, considerando que a cidade de Bragança, dada a sua colonização portuguesa e de influência notadamente católica. Com o atual processo de globalização e a abertura de um maior leque de opções religiosas a disposição dos sujeitos.

A conversão de católicos para a religião evangélica não é um fato isolado, pois verifica-se em nível nacional uma tendência de decréscimo do catolicismo e crescimento de igrejas evangélicas em todas suas denominações. Embora ainda o Brasil continue sendo um país numericamente majoritariamente católica, as taxas de crescimento das igrejas evangélicas apontam que até 2030, o Brasil se torne um país onde metade da população será evangélica<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Fonte: <http://veja.abril.com.br/brasil/a-ascensao-dos-evangelicos-no-brasil-o-pais-mais-catolico-do-mundo/>

Quando questionados sobre o motivo da mudança da religião, muitos foram os motivos apontados. Considerando que a resposta a essa questão era aberta, foi extraída a ideia central da resposta e o número de ocorrências. Feita tal análise tem-se o seguinte quadro de matriz discursiva, com as principais razões pelas quais os indivíduos abandonaram a religião anterior para se converter à Igreja Assembleia de Deus.

MOTIVOS	OCORRENCIAS
Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus	13
Não era praticante da religião	5
Contra adoração de imagens	4
Desconforto íntimo	3
Por conveniência social	3
Comportamento íntimo em discordância com preceitos religiosos	1
Discordância com os dogmas da igreja	1
Ensinos bíblicos insuficientes	1
Erros na doutrina da Igreja Católica	1
Falta de dinamismo da igreja	1
Falta de pragmatismo na vida das pessoas	1
Graça (milagre) recebida	1
Inexistência de ensino bíblicos	1
Práxis diferente da bíblia	1
Queria mudar de vida	1
Transformação espiritual externa	1
Vida discordante com preceitos religiosos	1

**Quadro 1 - Motivações que levaram o entrevistado a abandonar sua religião anterior**

Fonte dos dados: Pesquisa da Campo, 2015

Organização: ROSCOCHE (2018)

O grande problema apontado pela maioria dos sujeitos diz respeito ao fato de que as suas religiões de origem “não pregavam a verdade”. Considerando que a quase totalidade dos sujeitos eram oriundos da igreja católica, podemos inferir que a maioria deles se refere aos dogmas da Igreja Católica. Cabe aqui, portanto um questionamento que merece aprofundamento qualitativo junto aos sujeitos de forma a questioná-los que verdade seria essa? Essas verdades estariam ligadas a elementos territoriais tangíveis ou intangíveis (simbólicos)?

Outros sujeitos citam o fato de que não praticavam sua religião, ou seja, não frequentavam a igreja ou seguiam os preceitos religiosos se sua religião anterior. Nesse caso, consideramos que o problema não reside na igreja já que parte da intencionalidade do indivíduo e de seu comportamento, muito embora haja críticas em relação a Igreja Católica, devido ao seu

distanciamento da vida social e espiritual de seus fiéis. Alguns fiéis são mais pontuais e afirmam discordar da adoração das imagens<sup>32</sup>. A contrariedade a adoração das imagens de santos é um dos pontos de divergência histórico entre a igreja católica e a reforma protestante. Ao se visitar uma igreja evangélica é possível ver quase total ausência de elementos visuais que remetam a religião, ao contrário do que acontece na igreja católica, que além dos santos possuem outros elementos materiais que dota que significação sagrada. A falta de símbolos nas igrejas evangélicas não quer dizer necessariamente que estes estão ausentes já que estes podem ser observados a expressão e comportamento, nos hinos, na pregação e até mesmo no vestuário de seus fiéis.

Outros ainda citam o reconheciam em seu íntimo, certo desconforto, uma insatisfação que segundo eles foi solucionada com a mudança de religião. Textualmente alguns sujeitos revelavam “Não me sentia bem...”, enquanto outro entrevistado dizia que “não gostava”, mas não sabia dizer exatamente qual era a razão de seu desgosto. Aqui destacamos a imprecisão não só das ações dos sujeitos e do fundamento que as embasava. Tal imprecisão, ou talvez, problemas de representar certos pensamentos, práticas e locais, nos faz pensar sobre os limites da teoria da representação nos estudos geográficos.

Alguns sujeitos disseram que inicialmente sua mudança de religião se deu em razão de função da influência de sua rede próxima de relacionamentos, a saber, namorados, amigos ou familiares que se converteram à igreja Assembleia de Deus e que foram seguidos num movimento mimético. Aqui é importante observar que não existe nenhum processo de convencimento, ou de argumentação dogmática ou espiritual e sim a simples busca pela aceitação em um círculo social. Assim, acreditamos que inicialmente não existe nenhuma contrariedade contra a igreja e sim um foco de cunho comportamental que tem no sujeito o principal agente de mudança. Todavia, o que pode ser considerado um movimento mimético de aceitação social pode ser tornar uma inserção espiritual efetiva no seio da religião.

---

<sup>32</sup> O uso de imagens se inicia em religiões primitivas tinha o objetivo pedagógico de ensino. As estátuas eram frequentes em Roma e nas Igrejas do Ocidente, mas proibidas nas Igrejas do Oriente e as iconografias eram comuns em vitrais de igrejas, entretanto, o imperador Constantino V convocou em 754 um Concílio que condenou a adoração de imagens. A igreja teria se dividido entre aqueles a favor e contra o a adoração de imagens, ou seja, de iconoclastas e iconóduos. O II Concílio de Nicéia, em 787, convocado declarou que somente a adoração de Deus e legítima a adoração de imagens de Santos. O movimento protestante no século XVI, surgiu na tentativa de reforma da Igreja Católica iniciada pelo monge agostiniano Martinho Lutero, que entre outras coisas condenava a adoração de imagens.

Quando estabelecemos a categoria de “Comportamento íntimo em discordância com preceitos religiosos”, é necessário esclarecer que o sujeito reconhece que seu comportamento estava em choque não com a religião anterior e sim com a nova religião, nesse caso a Assembleia de Deus. Assim, não só a religião anterior não deu respostas a este suposto desregramento no qual o sujeito acreditava viver, como pressupõe que este conseguiu identificar em si mesmo a discrepância de uma vida “errada”, como um modelo de vida “correta” pregado pela nova religião à qual foi convertido. Aqui o sujeito reconhece que o foco do problema reside nele mesmo, em especial, na sua forma de comportamento. Em outro relato, o sujeito considera não só alguns de seus comportamentos conflitavam com a religião, mas sim porque considerava que toda sua vida “era muito errada”. Observa-se que se transfere a responsabilidade do erro não para si como sujeito, mas para sua vida, muito embora essa seja em certo grau, reflexo de suas ações. Os conflitos entre a vida dos fiéis e a ideia de uma vida “correta” e “adequada” pregada pela nova religião é repetida reiteradas vezes nos relatos, ainda que em concepções dicotômicas diferenciadas.

Quando extraímos a ideia central de “Discordância com os dogmas da igreja”, num primeiro momento poderia concluir que muitas outras ideias centrais poderiam residir dentro dessa como uma ideia mais ampla, todavia a sua separação em relação aos demais é importante na medida em que muitos apontam dogmas específicos com os quais dizem discordar, ou que segundo ele são mais importantes. Aqui a visão do sujeito é mais ampla e ele vê vários pontos de discordância em relação aos dogmas de sua religião anterior. Ele atribui tal problema a igreja enquanto instituição e mais especificamente aos dogmas, evidenciando assim, que o suposto problema é externo, ou que a instituição não atende aos seus anseios.

O sujeito ao questionar que a religião anterior teria “Ensinos bíblicos insuficientes”, tal fato só vai ser efetivamente comprovado ao conhecer a sua religião de mudança de crença religiosa para que assim seja estabelecida a comparação. Existe também a possibilidade de que este sujeito possa ter sido confrontado frequentemente por fiéis da Assembleia de Deus sobre as escrituras bíblicas e dada a “insuficiência de seus ensinamentos bíblicos” de sua religião de origem, esse possa ter sido a razão da mudança de religião. Em outro momento, um sujeito afirma inexistir ensinos bíblicos em sua religião anterior. Cabe ressaltar que essa problemática não se restringe a essa pesquisa, mas que até mesmo muitos sacerdotes católicos, a exemplo do Padre Fábio de Melo destaca a importância da realização de estudos bíblicos, que segundo ele são escassos no seio da igreja católica quando comparados as religiões evangélicas. Ao estudar

a Bíblia com o auxílio de pastores e diáconos e outros membros da igreja, pode-se dizer que há um certo processo de empoderamento, em que o fiel deixa de ser agente passivo e acaba aprofundando seus conhecimentos sobre e bíblia. Estes conhecimentos serão uteis para que este atue num momento posterior como um agente multiplicador na pregação da palavra de Deus, buscando inclusive converter fiéis para sua igreja, expandindo assim a territorialidade da própria instituição religiosa.

Quando um dos sujeitos se refere aos “Erros na doutrina da Igreja Católica”, é possível que o mesmo tenha observado problemas na doutrina da Igreja por sua própria reflexão ou ainda que estes erros ficaram aparentes no momento em que teve contato com outra religião e a partir daí pode estabelecer comparação entre o que sua nova religião estabelece como “errado”. Aqui novamente tal esclarecimento junto aos sujeitos se torna necessário com maior aprofundamento qualitativo, de modo a verificar o que é certo ou errado em termos comportamentais e doutrinários.

Ao extrairmos a ideia central da fala do sujeito sobre a “falta de dinamismo da igreja”, o retiramos do segundo contexto literal: *“Porque a Igreja Católica não prega a verdade. Tem muito mecanismo, mas não é dinâmico, não tem a busca do Espírito Santo”*. A falta de dinamicidade acusada pelo sujeito se refere aos mecanismos de busca pelo Espírito Santo, que ao que dá a entender seriam mais dinâmicos em sua nova religião. Subjacente a essa afirmação está a ideia de uma religião rígida e de outra mais flexível para atingir seus objetivos, no caso do sujeito, “buscar o Espírito Santo”. Em termos geográficos torna-se interessante a ideia de itinerário religioso, já que a busca por Deus ou pelo espírito Santo pressupõe um movimento que podem ser trajetórias que são tanto físicas (no caso do acesso a Igreja e da religação com Deus), ou de objetivar o autoconhecimento (buscando Deus, simbolicamente dentro de si mesmo).

Outra ideia central extraída de uma fala dos sujeitos, dá conta que sua insatisfação com a religião anterior seria a “falta de pragmatismo na vida das pessoas”. Em sua fala literalmente transcrita ele dizia que ele saiu de sua religião anterior *“Porque eu não via Deus agir e fazer milagres e nem mudar a vida de ninguém”*. Fica clara a ideia de que o agente da mudança é externo (no caso Deus), que operava na religião anterior era ineficiente e que ao mudar de instituição religioso o mesmo se torna eficiente e pragmático, operando milagres e mudando a vida das pessoas. Interessante observar que esta seria uma atuação prática no mundo vivido pelo sujeito. Outra possibilidade desse pragmatismo pode ser de origem institucional, já que

reconhecidamente, algumas igrejas evangélicas, inclusive a Assembleia de Deus, costuma prestar uma variedade de gama de auxílios aos seus fiéis, desde os mais básicos como alimentos, emprego, moradia, até a preferência nas relações comerciais com irmãos da Igreja em detrimento de outros agentes externos. Aqui, talvez seja necessário um maior aprofundamento qualitativo no sentido de conhecer junto ao mundo dos fiéis que ação é essa promovida por Deus, em suas vidas; que milagres e que mudanças são essas operadas na vida do sujeito?

Há muitas vezes no imaginário e no senso comum a ideia de que o ingresso ou mudança religiosa seja povoada por causas sobrenaturais ou por mistérios não explicados pela racionalidade. Um sujeito fez menção de que sua mudança de religião se deveu a um milagre recebido, muito embora não tenha dito qual a natureza desse último. Tal postura, reafirma o posicionamento de que a vivência junto aos fiéis de modo a lançar luz sobre pontos ainda obscurecidos da pesquisa.

Pode-se verificar que entre os maiores problemas que levaram ao abandono da antiga religião seria a falta de compreensão dos textos sagrados, que ao que tudo indica acabam sendo mais elucidativos e compreendidos na nova religião. O interesse pelas escrituras sagradas fica evidente no interesse dos fiéis pelos estudos bíblicos. A busca por uma religião mais dinâmica e mais pragmática se destaca na busca de muitos sujeitos.

Quando questionados sobre as razões pelas quais levaram o fiel a se converter a Igreja Assembleia de Deus, muitos fizeram referência ao fato de que através de sua nova religião passaram a conhecer mais profundamente Deus, a Bíblia e a própria religião.

E conforme já era de se esperar, em 7 ocorrências, consideram que se converteram porque conheceram a verdade. Aqui cabe um aprofundamento para o sentido que a palavra verdade possui para os sujeitos.

Em seis ocasiões os sujeitos afirmam que ao frequentar a nova igreja disseram sentir uma satisfação pessoal, embora não tenham especificado se esta satisfação era de cunho espiritual ou social. Na sequência, o motivo da mudança de crença religiosa se deveria a milagres e graças alçadas pelos fiéis que reafirmaram sua fé e sua mudança de crença religiosa. Num dos casos, o sujeito diz ter vivenciado milagre em sua família e posteriormente mudanças na sua vida pessoal. Já outro relato, considera como um milagre ter conseguido se livrar de vícios e comportamentos prejudiciais em sua vida. Diz ela ao ser questionado sobre qual a razão

de sua mudança de crença religiosa a Igreja: *“Porque eu tive uma verdadeira experiência com Deus. Ele me libertou das drogas, da bebida e da prostituição”*.

Quatro ocorrências citadas pelos sujeitos registram que estes verificaram mudanças positivas em suas vidas após a mudança de crença religiosa sem, no entanto, citar quais foram essas modificações.

Ainda com um menor nível de ocorrência, alguns citaram o fato de que sua mudança de crença religiosa vai além de motivações individualistas e se coaduna com ensinamentos bíblicos que tem como objetivo servir a Deus ou a própria religião. Muitos féis, após passarem por processos de identificação de seus dons pelos dirigentes de suas igrejas e acabam atuando como evangelistas, diáconos, missionários, presbíteros, dirigentes, cooperadores, etc. Não é possível saber se os fiéis já tinham esse desejo antes de se converterem, ou essa vontade/desejo surge após o início de seu processo doutrinário na igreja.

Conforme salientado na discussão anterior da mesma forma que algumas pessoas deixaram suas religiões anteriores para acompanhar namorados ou familiares, o motivo da mudança de crença religiosa é o mesmo, ou seja conveniência social. Não se pode, no entanto, tomar esse hábito mimético como estanque, pois como da mesma forma que alguns sujeitos reconhecem que mudaram de religião por uma conveniência social, da mesma forma, reconhecem que os ensinamentos e a convivência no grupo religioso fez que compartilhassem efetivamente na igreja.

Um dos sujeitos não quis responder e muito e embora não fosse possível extrair no momento uma aproximação desse silêncio, coloca-se como desafio para uma segunda fase de estudos entrevistas com temas dirigidos de modo a estimular que o sujeito fale livremente para que de alguma forma seja possível entender a razão do silêncio de algumas questões não respondidas. Entender o silêncio dos sujeitos pode contribuir significativamente para o entendimento dos fenômenos como já bem ressaltou Merleau-Ponty (2015) e Bonnemaïson (1985).

Interessante observar que um dos sujeitos ao responder o questionamento, descobriu a própria pergunta que lhe é feita afirmando que não escolheu necessariamente a sua mudança de crença religiosa e que ela era um chamado de Deus e que, portanto, tem uma causa externa a ele. Nesse caso a ação parte de um agente externo que atua sobre o fiel.

Em relação a conversão de evangélicos Machado (2005), revela que os homens procuram a conversão religiosa em situações como de desemprego, dificuldades financeiras, problemas de saúde. Já as mulheres procuram a conversão quando possuem desavenças

familiares e necessidades materiais e espirituais de sua família. Ainda segundo ele, enquanto os homens procuram a religião em situações em que é ameaçada sua “identidade masculina predominante na sociedade”, as mulheres por sua vez “se colocam como guardiãs das almas de todos que integram a família, buscando os grupos confessionais sempre que um dos seus familiares se mostre em dificuldades” (MACHADO, 2005, p. 389). Já segundo Woodhead (2007, p. 88), o interesse dos homens é a busca por um papel institucional, de benefícios econômicos e um capital social enquanto as mulheres estão mais interessadas “pelo efeito pessoal e afetivo retirados das relações de mútua ajuda estreitadas no contexto religioso”.

Em nenhum dos dois autores a busca por Deus, milagres ou mesmo conforto espiritual é citada pelos autores, fato esse que não deve ser desprezado quando consideramos que a religião vai além da esfera material.

Ao analisar o tempo de mudança de crença religiosa dos fiéis, pode-se verificar que a maioria dos sujeitos, quase 90% deles se converteu nos últimos 10 anos. Pode-se afirmar, portanto que a grande parte dos sujeitos dessa pesquisa apresentam uma mudança de crença religiosa relativamente recente. Se essa tendência se mantiver maior será o número de pessoas convertidas para a fé evangélica, tendência essa que vem, crescendo no país, segundo dados do IBGE. Em 1980 os evangélicos eram 6,6%, passando no ano 2000 para 14,6% e em 2010 para 22,2%. O crescimento dos evangélicos é acompanhado pelo declínio do número de católicos.

Outro fato evidenciado é que o crescimento é maior entre as igrejas evangélicas neopentecostais, que não são tão tradicionalistas e conversadoras como as pentecostais históricas, atraindo com isso um grande número de jovens e que vão apresentando com o tempo mudanças nos usos e costumes dessas igrejas.

Quando questionados se alguma vez já chegaram a se afastar<sup>33</sup> da igreja por alguma razão, quase um terço deles afirmaram que se já afastaram uma ou mais vezes da igreja. O perfil daqueles que deixaram momentaneamente a igreja possuem um perfil jovem (29 anos) e em sua maioria homens. Entre os motivos que afastaram esses fiéis é possível perceber que entre as mulheres uma delas acabou deixando temporariamente a religião em função do namorado que não era evangélico e outra diz ter tido problemas com o pastor. As demais justificativas de afastamento entre os homens são bastante variadas, entre elas: apontam que não tinham se livrado de “práticas mundanas”; vício

---

<sup>33</sup> Se afastar aqui entendido não só como o afastamento físico da igreja, mas principalmente como o afastamento dos princípios doutrinários da igreja, ou seja, um afastamento mais espiritual, ético e moral do que necessariamente físico da igreja.

com bebida; depressão; problemas familiares (separação dos pais); má influência de outras pessoas e até mesmo o relato de uma pessoa que dizia que o hábito constante de assistir novelas seria o responsável pelo afastamento. Interessante observar que o afastamento da igreja ocorre em situações em que a própria instituição poderia estar auxiliando seus fiéis e esses sabedores das restrições e reprovações da igreja em relação as práticas por ele praticados (como no caso de consumo de bebida, prostituição<sup>34</sup> e outros), ao invés de buscar ajuda no seio da igreja optam pelo abandono. Aqui a ação de frequentar um bar, festas ou casas de prostituição, negam, portanto, a esse fiel que permaneça nessas práticas o acesso a igreja e em muitos casos até mesmo a casa dos irmãos da fé.

Uma outra questão inqueria os sujeitos sobre qual seria a importância hoje para eles numa escala de 0 à 10, sendo que zero seria nenhuma importância e 10 seria muita importância. Todos os sujeitos atribuíram 10 para esse quesito, considerando, portanto, que a religião possui muita importância em suas vidas. Muito embora tenha-se descoberto que a igreja possui uma grande importância na vida dos fiéis. Torna-se necessário identificar que tipo de importância e se existe uma diferenciação de importância entre o nível espiritual e material.

Antes de considerar que o lazer é um conceito dado e homogêneo para todos os sujeitos, optou-se por inquiri-los sobre o que eles consideravam por lazer, de modo que pudéssemos nos aproximar no conceito que cada um possui em relação ao lazer, conforme quadro 1, que segue:

Expressão chave	Número de ocorrências
Diversão	12
Interação familiar	11
Frequentar a igreja/locais da igreja	8
Relaxamento	7
Descanso	6
Distração/Descontração	5
Interação com amigos	5
Sair da rotina	5
Interação com irmãos da igreja	4
Passeio(s)	3
Não pensar em trabalho	3
Bem estar	3
Brincadeira e jogos	2
Sossego e paz	2
Ler	2

<sup>34</sup> Prostituição em muitos referencias feitos pelos entrevistados se refere a prática do ato sexual em troca de remuneração, ou mesmo aquele(a) pessoa que possui multiplas relações sexuais com outros parceiros, pelo mero prazer sexual.

Frequentar a praia	1
Tirar o estresse	1
Confraternizar	1
Comunhão	1
Assistir filmes	1

**Quadro 2 - Principais expressões chave presentes nas respostas dos sujeitos sobre sua concepção de lazer**  
 Fonte dos dados: Pesquisa da Campo, 2015  
 Organização: ROSCOCHE (2018)

Evidencia-se na narrativa dos sujeitos que a concepção de lazer deles é em grande parte influenciada pela ideia de diversão, muito embora não esteja claro o que se considera por diversão. E em muitos casos, a ideia de diversão vem acompanhada pela participação da família. O lazer é, portanto, uma atividade, ao menos para esse grupo estudado, uma atividade tipicamente familiar, que envolve desde conversas e brincadeiras jogos com os filhos à participação de passeios na igreja. Mesmo os cultos e leituras são consideradas por muitos como uma atividade de lazer, fato este que como já relatado coloca em cheque muitos conceitos de lazer que consideram a religião como uma obrigação social e não necessariamente como uma atividade de lazer.

A igreja ciente da necessidade do lazer e da recreação promove uma série de atividades que vão de passeios, retiros, shows gospels e outros eventos que atraem um grande número de fiéis. Essa “diversão sadia” a que alguns se referem é bem vista pela comunidade, haja vista a chancela da igreja assegurando que a confraternização entre os fiéis será feita com fins mais elevados em relação aos lazeres considerados mundanos.

Muitos citam também o descanso, relaxamento, distração e descontração como fatores centrais do lazer. Tal fato se deva em função da necessidade de recuperar as forças físicas dispendidas nos estudos e no trabalho cotidiano. O descanso pode ser entendido como inercia absoluta ou ainda a realização de atividades num ritmo bem mais suave que o habitual, visando a recuperação mental ou física do sujeito.

A ideia de relaxamento por sua vez, também está de certo modo ligado ao descanso, haja vista que o seu contrário seria o estado de vigilância e de atenção. O relaxamento pode ocorrer assim de modo subjetivo ou mesmo físico. Distrair e descontrair, trazem uma mesma raiz linguística ligada a tração, ou seja, a ação de uma força que provoca tensão. Por isso, o ato de distrair ou de mudar o foco da atenção, da concentração e do pensamento em outras coisas agradáveis e que promovem bem-estar à aquele que pratica.

Descontrair por sua vez nos remete a ideia de desoprimir ou relaxar. Não por acaso em 10 ocasiões os sujeitos definem o lazer pelo seu oposto, pela sua aversão, ou seja, “sair da rotina”, “não pensar em trabalho”, “tirar o estresse”.

Embora o senso comum tenha a errônea ideia de que o lazer se traduz em letargia, podemos verificar a concepção de lazer dos sujeitos traz uma série de intencionalidades, de ações direcionadas à objetos ou pessoas, como por exemplo as interações com familiares e amigos.

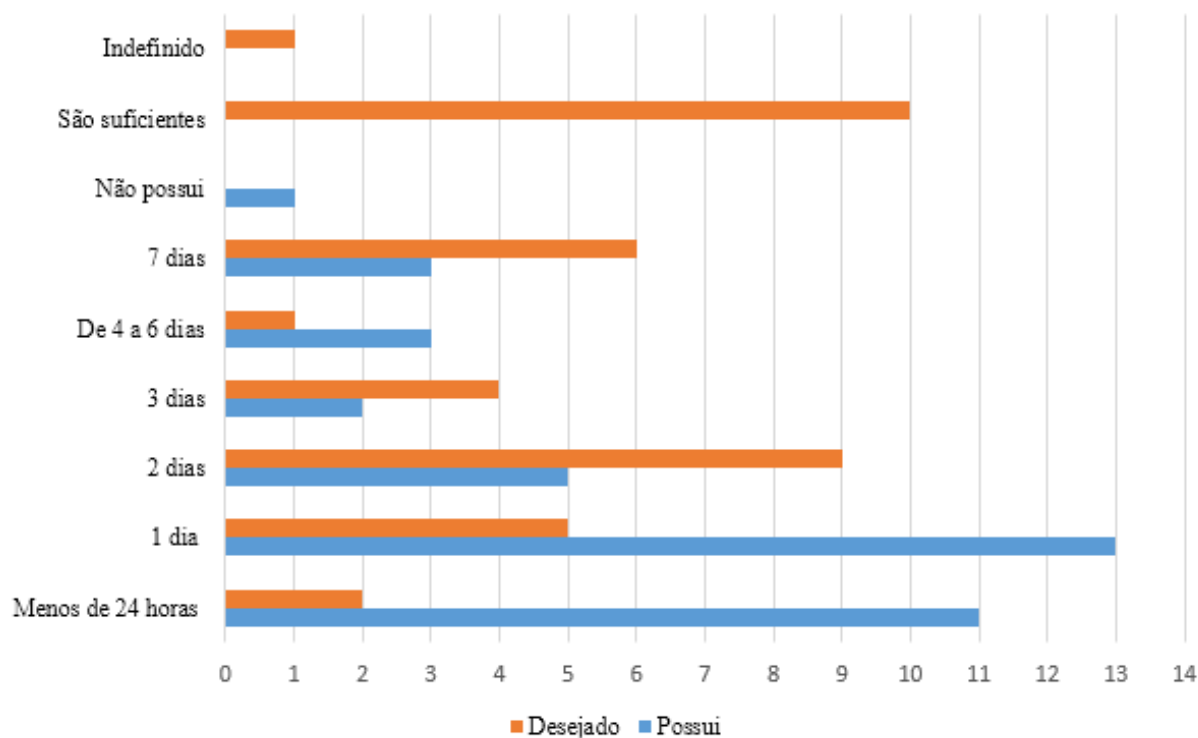
Citam-se ainda, atividades específicas realizadas nos momentos de lazer como brincadeiras, jogos (geralmente o futebol), frequentar a praia, passear, ler e assistir filmes. As interações com os irmãos da igreja aparecem também em alguns relatos, o que nos leva a questionar se tal preferência é induzida pela instituição religiosa ou um simples desdobramento espontâneo de relações sociais, dada a frequência e proximidade dessas relações. O desejo de sossego e paz também é válido ser lembrado, uma vez que se ele é tão desejado é bem possível que ele não esteja presente no cotidiano dessas pessoas.

A ideia do desejo pressupõe em muitos casos uma carência não solvida. E por essa razão questionou-se aos sujeitos quanto tempo de lazer estes possuíam por semana e na sequência quantas tempo eles gostariam de ter.

A maior parte dos sujeitos (quase 65% deles) possui 1 dia ou menos, por semana de tempo disponível para a o lazer enquanto o restante diz possuir de 2 a 6 dias por semana disponíveis para o lazer, exceto uma parcela ínfima (3%) que diz não possuir nenhum tempo de lazer semanalmente.

Pode-se perceber que a princípio, a maioria dos sujeitos possuem muito pouco tempo para o lazer. Tal fato nos leva a o questionamento seguinte, quando inquirir-se aos sujeitos quanto tempo eles desejariam ter, por semana, para a prática do lazer.

## Tempo disponível e tempo desejado para o lazer semanalmente



**Figura 11 - Tempo disponível e tempo desejado para prática do lazer semanalmente**

Fonte dos dados: Pesquisa da Campo, 2015

Organização: ROSCOCHE (2018)

Pouco mais de um quarto deles diziam estar satisfeita com o tempo disponível enquanto uma parcela semelhante possui dois dias por semana para a prática do lazer. Mais de 15% dos sujeitos chamam a atenção pelo seu desejo de possuir toda a semana para a prática do lazer. Tal anseio logicamente nos faz pensar que esses sujeitos não trabalhariam dedicando-se exclusivamente a prática do lazer. Tal desejo ainda suscita outra questão de cunho ético e moral segundo a lógica religiosa. Estaria a prática religiosa incluída nessa prática de lazer ou não? Ao analisar esses dados vemos que o desejo da maioria (81%), é possuir um dia ou menos de lazer por semana, enquanto os outros 19% apresentam pretensões maiores.

Ao analisar entre o tempo existente para atividade de lazer e o tempo desejado, acreditamos que o desejo de certa forma exprime de modo indireto a importância atribuída pelos fiéis ao lazer. Contudo, para evitar equívocos interpretativos, uma das questões procurou justamente tentar qualificar a importância do lazer na vida dos fiéis.

Quando essa mesma pergunta foi realizada em relação a importância da religião 100% dos sujeitos responderam que essa tinha muitíssima importância em suas vidas. Já com o lazer

verificou-se que os sujeitos atribuem muitíssima ou muita importância, mas não se forma unânime como ocorreu com a questão relativa a religião. A grande maioria dos sujeitos (94%), considerou que o lazer possui muita ou muitíssima importância em suas vidas, enquanto 3% atribuiu uma importância regular e os demais não responderam a pergunta. A significativa importância dos sujeitos por si só, revela a importância de ambos para a vida dos sujeitos.

Quando questionados sobre as atividades que realizavam e que locais de lazer frequentavam antes e depois de sua mudança de crença religiosa à igreja Assembleia de Deus.

<b>TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS</b>		
	<b>Locais de lazer que frequentava antes de se tornar evangélico</b>	<b>Locais de lazer que frequenta hoje, depois de convertido</b>
1	"Festas, bares"	"Igreja"
2	"Passeios na casa das minhas amigas"	"Igreja e na casa das irmãs".
3	"Praça e casa de amigas"	"Praças, igrejas a casa de outras irmãs".
4	"Balneários e casas noturnas"	"Praia, balneários e sítios".
5	"Festivais de música, festas mundanas a bares".	"Praia, praça, quadra de esporte e sítio da família".
6	"Casas de show, balneários, praias, festas e quadras de esporte"	"Igreja, balneário, praça e quadra de esportes".
7	"Festas do mundo, bares, motéis e praias"	"Igreja, praias, sítio e festas da igreja"
8	"Festas e quadras de esportes"	"Praias e rios"
9	"Rios e praias"	"Rios, praça, orla e praia"
10	"Casas de show, balneários, praias, festas e quadras de esporte"	"Casa de amigos e a própria casa"
11	"Rios, confraternização e festividades culturais"	"Igreja e rios"
12	"Festas, praias e campo de futebol"	"Sítios e rios"
13	"Locais de perdição, festas e tudo o que não prestava"	"Rios e sítios"
14	"Festas"	"Assembleia de Deus e praias (Ajuruteua e Salinas)
15	"Festas do mundo e bares"	"Igreja"
16	"Bares"	"Igreja, praias e viajar"
17	"Balneário"	"Igreja e praia"
18	"Festas do mundo"	"Igreja e passeio"
19	"Festas"	"Igreja"
20	"Festas"	"Na minha casa e na casa dos meus pais".
21	"Festas"	"Praças, sítios e praia"
22	"Não tinha hábitos de lazer, por isso e a brincar na rua com os colegas".	"Vou mais para o sítio"
23	"Ia para festas, dançava e bebia"	"Praias, rios e sítios"
24	"Bares"	"Praias, rios e sítios"
25	"Só em festas"	"Praças rios e praia".
26	"Eu não frequentava nada"	"Praça, sítios, balneários e campos de futebol"
27	"Tudo que é do mundo"	"balneários, praias e rios"

28	"Festas"	"Praia, sítios e rios"
29	"Praça e orla"	"Orla, igreja e casa dos irmãos da igreja"
30	"Festas, rios praia e campo de futebol"	"Praça, restaurante, lanchonete, rios e praias".
31	"Festas, praia, viagem e igarapés".	"Igreja e quadra de esportes"
32	"Casa"	"Igreja, praia e sítio"
33	"Festas e viagem"	"Praia, capital [Belém]e igreja"
34	"Festas culturais da região e quadras de esporte".	"Praia, quadra, praça igreja e viajar"
35	A entrevista não lembra porque se tornou evangélica aos 7 anos de idade.	"Praça e igarapés"
36	"Bares e casa de festas"	"Igreja"
37	"Bares e prostibulos"	"Praias, sítios e rios"
38	"Praias e festas"	"Pizzaria, Churrascaria, praia e de vez em quando a igreja organiza passeios".

**Quadro 3 - Locais de lazer frequentado pelos sujeitos antes e depois de sua mudança de crença religiosa à Igreja Assembleia de Deus**

Fonte dos dados: Pesquisa da Campo, 2015

Organização: ROSCOCHE (2018)

Muitos sujeitos dizem ter abandonado festas e bares e outros locais para frequentar somente a Igreja. Festivais de músicas, festas “mundanas” e bares”, todos esses locais são abandonados e insere-se em sua nova territorialidade, a praia, a praça, quadra de esporte e o sítio da família. Aqui é possível perceber uma mudança significativa na territorialidade de muitos dos sujeitos. A igreja vai ser considerada por muitos como local de lazer. Os balneários permanecem após a mudança de crença religiosa, mas não as casas noturnas e acrescenta-se ainda os sítios como novos lugares de lazer, assim como as praias. Os rios e praias frequentados antes da mudança de crença religiosa, permanecem após a mudança de crença religiosa acrescentados de locais públicos como a Orla (imagem 16) e a Praça.

As praias bem como os balneários vão apresentar um grande número de ocorrências, frequentado pelos sujeitos antes e depois da mudança de crença religiosa. As praças (exemplo de Praças da cidade nas imagens 14 e 15) também são frequentado e se repetirá em muitos relatos entre os sujeitos onde o espaço público para confraternização entre família e amigos. Algumas praças, no entanto, não são consideradas indicadas para a família, já que seriam pontos de atividades escusas como a venda e consumo de drogas. Os esportes, em especial o futebol é uma prática recorrente entre os sujeitos, podendo ser praticado em quadra poliesportivas ou mesmo em campos de grama, pratica essa comum aos finais de semana. Em relação a prática esportiva e o futebol em especial, não há consenso entre os sujeitos, á que uns dizem manter essas atividades em suas práticas de lazer enquanto outros acabam por abanar.

Em alguns relatos as festas e quadras de esportes são substituídas pelo praias e rios, mudando completamente a territorialidade desse sujeito em questão. Em alguns casos verificase que os sujeitos possuíam um leque variado de locais de lazer como casas de show, balneários, praias, festas e quadras de esporte, passando após a mudança de crença religiosa a frequentar apenas a casa de amigos e sua própria residência, fato esse se replicando em outras respostas. Nesses casos, como pode-se perceber, houve uma redução significativa de fruição de locais de lazer.

Visando assegurar uma maior privacidade, alguns sujeitos buscam balneários privados de propriedade de amigos ou parentes. Pode-se dizer que um sítio, geralmente possui um curso d'água assegura maior privacidade para aqueles que frequentam. Talvez seja o caso de muitos relatos aqui colhidos que por não abandonarem o hábito de banhar-se em águas (sejam, elas rios, lagos, igarapés), passam a fazê-lo de modo mais reservado em propriedades privadas.

<b>TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS</b>		
	<b>Locais de lazer que frequentava antes de se tornar evangélico</b>	<b>Locais de lazer que frequenta hoje, depois de convertido</b>
39.	"Festas, bares"	"Igreja"
40.	"Passeios na casa das minhas amigas"	"Igreja e na casa das irmãs".
41.	"Praça e casa de amigas"	"Praças, igrejas a casa de outras irmãs".
42.	"Balneários e casas noturnas"	"Praia, balneários e sítios".
43.	"Festivais de música, festas mundanas a bares".	"Praia, praça, quadra de esporte e sítio da família".
44.	"Casas de show, balneários, praias, festas e quadras de esporte"	"Igreja, balneário, praça e quadra de esportes".
45.	"Festas do mundo, bares, motéis e praias"	"Igreja, praias, sítio e festas da igreja"
46.	"Festas e quadras de esportes"	"Praias e rios"
47.	"Rios e praias"	"Rios, praça, orla e praia"
48.	"Casas de show, balneários, praias, festas e quadras de esporte"	"Casa de amigos e a própria casa"
49.	"Rios, confraternização e festividades culturais"	"Igreja e rios"
50.	"Festas, praias e campo de futebol"	"Sítios e rios"
51.	"Locais de perdição, festas e tudo o que não prestava"	"Rios e sítios"
52.	"Festas"	"Assembleia de Deus e praias (Ajuruteua e Salinas)
53.	"Festas do mundo e bares"	"Igreja"
54.	"Bares"	"Igreja, praias e viajar"
55.	"Balneário"	"Igreja e praia"
56.	"Festas do mundo"	"Igreja e passeio"
57.	"Festas"	"Igreja"
58.	"Festas"	"Na minha casa e na casa dos meus pais".
59.	"Festas"	"Praças, sítios e praia"

60.	"Não tinha hábitos de lazer, por isso e a brincar na rua com os colegas".	"Vou mais para o sítio"
61.	"Ia para festas, dançava e bebia"	"Praias, rios e sítios"
62.	"Bares"	"Praias, rios e sítios"
63.	"Só em festas"	"Praças rios e praia".
64.	"Eu não frequentava nada"	"Praça, sítios, balneários e campos de futebol"
65.	"Tudo que é do mundo"	"balneários, praias e rios"
66.	"Festas"	"Praia, sítios e rios"
67.	"Praça e orla"	"Orla, igreja e casa dos irmãos da igreja"
68.	"Festas, rios praia e campo de futebol"	"Praça, restaurante, lanchonete, rios e praias".
69.	"Festas, praia, viagem e igarapés".	"Igreja e quadra de esportes"
70.	"Casa"	"Igreja, praia e sítio"
71.	"Festas e viagem"	"Praia, capital [Belém]e igreja"
72.	"Festas culturais da região e quadras de esporte".	"Praia, quadra, praça igreja e viajar"
73.	A entrevista não lembra porque se tornou evangélica aos 7 anos de idade.	"Praça e igarapés"
74.	"Bares e casa de festas"	"Igreja"
75.	"Bares e prostibulos"	"Praias, sítios e rios"
76.	"Praias e festas"	"Pizzaria, Churrascaria, praia e de vez em quando a igreja organiza passeios".

**Quadro 4 - Locais de lazer frequentado pelos sujeitos antes e depois de sua mudança de crença religiosa à Igreja Assembleia de Deus.**

Organização: Roscoche (2017)



**Figura 12. Placa de identificação da Praça da Bíblia**  
Fonte: Arquivo pessoal – Roscoche (2016)



**Figura 13. Praça da Bíblia**  
Fonte: Arquivo pessoal – Roscoche (2016)



**Figura 14. Visão da Orla da cidade em direção ao porto**  
Fonte: Arquivo pessoal – Roscoche (2016)

A frequência as festas são substituídas pela frequência a Igreja e as praias da região, sendo que em algumas narrativas a igreja aparece como local de lazer.

No vigésimo relato não cita nenhum local específico, dizendo apenas que frequentava “tudo que é do mundo” e que posteriormente passa a frequentar balneários, praias e rios. Em um dos relatos o sujeito que antes ficava restrito a própria residência passa após a mudança de crença religiosa frequentar a igreja, a praia e sítio, evidenciando portanto que a nova religião acabou por ampliar sua territorialidade. Outros por outro relato evidenciam uma diminuição de sua territorialidade restringindo-as a igreja, a casa e alguns locais públicos.

O quadro anteriormente apresentado dos locais frequentados pelos sujeitos antes de sua mudança de crença religiosa a Igreja Assembleia de Deus e após sua mudança de crença religiosa deixam claro que esta mudança interfere na territorialidade desses sujeitos, hora restringindo ou diminuindo essa territorialidade ou mesmo a ampliando e diversificando como pode ser observado nas narrativas dos sujeitos aqui expostos. Fica evidente também que certos hábitos não são alterados com a mudança religiosa e em outros casos a uma mudança radical como se pode verificar nos relatos colhidos, afetando assim a territorialidade dos sujeitos.

A instituição religiosa diante de tantas demandas por lazer e entretenimento, busca em alguns casos a responder tais demandas dentro da própria instituição, ou seja, realizando atividades de lazer dentro dos princípios que consideram coadunar com os pressupostos religiosos.

Porém, antes de fazer essa afirmação de que as instituições promovem atividades de lazer, foi questionado se suas respectivas igrejas realizam tais tipos de atividades. Respondendo a esse questionamento, mais de 80% dos sujeitos afirma que sim, suas instituições promovem algum tipo de atividade de lazer enquanto outros 16% afirmam que não, que suas igrejas não realizam nenhum tipo de atividade de lazer. Chama atenção essa discrepância nas respostas, pois há respostas discordantes para uma mesma pergunta de sujeitos que frequentam a mesma igreja. Não se quer aqui estabelecer um juízo de valor da fala dos sujeitos, pois, o entendimento da pergunta, sua cognição e representação podem ser discordantes, dado a subjetividade dos mesmos. Podemos inferir, que talvez alguns sujeitos podem ter entendido que encontros de os retiros religiosos, confraternizações e atividades culturais promovidos pela igreja não são lazer e sim atividades religiosas.

Entre aqueles que afirmaram que suas igrejas promoviam atividades de lazer, os sujeitos fizeram o relato livre do que consideravam como atividades de lazer promovidas pela sua igreja (Apêndice 7).

Ao analisar as transcrições das respostas, foi extraído as ideias centrais. Embora algumas categorias possam parecer repetitivas, tal fato ocorreu de forma intencional, por exemplo, mesmo podendo inserir todos as menções de passeio em uma única categoria, optou-se por manter uma categoria ampla e também registrar as especificações desse passo, em que é possível visualizar os passeios à praia, passeio com a igreja e outros. A adjetivação, em nossa opinião traz em alguns casos não só uma maior especificidade da resposta como também em alguns casos é uma justificção. Por exemplo, ao se referir a uma gincana, pode-se fazer uma ideia, quando o entrevistado nos diz uma gincana bíblica, esse reitera aos sujeitos a especificidade daquela gincana e de seu significado sagrado, segundo ele.

“Passeios” foi a categoria com o maior número de citações nas respostas. Todavia, nas entrevistas concedidas não fica claro o que é e como são realizados esses passeios. Alguns falam em passeio à praias, outros à passeio à rios e outros ainda em passeios “com a igreja”.

Outra atividade em destaque seriam as confraternizações realizadas pela igreja e aqui se poderia considerar esta uma grande categoria onde podem ser incluídas reuniões, passeios, gincanas, festas e outras. Estas atividades são citadas diretamente em alguns relatos e alguns sujeitos de modo a não entrar em minúcias, citaram esta categoria ampla de modo a dar conta da multiplicidade de atividades implícitas no termo. Interessante notar que a escolha da expressão confraternizar não se dá ao acaso, já que a expressão em seu significado formal significa unir ou congregar fraternalmente. Confraternizar pode ser considerado ainda um ato de se fazer irmão, sentir-se irmão. Tal concepção parte de antigos ensinamentos cristão de que todos são filhos de Deus. É comum presenciar entre os fiéis da Assembleia de Deus o tratamento de “irmão” ou “irmã”, todavia, essa forma de tratamento não é extensiva a outros indivíduos de outras religiões.

Outra atividade bastante citada entre os sujeitos são as festas distritais, ou festas de departamento. São festas que reúnem as igrejas de toda região distrital e que mobilizam uma grande legião de fiéis de trabalham para operacionalizar o evento.

O retiro é outra atividade que foi considerada pelos sujeitos como uma atividade de lazer. Alguns sujeitos são mais específicos e citam o “retiro espiritual”. A adjetivação espiritual nesse caso, em nosso entender visa enaltecer ao entrevistador que não se trata de qualquer retiro e sim um retiro que com como finalidade última fins mais nobres, voltado a espiritualidade. Geralmente, nesses retiros existe, o isolamento das atividades cotidianas se concomitante a uma

imersão total das discussões espirituais, fazem não raras vezes os fiéis relatarem experiências espirituais intensas. Além de orações existem outras atividades cooperativas, culturais e de dinâmicas de grupo que contribuem para a coesão do grupo num ambiente mais informal. Alguns fiéis chegam a falar de que esses retiros seriam especificamente destinados aos jovens embora outros considerem essa uma atividade geral, não especificando nenhum grupo em específico a que esta atividade se destina.

Alguns fiéis citam a realização de gincanas, que nada mais são que jogos, atividades e competições que podem envolver desde a realização de perguntas ou tarefas. No caso aqui citado alguns fiéis citam que não seria apenas uma gincana, mas sim uma gincana bíblica voltada a realização de perguntas ou realização de tarefas que envolvem os ensinamentos bíblicos, passagens bíblicas, representação de passagens bíblicas, etc.

Conforme relatado pelos sujeitos, a igreja promoveria passeios na praia e nos rios. Além do passeio ao ar livre contaria ainda com conversações religiosas que de certo modo fariam reverencia as pregações realizadas por Jesus aos seus discípulos e ao povo. Os encontros são citados por três sujeitos como uma forma de lazer. De igual forma outros 3 citam a evangelização como atividade de lazer. Interessante observar que essa é considerada por muitos como um trabalho cotidiano realizado pela igreja e podendo ser encarado como uma obrigatoriedade. De forma semelhante a citação sobre a participação em congressos pode também ter a mesma acepção, contudo no relato dos fiéis aqui pesquisados, assumem a função de lazer, já que supostamente ao participar de tais atividades lhes proporciona bem-estar. São citados, ainda que em menor número a participação, festas comemorativas, passeio com a igreja, teatro e visita a outras igrejas.

<b>Atividades de lazer indicadas pela igreja segundo os sujeitos</b>	
<b>Transcrição da resposta</b>	<b>Ideia central</b>
<i>"Praticar esporte; passear com a família; participar da programação da igreja".</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prática de esporte</li> <li>• Passear com a família</li> <li>• Ir à igreja</li> </ul>
<i>"Jogar futebol; passeios da igreja e sair com a família"</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prática de esportes;</li> <li>• Passeio da igreja;</li> <li>• Passear com a família;</li> </ul>
<i>"Sair com a família e os irmãos da igreja; praticar esportes e participar de programações da Igreja".</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passear com a família;</li> <li>• Passear com os irmãos;</li> <li>• Praticar esportes;</li> <li>• Participar de programações da Igreja".</li> </ul>
<i>"Passeios, retiros e confraternizações".</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios;</li> <li>• Retiro;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Confraternizações;</i></li> </ul>
" <i>Todo lazer que não traga nenhum prejuízo moral ou espiritual</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Não infração aos princípios morais, religiosos e espirituais;</i></li> </ul>
" <i>Não interfere</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Não interfere;</i></li> </ul>
" <i>As que não afastam a presença de Deus</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Não infração aos princípios morais, religiosos e espirituais;</i></li> </ul>
" <i>Passeio, retiro e gincana</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Passeios;</i></li> <li>• <i>Gincanas;</i></li> <li>• <i>Retiro;</i></li> </ul>
" <i>Passear e jogar bola entre evangélicos</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Passeios;</i></li> <li>• <i>Praticas esportes (entre os evangélicos);</i></li> </ul>
" <i>As que não escandalizam a Igreja</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Não infração aos princípios morais, religiosos e espirituais;</i></li> </ul>
" <i>Atividades dentro da Igreja</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Atividades da igreja;</i></li> </ul>
" <i>Não se misturar com o mundo onde há bebidas e festas</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Não infração aos princípios morais, religiosos e espirituais;</i></li> </ul>
Não soube responder	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Não soube responder;</i></li> </ul>
" <i>Não se misturar com ímpios porque tendemos a nos influenciar para o caminho errado</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Se afastar de pessoas que não segue os mesmos princípios religiosos;</i></li> </ul>
" <i>Sair com a família</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Passeio com a família;</i></li> </ul>
" <i>Passeios da igreja e sair com a família</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Passeios com a família;</i></li> <li>• <i>Passeios da Igreja;</i></li> </ul>
" <i>Atividades da igreja</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Atividades da igreja;</i></li> </ul>
" <i>Sair com a família e viajar</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Passeios com a família;</i></li> <li>• <i>Viajar;</i></li> </ul>
" <i>As atividades da igreja</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Atividades da igreja;</i></li> </ul>
" <i>Pode se divertir, mas sem ferir os princípios bíblicos</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Não infração aos princípios morais, religiosos e espirituais;</i></li> </ul>
" <i>Se divertir sem gerar escândalo para a igreja</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Não infração aos princípios morais, religiosos e espirituais;</i></li> </ul>
" <i>A igreja não indica</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>A igreja não indica nenhuma atividade;</i></li> </ul>
" <i>Ela não promove por isso não indica</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>A igreja não indica nenhuma atividade;</i></li> </ul>
" <i>Não indica</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>A igreja não indica nenhuma atividade;</i></li> </ul>
" <i>Não ir em festas e bares</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Não infração aos princípios morais, religiosos e espirituais;</i></li> </ul>
" <i>A Igreja não indica</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>A igreja não indica nenhuma atividade</i></li> </ul>
" <i>O que é saudável para nós e para a família</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Atividades saudáveis;</i></li> </ul>
" <i>Qualquer lazer saudável</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Atividades saudáveis;</i></li> </ul>
" <i>Ler a bíblia; orar e sair com a família</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Ler a bíblia;</i></li> <li>• <i>Orar;</i></li> <li>• <i>Sair com a família; ;</i></li> </ul>
" <i>Orar; ler a bíblia e sair com a família</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Orar,</i></li> <li>• <i>Ler a bíblia;</i></li> <li>• <i>Passeios com a família;</i></li> </ul>
" <i>Adorar a Deus</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Adorar Deus;</i></li> </ul>
" <i>Praticar esportes; passear; assistir filmes (programas indicados)</i> ".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Praticar esportes;</i></li> <li>• <i>Passeios;</i></li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assistir filmes e programas indicados pelo pastor.</li> </ul>
"Igreja; praticar esportes, mas com hábitos que não sejam pecaminosos".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atividades da igreja;</li> <li>• Praticar esportes;</li> </ul>
"Momento familiar e prática de esportes".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Praticar de esportes;</li> <li>• Vivencia familiar;</li> </ul>
"Qualquer uma que não tenha imoralidade, bebedice e festas"	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não infração aos princípios morais, religiosos e espirituais;</li> </ul>
"Locais que não nos afastam de Deus".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não infração aos princípios morais, religiosos e espirituais;</li> </ul>
"A Igreja não proíbe mas ensina a se divertir de forma devida".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não proíbe mas ensina a decidir pela melhor forma de lazer;</li> </ul>
"Banho; volei e shows gospel"	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Banho;</li> <li>• Prática de esportes;</li> <li>• Shows gospels;</li> </ul>

**Quadro 5 - Atividades de lazer indicadas pela igreja segundo os sujeitos.**

Organização: Roscoche (2017)

Ao questionar sobre quais as atividades de lazer eram indicadas por sua igreja podemos verificar uma série de respostas que vão da similaridade, complementariedade até a completa contradição. A pergunta aborda quais são as atividades indicadas, no entanto, alguns respondem que nenhuma seria indicada. Um deles por exemplo, considera que a igreja orienta a *“não se misturar com o mundo onde há bebidas e festas”*, interessante observar que o foco central da objeção são os lugares aqui, onde supostamente existem atividades que entrariam em choque com os usos e costumes condizentes com sua religião. Em outro caso o sujeito considera que a igreja indica *“Não se misturar com ímpios porque tendemos a nos influenciar para o caminho errado”*. Aqui além do foco da preocupação de se centrar nos sujeitos ímpios, a uma ideia subjacente de segregação do “eu” e o “outro”, daquele que está no caminho certo e o outro que além de estar no caminho errado poderia funcionar como mecanismo de desvio do crente. Um terceiro e último exemplo é do entrevistado que entre as atividades indicadas pela igreja está *“Não ir em festas e bares”*, onde mais uma vez o lugar, ou como preferimos nos referir, o território ganha um caráter negativo e segregacionista, um espaço em que o fiel não deve se territorializar. Na comunidade da Vila de Pescadores de Ajuruteua, existem alguns bares, conforme pode ser visto na imagem seguinte:



**Figura 15.** Um dos bares existentes na vila dos pescadores de Ajuruteua

Fonte: Arquivo pessoal – Roscoche (2017)

Passar com a família, amigos e irmãos da igreja é uma das atividades mais recorrentes nos relatos. Com relativa intensidade também aparecem os esportes como atividades supostamente indicadas pela igreja. É compreensível que a igreja não se levante quanto a prática de esportes já que paira certo consenso social e científico de que esta é extremamente benéfica para a saúde dos sujeitos. Todavia, a prática dos esportes não é uma prática completamente livre já que em alguns relatos fica explícito que alguns consideram que se pode praticar esportes “...mas com hábitos que não sejam pecaminosos”. Uma suposta segregação auto-imposta se descortina ao observarmos que o entrevistado considera que é possível jogar bola, desde que seja “...entre evangélicos”. Tal concepção segregacionista fica ainda mais nítida no que se refere a prática do lazer quando um dos sujeitos considera que as práticas de lazer passam pela condição de “Não se misturar com ímpios porque tendemos a nos influenciar para o caminho errado”. Por outro lado, há posicionamentos mais flexíveis que consideram o bom senso e o livre arbítrio do fiel, considerando que é possível realizar qualquer tipo de atividade de lazer, desde que esta sejam saudáveis e não infrinjam os princípios morais, religiosos e espirituais da religião.

Orar, ler a bíblia e participar de um modo geral das atividades da igreja também recebem um grande número de referenciais entre os pesquisados, ratificando mais uma vez nossa teoria de que a atividade religiosa dependendo de seu contexto pode ser uma atividade de lazer e não simplesmente uma obrigação social como propõe muitos teóricos do lazer. Gincanas, retiros e confraternizações também estariam entre as atividades de lazer indicadas pela igreja. Mesmo quando a um consumo de produtos culturais como músicas e filmes, é possível verificar que os fiéis não consomem qualquer tipo produto cultural, mas como bem destaca um entrevistado aqueles “*programas indicados*”, pelo pastor.

Quando foi possível perceber em uma pergunta anterior onde questionava-se se a igreja promovia algum tipo de atividade de lazer cerca de 16% dos sujeitos consideraram que esta não promovia nenhuma atividade de lazer, dessa forma, é coerente que ao responder essa nova pergunta sobre as atividade de lazer indicadas pela igreja hajam alguns que consideram que nenhuma atividade de lazer é indicada pela igreja, pois como bem lembra um deles quando diz que a igreja não promove tais atividades, “*por isso não indica*”. Tal postura é presente no relato de 4 deles. Aqui talvez caiba o aprofundamento que essa negação do lazer, seja uma possível consideração que os fiéis enxerguem no lazer uma forma de pecado, transgressão religiosa ou um mecanismo de desvio da religião.

Foi questionado aos sujeitos de que forma, ou seja, quais as consequências que as atividades de lazer não são indicadas pela igreja poderiam interferir na sua vida (Quadro 9). Já se sabia quais são as atividades que não são indicadas pela igreja como pode se constatar em questão anterior, portanto, o objetivo dessa pesquisa era de caráter hipotético, ou seja, caso essas atividades fossem realizadas que consequências poderiam trazer para a vida dos fiéis. Todavia, as respostas se concentraram em sua grande maioria nas atividades não permitidas e não nas consequências das hipotéticas transgressões na vida dos fiéis.

Por exemplo, em 7 relatos que afirmam que não trariam “nenhuma” (3ª posição) consequência, os sujeitos responderam dessa forma pois supostamente se remetiam ao momento presente e, portanto, não se consideravam transgressores e que, portanto, não trariam nenhuma consequência para suas vidas já que não realizam nenhum tipo de atividade de lazer não indicada pela igreja.

Posição	Consequencia por não seguir as atividade de lazer indicadas pela Igreja	n° de ocorrências
4 <sup>a</sup>	Desviar do caminho de Deus	6
9 <sup>a</sup>	De modo negativo	2
15 <sup>a</sup>	Desânimo	1
18 <sup>a</sup>	Interferência espiritual negativa	1
22 <sup>a</sup>	Evitar erros	1

**Quadro 6- Forma como as atividades de lazer não indicadas pela Igreja podem interferir na vida do entrevistado condensada.**

Organização: Roscoche (2017)

As únicas respostas em que as supostas consequências de realização de atividades de lazer não indicadas pela igreja podem ser visualizadas em destaque na tabela, quando consideram que elas podem “*desviar do caminho de Deus*” (4<sup>a</sup> colocação), ou até mesmo da igreja; de modo negativo (9<sup>a</sup> colocação); por meio do “*desanimo*” (15<sup>a</sup> colocação); “*interferência espiritual negativa*” (18<sup>a</sup> colocação) e “*evitar erros*” (22<sup>a</sup> colocação).

Fumar, beber e dançar são as práticas de lazer mais condenáveis segundo os entrevistados, ainda que a dança aqui condenada é aquela que acontece em festas ditas mundanas e que tragam muita sensualidade e com letras muitas vezes obscenas, conforme explicam os sujeitos. Mesmo porque, espetáculos de canto, dança e teatro foram relatados como atividades de lazer que ocorrem dentro da igreja segundo os fiéis. Dessa forma, não é a dança em si que se condena, mas sim o tipo da dança. Festas, prostituição e casas de shows também receberam um grande número de menções no relato dos sujeitos. Tanto as festas mundanas, como casas de shows e de prostituição são lugares físicos na cidade presentes nos espaços urbanos e nas comunidades e as práticas lá realizadas são nessa perspectiva condenáveis pelos fiéis. É nesses lugares onde as pessoas muitas vezes se vestem de forma inadequada, se envolvem com más companhias e ouvem músicas inadequadas (com o funk que traria letras ofensivas segundo um dos sujeitos). Alguns sujeitos reconhecem, no entanto, que não só nos lugares de festas é possível encontrar músicas consideradas inadequadas ou ainda pessoas vestidas de maneira indecorosa, já que essas podem ser encontradas em lugares públicos. Importante citar aqui que convenções da Assembleia de Deus do Brasil em 1946<sup>35</sup> já ditava as

---

<sup>35</sup> “1) Não será permitida a nenhuma irmã membro dessa igreja fazer sobancelha, usar cabelo solto, cortado, tingido, com permanente ou outras extravagâncias de penteado, conforme usa o mundo; que se penteiem simplesmente como convém às que professam a Cristo como Salvador e Rei.; 2) Os vestidos devem ser suficientemente compridos para cobrir o corpo com todo o pudor e modéstia, sem decotes exagerados; e as mangas devem ser compridas; 3) Recomenda-se às irmãs que usem meias, especialmente as esposas dos pastores, anciãos, diáconos, professores de escola dominical, e as que cantam no coro ou tocam.; 4) As irmãs [da sede e das congregações a ela filiadas] que não obedecerem ao que acima foi exposto serão desligadas da comunhão por um

restrições que deveriam ser aplicadas á todas as igrejas afiliadas, sendo novamente alteradas em 1975<sup>36</sup> pela nova convenção. Na resolução do Encontro de Líderes da Assembleia de Deus em 1999 a regra sobre a proibição do uso do aparelho de televisão foi flexibilizada pelo mal-uso dos meios de comunicação.

Os sexos bem como a traição do cônjuge são consideradas atividades reprováveis na visão de alguns fiéis. Interessante observar que no relato de um dos sujeitos não é a expressão sexo que é utilizada e sim a expressão “fornicação”, expressando assim uma conotação de cunho mais pejorativo.

Alguns relatantes falam sobre “frequentar locais indevidos”, e que estão incluídos nessa condição, bares, casas de shows, casas de prostituição, casas de apostas e outros. Os jogos de apostas, os jogos de azar como são comumente conhecidos, são uma das práticas condenáveis pelos pastores da Assembleia de Deus. Outro relato trás a maquiagem como prática não indicada pela igreja, embora esse posicionamento não seja consenso entre os membros da igreja.

Quando foi questionado aos fiéis que locais consideravam locais de “salvação” e que locais consideravam locais de “perdição” (utilizamos essas expressões com base no trabalho de Sanchis (1996).

Embora possam parecer prazerosas, são consideradas segundo os evangélicos como, falsas alegrias, considerados, portanto lugares de “perdição”. Em contraposição, os espaços da salvação a igreja é onde existe a presença de Deus, seja na igreja ou na casa do fiel, ou como se referem os pastores a passagem bíblica, “onde um ou mais estiverem reunidos em nome de Deus”, será considerado um espaço de salvação. Os espaços da salvação e de perdição também encontram-se presentes na obra de Carrano (2002), ao estudar a religiosidade entre os jovens no Rio de Janeiro.

---

período de três meses. Terminado este prazo, e não havendo obedecido à resolução da igreja, serão cortadas definitivamente por pecado de rebelião. 5) Nenhuma irmã será aceita em comunhão se não obedecer a estas regras de boa moral, separação do mundo e uma vida santa com Jesus (Estatuto CGADB, 1946) ”

<sup>36</sup> 1. Uso de cabelo crescido pelos membros do sexo masculino; 2. Uso de traje masculino por parte dos membros ou congregados do sexo feminino. 3. Uso de pintura nos olhos, unhas e outros órgãos da face. 4. Corte de cabelo por parte das irmãs. 5. Sobrancelhas alteradas. 6. Uso de minissaias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã. 7. Uso de aparelho de televisão. 8. Uso de bebidas alcoólicas. (Estatuto CGADB, 1975)

Extrai-se das transcrições dos discursos dos sujeitos os seguintes locais compilados no quadro abaixo (Quadro 7) e que demonstram o que poderíamos chamar de territorialidade da salvação e territorialidade da perdição.

	<b>Locais de salvação</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>Locais de perdição</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
1.	Igrejas	34	Festas	32
2.	Residências/Casas	9	Bares	20
3.	Praças	9	Casas de show	7
4.	Praias	5	Bocas de fumo	3
5.	Restaurantes	4	Praças	2
6.	Rios/Igarapés	4	Motéis	2
7.	Orla	3	Mundo	2
8.	Lanchonetes	2	Boate/Baladas	2
9.	Escolas	1	Lugares mundanos	1
10.	Clubes	1		
11.	Retiros	1		
12.	Sorveterias	1		
13.	Pastelarias	1		
14.	Ruas	1		
15.	Show Gospel	1		
16.	Salão de festa da igreja	1		
17.	Passeio	1		
18.	Viajar	1		
19.	Não respondeu	1		

**Quadro 7 - Forma como as atividades de lazer não indicadas pela Igreja podem interferir na vida do entrevistado**  
Organização: Roscoche (2017)

Uma das primeiras constatações é que a percepção dos sujeitos é que existem mais locais de “salvação”, quando comparados com os locais de “perdição”, evidenciando uma discrepância quantitativa e qualitativa dessas territorialidades. Nas respostas, foi possível identificar que a igreja obteve 34 referências, aparecendo na quase totalidade dos relatos. De certa maneira atrelados a igreja foram citados ainda show gospel (figura 18 e 19), salão de festas da igreja e retiros como espaço de salvação.

A própria casa ou residência também foi considerado pelos sujeitos como um espaço de salvação, com 9 ocorrências. As praças receberam igual número de menções. Assim como as igrejas e residências, as praças foram citadas como locais de lazer, todavia, cabe um

entendimento mais profunda da razão dos fiéis considerarem esta como local de salvação, já que estas também são consideradas como locais de perdição ainda que em menor grau. Verifica-se aqui uma visão do espaço urbano por vezes contraditórias conforme verificado.



**Figura 16. Show de talentos gospel - comunidade do Acarajó**  
Fonte: Arquivo pessoal – Roscoche (22/09/2016)



**Figura 17. Público presente no show de talentos golpel - comunidade do Acarajó**  
Fonte: Arquivo pessoal – Roscoche (22/092016)

Poderíamos atrelar a orla da cidade como um local público como a praça, conjugando também estabelecimentos privados voltados a alimentação, venda de mercadorias e prestação de serviços. Não só a Orla que margeia a área urbana do Rio Caeté que banha a cidade, como praças e ruas se tornam locais de lazer no final da tarde até a início da noite, quando crianças com seus pais, amigos se encontram nesses locais, seja para andar a pé, de bicicleta, conversar, etc. O aproveitamento desses espaços nas tardes de sábado e durante todo o domingo também é bastante comum.

As praias e rios e igarapés também são citados não só em relatos anteriores como locais de lazer, mas também como espaços de salvação e são citados também como espaço de perdição.

Note-se que os locais públicos voltados a alimentação também são citados ainda que em menor intensidade como os restaurantes, lanchonetes, sorveterias e pastelarias. Clube e escola também foram citados como possíveis locais de salvação na visão dos sujeitos, assim como viagem e passeio. Apenas um entrevistado se negou a responder essa pergunta.

Quando se analisa os locais de perdição, verifica-se que quantitativamente esses são numericamente inferiores aos locais de salvação, sendo 10 locais a menos em relação ao anterior.

As festas ocupam posição de destaque como espaço de perdição, sendo mencionada 32 vezes, por grande maioria dos sujeitos. Os bares são mencionados 20 vezes pelos sujeitos, ocupando a segunda posição dos locais de perdição, já que estes são considerados em muitos casos como locais de inúmeros vícios como bebida, fumo, jogos e em alguns casos, até mesmo prostituição. As casas de show e que aqui podem agregar-se as boates e baladas, além de abrigar bebidas, cigarros, drogas e dança, sendo considerado, portanto locais inapropriados aos fiéis da igreja. Por 3 vezes são citados ainda as bocas de fumo, devido ao vício das drogas e aos problemas correlatos ligados a esta como outros crimes, prostituição, etc.

As praças como dito anteriormente são mencionadas em duas ocasiões como espaços de perdição. Embora em um dos relatos o informante tenha dito que as praças eram locais de perdição em outro o informante diz que “...*algumas praças da cidade*” seriam locais de perdição. A contradição encontrada no discurso de que as praças são consideradas locais de salvação e de outro como locais de perdição possam indicar que em algumas praças possam abrigar atividades que de algum modo agridem a moral e os costumes dos sujeitos. Também evidencia que um mesmo espaço da cidade pode possuir usos e apropriações pragmáticas e simbólicas de acordo com a intencionalidade dos sujeitos. Abaixo na figura 20, segue um dos exemplos de praças frequentadas pelos fiéis.



**Figura 18. Praça da Bandeira - Centro – Bragança**  
Fonte: Arquivo Pessoal – Roscoche (2016)

Como o sexo foi mencionado em ocasião anterior (em dois casos especificamente) que era uma atividade de lazer considerada inadequada, não espanta o fato de que o motel seja considerado, portanto um local de perdição, já que supostamente abriga pessoas que realizam a prática sexual para fins recreativos e em alguns casos fora do casamento. Tal fato entra em choque com os princípios religiosos, portanto.

O mundo é citado em duas ocasiões como um lugar de perdição. Causa estranheza tal afirmativa, já que pela lógica racional a igreja, bem como as casas dos fiéis se situam “*no mundo*” e que pela indução nos leva a crer que são locais portanto de perdição. Todavia, quando tal questionamento é feito, os fiéis rebatem tal afirmativa dizendo que as igrejas são a casa de Deus e que fazem parte do seu reino. Dá-se início, portanto a uma dicotomia do que é do mundo e o que é de Deus, de uma territorialidade material e visível a uma territorialidade imaterialidade e intangível.

### **3.6 Caracterização do perfil e do discurso dos pastores da Igreja Assembleia de Deus**

Para melhor compreender os discursos dos fiéis, torna-se necessário uma caracterização dos pastores e suas características socioeconômicas, sua formação teológica e suas concepções sobre a doutrina religiosa e seu posicionamento sobre o lazer.

#### **3.6.1 O pastor da comunidade caiçara de Ajuruteua**

O pastor responsável pela igreja na comunidade caiçara de Ajuruteua é casado, tem 4 filhos e 65 anos de idade. Possui ensino fundamental completo e realizou o seminário de teologia e atua como pastor há 16 anos. Natural do estado do Maranhão, reside na cidade há 30 anos. Quando foi questionado sobre o que considerava por lazer, considerou que era “alegria, prazer, relaxar e esquecer do trabalho”. Ao ser questionado sobre que atividades de lazer pratica, o mesmo relatou que gosta de “ouvir hinos e ensinar as palavras de Deus”.

Ao ser inquerido se os grupos de sua igreja realizariam alguma atividade de lazer, ele confirmou positivamente relatando na sequência que costumam realizar passeios, visitas a outras congregações, congresso e festas de departamentos (também conhecidas como festas distritais da igreja). Aqui podemos verificar que o relato do pastor corrobora alguns relatos dos fiéis nas práticas anteriormente citadas.

Quando questionado de que forma as atividades de lazer desenvolvidas pela igreja contribuem para a vida do fiel, o pastor, disse que “*a igreja promovendo esses tipos de atividades faz com que o crente não precise ocupar sua mente com coisas do mundo*”. A Igreja

estaria, portanto, prestando um serviço a sua comunidade religiosa ao oferecer práticas de lazer adequadas aos princípios religiosos, de modo que essa inquietação seja tirada da mente dos fiéis. Implícito a este relato está a ideia das “coisas do mundo”, ou seja, de coisas materiais que tem seu par dialético do etéreo espaço divino, no Reino dos Céus, ou mesmo do inferno. Assim sendo, temos a grosso modo a distinção entre um mundo físico e um mundo imaterial, ao qual acessaremos após a morte.

Em conversa com o pastor, foi questionado se existiam atividades ou espaços de lazer que não são indicados pela igreja aos fiéis após sua mudança de crença religiosa e que atividades ou espaços seriam estes ao que o pastor respondeu:

Sim, o **crente depois que se converte não pode mais se misturar a cultura do mundo**, ele não pode mais estar em qualquer lugar e nem na companhia de pessoas que o levem para a perdição, ele tem que falar do amor de Deus. (Pastor da Igreja Assembleia de Deus da comunidade de Ajuruteua)

O discurso do pastor, se reflete no discurso dos fiéis, ao considerarem a separação entre as coisas do mundo e as coisas de Deus, ou nas palavras do próprio pastor “*a cultura do mundo*”. Ao considerar que os fiéis não podem mais “estar em qualquer lugar”, corrobora nossa tese de que a mudança de religião, traz consigo uma nova territorialidade ao fiel, há o abandono de uma territorialidade para uma nova territorialidade, que pode preservar elementos da antiga territorialidade e incorporar novos elementos ou mesmo modificar sua territorialidade. As companhias de pessoas “ímpias” em suas relações sociais podem levá-lo para a perdição, nas palavras do pastor. Aqui a ideia de caminho correto e em contraposição ao caminho errado, o desvio ou até mesmo a ausência total de direção, “a perdição”, nas palavras do pastor nos remetem a noções espaciais que ora se remetem ao espaço físico ora a figura de linguagem ou mesmo um espaço espiritual abstrato. Orientar-se, portanto, é tomar o caminho correto, enquanto desviar-se ou perder-se é tido como uma falta ou erro, passível de punições.

Questionou-se também de que forma as atividades de lazer não indicadas pela igreja podem afetar a vida do fiel. Segundo a opinião do pastor, “*se um crente começar a frequentar esses lugares que ele frequentava antes de aceitar a Jesus, o pecado vai se tornar atrativo de novo pra ele, a bíblia ensina para fugirmos da aparência do mal*”. Portanto, ao mudar de religião, busca-se que os novos convertidos mudem seu círculo de amizades e também os locais que antes frequentava já que o local, além de conter uma rede de relacionamentos anteriores, podem conjuntamente funcionar como um gatilho para a retomada de “velhas práticas”, que podem ser participar de festas, beber, fumar, entre outras.

Sobre a mudança de crença religiosa para a Igreja Assembleia de Deus provocava mudanças nos hábitos de lazer dos fiéis. O pastor responde que sim, que há uma mudança nas práticas do lazer. Ele complementa dizendo que:

[...] a pessoa convertida não sente mais prazer na prática pecaminosa e se ele sentir ele ora, lê a bíblia e busca em Deus se libertar desses vícios, porque o pecado vicia. Não é a religião que muda a pessoa, mas sim o espírito Santo de Deus que muda a vida da pessoa, só ele tem esse poder. (Pastor da Igreja Assembleia de Deus da comunidade de Ajuruteua)

Aqui a crítica do pastor não é endereçada necessariamente a prática do lazer, mas sim aos vícios que muitas vezes estão associados a algumas práticas de lazer como já citado anteriormente como a bebida, fumo, jogos, prostituição e outros. O pastor ainda afirma que a religião não muda uma pessoa, mas sim uma força intangível (no caso o Espírito Santo) que mudaria a pessoa). Em outras palavras, não há necessariamente uma mudança física a priori e sim endógena que em alguns casos começar a operar no universo físico.

Ao ser questionado se a igreja propiciava lugares de lazer aos seus fiéis, o pastor relata que a igreja não contava com salão de festas, mas “na própria igreja acontece atividades de lazer”. Aqui fica clara a anuência do pastor em relação a atividade de lazer embora lastime a não existência de um local adequado para melhor servir os fiéis de sua congregação.

Sobre a distribuição espacial na igreja da comunidade, o pastor afirmou que existiam somente 2 igrejas na comunidade.

O pastor da comunidade do Acarajó, por sua vez possui 31 anos, casado, possui um filho e possui o ensino médio completo. Natural de Bragança, sempre residiu no município. Quanto a sua formação teológica o mesmo diz ter cursado o seminário de forma incompleta e realizado curso de obreiro. Em relação ao seu tempo de pastor, o mesmo diz estar atuando há mais de 5 anos.

Sobre o que considera por lazer, ele respondeu que considerava “estar com família, ir para a igreja, para a casa de outros fiéis”. Ele afirma ainda que em relação as suas práticas de lazer diz que realiza algumas atividades de lazer, saindo ao menos um dia por semana com a família para passear ou para visitar a casa de irmãos da igreja. Posicionamentos semelhantes são encontrados entre os fiéis que consideram o passeio com a família e com irmãos da igreja suas principais atividades de lazer.

O pastor responde reitera que existe atividades promovidas por membros da igreja: *“Sim, algumas vezes marcamos almoços nas casas dos fiéis, congresso de missões, datas comemorativas”*. Para ele as atividades contribuem para a comunhão entre os fiéis.

Em relação as atividades de lazer não indicadas pela igreja, o pastor considerou que atividades como beber, fumar, participar de jogos de azar e frequentar festas e motéis são exemplos de atividades condenadas pela igreja. Ao responder de que forma as atividades não indicadas pela igreja podem interferir na vida do fiel o pastor não respondeu de que forma as atividades afetariam a vida do fiel, mas sim que atividades não seriam indicadas, citando *“promiscuidade, festas, bebida, fumo, pornografia”*.

Quando discutido sobre se existiria uma mudança de hábitos de lazer após o processo e mudança de crença religiosa dos fiéis, o pastor afirmou que a igreja caberia ensinar *“mas cabe a cada um saber se vai seguir”*. O pastor tangencia o questionamento, escapando de uma resposta direta e acaba recorrendo que as ações desenvolvidas pelos sujeitos seriam resultado de suas escolhas, ou de seu livre arbítrio.

### 3.6.2 O pastor de comunidade de Samaumapara<sup>37</sup>

O pastor de comunidade de Samaumapara, tem 41 anos de idade, casado, sem filhos. Natural do estado Piauí, reside há 34 anos no Pará e há 2 anos no município de Bragança. Quanto a sua formação, possui o ensino médio completo, concluiu teologia na FAETAM (Belém-PA). Iniciou seus trabalhos como auxiliar na igreja e posteriormente como diácono, presbítero até ser consagrado ao pastorado. O pastor ressalta que embora tenha trabalhado em diversas funções ou cargos na igreja, sempre trabalhou com jovens, inclusive nos dias atuais.

Para ele, *“o lazer faz bem para vida e a família. Lazer é estar com os amigos, com a família em momentos de descanso”*. Sobre as atividades de lazer que pratica o pastor diz que *gosta de passear com a família em lugares calmos e tranquilos de acordo com o que gosta de fazer*. No entanto como pode ser verificado em seu relato o pastor não cita nenhum lugar ou atividade.

---

<sup>37</sup> Os relatos que se seguem foram fornecidos pelo Pastor da Assembleia de Deus da comunidade de Samaumapara em 13/06/2016)

O pastor considera que a “[...] a igreja é muito fechada na área do lazer e por a própria instituição não oferecer recursos próprios e não ter estrutura as pessoas acabam se divertindo na rua, com os amigos do jeito que podem”.

Em relação a contribuição das atividades de lazer para a vida dos fiéis, o pastor considera que: “se os evangélicos, tornarem a prática do lazer com decência e ordem com certeza, contribuirá para uma vida saudável. Embora eu ainda ache que muitos evangélicos são muito fechados para o lazer”. Aqui o pastor reitera que para que o lazer seja considerado saudável e admissível, a “decência e a ordem” sejam respeitadas. Outro fato, é que no seu relato anterior, o pastor diz que a igreja é fechada ao lazer e num segundo momento ele considera que os fiéis são fechados ao lazer. Aqui talvez haja tanto a resistência da igreja e da figura do pastor em relação ao lazer e este ao falar sobre os fiéis reafirma seu próprio discurso.

Analisando a existência de lugares ou atividades que não são indicadas pela igreja, o pastor não responde taxativamente, preferindo usar um suposto ensinamento bíblico que ensinaria que os crentes “não devem se sentar na roda dos escarnecedores”. “Ou seja, um jovem ou qualquer outro irmão frequentar lugares como bares, festas onde pode ouvir palavrões, certamente esse não é um bom lugar para que os irmãos estejam presentes”. A passagem a qual o pastor faz referência está contida no livro dos Salmos (1.1), da Bíblia Sagrada, “Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores”. Essa passagem pode ser interpretada como um convite a auto segregação, ou seja, de afastamento total daqueles considerados pecadores ou que não professam a fé evangélica ou ainda evitando o menor contato possível. Uma interpretação menos radical consideraria que apenas não se deve imitar ou seguir os mesmos caminhos dos hábitos dos pecadores.

Fiéis e pastores afirmaram em muitas ocasiões ser desaconselhável aos recém-convertidos, frequentarem locais em que realizam prática reprováveis por parte da igreja, segundo a argumentação de que o fiel estaria ainda “muito fraco na fé” (conforme relatou um dos pastores numa conversa informal), ele poderia cair em tentação e se desviar. Medidas de auto segregação, ao buscar refúgio apenas na igreja, e de segregação seletiva, ao evitar locais antes frequentados, acabam sendo estratégias que dificultam que o fiel acaba “se desviando” (para utilizar uma expressão evangélica).

As atividades de lazer não indicadas pela Igreja podem interferir na vida do fiel. Ele responde:

Bom, se a pessoas tem total firmeza da sua fé, ou está preparado para lidar com essas coisas, nada contra, mas se a pessoa sabe que um ambiente mundano pode abalar a sua fé, o melhor a fazer é evitar para que a sua fé não acabe sendo comprometida. Festas bares, por exemplo. Existem muitos lugares que não é adequado para servos de Deus. (Relato do Pastor da Assembleia de Deus da comunidade de Samaumapara, 13/06/2016)

Nessa passagem o pastor não chega a proibir o fato dos fiéis frequentarem lugares não indicados pela igreja para a prática do lazer. Mas pondera que o fiel deve ter sua fé firme para que ela não seja abalada. Na sequência ele dá exemplos de lugares onde a fé pode ser abalada e lembra que existem lugares que não são adequados aos servos de Deus, aqui, logicamente se referindo aos fiéis da Igreja Assembleia de Deus.

Há mudança de hábitos de lazer das pessoas que se convertem de outras religiões para a fé evangélica. O pastor afirmou que sim, pois *“há uma mudança radical, porque a partir do momento que ele passa a conhecer a palavra de Deus e passa por uma transformação interior, ela muda muito seus hábitos e forma de vida”*. Nesse sentido podemos considerar que essa mudança se inicia não somente no ato em si de mudar de religião, mas no processo de buscar por problemas interiores e exteriores, que por sua vez ao adentar o universo religioso repercutem na mudança de hábitos e com isso na reconfiguração de suas territorialidades, ressignificando sua cosmovisão.

O pastor foi taxativo em dizer que a igreja não propicia *“basicamente nada”* [de lazer], fazendo raramente retiros de onde se tiram alguns momentos de lazer. Ele afirma que a igreja não possui estrutura para dar aos fiéis esse tipo de *“benefício”*. E ao ser inquerido sobre a distribuição espacial da igreja na cidade, o pastor afirmou que a igreja está presente em bairros, periferias, mas que o mais importante, segundo sua opinião é que *“...em todo lugar tem uma Assembleia de Deus o que nos leva a crer que a palavra de Deus está sendo anunciada”*. A presença física da Assembleia de Deus é realmente uma constante na paisagem bragantina, seja na área urbana ou rural, situando-se muito próximo de seus fiéis (no sentido material e abstrato), de seu cotidiano e de seu dia-a-dia. Tal proximidade repercute em um maior laço de confiança entre fiéis, pastores, diáconos e presbíteros e conseqüentemente amplia o poder da igreja em todo o território.

## **CAPÍTULO 4 - AS TERRITORIALIDADES MATERIAIS E IMATERIAIS DO LAZER E DA RELIGIÃO DOS CONVERTIDOS PELA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS EM BRAGANÇA – PARÁ**

Essa é uma segunda fase da tese realizou-se um aprofundamento qualitativo para compreensão do seu objeto. Para tanto, alguns trabalhos de campo foram realizados com o intuito de entrar em contato com os sujeitos e assim participar de atividades como cultos, eventos culturais e até mesmo de programações de lazer. Utilizamos aqui a expressão territorialidades materiais e imateriais do lazer e da religião por considerar que os sujeitos possuem no decorrer de sua vida material e imaterial territorialidades cambiantes. Há um processo constante de territorialidades múltiplas que interagem, sobrepõem, que são ressignificadas e que muitas vezes extrapolam o próprio território físico.

### **4.1. Conhecendo os sujeitos da pesquisa e seu mundo material**

#### **4.1.1. Os sujeitos contextuais da pesquisa – Os evangélicos natos na Fé Evangélica**

Embora o objetivo dessa pesquisa seja estudar os fiéis convertidos, ou seja, pessoas que tinham outra religião ou mesmo não tinham religião e acabaram por se converter a fé evangélica da Assembleia de Deus. Todavia, torna-se necessário conhecer os sujeitos nascidos na fé evangélica, auxiliando assim a compreensão da influência desses sobre os convertidos. Acreditamos que para melhor conhecer esses sujeitos podemos ter uma ideia mais clara de suas características e até mesmo buscar uma melhor compreensão dos fiéis convertidos, ou seja daqueles que adentraram a Igreja Assembleia de Deus. Aqui apresentamos os resultados de

relatos obtidos por relatos de sujeitos que falavam livremente e onde alguns tópicos temáticos eram apresentados para o aprofundamento da pesquisa. Para preservar a identidade dos sujeitos, os nomes são omitidos e são citadas algumas características dos mesmos que não comprometem sua privacidade ou identificação. Tal procedimento visa atender as exigências do Conselho de Ética na Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, conforme parecer aprovado pelo órgão sob o número 1.621.842<sup>38</sup>.

O primeiro relato de um dos fiéis que além de ter nascido na fé evangélica, ocupa um cargo de direção junto a instituição local, ao qual trataremos pelo nome fictício de João. Esse fiel relata que nasceu no evangelho e que seu pai igualmente além de ser evangélico também ocupou cargo de direção junto a instituição. O fiel possui formação acadêmica em música pela por uma instituição de ensino superior federal. Dessa forma, além do cargo de presbítero da igreja, ele trabalha com o coral e a banda da igreja. Sobre sua formação profissional e sua atuação religiosa, e suas atividades cotidianas ele relata:

Embora que profissionalmente eu não exerço minha atividade na área profissional seja na música. Estou usando a música para louvar a Deus e não necessariamente como atividade profissional. Porque quando eu me formei não tinha muito trabalho para professores. Tinha trabalho na SEMED [Secretaria Municipal de Educação] tinha projeto na universidade. Mas por conta dessa atividade ministerial da Assembleia de Deus, então eu estou voltado para essas atividades mais religiosas da Assembleia de Deus. [...] Então o que é interessante é que eu sou da Assembleia de Deus e trabalho dentro da Assembleia de Deus na parte burocrática e trabalho como secretário executivo da Assembleia de Deus. **Então o meu espaço é aqui, dentro da igreja, vivo a rotina da Assembleia de Deus. Então meu dia é aqui dentro e minha noite também.** Meu espaço aqui eu chego aqui 8 horas e fico até 1 hora e depois vou para casa almoçar e volto pelas 4:30 da tarde. Aí depende muito porque às vezes eu vou jantar. Mas hoje segunda-feira eu tenho culto aqui. Dia de terça-feira tem reuniões de lideranças e na quarta-feira tem capacitação de líderes. Aí eu estou aqui de noite. Na quinta-feira mesma coisa aí na sexta-feira culto. Sábado eu tenho seminário. Sou aluno e professor, quer dizer eu ainda não sou professor, mas estou indicado para uma matéria. E domingo da escola dominical. A tarde é que eu fico em casa domingo tem culto. [...] Fora disso esporadicamente eu vou com a minha família para o sítio do meu sogro, perto de Viseu [município]. **Eu não gosto de praia e balneário muito difícil eu ir. Não sou meio Dom Casmurro, meu caseiro, eu quase não saio daqui,** até por conta da minha bebezinha. (Relato de Presbítero 1 - nato na Assembleia de Deus – junho de 2016 – grifo nosso)

Importante salientar que quando da realização dessa entrevista com o presbítero, a igreja passava por uma mudança de pastores e em toda a sua estrutura administrativa, fato esse que gerou uma sobrecarga de trabalho junto aos membros da igreja. O reconhecimento dos serviços prestados pelo Pastor Valdolino e esposa Naza Miranda e as boas vindas para o novo pastor,

---

<sup>38</sup> Certificado de apresentação para apreciação ética (CAAE) – nº 51895115.7.0000.5083

Carlos Natalino e sua esposa Creusa Andrade, foram externalizados não só pelo rádio e tv como também em um painel de propaganda no centro da cidade, como pode ser visto na figura 21:



**Figura 19. Painel de despedida do Pastor Valdolino e esposa e de boas vindas ao Pastor Natalino e esposa.**  
Fonte: Arquivo pessoal – Roscoche (2016)

No relato do presbítero, podemos inferir que em virtude do seu contexto familiar, com pais oriundos da fé evangélica e que também ocuparam posto de direção junto a igreja, acabaram por influenciar seus passos para seguir o caminho da igreja. Tal processo pode ser considerado ao que Pierre Bourdieu chama de “capital cultural” é o que se acumula na educação, que podem ser livros, diplomas, conhecimentos apreendidos em geral e até mesmo no seio familiar.

A falta de demanda de professores na área de formação do sujeito pode também ter contribuído pela escolha dessa trajetória profissional e espiritual. A sua formação acadêmica na área de música é aproveitada não só no sentido de contribuir para administração da igreja, mas também na formação musical de jovens na igreja e de coral e da banda que acaba por contribuir para as atividades da igreja como cultos, celebrações, eventos e outras. Em relação as suas atividades diárias como pode ser constatado em seu relato, verifica-se um grande fluxo de atividades que se dão primordialmente nos espaços da igreja. Suas tarefas profissionais, sua

formação ocorre em espaços da igreja. Um dos espaços que quebra essa rotina é sua visitação esporádica do sítio de parentes, numa tentativa de buscar certo isolamento. Muito embora o município de Bragança esteja inserido numa região litorânea na região nordeste do estado do Pará, o entrevistado diz não possuir muita afeição as praias e balneários, preferindo permanecer em seu domicílio. Tal característica também é relatada por outro sujeito da pesquisa, também fiel nato na fé evangélica e também presbítero da igreja, ao qual trataremos aqui de Josias<sup>39</sup>, que diz: *“Fora do trabalho? Fora da igreja? Eu só vou do trabalho para igreja. Fora do Trabalho só vou para o restaurante jantar com os amigos. Eu sou muito caseiro”*. Esse mesmo relatante diz em outro momento de sua fala de que quando morava em Belém seu lazer era mais ativo, de que possuía mais amigos e, portanto, suas atividades de lazer eram maiores. Importante destacar aqui, que muito embora a infraestrutura de lazer possa incidir sobre a efetivação ou não da prática do lazer, há que se ponderar que esta prática é uma atividade social e que muitas vezes depende dessa rede de relações sociais que o sujeito possui e que pode variar no decorrer da vida ou devido as suas alterações territoriais.

A falta de interesse nas praias não é muito comum entre os sujeitos, mas aparecem em outros relatos com certo desinteresse ou sendo um lugar de ponto de encontro frente a falta de opção, como na fala do jovem que chamaremos aqui de Sebastião: *“Nos finais de semana não tem muito para onde ir. Às vezes **eu vou para a praia ver os amigos e conversar com os amigos**”*<sup>40</sup>. Todavia, os lugares frequentados ou não pelos fiéis serão discutidos nas sessões subsequentes onde será discutido a territorialidade do lazer e da religião desses fiéis.

Como será constatado nos demais relatos, uma das características de muitos evangélicos, principalmente aqueles que são natos na fé evangélica é o fato de que a maioria diz possuir hábitos “caseiros”, preferindo a permanecer em seus lares e estabelecendo uma rotina de relações com familiares e amigos.

No relato de um outro sujeito da pesquisa que trataremos aqui como Rubens, esse acrescenta que os lugares que ele frequentava foram se modificando ao longo do tempo. Relata ele:

---

<sup>39</sup> Eu estou aqui em Bragança a 11 anos o restante do tempo lá em Belém tanto quanto funcionário como da igreja já exerceu alguns casos já fui dirigente de Congregação já exerci a liderança de jovens e adolescentes e da Escola Bíblica Dominical. Já em Belém Eu fui a diácono. Aqui em Bragança eu vou a presbítero e trabalho na Assembleia de Deus de Bragança. E quanto a formação acadêmica lá em Belém eu fiz e não conclui o curso de pedagogia e aqui em Bragança nesses 11 anos que eu estou fazendo o curso de letras língua portuguesa qual já conclui. Sou casado tem uma filha que tem 20 anos. ((Relato Josias – Presbítero – 23/09/2016)

<sup>40</sup> Relato realizado por um jovem novo convertido, morador da Comunidade Caiçara de Praia de Ajuruteua.

**Ainda enquanto é criança adolescente havia uma certa restrição com relação a gente ir para praia por exemplo, no período do verão, meio de julho, porque não poderia ir para praia porque era o período em que estaria mulheres seminuas. Hoje em dia isso mudou um pouco, não eu não vejo mais isso nos sermões, [pausa] eu vejo em alguns lugares ainda vejo. Não vejo mais isso nos sermões de maneira assim bem trabalhada como era antigamente, muita coisa mudou. Mas eu particularmente, eu frequento os ambientes que muitas pessoas frequentam né, por exemplo praias, igarapés às vezes até eu, por exemplo eu vou jantar num barzinho que pode está rolando música ao vivo lá as pessoas bebendo para mim não tem problema nenhum eu vou. Eu bebo o que tem de beber e como aquilo que é permitido dentro dos costumes da igreja, sem problema nenhum, sem ter que renunciar a minha fé.** Assim, eu não frequento esses lugares onde tem tipo assim de aparelhagem, festa, música com som ambiente. Eu não frequento balada ou boate por exemplo. Geralmente tem os universitários que organizam em locais fechados, em barzinhos, fecha lá e faz uma festa temática. Mas digamos assim, vamos supor, quando eu era aluno da graduação nós fizemos uma festa, daí eu estava participando da organização para coletar dinheiro para formatura eu fui participar, sem problema nenhum, não é aquela coisa extremamente impositiva. (Relato Rubens – fiel nato na fé evangélica – morador da Praia de Ajuruteua - 23/09/2016 – grifo nosso)

Neste relato fica evidente que as territorialidades dos sujeitos possuem uma variação segundo o tempo histórico em que se analisa, nesse caso, o depoente deixa claro que verifica uma mudança no discurso da igreja que supostamente teria flexibilizado seu discurso no sentido de não possuir tantas restrições quanto no passado. Podemos inferir que com a flexibilização do discurso, existiria, portanto, uma maior liberdade de trânsito e visitação a alguns lugares antes proibidos ou não indicados pela igreja. O jovem evidencia que, segundo sua opinião, houve muitas mudanças na igreja, talvez em seus discursos e nos usos e costumes. Rubens diz ainda, que frequenta praias, igarapés e até mesmo bares. Quando o sujeito diz frequentar bares, mesmo este ambiente possuindo música ao vivo e havendo consumo de álcool entre os frequentadores, esse relata que consome somente *“aquilo que é permitido dentro dos costumes da igreja”*, sem que isso o afete e principalmente, afete sua fé. Todavia, o sujeito relata que não frequenta locais onde possui aparelhagem, baladas ou festas, mas uma exceção se deu segundo ele quando o mesmo ao realizar graduação, estava trabalhando na organização da mesma para arrecadar fundos para formatura. Em muitos dos relatos colhidos nessa pesquisa, algumas pessoas relatam que frequentar ou não certos lugares que podem oferecer risco a fé, só devem ser frequentados por aqueles fiéis que possuem uma fé consolidada, pois do contrário poderia oferecer um risco a sua fé.

Um dos aspectos fundamentais nesse relato é o fato de que o espaço em si não tem um significado em si mesmo, mas que esse está atrelado a intenção do sujeito em relação ao espaço que frequenta ou utiliza, conferindo-lhe a sacralidade (ou consagração) ou mundanidade a esse espaço. Conforme relata Pereira (2016, p. 73), *“a sacralidade está no indivíduo, não no espaço. Então, o espaço não é sagrado; é o indivíduo que atribui sentido de sagrado ao espaço”*. Dessa

forma a sacralidade ou a mundanidade do espaço ou do território religioso é atribuída pelo sujeito. Todavia, esse ponto de vista não vai ser consenso entre os fiéis, já que muitos relatam em seus depoimentos que certos lugares são sagrados ou mundanos por si e independem na intenção dos sujeitos.

Em uma fala livre, no início da conversação uma fiel nata da fé evangélica, que aqui chamaremos de Maria, faz a distinção entre o mundo material e imaterial, ou do espírito e do corpo.

A gente se baseia muito em Gálatas, as coisas que lá em Gálatas<sup>41</sup> diz assim, obras da carne e obras do espírito. Ai a gente vê, as obras da carne o que é? E as obras do espírito o que é? Obras da carne: feitiçaria, adultério, facções, gluttonaria, então bem um bocado de coisa que a gente se baseia ali. Olha essas coisas estão escritas em Gálatas e diz que aqueles que praticam essas coisas não herdaram o reino dos céus. Então a gente evita praticar, mas não quer dizer que ninguém não pratique. E se praticar a gente sabe que nossa punição vai ser exemplar. A gente está errando, tem que confessar e não tem que fazer mais e forçar para o resto da vida não fazer. (Relato de Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016)

Baseado nesse relato e na passagem Bíblica que é feita referência (conforme está posto na nota de rodapé<sup>355</sup>), põem em contradição as coisas da carne e do espírito. Mais do que isso, as coisas da carne citadas na passagem bíblica são pecados ou proibições que caso cometidos colocam em cheque a herança do Reino de Deus. Aqui a ideia de herança de um Reino, pode ser análoga a herança de imóveis dos filhos após o falecimento de seus genitores. Todavia a existência de uma proibição não garante que a mesma seja cumprida, fato que culmina, para aquele que as pratica em uma punição exemplar, conforme relato da fiel. Maria continua seu relato em fala livre:

Mas as pessoas têm pensamentos diferentes sobre a mesma crença. Em relação a suposição e em relação a essas coisas mesmo, a cultura ao lazer e outras coisinhas. Por que, mesmo que a gente não queira, isso é uma coisa negada e não é estudada nem por teólogos, pelo menos não aqui, na região amazônica, na região norte. Dentro da nossa própria igreja, nós temos dois posicionamentos diferentes, nós enquanto fiéis. Têm coisas que eu vou que jamais outro crente iria. Que eu tenho consciência que aquilo ali não me faz mal algum, que não traz um perigo para minha salvação. Por exemplo, minha mãe nunca foi ao cinema.... Minto, uma vez ela foi ao cinema. Podia fazer uma entrevista com ela, ela tem 75 anos e não nasceu no evangelho. Mas ela aceitou muito pequena, eu não sei bem essa história de mamãe. Ela é filha de paraibanos que chegaram aqui na década de 30 ou 40. Primeiro chega a mamãe, tem a primeira família e a mamãe é filha da segunda família da vovó. Então a vovó já era

---

<sup>41</sup> Gálatas é um livro da Bíblia, capítulo 5, versículos 17 a 21, diz: “Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei. Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, fornicação, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, gluttonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus. (Bíblia Sagrada - Gálatas 5:17-21)

evangélica. [...] A mamãe fez parte da igreja em momentos diferentes. Então no dia 7 de setembro a gente teve um espaço lá para os pioneiros [da igreja Assembleia de Deus], e ela foi convidada para desfilar como uma das pioneiras. (Relato Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016)

Um dos alertas feitos na fala da fiel é o reconhecimento de que existem posturas diferentes que compreensão sobre os usos e costumes dentro da própria igreja, mesmo que a questão teológica não seja colocada em cheque, os usos e costumes, portanto não encontram consenso entre os fiéis, fato esse que representa o livre arbítrio a que eles dizem usufruir. Outra importante consideração apontada por Maria é o fato de que existem sujeitos que vivenciaram a igreja em diferentes momentos históricos em que os usos e costumes eram mais rígidos, onde visitar uma praça ou ir no cinema poderia ser razão para uma punição, Este tema será abordado quando discutirmos os locais frequentados ou não pelos fiéis.

Outra fiel nascida em um lar evangélico, que aqui será chamado pelo nome fictício de Ana, fala sobre suas origens e os problemas que seus pais enfrentaram ao buscar difundir a fé evangélica quando do início dessa em terras bragantinas. Visivelmente emocionada e com muito orgulho da história de pioneirismo de seu pai junto a Igreja Assembleia de Deus, Ana faz o seguinte relato:

Por que quando **Daniel Berg e Gunnar Vingren vieram para Bragança eles tiveram que batalhar para ganhar alguns cristãos.** Depois de muitos anos, muitos anos mesmo, tenho meu pai, e quando ele veio ele disse que não tinha muitas congregações e ele sofreu muito em regiões aqui, mas eu não vou citar nomes. **Mas teve umas regiões onde a gente ia fazer o culto e nós viemos em caminhões chamados de pau de arara, daí eles estavam jogando lama, eles estavam apedrejando, eles jogavam uma água de caranguejo, água de peixe na gente para expulsar a gente de lá. A gente sofreu isso. Por isso os pastores que estão vindo eles estão mais colhendo né?** Meu pai foi daquela época que passeava de bicicleta mesmo. Ele pegava a bicicleta e ia na casa, nos interiores, pregando a palavra, muitas vezes ele andava por horas para estar pregando a palavra de Deus, por isso, ano passado foi nosso objetivo ensinar para as crianças a história da Assembleia de Deus. (Relato da Ana – fiel nata na fé evangélica – 24/09/2016 – grifo nosso)

Como pode se perceber o relato de Ana corrobora as histórias de perseguição ao que os evangélicos sofreram quando de sua chegada na região, inclusive com agressões e hostilizações e principalmente muito sacrifício pessoal. Não é por acaso que a palavra “batalha”, surge em seu relato, e se repete em muitos relatos, e principalmente na figura de pastores. Todavia, os discursos da persistência e da resiliência culmina com o sucesso do trabalho realizado. O reconhecimento e homenagem aos pioneiros é feito tanto nos cultos realizados pelos pastores assim como em eventos onde se celebra a história da igreja e daqueles que auxiliaram em sua consolidação. Continua Ana em seu relato:

Então nós fizemos um projeto falando da história da Assembleia de Deus. E contamos dentro de quatro dias essas histórias. Nos casamos as histórias, falamos da história do Daniel Berg, do pastor Afonso, do pastor Ari e do pastor Valdolino. Como nós fizemos? Nos encaixamos com alguma história bíblica, estudamos a vida deles, por exemplo, Daniel Berg e Gunnar Vingren nós escolhemos por exemplo a passagem de Elias e Eliseu, que foram dois homens que pregavam a palavra, assim como Daniel Berg e Gunnar Vingren. Então nós contávamos a história de Elias e Eliseu, e daí dizíamos que nós tivemos aqui em Bragança dois homens de Deus que fizeram como Elias e Eliseu. Daniel Berg e Gunnar Vingren. Vieram e trouxeram a palavra de Deus e é por isso que nós estamos aqui. Ai no outro dia né, nos falamos do Pastor Afonso, daí nós contamos a história de Moisés, que era um menino adotado e tal, assim como o Pastor Afonso que foi um menino adotado, assim como Moisés e ele veio para cá e aqui ele fez uma boa obra, aí a gente conta como foi a obra dele. Aí vem a história do Pastor Ari, comparamos a história do pastor Ari com a história de Samuel, porque Samuel cresceu na igreja. Ele era tão menino que ele cresceu dentro do templo, que foi um menino que foi mandado por Deus e a mãe dele disse, eu vou dar ele para ti senhor. Se tu me deste ele, eu vou lhe devolver e mandou ele para casa do senhor, para ser um sacerdote. O pastor Ari ele cresceu para ser um sacerdote, o pai dele colocava ele para pregar em frente ao espelho desde criança, então nós fazíamos a comparação de uma história com a outra. Falamos também sobre Josias e o Pastor Valdolino e a vida dele. Então nós trabalhamos a história da Assembleia de Deus em Bragança. E nós trouxemos peças teatrais e eu sei que ficou um pouco na cabeça deles um pouquinho de cada, para quando eles amadurecerem eles não deixarem essa história passar. (Relato da Ana – fiel nata na fé evangélica – 24/09/2016)

A homenagem realizada pela fiel Ana e seus irmãos, como ela mesma relata, tenta mesclar as passagens Bíblicas comparando-as com a histórias dos pioneiros da igreja, visando dessa forma demonstrar não só a história da igreja e de sua evolução, mas também contando a história pessoal que perpassa a tarefa de missões e disseminação da igreja por todos os territórios. Histórias de provação pessoais que foram transformadas em trabalho para a igreja e também a história de predestinação, ou talvez de profetização, para usar uma expressão assembleiana. Além das profetizações, existe o compromisso familiar, conforme um dos relatos em que a mãe além de prometer destinar seu filho ao trabalho na igreja, seu pai o treinou desde pequeno para a prática da oratória e pregação. Essa transmissão de conhecimento de uma geração para outra, nesse caso o conhecimento religioso e as técnicas de oratória, podem ser consideradas na leitura de Bourdieu (1997, 1998, 1999) como um capital cultural, (nesse caso, religioso<sup>42</sup>), passado de uma geração à outra como um legado.

Em outro momento de sua fala, a fiel Ana, que é nascida em um lar evangélico, diz:

Bom, como você vai falar sobre lazer, **nosso lazer é diferente claro, mas a gente não deixa de se divertir e de ser feliz. Nós temos um lado diferente, mas que é prazeroso.** E eu digo assim, como a gente já nasce, eu nasci num lar evangélico e me foi me colocado que isso você pode que isso você não pode fazer. Eu cresci com regras como todo mundo tem. Se eu não faço aquela regra minha consciência acaba pesando. Acabo sentindo que estou em pecado. **Mas os lugares que eu frequento eles não**

---

<sup>42</sup> Ver STARK, R.; BAINBRIDGE, W. S. **Teoria da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

**fazem com que eu me sinta culpada de nada. Eu me divirto de uma forma diferente.** (Relato da Ana – fiel nata na fé evangélica – 24/09/2016, grisso nosso)

No relato parece claro para a fiel, que existe uma diferença entre o lazer das outras pessoas que estão fora da igreja em relação a aquelas que são evangélicas. Essa passagem de certa forma corrobora parte de nossa tese, pois ao escolher pesquisar o lazer dos evangélicos convertidos, acreditamos que as práticas de lazer se alteram e com isso sua territorialidade também é afetada. A fiel reconhece que cresceu com proibições e concessões do que poderia ou não fazer, ou seja, o que era lícito ou ilícito fazer. Todavia, ela reitera que teve regras assim como todas as pessoas e que a vigilância de seus atos estaria em sua consciência, que em caso de infração deixaria a sensação de peso.

Outro fiel nascido na igreja evangélica, conhecido para fins dessa pesquisa pelo nome fictício de Rubens, assim se apresenta:

sou [funcionário público<sup>43</sup>]. Em termos de formação acadêmica minha graduação em matemática depois fiz uma especialização no ensino da matemática para educação de jovens e adultos e o mestrado biologia ambiental e estou aqui [na instituição que trabalha] desde 2010. **E no âmbito se uma pessoa evangélica né, eu já nasci dentro de uma igreja. A família da minha mãe toda da Assembleia de Deus do meu avô foi um pastor muito conhecido aqui na região de pioneiros da igreja.** Isso acabou influenciando toda nossa família ser criada ali naquele ambiente desde criança mesmo nasci me criei. Sendo levado pela minha mãe para Igreja Evangélica Assembleia de Deus a onde eu estou até hoje. Sempre morei aqui em Bragança na cidade, mas nasci em Capanema por uma causalidade. Eu tenho 8 irmãos, 5 homens e 3 mulheres. (Relato de Rubens – fiel nato na fé evangélica – 24/09/2016, grifo nosso)

Uma das características já identificadas na primeira fase da pesquisa é que grande parte dos sujeitos são oriundos no próprio estado do Pará e em maior parte de Bragança e cidades vizinhas. Não só o laço com a terra vem de longa data, como as heranças familiares de traços culturais são muito fortes, a exemplo do que expõe o relato desse fiel nato na fé evangélica. A família exerce uma grande influência no aspecto religioso, já que existe uma tendência de que os filhos sigam a religião dos pais. As respostas do Apêndice 4, evidenciam o peso que a família e os amigos tem em influenciar a permanecer na igreja evangélica ou até mesmo para se converter para essa denominação religiosa. Todavia, em alguns casos, existem situações em que apenas um ou mais membros de uma família acabam se convertendo e em outros são hostilizados dentro de sua família por sua escolha religiosa.

---

<sup>43</sup> Foi retirado o nome da Instituição e o cargo que o mesmo ocupa para garantir a preservação de seu anonimato.

#### 4.1.2. Os sujeitos – Os evangélicos convertidos para Fé Evangélica

Porque o sujeito muda de religião e de que forma as implicações espaciais (materiais e imateriais) possuem nesse processo? Não existe consenso entre os pesquisadores sobre o nome específico para essa mudança. Alguns consideram que esse ato seria a “conversão religiosa”, muito embora alguns pesquisadores considerem que não existe consenso em relação ao uso do termo (BIRMAN, 1996; MONTERO; 1997; SHELIGA, 2000; SILVA JUNIOR, 2013). A polissemia do termo é diversa, já que enquanto religiosos consideram que conversão, significa voltar, regressar, ou mais especificamente o retorno de um homem que foi separado de Deus pelo pecado, um ato de retorno. Outra acepção seria a mudança de ideias, pensamentos, crenças, entre outras, ou ainda transformar uma coisa em outra, a exemplo do que acontece com pesos e medidas. Numa conotação mais geográfica poderíamos dizer que conversão da ideia de mudança de direção ou mesmo de retorno, conforma a etimologia da palavra do latim “*conversio,ōnis*”, ou seja, movimento circular ou giro.

Considerando que as conversões religiosas provem de um contexto sociocultural, essa ocorre na interação entre os sujeitos, entre suas conversas e conversações, que por vezes podem resultar na conversão. A essa mudança de direção, podemos considerá-la em seu caráter figurado, como uma tomada de decisão subjetiva e espiritual, como pode ter uma conotação literal, ou seja, um convertido, poderá não mais requestrar os mesmos lugares que frequentava. Dito de outra forma, ele poderá exercer abandonos e novas apropriações (física ou simbólica) do território, constituindo assim novas territorialidades. Aqui conversão ganha, portanto, é entendido como “mudança”, “transformação”, seja em nível abstrato ou em práticas concretas, tornando possível a transformar a cosmovisão dos sujeitos e por consequência sua relação com o mundo material e abstrato. Conforme Gomes (2011), a conversão pode envolver mudança de valores e visão de mundo, assumindo novas práticas e costumes. Um momento de mudança e por vezes de ruptura, um “divisor de águas”, entre o que se era antes e depois da conversão. (ALVES, 2005, p.75).

Embora já discutido por alguns autores (PASSOS, 2012), as motivações da mudança de religião (FREITAS e HOLANDA, 2014), são múltiplas, a começar pelo fato de que os fiéis percebem, certo distanciamento dos padres católicos em relação aos pastores protestantes. Como já lembramos em momentos anteriores a mudança de religião é também uma mudança

do ostracismo e do papel do sujeito na religião visto como coadjuvante na igreja católica para o protagonismo em alguns casos na Assembleia de Deus. Há casos também como apontado por Mota (2016), em que as denominações evangélicas assumem o papel do Estado, fornecendo serviços básicos (como acesso a água) aos seus fiéis, conforme identificou Mota (2016). Verificamos na primeira parte dessa pesquisa que existem casos em que a conversão também ocorre em função da influência de amigos, familiares e outras pessoas próximas que se converteram à igreja Assembleia de Deus e que foram seguidos num movimento mimético. A conversão por vezes pode ser motivada pela busca de aceitação em um círculo social.

Já para Delgado (2008, p. 79), a conversão está muitas vezes ligada:

[...] a uma crise, doença, morte de um ente querido, etc. Esta crise pode ser existencial, onde **as incertezas da própria vida, a exemplo da ansiedade causada pela alta modernidade**, ou um destino incerto após a morte. A pregação protestante quer convencer o homem de que ele possui uma culpa, que não está diretamente ligada ao seu padrão moral. (DELGADO, 2008, p. 79)

Conforme destaca Delgado (2008), em sua passagem as incertezas do mundo moderno líquido, (para usar a expressão de Bauman, 1998a; 1999b; 2001; 2004a; 2005; 2011b.), corrobora nossa ideia de que essas incertezas buscam ser supridas pelas promessas de uma “modernidade sólida”, ou ainda por um desejo de uma retropia, ou seja, o desejo de voltar ao passado (BAUMAN, 2017). Muito desse desejo se pauta da fé de que no passado as pessoas eram mais nobres, os papéis sociais eram mais bem definidos e sabíamos o que esperar das pessoas e das instituições (ao contrário da modernidade líquida, onde não sabe-se mais o que se esperar das instituições que não mais cumprem o papel que lhe é esperado, como as pessoas também não possuem laços sólidos em seus relacionamentos). Na modernidade líquida, não só o capital e as relações de consumo se tornaram líquidas, mas também os relacionamentos também se tornaram, permeado por instabilidades que vão desde o ambiente político e econômico até os relacionamentos afetivos.

Mafra (2009), quando discute os motivos da conversão ao pentecostalismo, discute alguns aspectos religiosos e conjunturais. Ao analisar o caso do Rio de Janeiro, ele percebe que existe uma concentração dos pentecostais nas periferias e que seriam pessoas oriundas de um processo de êxodo rural. A conversão se daria em parte pelo desgaste deixado pela igreja católica que acabou resultando em uma brecha para a conversão ao pentecostalismo. Além disso, a crença de que os dons do Espírito Santo não são restritos apenas a uma classe da igreja surge como uma nova possibilidade de relação entre o humano e o transcendente, aspecto esse ausente no catolicismo. Mafra (2009) aponta três maneiras pelas quais o pentecostalismo

propõe uma nova mediação (a fala, a unção e o êxtase). A autora conclui que o pentecostalismo surge também como uma alternativa cultural, frente a práticas tradicionais do catolicismo, que acabam perdendo o sentido para essas pessoas. Todavia, a autora ressalta que para realizar essa transição entre o catolicismo e o pentecostalismo implica um esforço imenso no sentido de reinvenção dos vínculos inter e intra-classe (MAFRA, 2009, p. 87).

Ao se converter, muitos dos sujeitos dizem “conhecer a verdade” e “andar no caminho certo” ou ainda, “no caminho do senhor”. Por considerarem que encontraram o caminho correto, é comum os fiéis em suas falas relatam a importância de “seguir o caminho reto”, “o caminho correto” e “nunca se desviar do caminho”. Perder-se, desorientar-se e desviar-se, portanto, são considerados como processos oriundos de erros, faltas, pecados que por sua vez, acabam afastando o fiel do “caminho do bem” ou do “caminho de Deus”. Segundo Delgado (2008, p. 77), para o fiel pentecostal o evangelho pregado “é o conhecimento de uma verdade, de um construto do que entende como o real, de um mundo que é diferente do mundo material” e ainda possibilita a mudança do seu Eu e na sua forma de agir e conceber o mundo. Ainda para o autor, “aceitar Jesus”, ou se converter, seria a possibilidade de uma vida após a morte sem culpa, ou se ausência de condenação há para aqueles que estariam em Cristo. Delgado (2008), chega mesmo a afirmar que “a conversão é o resultado do colapso dos sistemas de representação do real que se desmorona”, e que os fiéis deixam assim de temer a nova realidade após a conversão pois possuiriam a certeza da salvação.

Rubem Alves, em sua obra "O Enigma da Religião", ao falar sobre a conversão diz o seguinte:

O primeiro momento da conversão é o mito vivido de traz para diante. O caos engole o cosmo. Desmoronam as estruturas normativas da personalidade. A harmonia entre o eu e o mundo entra em colapso e o Eu se torna presa de anomia. Interessante notar que **a experiência da conversão se dá com mais frequência ou em situações de desorganização dos esquemas culturais de interpretação (choques culturais, o impacto da urbanização sobre regiões agrárias), em crises pessoais profundas ou em situações de anomia global, quando a ideologia de uma nação ou de uma civilização se desmorona** (teremos aqui uma pista para entender o reavivamento religioso que se observa no Ocidente?). Em todos estes casos há um elemento comum: os padrões de interpretação e de sentido, até então normativos, entram em crise. E o mundo se desmorona. Imagine a confusão de um camponês que nunca saiu do meio dos seus e que de repente se muda para a grande cidade. Tudo é diferente. A maneira como as pessoas se vestem, como falam, o anonimato, ninguém conhece ninguém. O tempo já não é mais medido pelo ritmo da natureza mas pelas rotinas mecânicas da vida urbana. Aquele que tinha um nome, que conhecia seu espaço melhor que seu próprio corpo, descobre-se agora destituído de identidade e de dignidade, e totalmente incapaz de se orientar na nova situação. Resta-lhe, entretanto, a possibilidade de voltar para o local de onde viera. Ali, provavelmente, as coisas continuam como dantes. A sua anomia, por ter sido o resultado de um movimento no espaço, pode ser vencida se

se trilhar o caminho inverso. Na crise da conversão, entretanto, já não há mais para onde voltar. **A anomia é metafísica. Não resulta de um deslocamento no espaço, mas da desintegração da própria estrutura da consciência.** Para onde quer que vá o homem sua enfermidade o seguirá. **Expulso do paraíso, em meio a uma realidade hostil que não faz sentido, desesperadamente tentando encontrar o caminho de volta ao Éden.** Mas como, se o seu mapa do real se perdeu? A sociedade havia sedimentado, através de uma longa experiência histórica, uma vasta tradição de conhecimentos, que se cristalizaram numa linguagem, em instituições, religiões, ciência. Enciclopédia viva que dava certeza ao homem de que todos os problemas possíveis no futuro já haviam sido resolvidos pelo passado. Agora, entretanto, tudo isto é um cadáver. A realidade dissolve-se e se apresenta agora como ilusão. Não é que as coisas deixem de existir. Ali estão elas, como dantes. Mas já não fazem sentido. Encontram-se desestruturadas, desorganizadas. O cotidiano se apresenta então em toda a sua nudez, como uma síntese precária, vazia de eternidades divinas. (ALVES, 1984, p. 79 - grifo nosso)

A passagem do livro de Rubem Alves (1984), segundo sua opinião, a conversão ocorre em momentos de crises, sejam elas materiais ou existenciais, fato esse que corrobora em parte as motivações citadas pelos sujeitos quando questionados as razões pelas quais fizeram com que mudasse de religião. Todavia, não só de crises e conflitos são as motivações de religião, mas por vezes, por conveniência social ou melhor aceitação no grupo. Essa conversão na opinião do autor, leva o sujeito a questionar sua situação anterior e encontrar certos fatos que até então não enxergava, fazendo uma feliz analogia a “expulsão do paraíso”, um sentimento de desconforto e a busca incessante de retorno ao Éden e a busca por uma ordem e uma paz divina. E talvez a análise mais perspicaz dessa conversão seja efetivamente o choque entre um os modos de vida pautados em diferentes concepções que colocam em cheque os valores dos sujeitos. Ao se deparar com novas realidades sociais e não terem respostas para suas demandas, a busca por novas respostas, inclusive no âmbito religioso, torna-se uma busca de apoio numa era de incertezas. Isso reafirma nossa posição de que muitas vezes a religião pode ser representada como um dos pilares da modernidade, onde os sujeitos encontram-se “à deriva” nessa modernidade líquida e buscam amparo na religião.

Muito embora outros pesquisadores se utilizam de conceitos como transição ou mobilidade religiosa, nós utilizaremos a expressão “convertidos”, já que esta é a conceituação adotada pelos nossos sujeitos ao se referirem em suas falas aos “novos convertidos”, para aqueles que se converteram a pouco tempo na fé evangélica da Assembleia de Deus ou apenas convertidos.

Conforme já verificado em uma análise exploratória, apresentada no capítulo anterior, verificamos que grande parte dos novos convertidos são oriundos da Igreja Católica e em menor proporção de outras religiões ou que não possuíam religião. Dado o contexto de colonização portuguesa e do catolicismo como religião oficial dos colonizadores é compreensível que sejam

os católicos o maior público convertido pela Igreja Assembleia de Deus. Como questão sequencial questionamos quais foram as razões pelas quais os sujeitos mudaram de religião. Nesse primeiro momento a grande maioria dos sujeitos dizia que suas religiões de origem “não pregavam a verdade”. Para exemplificar repetimos o relato do senhor Batista, quando diz:

[...]. Eu era católico. É. não, é porque tavam me ensinando que **eu tava caminhando errado**, numa faixa até 30 anos mais ou menos. Eles estavam me ensinando e eu tava aprendendo errado. **Tipo, tem mão, mas não apalpa, tem olho mais não vê, tem boca mais não fala, tem perna, mas não anda. Era desse Deus que eu participava.** Então eu aceitei Jesus e participo desse Deus vivo, que foi ele que fez tudo isso que nós estamos vendo. Você não está tá sentindo essa brisa? É ele! Olha tá vendo esse cachorro, tem gente que faz um igualzinho a este, mas não fala, ele não come, não anda e é oco por dentro, é de plástico ou de barro. Quando eles não fazem de barro fazem de plástico [...] Eu trabalhei. **Eu trabalhei como professor da escola dominical**, fui professor e fui como se diz, professor e monitor na escola. (Relato de Batista – fiel convertido na fé evangélica – 20/09/2016 – grifo nosso)

Antes de passar a análise da fala do nosso sujeito, consideramos pertinentes inserir a falar de um pastor sobre como a igreja opera e o que ela considera como “errado”. Segundo ele, não é o fato de mudar de religião e sim de comportamento. Diz ele:

[...] Era um confronto para as pessoas mudarem de comportamento. Porque as pessoas pensam que é mudar de religião, mas na verdade é mudar de comportamento. Por exemplo, se eu sigo uma linha errada, você tem que deixar esse comportamento. **Então o papel da igreja hoje seria reeducar o cidadão ao que é certo e deixa o que é errado, fazer o correto.** Quando ele cai em si e vê que muita coisa nele tá errado, nós erramos por não conhecer. Então ele é um ignorante, é aquele que não conhece. Então o esclarecimento da educação secular do modo científica é fazer com que o cidadão tenha uma formação acadêmica do ponto de vista psíquico ou psicológico e também do ponto de vista científico. A igreja hoje trabalha a formação do cidadão e principalmente da criança que é o patamar mais elevado. (Relato de Pastor de uma congregação urbana – maio de 2015)

Feito a ponderação do pastor a respeito do erro dos fiéis, voltamos a fala do senhor Batista. Não só o sujeito aponta para possíveis erros nos ensinamentos do evangelho, a exemplo da crítica da idolatria de imagens. Segundo Mota (2016, p. 100), no protestantismo os dogmas são diferentes daqueles pregados pela Igreja Católica, como a rejeição a idolatria, que consiste em idolatrar “tudo aquilo que é posto entre o homem e Deus”. Deste modo, são inaceitáveis intercessores entre o homem e Deus além do Espírito Santo e de Jesus Cristo”. O sujeito relata também a ideia de que o Deus adorado na Igreja Católica, seria de um Deus muito distante, diferentemente do que ele denomina por um “Deus Vivo”, ou seja, um ser mais atuante e presente em sua vida. E ao contrário do pré-conceito que se pode ter de uma pessoa que muda de religião [relapso em sua fé], o relato do sujeito evidencia que ele possuía estreita relação com a religião católica a ponto de ser professor de escola dominical na Igreja Católica.

Outro problema apontado pelo mesmo sujeito seria o fato de que:

[...] a Igreja Católica, você pode tomar uma cerveja e ir assistir uma missa. Tipo, você passa num bar e diz pra um amigo, bora lá pra Igreja, daí ele vai. Daí você adiantou, acabou de sair da igreja, escutou a palavra, toda distorcida, daí teus colegas te chamam pra tomar uma cerveja. (Relato de Batista – fiel convertido na fé evangélica – 20/09/2016)

Aqui a crítica é endereçada não só a forma como a palavra é repassada, aos fiéis, ou seja, de maneira distorcida, segundo o sujeito e ainda permitindo que os mesmos façam uso de álcool logo após uma missa, muito embora a Igreja Católica também condene os vícios. Na verdade, os vícios de uma maneira geral são condenados pelos evangélicos conforme destaca Velasques Filho (1990, p. 213-214), o crente não deve possuir vícios como o álcool, tabaco, “praticar diversões como dança, jogos de azar, leituras e filmes, mesmo na televisão, não aconselháveis para a edificação espiritual; [...] deixar de usar a totalidade do seu tempo em causas espirituais ou construtivas, opondo-se ao lazer e ao ócio”.

Mota (2016, p. 71), também reitera que aos evangélicos “são proibidos elementos e práticas, como a ‘adoração a outros deuses’; o vício em álcool, jogos e tabagismo; os ‘xingamentos’ e palavrões; entre outros”. Nesse sentido, podemos inferir que existe, portanto, uma restrição de acesso aos evangélicos aos espaços que contenham essas práticas, limitando, portanto, a territorialidade dos sujeitos. Aqui é válido esclarecer que não é o lugar em si ou a territorialidade adota pelo sujeito o problema, mas sim o risco que ele pode oferecer ao corpo (considerado local sagrado como morada da alma), e também podendo apresentar riscos para a salvação do fiel em questão.

Muito embora, conforme relatos de alguns fiéis natos na fé, aqueles indivíduos que tem sua fé consolidada, podem frequentar tais locais para fins de evangelização, buscando levar a palavra de Deus para aqueles que são considerados necessitados, segundo a visão dos fiéis.

Em um relato de um jovem, novo convertido, traz a seguinte fala:

Mudei de religião. Não foi só para mudar de religião fui buscar a presença de Deus, porquê é diferente você sentir a presença de Jesus Cristo, é maravilhoso demais. Porque as pessoas criticam muita gente que saiu de uma religião e foi para outra só para as pessoas olharem para gente de outra forma. [...] **A gente vai porque a gente vai buscar a nossa salvação, a gente crê que Jesus Cristo tem o poder de libertar a gente.** E hoje eu creio que foi a coisa mais feliz que aconteceu na minha vida. Porque eu só fiquei muito no começo às vezes eu acordava de manhã e me sentir sobrecarregado, as coisas aconteciam para afrontar a gente. O Espírito Santo de Deus nos ensina a dizer não. **A partir do momento que a gente chega lá a gente aprenda a dizer não, dizer não as coisas do mundo, as coisas que nos abalavam.** Este é o lugar para o Espírito Santo de Deus nos ensinar o que a gente deve fazer realmente. **Eu era católico, participava muito da igreja católica [...]** (Relato de André – convertido- morador da comunidade de Ajuruteua- 23/10/2017 – grifo nosso)

De forma semelhante ao relato do senhor Batista, o jovem André ao contrário do que afirmaram muitos dos sujeitos que se converteram para Igreja Assembleia de Deus, (de que não frequentavam ou não seguiam os preceitos religiosos se sua religião anterior), esse jovem diz que “participava muito da igreja católica”. Aqui o objetivo central do sujeito era buscar a presença de Deus, fato que teria acontecido na Igreja Assembleia de Deus o que acabou lhe conferindo certa segurança e proteção a acontecimentos do dia-a-dia, que segundo relata, não o afrontam mais. Dessa forma, a igreja deixa de ser somente um local físico como se torna uma local de uma presença divina, um ponto de contato entre os fiéis e Deus, um ponto de ligação entre dois mundos. O espaço físico da igreja seria, portanto, um ponto de intercessão entre o sujeito e sua comunidade e sua ligação a essa presença divina do mundo intangível. Os espaços terrestres, portanto, possuem relação estreita com espaços sobrenaturais, influenciando-se reciprocamente, criando como já dito anteriormente uma negociação entre o céu e a terra. O corpo por seu turno teria outro ponto de intercessão entre a realidade aparente registrada pelos sentidos corporais e uma realidade intangível percebida “pelos olhos da alma” e a sensações que muitos relatam nos cultos serem “indescritíveis”.

O jovem relata ainda que ao mudar de religião busca da salvação de sua alma e sua libertação. A ideia de salvação e libertação é recorrente nos relatos dos fiéis e também nos discursos dos pastores, como pode ser verificado em um dos trechos da pregação do Pastor João Aguiar:

Parece que eu vejo pai dizendo para o Espírito Santo desamarra as correntes dos meus amigos e deixa-o ir, porque na minha igreja não pode andar amarrada. A igreja tem que andar solta a minha igreja tem que fluir. A minha igreja tem que andar, Aleluia sem amarras. A minha igreja tem que me adorar a minha igreja tem que me exaltar. Desamarraaaaaaa [gritos]. Desatai e deixai-o ir. [gritos].  
Aí agora Alguém me aparece diz assim para mim, ó pastor, para que gritar, para que pular?  
Para que marchar? Para que esse barulho? Para que esse movimento em? As amarras já saíram da minha vida.  
ah, arrabachéia [falando em línguas].  
Eu não sou pregador engessado ou amarrado. Porque eu sou amigo de Deus e quem é amigo de Deus anda solto. Quem é amigo de Deus da Glória a Deus em qualquer lugar. Levanta a mão, levanta a sua mão, levante sua mão.  
Oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus.  
Eu não acredito numa igreja amarrada. Eu não acredito numa igreja presa. (Pastor João Aguiar durante XVIII Congresso de Missões da Assembleia de Deus de Bragança – Pará - 15/09/2016)

Aqui através de expressões metafóricas os pregadores relatam que “Deus quebrará as correntes que te aprisionam”, ou “desamarrará”, dando a ideia de liberdade aos seus fiéis. A

ideia de aprisionamento em muitos casos está ligada a práticas como vícios, relacionamentos ou situações das quais os fiéis não conseguem se libertar. Vícios esses que vão do alcoolismo, tabagismo, jogos, sexo, etc.

Em outro trecho do relato de André em que ele diz que:

[...] A partir do momento que a gente chega lá a gente aprende a dizer não, dizer não as coisas do mundo, as coisas que nos abalavam. Este é o lugar para o Espírito Santo de Deus nos ensinar o que a gente deve fazer realmente.[...] Espírito Santo **a partir do momento que a gente entra naquele lugar o Espírito Santo nos ensina a dizer não**. Posso dizer que ali é o lugar do “não” para as coisas do mundo. A gente aprender dizer não para essas coisas. Todas as coisas do mundo que nos levam a cometer erros como ir para festas, tipo fumar drogas ou coisas assim [...] (Relato de André – jovem – novo convertido morador da comunidade de Ajuruteua– 23/10/2017)

Nessa passagem, a ideia do aprendizado da negação, de certo modo é uma forma de restrição e de negação de algumas coisas, especialmente de negação das coisas do mundo. É uma negação das coisas do mundo em detrimento aquilo que é do espírito. Diferente das correntes neopentecostais que pregam a teologia da prosperidade, onde os bens materiais devem ser aproveitados e usufruídos quando conseguidos de forma honrosa, na visão pentecostal da Igreja Assembleia de Deus há uma primazia do universo espiritual em detrimento do universo material e mundano. Ao dizer não para muitas dos estímulos do mundo se crê que muitos erros sejam evitados, e tais erros seriam, ir a festas, usar drogas, entre outros, fazendo do sujeito um escravo dessas práticas. Além dos vícios o próprio consumismo é criticado por alguns pastores, sendo considerado um dinheiro mal-empregado e que poderia ser melhor utilizado em causas da igreja como sugere a pregação de uma missionária em sua pregação durante o Congresso de Missões em 2016 em Bragança:

[...] Algumas ofertas nossas tem sido uma vergonha. Uma vergonha. Eu conheci uma irmã meus irmãos. Ela me disse assim: “Irmã Kelly eu tenho uma coleção em casa. E eu perguntei uma coleção do que? Uma coleção de bolsas. De uma marca muito famosa. Eu perdi a conta de quantas bolsas eu tenho. Daí eu perguntei Meu Deus aonde nós aprendemos isso A onde aprendemos a colecionar bolsas e sapatos. Que Evangelho é esse que nós estamos vivendo. Que vai. O que faz nos desejar um modelo de celular que nem foi lançado. Que Evangelho é esse que nos faz desejar modelo de celular antes dele ser lançado. Eu estava pregando um dia desses numa convenção Ontem Deus mandou dizer. Eu verei para os pastores e disse que o senhor mandou dizer para os pastores. “Que os bens dos Senhores vão depor contra os senhores. No dia do juízo eles os condenaram.” Porque nós gastamos com todas essas coisas. Mas não priorizamos a obra pela qual Cristo morreu. Tem alguma coisa muito errada conosco. Uma irmã faz o cabelo por R\$ 300. Nunca deu uma oferta de R\$ 300 para uma obra Missionária. O que está acontecendo conosco? O que está acontecendo conosco? O que está acontecendo conosco? Por que estamos investindo tanto em nos mesmos? Nós cristãos somos 53% de todo o PIB Mundial. **Nós gastamos 98% conosco. Com nossas necessidades e com os nossos prazeres.** E não estamos pensando na

eternidade. Maus pensamentos. Irmãos pensem mais no céu. Pense mais no céu. (Pregação da Missionária Kelen Gaspar durante o XVIII Congresso das Missões em Bragança - 2016)

Retomando a discussão das causas motivadoras das conversões, outros sujeitos destacam ainda um descontentamento e desconforto com sua religião anterior. Alguns chegam a dizer de forma literal de “não se sentiam bem [...]”, ou que “não gostava”. Segundo relato de um jovem na comunidade de Ajuruteua, ele diz:

Eu mudei de religião por quê estava sufocado em casa por não ter aquilo que eu queria. Aí eu mudei de religião a minha mãe me apoiou. **Depois que mudei de religião minha mãe fala que eu sou outra pessoa dentro de casa.** Só eu na minha família sou evangélico, minha mãe é católica. (Relato de Denis – jovem – novo convertido morador da comunidade de Ajuruteua– 23/10/2017 – grifo nosso)

A mudança em vários sentidos é sempre reiterada pelos convertidos. Assim como nesse e em outros relatos alguns dizem sentir uma insatisfação que não conseguiam descrever ou representar. Novamente destacamos a imprecisão que nos faz pensar sobre os limites de nossos aportes teórico e metodológicos que não conseguem obter uma representação de um fenômeno conforme relatam os sujeitos.

No relato de Denis, a sua mudança foi percebida de maneira positiva em sua casa, ainda que o restante de sua família apresente uma religião divergente da sua. A conversão religiosa traz relatos de mudança. Novamente o relato de André externaliza essa mudança:

[...] tudo mudou desde que meu irmão aceitou Jesus na igreja Assembleia de Deus. **Tudo mudou na minha casa.** Todo mundo conhece meu pai sabe que às vezes ele quebrava tudo em casa. Ele era muito revoltado e eu era muito revoltado com ele. Mas hoje não parece que aquilo amansou meu coração. Tem umas coisas que eu não gosto que ele faz, mas eu não tenho raiva dele [...]. (Relato de André – jovem – novo convertido morador da comunidade de Ajuruteua– 23/10/2017, grifo nosso)

André atribui a mudança de sua casa a sua conversão religiosa, afirmando assim que embora tenham ocorrido mudanças positivas, existem aspectos em sua relação familiar que ainda são insatisfatórias. Aqui nos questionamos se houve uma mudança efetiva no ambiente familiar ou se a perspectiva religiosa ofereceu outro prisma pelo qual o sujeito se torna mais tolerante e resiliente e deixa invisível alguns elementos que antes o incomodavam.

Em um outro relato de um jovem, aqui denominado pelo nome fictício de Darci, convertido, morador do bairro Aldeia, Ele demonstra as mudanças percebidas por ele na sua vida e no bairro e pessoas do seu entorno:

[...] nós lutamos e batalhamos né, para ter uma sociedade muito melhor, me alegro muito, mas muito mesmo, porque eu digo que o bairro da Aldeia está sendo liberto. Porque antes aqui tinha muito terreiro de macumba, tinha muito traficantes, era um lugar muito perigoso dentro de Bragança. E hoje nós alcançamos esse público todo. Um certo dia, uma vendedora de drogas né, ela disse pra mim e pra um cunhado meu que somos líder né [líderes da juventude na igreja], que ela queria muito Jesus e não queria mais a vida que ela levava. Ela era uma das maiores traficantes do bairro da Aldeia. Chegou conosco e pediu que ela não queria mais essa vida de droga e tráfico. O bairro da Aldeia esta sendo mudado de pouco e pouco. Tudo isso porque o evangelho de Cristo ele muda, ele transforma a vida e me transformou. **Eu, por exemplo, era uma pessoa muito solitária, me isolava muito, não queria muita conversa, um pouco depressivo, eu me isolava. E quando eu conheci o evangelho mudou completamente a minha vida. Hoje eu sou uma pessoa mais alegre, mais sorridente, mais comunicativa.** Tenho muitos amigos, não consigo ficar só em casa, só em casa. Eu venho muito aqui na faculdade, aqui na praça, é um lugar em que a gente se encontra muito, a gente conversa ri, a gente brinca. Ontem mesmo a gente foi para um sítio, em um rio, a gente deu assim uma “voada” [comeram muitos peixes assados]. A gente pega os peixes, uma grelha e assa os peixes ali mesmo. A gente não fica só dentro da igreja, a gente sai, a gente tem o nosso lazer, a gente vai pra praia, mas claro, não fazendo o que a gente fazia antes. Porque a gente tem que mostrar pra o mundo ai fora que a gente é evangélico, mas a gente tem lazer, eu tenho lazer. A melhor coisa é ter a paz e a alegria que Cristo te proporciona, é muito bom. . (Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015, grifo nosso)

Além de considerar que a igreja tem operado mudanças positivas não apenas na sua vida, o depoente destaca que até mesmo situações de violência e tráfico de drogas estão sendo gradativamente resolvidas com o auxílio da igreja em seu bairro. Atribui ainda a igreja o fato de ter se tornado uma pessoa mais comunicativa e com um maior círculo de amizades, deixando de ser uma pessoa introspectiva para possuir uma maior pró-atividade, chegando a exercer atividades e frequentar mais lugares do que antes de ser convertido. Nesse caso, em específico, podemos afirmar que houve uma expansão da territorialidade desse sujeito, que amparado em sua rede de relacionamentos da igreja amplia sua atuação para além dos “muros” da igreja. Tenta demonstrar através do seu discurso, desconstruir a ideia de que é falsa a afirmação de que os evangélicos não teriam lazer. Prossegue o jovem Darci em sua fala relatando os benefícios oriundos da conversão religiosa:

E quando a gente vem pro evangelho a gente sente essa paz. Digo isso por experiência própria, porque eu não sentia essa paz antes e hoje eu sinto essa paz, porque Cristo me proporciona essa paz. A Bíblia diz que o evangelho é lâmpada para nossos pés, porque se eu ver um buraco, alguma coisa que te induz ao erro, você diz eu vou me desviar. E é isso que Jesus quer, que nós não façamos mais o mal que vai nos prejudicar. **Ele quer que nós vivamos bem aqui na terra, bem alegre e com ele.** . (Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015, grifo nosso)

Alguns dos sujeitos, alegam certo desamparo por sua religião anterior, pois além de sua religião anterior não fornecer respostas para seus problemas, andando no que eles intitulam de

“numa vida errada”. Um exemplo talvez de uma vida “errada” que se transformou também é verificado no relato emocionado de uma jovem mãe, que aqui trataremos pelo nome fictício de Juliana, também convertida a Assembleia de Deus, faz o seguinte relato sobre sua conversão:

Meu nome é Juliana [nome fictício para preservar sua identidade], tenho 29 anos, sou moradora da Vila dos Pescadores do campo de Ajuruteua [...] eu digo que não tinha religião, é porque, eu não frequentava, eu era uma neutra. Eu ia para onde as pessoas me convidam. Não tinha como dizer que eu era católica, eu não era católica. Já fui batizada por que era bebezinha e não tinha chance de escolha. Eu acho que eu não posso dizer que eu sou católica porque eu não frequentava. Eram raras as vezes em que eu ia, era só nos momentos que eu precisa ir mesmo, em funeral, batizado, etc. [...] Eu vivia uma vida toda de regalias, eu era uma pessoa difícil de conviver. **Eu era, vou dizer assim, uma pessoa totalmente errada. Eu era errada, a palavra é fraca ainda para dizer o que eu era.** E de repente eu via aquelas pessoas que levavam, a mesma vida que eu vivia, numa vida diferente do que elas viviam e eu queria aquilo para mim. Eu passei a ver o que era possível, uma nova realidade de vida. Eu tinha uma opção de mudar de vida. **É porque via pessoas, pessoas que viviam junto comigo, fazendo umas coisas que eu fazia e as vezes até pior e de repente elas tinham uma mudança radical de vida para melhor, foi isso que me chamou a atenção.** Eu queria ser o que elas estavam sendo, porque elas antes eram iguais a mim. Eu vi no exemplo delas uma possibilidade de ser igual a elas. **Uma possibilidade de mudar né, porque eu vivia como uma pessoa totalmente errada, eu fumava drogas, eu bebia, eu andava com homens casados, eu andava com mulher, eu andava com homem. Era triste. Ai assim, como eu estou lhe falando, eu era uma pessoa que não respeitava ninguém, não me respeitava e não respeitava ninguém. Vivia fumando droga, usando droga.** Nessa situação que como a gente vê o que mais acontece na vida dos jovens. Eu não posso me dizer que me arrependo porque foi essa situação que Deus se compadeceu de mim e me trouxe para uma nova realidade. (Relato de Juliana – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017, grifos nossos)

O relato de Juliana, uma católica que comumente é chamada de não praticante, chegando ao ponto de considerar não ter uma religião, mesmo tendo passado por muitos rituais de passagem da igreja católica como batismo e outros. Ela também reconhece não ter sido uma pessoa de trato fácil para com os demais e considerava ser uma “pessoa errada”. Mesmo diante dos erros que ela relata ter cometido (usar drogas, beber, sair com homens e mulheres, entre outros), ela avaliava que pessoas que cometeram erros até mesmo piores que os dela, teriam mudado de vida. Sendo assim, foi por meio da percepção de mudança de outras pessoas que Juliana verifica a possibilidade de sua própria vida, mudando a direção de sua vida, se convertendo. A sua conversão marca uma mudança em sua vida, para melhor, segundo sua própria avaliação e traz também certas responsabilidades junto à sua congregação, conforme diz:

**Atualmente sou regente do círculo de oração. Para mim é uma honra poder falar o que um dia eu fui e do que eu sou hoje. É muito importante para nós que vivemos nessa guerra né? É um uma guerra espiritual** porque contradiz muitas perguntas e só dá pra saber o que a gente fala e o que a gente vem batendo na tecla é ver a passar a querer ser, tudo aquilo que Deus tem pra nós. Porque quando a pessoa só tem curiosidade é muito difícil ela entender. E quando ela passa a viver, ela passa

a entender todas aquelas perguntas e dúvidas que ela tinha. Ela só vai entender quando ela passar a viver e ver a diferença. Sou casada e tenho 3 filhos, meu esposo também é evangélico pela glória de Deus. Faz pouco mais de 4 anos que eu sou evangélica, já meu marido não faz nem um ano que se converteu. (Relato de Juliana – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017, grifo nosso)

Juliana, é um dos exemplos de uma convertida que ocupa um cargo de liderança atualmente em sua igreja e tem orgulho de demonstrar a mudança que a igreja operou em sua vida. Ela também faz referência a uma guerra espiritual. Ao mudar de religião, ela passa de uma católica não-praticante para uma fiel protagonista, com atribuições de cargo e funções em sua religião. Existe uma lógica de alteração do *status quo*, em que o sujeito se sente integrante de algo a que lhe pertence, alterando também sua posição, não mais de expectador, mas como protagonista do processo. A fiel também de certo modo reitera que a conversão é oriunda de um processo de inquietações internas, de respostas que supostamente serão encontradas quando vivenciadas e respondidas pelos preceitos religiosos evangélicos. A diferença que ela estabelece entre aqueles que se convertem por curiosidade e aqueles que se convertem em confronto com problemas existenciais. Todavia, a motivação da conversão da referida fiel só fica claro, quando ela revela os detalhes de sua vida e das razões reais que a levaram a se converter. Diz ela:

**Graças a Deus a minha mãe é evangélica.** Então assim a gente vive uma família que é muito problemática. **Minha mãe abandonou meu pai por causa do vício da bebida.** Ele bebia e batia nela, humilhava ela e os filhos dela. Então ela teve que abandonar ele, e nesse abandono ela acabou me abandonou também, eu tinha pouco mais de um ano, quando ela me deixou com ele. Então já fui sofrendo desde aí, eu fui crescendo, daí ele me dava para uma família, daí não sei o que ele via, daí me tirava daquela família e dava pra outra. E muitas dessas famílias nem eram nossos parentes. Desde aí você imagina que eu fui sofrendo né? É raro hoje uma família que pega uma criança para criar e vai dar pra ela tudo o que ela precisa. As vezes a pessoa faz por obrigação, tipo, eu tenho que cuidar dele senão os outros vão falar de mim. A pessoa, pode não bater, mas também não dá carinho, não dá atenção. É como uma obrigação, creio que foi assim comigo. Tinha pessoas para me cuidar, mas para me educar não. É pra me cuida e me educar, mas pra me dar carinho, atenção, assim como uma mãe dá, isso eu não tive, eu tive que aprender sozinha. **Quando tinha meus 13, 14 anos, e eu vi que não queria mais viver assim, humilhada, excluída da vida das pessoas.** Sempre eu ficava pensando no dia das crianças, no dia das mães, você chama teu filho, dá um conselho, dá um abraço, mas pra mim isso nunca chegava. Isso foi ficando na minha mente né, até que um dia eu resolvi tomar conta de mim né, eu disse parô. **A partir desse dia eu resolvi cuidar de mim e comecei a trabalhar na casa dos outros e as pessoas nunca me valorizavam né. Ficavam me enganando, falavam uma coisa e faziam outra. Trabalhava tanto, era explorada e você não tinha o direito de ganhar nada, você não ter nada por ter merecido né.** As pessoas sempre te enganando, então eu fui sempre assim. Daí eu pensava assim, eu não quero essa vida pra mim, eu não queria fazer parte de me prostituir, eu sempre procurei trabalhar. Mas como sempre as pessoas me enganavam, eu tinha que me sustentar de alguma maneira. **Já que trabalhando eu não conseguia eu fui pra esse lado da prostituição.** Eu fui ter alguma coisa porque eu estava crescendo, precisava das coisas né, sem ajuda dos pais e da família, da sociedade. Porque é sempre bom você poder contar com a ajuda de alguém né. Mas tu sempre encontra pessoas para dar conselhos, para me dar bons conselhos. E eram esses bons conselhos que faziam a diferença, que faziam eu pensar que eu tinha uma possibilidade de mudar. E foi num desses bons conselhos que eu

aceitei, o meu senhor, e pela glória dele eu estou aqui e sou uma nova criatura pela graça de Deus. **Eu sempre falo que fui humilhada humanamente, espiritualmente. Humilhada humanamente porque já fui abusada sexualmente. Espiritualmente porque a gente é escravizado no mundo do pecado né, do álcool, das drogas, das coisas ruins.** A gente tem até que andar com mulher né, isso é tão nojento, tão feio, a palavra de Deus diz que isso é abominável. Hoje em dia eu me arrependo tanto, se eu pudesse apagar meu passado eu apagaria, mas não pode né. Tem que aprender a conviver com ele. [Silêncio e choro]. (Relato de Juliana – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017 – grifos nossos)

O relato de Juliana indica uma desestruturação familiar, a começar pelo vício do próprio genitor e do abandono familiar, exploração do trabalho infantil entre outros. Aliado a condições econômicas restritivas, seu pai acaba delegando a função de “criação” da filha a pessoas da família e até mesmo desconhecidos. É comum encontrarmos crianças em situação análoga em muitas regiões do Pará com a anuência dos próprios pais e responsáveis. Fazemos tal afirmação com base em pesquisas e trabalhos de campo realizados em regiões do sudeste e nordeste do Pará. A relatante denuncia ainda o fato de ser sido explorada em seu trabalho e também abusada sexualmente. Relata ter feito uso de álcool e drogas, passando inclusive a praticar a prostituição como relata no início de sua fala. O cárcere a que Juliana se refere, tanto podem ser os cárceres físicos que habitou em troca de sua força de trabalho, assim como o cárcere espiritual, ou em suas palavras a escravização ao mundo do pecado. Os cárceres, os aprisionamentos, a escravização são metáforas utilizadas pelos fiéis são muito parecidas com as que os pastores se utilizam em seus cultos, em que eles imbuídos pelo poder do Espírito Santo buscam soltar as amaras, nós e correntes e prisões espirituais. Todavia, as condições de subalternidade em muitos lares não são mencionadas com muita frequência nos relatos. A preocupação central no discurso religioso é com o mundo espiritual.

Semelhantes referências aos vícios como cárcere é feita pela senhora Cláudia, uma das lideranças da Igreja Assembleia de Deus na comunidade de Ajuruteua<sup>44</sup>. Essa mesma senhora relata de modo detalhado como se converteu a Igreja Assembleia de Deus.

[...] eu só vou colocar meu testemunho aqui. Antes quando eu era coordenadora aqui da comunidade, E eu era também coordenadora da igreja católica, andava com a

---

<sup>44</sup> [...] porque a palavra de Deus diz que tudo convém, mas nem tudo é lícito. Então se nós temos que seguir uma palavra, essa palavra aqui é uma palavra que liberta, transforma em salva. Mas ela liberta, ela liberta do pecado, ela liberta das correntes dos cadeados. Lá no passado nós estávamos presos. Por que antes nós éramos escravos do pecado, do vício da bebida, do vício do cigarro, vício da dança, da festa mundana, da prostituição né? Muitas vezes das drogas. Hoje nós somos libertos pela palavra de Deus. Porque hoje nós temos plena consciência de que é essa palavra e Deus é a verdade. Essa palavra tem poder muito grande o meu amado. ela tem o poder de transformar, ela penetra no fundo da alma, do espírito e da medula, dos ossos, ela vai muito fundo. e quando nós fomos nos postos dessa transformação, porque nós temos que querer aqui ó [apontando para o coração], único passe aceitar Jesus como único salvador. ]. (Relato da senhora Cláudia – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017).

imagem da Nossa Senhora de Fátima, muitas irmãs' aqui conheciam o que eu fazia, fazendo novenas, para trabalha com as crianças, também na igreja. Tinha também aquele papelzinho que vinha da Igreja Católica lá de cima. Aí quando esse papel chegava aqui a gente ia passar tudo que estava escrito ali. Que já vem tudo determinado por eles né? Aí eu fazia isso na igreja. Mas, uma vez, eu sentada no banco da igreja, tinha acabado de passar aquela mensagem da palavra, e olhei para aquelas imagens não tá eu disse assim, eu pensava comigo mesmo, eu não sei, eu me sinto bem na presença de Deus mas eu sinto que está faltando alguma coisa. Meu amado e sente-se vazio dentro de mim, que faltava ser preenchido. (Relato da senhora Claudia – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017).

A senhora Claudia, segue relatando a influência que uma fiel evangélica com quem trabalhava e tinha o hábito de ouvir louvores da igreja durante o seu expediente de trabalho no computador de sua repartição. A letra desse louvor teria, segundo ela, tocado profundamente, num momento da sua vida em que ela em que ela passava por um problema em seu casamento. O louvor teria levado dona Claudia as lágrimas e a também confessar a sua colega de trabalho seus problemas sentimentais, ao que a mesma teria dito que ela deveria “aceitar Jesus”, se converter. Dona Claudia relata com certa surpresa que certos acontecimentos começaram a ocorrer de encadeada para sua conversão como o fato do Pastor de uma Igreja Evangélica ter procurado seu marido [na época vereador da cidade]. Diz ela, “[...] foi interessante minha vinda para Jesus. Porque não foi dentro de uma igreja, foi dentro da minha casa, foi dessa forma que eu estou lhe falando”.

Aí eu disse que sim. Foi naquele momento em que disse sim para Jesus, aquele dia eu nunca vou me esquecer, e naquele dia começou a mudar a minha vida. **Eu só usava shorts bermuda e calça comprida naquele mesmo dia, naquele mesmo instante eu comecei a mudar as minhas vestes. E de lá para cá foi só mudança.** E a gente sempre acima, porque cada crente está com Jesus, no crescimento. Então a gente percebe isso na nossa intimidade com Deus. O Espírito Santo vive na vida da gente e quanto mais a gente busca em oração, jejum, consagração, o louvor, mais o espírito santo vai libertando e transformando. Deus que faz isso e o Espírito Santo te liberta, transforma e liberta do pecado do mal que tá lá no mundo. E transforma não ser totalmente diferente mas para ele. [...] **Porque a gente passa a não ser mais somente criatura mas servos de Deus, servindo um Deus vivo, que é forte e poderoso e tudo ele pode fazer para ti. No momento que tu pedir, mas tu tem que ter a submissão. A palavra de Deus diz, sujeitai-vos a Deus e resiste ao diabo, e ele fugirá de vós. Então nós temos que ser submissos à vontade do senhor.** Não é mais a minha vontade que eu tenho que fazer, a minha vontade antes era de estar lá na festa. **E eu era aqui, todo mundo sabe, o que eu dançava, eu bebia, era um pé de valsa numa festa, da hora que chegar até a hora que terminava a festa.** Como trocava o prefixo eu ainda estava dançando. Olha só como eu era, isso é que eu era no passado. Hoje eu sou uma benção mas nas mãos do senhor, e é para a glória dele não é para minha não. O nome dele que tem que ser exaltado na minha vida. Não é? é uma transformação tremenda. E é muito lindo você fazer esse trabalho e é bom que seja divulgado, porque todas as coisas do Senhor têm que ser colocada para todo mundo ver. Que o Deus que nós servimos a um Deus muito poderoso e ele pode atingir todas as nações. Aquele que realmente quer. Mas o que me deixa mais impressionado nesse ser maravilhoso que eu sirvo é que não tem ninguém forçado. **Ele não quer escravo, ele quer servo, ele quer um amigo, nós precisamos ser amigo de Jesus, pois é assim que ele nos quer.** E de toda a criação de Deus o ser humano é o que ele tem mais carinho. Deus fez o homem é o que ele olha com mais carinho. Somos as

meninas dos olhos do nosso Senhor. Então se nós temos a consciência desse amor dele por nós temos que ser recíproco nesse amor, e dar para ele o melhor. Não é verdade? Isso foi só um resumo. (Relato da senhora Claudia – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017, grifos nossos).

Está presente em seu relato a insatisfação com a religião anterior, que não oferecia respostas aos seus problemas existenciais e pragmáticos, como seu relacionamento afetivo com o esposo. A mudança é um outro elemento central em seu relato, uma mudança desde o seu comportamento, com total servidão e sujeição a autoridade de Deus, e também a mudança no modo de se vestir, abandono de vícios como a bebida e também a suspensão de visitação de locais de festas e danças. Importante observar que os elementos para conversão de muitos fiéis são acionados geograficamente em muitos locais, ou seja, uma música escutada em determinado momento no trabalho, uma pregação escutada na rua ou no transporte público, um panfleto entregue numa praça ou rua. Existe assim uma territorialidade muito difusa sendo acionada nos mais diferentes espaços e acessada por muitos sentidos. A forma como nossos sentidos vão captar esses múltiplos estímulos e representações exteriores presentes nessa territorialidade religiosa, vai ser foco da atenção alguns estudiosos (CARBALLO, 2012b; MOURA, 2008) e principalmente a forma como os evangélicos perceber esses espaços e lugares sagrados (DE MOURA, 2014).

Todavia, também em seu relato, a senhora Claudia, reconhece a dificuldade de se realizar uma transição de uma religião para outra, que acaba segundo suas próprias palavras deixando “resquícios do passado”, e as reminiscências do passado e as tentações acabam por visitar o fiel, desviando do seu caminho, como ela relata:

O primeiro passo é aceitar Jesus, mas a estrada ela é estreita, O caminho é estreito e apertado. **Ainda no começo você guarda aqueles resquícios do passado, que o diabo coloca nas suas memórias, daí vem os convites. E às vezes você não resiste porque você ainda não está firmada na rocha, que é Jesus.** Eu digo isso por experiência própria. **Eu estou a mais ou menos 7 anos na presença de Deus, mas já me desviei duas vezes.** Mas como Deus tem um plano na minha vida muito forte, ele não me deixa muito tempo lá no mundo. Eu passei somente. Porque quando eu chegar vou numa festa, quando eu ia pegar um copo para beber cerveja e uma coisa dentro do meu coração e dizia, ‘isso aqui não é para ti’. Então já é o Espírito Santo operando na minha vida, que não me queria lá. **Então eu voltei para casa do Senhor.** Deus me ligou até mesmo da morte, por me envolver com pessoas que não eram da direção de Deus. **Então quando Deus tem um plano para a vida da gente, ele é persistente, ele não desiste de nós.** Hoje eu louvo ao senhor eu tenho plena consciência, o Deus que eu sigo, do compromisso e do amor dele por mim. Eu senti isso aqui na pele. O amor dele eu senti na minha vida. Por isso hoje eu sou muito grato ao meu Senhor. (Relato da senhora Claudia – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017).

A volta para a igreja, relata por ela, não é somente uma volta aos dogmas, mas também uma volta física à igreja e aos seus frequentadores, bem como um retorno espiritual. Tal relato é permeado por uma justificativa maior de enaltecimento do sujeito, que muitas vezes tem que se abster de seus desejos e vontades para cumprir uma missão maior, uma missão de Deus na terra. Portanto, todos os desvios são perdoados já que o objetivo maior na visão dos fiéis é a concretização de uma obra maior que si que é a própria igreja, ou seja, “a obra do senhor”, para usar a expressão que os mesmos fazem uso corrente. A metáfora de construção serve como um elemento discursivo para uma obra grandiosa e nunca acabada, tal qual uma cidade em perpétua construção, demolição, reconstrução, assim como as cidades são hoje, segundo Tuan (2009). Ou como diria Alves (1984), essa conversão é uma tentativa de fuga desse caos que engole o cosmo e o próprio sujeito que perante a desorganização dos esquemas culturais de interpretação e das crises pessoais e anomalias globais, pode se sentir à deriva nessa modernidade líquida. A ideia de edificação e construção de algo sólido, positivo e ordenado, aliado a de um suporte firme (uma rocha, que segundo a fiel seria fé e a igreja), traz o frequente discurso ouvido em conversas durante o campo de que as boas ações seriam uma forma de buscar a edificação de uma morada celestial, cada boa ação representando um tijolo dessa construção intangível.

O movimento de permanecer no caminho, desviar, voltar, mais do que orientações geográficas são orientações cosmológicas do sujeito que se reorienta conforme as vicissitudes que a vida lhes apresenta. A única constata nesse movimento geográfico-religioso, nos parece ser a mudança, sendo que os demais elementos são inconstantes.

Outro relato que demonstra que a conversão feminina, ocorre em função de problemas de relacionamento na família corrobora não só o relato anterior, conforme relato de Dona Helena (nome fictício atribuído para fins dessa pesquisa), que teve o início de sua conversão iniciada por um problema de saúde de um de seus filhos. Diz ela:

[...] meu nome é Helena, eu sou casada, tenho sete filhos, 8 com aquele que morreu. Hoje em dia ao vivo na presença do Senhor. Antes eu não vivia, não conhecia Deus. Hoje eu sinto uma coisa muito forte [choro..], porquê eu sinto Jesus na minha vida. **Antes eu era uma pessoa que, assim como a irmã falou, eu andava nas festas, eu bebia, uma coisa horrível, e depois que eu comecei a conhecer a Deus, minha vida mudou. Mudou completamente hoje em dia sou feliz, porque eu conheço um Deus que é verdadeiro, o único Deus na nossa vida.** Um verdadeiro Deus, um Deus puro. Só ele pode resolver tudo na nossa vida. **Antes eu fumava eu ia nas festas e não queria saber de nada, chegava final de semana só queria estar na festa. Fazia tudo certo para poder ir para festa. Eu saía para ir nas festas e voltava bêbada.** Minha casa era junto com o meu marido[ela esclarece em seu depoimento que frequentava as festas juntamente com o marido]. Para mim depois que eu comecei a

conhecer a Deus e conhecer a verdade, aquilo para mim era uma vergonha. Os meus filhos já todos casados. **Hoje em dia eu sou outra pessoa. Hoje em dia Deus mudou a minha vida eu sou uma pessoa transformada.** Porque Deus quando escolhe a gente na presença dele, a gente escolhe algo a fazer na vida. **Hoje em dia eu sou feliz porque eu tenho um filho que é evangélico e tem esse outro filho que serve a Deus junto comigo. Eu tenho uma filha que é obreira.** Hoje eu sou feliz e hoje eu vivo bem na presença do Senhor. Hoje eu não faço mais o que eu fazia. [...] E eu creio que, eu tenho isso na minha mente que eu nunca vou deixar de servir a Deus. Fui aonde eu encontrei a minha felicidade e o amor da minha vida. **Eu creio que assim como Deus me resgatou do mundo ele vai resgatar toda minha família.** Porque ele já me prometeu que vai salvar toda a minha família. E eu creio em nome de Jesus eu creio. Eu peço muito para Deus que ele me deu conhecimento da palavra, que Deus nunca me deixe me desviar do caminho dele. O que eu sigo um Deus de Amor eu sinto Deus no meu coração [...] (Relato da senhora Helena – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017).

Tal como a senhora Claudia, a senhora Helena relata que frequentava festas com frequência e fazia uso de bebida alcoólica, hábitos estes abandonados, segundo ela, depois que se converteu a Igreja Assembleia de Deus. Relata seu desejo por converter toda a família para sua igreja, ao mesmo tempo em que agradece com o fato de dois de seus filhos estarem na igreja trabalhando e participando dessa. Um outro relato que se coaduna com a teoria sobre a conversão feminina, de que estas são movidas por fatores afetivos ou problemas de saúde na família, são corroborados com o relato da jovem Graça, também moradora da Vila dos pescadores em Ajuruteua:

Na verdade, eu era católica, todo mundo diz que é católica, mas o que tu pratica? Né? Então na verdade eu nem posso dizer que eu era católica, vamos, dizer, eu ia numa procissão, eu ia numa missa, mas era só formalidade. Era muito automático, hoje as vezes quando eu me lembro eu penso assim, o que eu fazia lá. Então eu, pra mim, participar da Assembleia de Deus, como minha mãe disse, eu me sinto mais a vontade. Porque para mim quem muda é o Espírito Santo, não é você entrar numa igreja e estar vestida da ponta do pé aos braços e teu coração estar impuro [...] como eu aceitei Jesus, também foi, eu gosto de dar esse testemunho, porque as vezes as pessoas dizem, “para você foi fácil aceitar Jesus, você estava na igreja e as pessoas ficavam te forçando”. Na verdade não, eu estava na minha casa, ou melhor, estava na casa da minha sogra, eu estava no meu quarto com os meus dois filhos e eles estavam enfermos. Eu sabia que tem certas coisas que Deus faz na nossa vida, até mesmo que, a prova, não é porque ele é ruim. Mas as pessoas dizem se Deus está te fazendo passar por isso é porque ele é ruim. Não, não é ruim, se a gente está na prova é porque ele nos ama. Ele não quer que a gente fique daquele jeito, ele quer que a gente mude. Então estava sentado na minha cama e eu disse Senhor eu nunca mais vou negar o seu chamado. **Então eu olhei pela janela e vi minha mãe vindo com uma missionária. A missionária sabia que meus filhos estavam enfermos e ela vinha orar por eles. Aí ela chegou e orou, aí quando ela pediu para nós nos levantamos e agradecer. Aí ela disse o Espírito Santo me passa aqui nesse momento que tem uma pessoa, e eu ali tava ali, minha sogra meus filhos e outras pessoas. O Espírito Santo está me passando que tem uma pessoa aqui que quer aceitar ele, como seu único e suficiente salvador. Ai eu comecei a rir, porque Deus conhece todas as coisas e todos nossos pensamentos, conhece tudo, eu não falei nada para ninguém.** Na verdade eu não falei, eu só pensei, ele sabe todas as coisas. Ai eu aceitei graças a Deus. Eu honro a Deus e até hoje eu estou aqui. Luta sim, porque nós viemos para esse mundo, onde o pecado está aqui, mas sempre orando, pedindo para Deus ajudar, dar

força. Para nos caminhas, não só para nós e para nossa família, de nossos amigos e de todas as pessoas que necessitam. Porque a salvação todos nós queremos, quem não quer? Não é de graça, não é fácil, mas eu quero a minha salvação e de qualquer pessoa. **Esses dias eu tava falando com a minha mãe, eu não penso mais só em mim, só na minha família, acho que toda pessoa tem que ter oportunidade. Porque é isso que Deus quer, mais um, mais um, mais um.** Porque ele criou todos. (Relato da senhora Graça – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017).

Conforme relata Graça, antes de ser evangélica se considerava uma católica, não praticante, ou até poderia se dizer uma “católica esporádica”, já que frequentava em momentos pontuais. A depoente relata uma maior vontade de participar das atividades de sua nova religião. Já sua conversão ocorreu num momento de grande fragilidade e de impotência diante da enfermidade de um filho, que a revelação da missionária ganhou eco no íntimo dos anseios de uma mulher que tinha em seu entorno uma rede de relacionamentos permeada pela Igreja Assembleia de Deus. Todavia, diferentemente de muitos dos relatos, a jovem Graça revela certas resistências que não foram vencidas de forma tão dócil como os relatos anteriores, tal como a discordância em relação aos usos e costumes da igreja, especialmente a vestimenta. Continua ela:

[...] Como eu tomei para mim logo que eu aceitei Jesus, eu participei ali da nossa principal que fica ali no Bonifácio. **Eu logo que eu vim, eu vim de bermuda, as vezes de calça, e as vezes as pessoas te olham, assim, mas como eles te dão essa liberdade na Assembleia de Deus de tu participar, de tu ter oportunidade, isso vai te cativando.** Eu sempre conversava com as pessoas e as pessoas diziam para mim, quem vai te mudar é Deus não é o homem. E eu coloquei isso na minha cabeça, tanto que, quando algumas pessoas, ninguém é igual né, uns apoiam outros não né, alguns me criticam, eu pensava, isso não vai me entristecer, porque quem vai me mudar é tu. É o senhor que vai me mudar, então, quando eu fui apontada na igreja por andar de calça comprida na igreja, eu não me entristeci graças a Deus e continuei, e agradeço a Deus por ele ter me enviado para um ministério que ele te deixa mais aberto. Mas quem te muda é o espírito. Porque a gente não pode deixar essa abertura fluir para o lado ruim né? Porque muitas as vezes a gente é chamada a atenção né, porque aí, deixa acontecer outras coisas. **Eu não acho errado, mas eu não vou julgar, porque as vezes eu vejo que na Assembleia de Deus lá em Bragança as pessoas vão muito assim, mas vestes muitos luxuosas, só quem tem que modificar é Deus né, quem sou eu para estar julgando.** Mas é isso né, as vezes se dá tanta liberdade, daí as pessoas fazem da liberdade uma coisa errada. Eu agradeço por estar neste ministério, porque é um ministério que te dá muitas oportunidades. É isso. (Relato da senhora Graça – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017).

Outro relato que denota a mudança é do jovem, que aqui chamaremos de Mariano, convertido a cerca de aproximadamente 3 anos, e que diz que não frequentava religião nenhuma até se converter ao protestantismo.

Meu nome Mariano<sup>45</sup>, tenho 21 anos e estou cursando educação física. Sobre a mudança de religião, o que muda em primeiro lugar na vida cristã, o que muda primeiramente é o estilo de vida, **coisas que antes você fazia você não pode mais fazer**. Como a relação à bebida, é um estilo de vida, tudo muda. **A vida ensina muda totalmente, coisas que eu fazia antes eu sei que agora não posso mais fazer, é uma vida com Deus, é uma vida diferente. O nosso redor tudo muda, o estilo, as coisas acabam mudando**. As amizades também acabam mudando porque muitas das vezes, porque as pessoas que vivem ao nosso redor acaba mudando também. J. (Relato de Mariano – convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017 – grifos nossos)

Na fala de Mariano, mais uma vez, a mudança é um aspecto central. Ele se refere a mudança no estilo de vida, e ao aspecto da proibição de antigas práticas, em suas palavras, “coisas que antes você fazia você não pode mais fazer”. A bebida é citada inúmeras vezes como uma prática abandonada. As alterações do círculo social mudam segundo ele, mais especificamente as amizades. Em muitos relatos, os sujeitos destacam que muitos embora mantenham certas amizades, a uma mudança do círculo de amizades, dando-se preferência para aqueles que fazem parte do círculo da igreja, ou seja, revela-se, portanto, um processo de auto segregação, que acaba tendo implicações espaciais. Todavia, em pelo menos dois relatos, os sujeitos registram manter contato com amigos fora da igreja, muito embora tentem evitar os mesmos locais que eles frequentam, principalmente quando nesses locais existe música, dança, bebida ou outra prática considerada contra os princípios religiosos. Ao que foi exposto, podemos ponderar que para não voltar as suas práticas não só se modifica o círculo de amizades como também o contexto espacial, evitando lugares que antes frequentava antes de se converter.

Um dos poucos relatos de fiel convertido durante um culto, mais especificamente durante um acampamento, um retiro espiritual promovido pela igreja em época de carnaval. Chamaremos essa jovem aqui pelo nome fictício de Pamela, que embora diga ser evangélica desde criança teria aceitado Jesus há pouco mais de 5 anos:

Eu sou a Pamela, eu sou evangélica desde criança, mas posso dizer que aceitei Jesus há uns 5 anos atrás. A minha vida espiritual foi começar a crescer quando eu ia para coisas de criança mesmo. Quando eu ia para as programações da **igreja eu podia sentir Deus e ver o quanto ele me amava**. E no ano passado eu fui para o acampamento, lá tinha o avivamento, e eu me surpreendi em diversas áreas. E como ela disse o amor é a principal base. **Mas eu me converti mesmo porque Deus é um pai e Jesus morreu na cruz por nós**. E ele quer ver nosso sorriso, porque quando a gente ta chorando, ele sabe, ele tá lá, sempre dizendo, tu é minha filha, tu é meu filho, eu te amo. E nos nossos piores momentos, quando nossos amigos e até nossos amigos verdadeiros não estão com a gente, ele está. Ele é o nosso pai e ele só quer o nosso bem, então é isso. (Relato de Pamela – convertida – moradora da área urbana – outubro de 2017)

---

<sup>45</sup> Nome fictício para assegurar a anonimato do relatante.

No relato de Pamela, ela diz ter conseguido sentir a presença e Deus e seu amor, e por essa experiência transcendental é que concretiza sua conversão. As atividades realizadas pela igreja como o acampamento ou retiro espiritual já haviam sido identificadas na primeira parte da pesquisa, todavia não foi considerado nesse primeiro momento que esses locais para além de sua função de lazer e ensino religiosos também acabasse sendo um local de conversão da igreja, fato este que demonstra que esse isolamento do mundo exterior, aliado e inúmeras outras atividades de interação social e ensino religioso possuem uma função de consolidação da fé evangélica como também já relatado de conversão, ou nas palavras dos próprios evangélicos, “aceitação de Jesus”. Ao isolar o sujeito de todos os estímulos presentes em um ambiente urbano e focando sua atenção em uma única temática que encontra eco em todos os participantes, tem-se uma amplificação do poder de convencimento dos sujeitos, fato este que será explicado pela igreja em razão do poder do Espírito Santo.

Uma maior proximidade de seus “irmãos” da igreja bem como do próprio pastor e demais autoridades da instituição não só geram maior companhia, como também maior controle e vigilância, para que os fiéis não “caiam em pecado”, ou “no erro”. Para tanto, as autoridades da igreja, baseado em seus preceitos religiosos e em seus usos e costumes chegam a restringir muitas práticas danosas a vida do indivíduo, (como abandono de usos de drogas e álcool) geraram com isso uma mudança qualitativa na vida dos fiéis, mudança essa que é atribuída ao divino. Todavia, como observado em alguns relatos, de modo pragmático o abandono de um vício, tem implicações diretas por exemplo, no restabelecimento de sua saúde física, melhoria nas relações sociais, maior harmonia familiar a até mesmo melhoria das finanças domésticas.

Os indivíduos em seus relatos conseguem reconhecer que levavam uma “vida errada” e que hoje conseguem enxergar um modelo de “vida correta” a ser seguida. O jovem Darci, um dos líderes de jovens de uma comunidade de Bragança fala sobre o trabalho que busca realizar na tentativa de tirar as pessoas dessa vida “errada”:

Há casos em que a pessoa está tão embriagada que a gente nem chega, porque ele não está em si, então a gente evita chegar até ele. Mas se nós tivermos uma oportunidade e verificarmos que ele não está tão embriagado a gente chega e fala do evangelho para ele. ‘Bora para casa!’ ‘Deus tem um caminho melhor para ti!’ Nós chegamos com ele, entendeu? Nós também temos esse projeto social de conversar com as prostitutas e os moradores de rua, e muitas vezes eles vêm para Cristo. **Como teve caso de homossexuais que vieram para Cristo. E como pode dizer, eles deixavam as práticas que eles praticavam.** Alguns chegaram a falar para a gente que eles estavam bem perto do abismo e não tem para onde ir. Eles nos agradeciam por chegar e falar com eles, e hoje graças a Deus eles estão bem. (Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015)

No relato de Darci, fica claro que os evangélicos por vezes penetram em espaços tidos como “espaços da perdição”, onde existe a presença de drogas e outras práticas condenadas pela igreja, na tentativa, do que eles chamam, de “ganhar almas para Jesus”. A ideia da casa, da segurança, de um lugar melhor também se encontra em seu relato e também a de um “caminho melhor”, proporcionado por Deus. Sobre os homossexuais que “deixaram as práticas”, não podemos afirmar ao que exatamente o sujeito se refere. Darci ainda em seu relato, fala sobre as ações em que ele se envolve na igreja e dá destaque a algumas conversões que estariam ocorrendo em sua congregação. Diz ele:

Nós precisamos sair do ambiente da igreja e ajudar aqueles que precisam. A gente sempre tá ajudando essas pessoas que mexem com drogas entendeu? Tirando desse mundo das drogas e trazendo para a igreja. Muitos deles que traficavam e vendiam agora estão na igreja. Na nossa igreja muitos traficantes e bruxos se converteram e deixaram essas práticas. Eu tenho um amigo na igreja que há muito tempo atrás era líder de gangue, aqueles pesados mesmo de ‘dá-lhe’... entendeu? Hoje ele é crente, tem uma família e uma esposa hoje. Ele é agente penitenciário hoje. A vida dele mudou totalmente. Ele trazia muita dor de cabeça para mãe dele. Hoje, como eu falo, ele é uma bênção nas mãos de Deus. Têm gente na igreja que era traficante daqueles perigoso de mandar matar a gente mesmo e hoje são pessoas diferentes e você pode abrir a porta da sua casa para ela porque a gente confia neles. Jesus mudou completamente a vida deles. O evangelho mudou completamente a vida deles. Esse é nosso objetivo na igreja, alcançar esse pessoal e mostrar a realidade que a verdadeira paz está em Cristo. Ele sente essa paz ele chegou chorando e dizendo, “hoje eu sinto uma paz muito grande e sinto vontade de pular aqui dentro”. Sabe? Aquela alegria... e esse é um ex-traficante, que antes andava malucão pelas ruas, que roubava e matava e hoje são umas bênçãos na mão de Deus. Esses são os projetos que a gente faz, como eu te falei a gente entrega cesta básica para família necessidade, alguns chegam chorando, que não tinha nem o que comer em casa. E a gente diz toma uma cesta básica para ti. Muitas vezes a gente tirou do próprio bolso, vou tirar um tempo para ajudar as outras pessoas. Entendeu? É tudo que a gente faz visão do Reino de Deus e é o que Jesus Cristo prega. (Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015)

Nesse relato Darci fala sobre conversões que teria presenciado e que mudaram radicalmente o rumo da vida dessas pessoas, desde líderes da gangue a traficantes que antes eram vistas como pessoas problemáticas para sociedade e suas famílias. Hoje eles seriam trabalhadores honestos e tementes a Deus, que carregariam uma alegria indescritível por servir a Deus e possuir esse laço mais estreito com o esse laço divino.

Os relatos de conversão de líderes de outras matrizes religiosas como espíritas, umbandistas, kardecistas, bem como traficantes, assassinos e prostitutas são enaltecidas em muitas pregações e conferem um poder simbólico muito grande aos pastores que realizam tais conversões, demonstrando assim a um só tempo o poder da igreja e também do próprio pastor. Tais relatos de conversões de ladrões e traficantes bem como da atuação da igreja Assembleia de Deus no exterior é relata por um dos pastores:

Ultimamente ser evangélico se tornou chic, mas no princípio o embate era muito grande desde o tempo da reforma protestante. Os inquisidores, desde a França pra cá perseguiram muito os evangélicos. No Brasil não foi diferente, aqui em Bragança também. Queimaram muitas bíblias aqui. Os crentes eram presos, esbofeteados e teve um que pegou uma bíblia queimada e se tornou pastor, hoje ele tá em Macapá mas sempre vem aqui. **Se eu falar de tráfico de drogas, nossas a gente recuperou muita gente viciada, dopada. Eu tô numa área ali que eu peguei uns 5 ladrão, perigosos e agora to trabalhando com eles, tentando ajuda-los.** Você tem esse papel de ajuda-los. As vezes, os pessoal não tem emprego, não tem trabalho, eles dão cesta básica, dá um medicamento, vai ver a família, que não tem nada. (Relato de Pastor de uma congregação urbana – maio de 2015 – grifo nosso)

Ao observar a fala dos sujeitos, eles relatam que a ocorrência do erro raramente é atribuída ao sujeito mais sim a sua vida. Ao se referir ao erro eles não dizem que eles eram errados, mas sim que a vida os levou ao modo de vida “errada”. Os sujeitos identificam vários pontos de discordância em relação aos dogmas de sua religião anterior, especialmente aos dogmas, não atendendo aos seus anseios pessoais.

Existem relatos de filhos que acabam por tentar converter os pais, como é o caso do jovem que chamaremos aqui de André:

**Sim só eu e meu irmão de Belém que Somos evangélicos. Os meus familiares não aceitaram muito bem a fala do missionário evangélico.** Agora eu posso dizer que eles estão entendendo. Mas no começo a sofri muito, chegava a chorar. **Meu pai como é que eu posso dizer, o inimigo usava ele para me afrontar, para que me senti-se às vezes afrontado.** (Relato de André – fiel convertido – 26/09/2016 – grifo nosso)

Nesse caso, o fiel relata que acabou se convertendo a igreja Assembleia de Deus, por influência do seu irmão e também de amigos próximos. Em seu relato ele deixa claro a resistência que encontra no seio familiar, especialmente na figura do pai que pede para que ele reze ou cante no local que ele considera adequado, ou seja, na igreja e não em sua casa.

Todavia, embora se verifique que existe uma tendência de conversão de pessoas mais jovens também a registros de pessoas mais de maior idade que são convertidas. Tal é o exemplo do senhor Batista, morador da comunidade do Acarajó, que faz o seguinte relato.

Faz uns 20 anos, eu ia naquela igreja do abacateiro. Tem aquela igreja perto da garagem da Prefeitura, era lá. Nós moremo 6 anos lá, na boca da estrada, dai nos congregava lá. Daí nós viemos pra cá, pra congregar aqui. Daí o pastor desmembrou. Daí quando a gente morava lá, antes de ir pra Miraselva a gente congregava lá, antes de ir pra Miraselva, hoje a gente congrega aqui porque fica mais perto. Aqui tem culto no dia de quarta, sexta e domingo. Os cultos são mais a noite. Quarta e quinta é pra família, sexta é o ensinamento da palavra. [...] Eu era católico. É.. não, é porque tavam me ensinando que eu tava caminhando errado, numa faixa até 30 anos mais ou menos. Eles estavam me ensinando e eu tava aprendendo errado. Tipo, tem mão mas não apalpa, tem olho mais não vê, tem boca mais não fala, tem perna mas não anda. Era desse Deus que eu participava. Então eu aceitei Jesus e participo desse Deus vivo, que foi ele que fez tudo isso que nós estamos vendo. Você não está tá sentindo essa brisa?

É ele! Olha tá vendo esse cachorro, tem gente que faz um igualzinho a este, mas não fala, ele não come, não anda e é oco por dentro, é de plástico ou de barro. Quando eles não fazem de barro fazem de plástico [risos]. (Relato de Batista – fiel convertido na fé evangélica – 20/09/2016)

O relato do senhor Batista demonstra que a evolução do território e sua evolução político administrativa do Estado e da Igreja acaba por interferir nas territorialidades vivenciadas pelos sujeitos. Também que o movimento dos sujeitos durante sua vida, seja um movimento físico de migração, seja um movimento físico de frequentar novas congregações ou mesmo o movimento simbólico de mudança de religião. Sobre sua mudança de religião, o senhor Batista considera que a religião anterior estaria “ensinando errado”. Segundo ele a igreja pregava sobre um Deus muito intangível, e quando aceitou Jesus e se tornou evangélico da Assembléia de Deus ele teria participado de um “Deus Vivo”, que cria vida e da vida as coisas. Uma crítica implícita em sua fala é a adoração de imagens por parte da igreja, que constroem imagens de plástico ou barro.

No relato de uma outra fiel convertida há alguns anos, que aqui chamaremos pelo nome de Marta, diz o seguinte:

Sou casada e tenho o trabalho de zeladora, por 20 anos, vai fazer esse ano, eu nunca deixei. Eu nunca tive prazer de jogar o meu talento. Eu larguei um tempo e paguei o preço. Porque Deus me deu um dom, que ninguém...., cada qual tem os seus dons né? E creio que esse foi um dom que Deus me deu, porque se eu largar eu vou pagar um preço. E eu paguei um preço, porque uma vez quando minha mãe morreu, eu vim morar com o meu pai e larguei o trabalho lá na Daniel Berg e vim pro Patalino. Só que eu ia perdendo uma filha e ganhei uma junto com a outra. Eu ganhei essa aqui e uma outra que faz aniversário seguido. E daí eu reconheci que aquilo era Deus me cobrando, que eu não tinha terminado a obra de Deus. Daí meu pai me disse que meu marido era alcoólatra. Daí quanto mais ele bebia, ele bebia mais, bebia 24 horas. Daí meu pai me disse, tú vaiti embora. Porque eu tinha 4 filhos né? Hoje eu tenho 9 filhos. Dai meu pai me disse, tu vaiti embora cuidar de teus filhos e de mim, teu marido é novo ainda. Dai eu tava vendo que era uma cobrança de Deus, por isso, Deus ordenou ele [pai da relatante] a me cobrar pra que eu terminasse a obra de Deus. Daí eu fui. Mas não era eu pra cuidar dele [marido]. Deus tomou a frente, mas a vontade do home não é a de Deus, nem a de Deus do home. Daí meus irmão me chamaram, porque eu era caçula e que eu tinha obrigação de cuidar dele, mas eu tinha outro compromisso. Daí eu voltei pra minha casa. Dai tudo acalmou, voltei pra minha casa e pra assembleia. Daí eu peguei o mesmo trabalho, pra terminar a obra de Deus. Daí quando chegou o tempo de eu sair de lá, daí se cumpriu. Dai minha filha comprou esse terreno aqui, daí eu fiquei com medo. Daí eu disse jamais, agora eu vou orar. Daí eu pedi pra Deus me mostrar, daí ele me mostrou aquela rua, de piçarra, parede crua, daí foi que eu vim pra esse lugar. Daí quando eu cheguei aqui eu obedeci, mas foi tudo muito rápido. Eu vim pra cá para morar numa barraquinha com nove fruto [filhos]. Quando eu cheguei num culto logo ali próximo, Deus me disse, vai ali no culto com Antônio Damasceno. E Deus disse, silencio que aqui é o lugar de uma grande obra. Não sei nem como agradecer a Deus. Eu tentei colocar várias pessoas, mas não conseguiram levar adiante o trabalho, não aguenta, não dá conta. Tem os trabalhos e os projetos de oração que eu gosto muito. A gente visita, faz a consagração. Mês passado teve congresso, a gente teve quase um mês de consagração. Começava as 5, 6 da manhã e ia até 10. Antes do congresso a gente ficou um mês orando, agora tá parado, mas essa semana teve reunião e a gente vai retomar as orações. Mas eu gosto da oração é um

privilégio, as oração, círculo da oração. (Relato de Marta – fiel convertida na fé evangélica – setembro de 2016)

A fiel considera o trabalho que ela desenvolve junto a igreja como um dom. Relata que os problemas que ela enfrentou durante um período da sua vida se deve ao fato de ter deixado a igreja por um tempo, “se desviado”, na linguagem usada pelo evangélicos. Para ela, esse abandono da igreja gerou uma série de problemas na sua vida como a perda de uma filha, o fato de ter sido expulsa da casa do seu pai por possuir muitos filhos e ter um marido alcoólatra. O retorno da fiel a sua missão na igreja é marcado em seu relato por um período em que os problemas começam a se resolver. Algumas premonições, ou profetizações como preferem chamar os assembleianos, também estão presentes nesse relato, seja revelando o local onde ela iria morar e também intuindo ela a participar de um culto da igreja próxima a sua casa. Atualmente a fiel ocupa um cargo de liderança junto a sua congregação trabalhando com projetos de oração na comunidade, participando de eventos e outras atividades. Um fator que chama atenção entre os novos convertidos, é o fato de que grande parte deles acaba ganhando alguma função ou cargo junto a sua congregação, seja auxiliando em grupo de orações, grupo de jovens, auxiliando na divulgação da palavra, etc. A participação de leigos é uma das características fundantes da Igreja Assembleia de Deus (ALENCAR, 2000), fato esse que contribui para o processo de multiplicação de seus fiéis.

Outro fato importante nessa transição entre igrejas onde os sujeitos são meros expectadores de todo um ritual conduzido pelos líderes religiosos, a participação dos fiéis seja nos cultos e nas demais atividades da igreja é constante, embora possam existir fiéis que não possuem uma participação tão efetiva. Conforme verificado na primeira etapa da pesquisa os fiéis da Assembleia de Deus relatam participar de mais de uma atividade da igreja, ou seja, desde a participação nos cultos, grupos de oração, retiros, confraternizações, etc. E principalmente os fiéis recebem atribuições e cargos junto a essas atividades, valorizando e dando protagonismo a essas pessoas. Existe uma nítida alteração da lógica de poder na transição de uma religião para outra. De modo mais objetivo queremos afirmar que em muitas vezes, a mudança de religião é a mudança da posição do sujeito ganhando mais visibilidade, prestígio e protagonismo participando efetivamente das atividades da igreja. Um exemplo disso é o relato de um jovem de 24 anos, convertido há 7 anos a Assembleia de Deus, que chamaremos aqui pelo nome fictício de Darci, que diz:

[...] Eu gosto muito de estar aqui na faculdade, de vez em quando a gente nem com os amigos aqui para faculdade. Às vezes a gente vai fazer um trabalho com os amigos e é ambiente muito comunicativo entre nós. Na igreja também entendeu? **Eu tenho alguns cargos na igreja Isso exige que eu esteja lá com eles.** Eu sou professor de escola dominical lá, bem aqui na Aldeia [bairro], na Torre Forte [nome da igreja], junto com pastor [nome do pastor<sup>46</sup>]. **Sou da Torre Forte e ocupo um cargo na Mocidade.** (Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015)

De simples espectador numa religião, o novo convertido se torna um membro com um cargo ou atribuição na congregação, exigindo com isso que ele tenha presença constante na igreja e trabalhando como agente multiplicador nesse processo.

#### 4.1.2.1 O que é ser um fiel da Assembleia de Deus – em busca de uma identidade

Visando compreender quais são os traços que definem essa auto identificação do que é ser um fiel da Assembleia de Deus, buscou-se- que os próprios sujeitos, por meio de seus relatos o que significa, na opinião deles ser um fiel da Assembleia de Deus. Dessa forma, conseguimos identificar características, éticas, morais e espirituais, assim como características externas como o modo de comportamento, vestuário, locais que frequentam e que supostamente caracterizam os fiéis da Assembleia de Deus em Bragança. O presbítero 2, diz que para ele, ser fiel da Assembleia de Deus, “[...] primeiramente é ser cristão, é denominação evangélica Cristã e que tenta imitar os passos do Cristo e fazer aquilo que Cristo ensinou”.

Para dar maior espaço a fala dos sujeitos, visou-se, baseados no modelo de análise proposto por Mota (2016), que em sua tese de doutorado, se utilizou da análise do discurso, destacava os trechos das entrevistas e realiza os destaques, as ideias centrais presentes. Assim procederemos destacando a fala dos sujeitos dando destaque as falas que de alguma forma representam as ideias que são recorrentes nos relatos. Posteriormente, realiza-se uma análise conjunta dos relatos, que se aproximaria do discurso coletivo.

Como pode ser verificado nos relatos dos depoentes, o que identifica os fiéis com a religião em muitos casos, embora possa parecer obvio, é sua concordância com os dogmas, doutrinas e costumes da religião, conforme exemplifica o relato de Daiane:

[...]Não só a Assembleia de Deus como qualquer outra denominação religiosa, qualquer igreja ou religião tem seus **dogmas**. Então acredito que como cada religião tem seus dogmas, cada denominação de igreja tem suas **doutrinas** diferentes umas

---

<sup>46</sup> Nome do pastor omitido para garantir seu anonimato, conforme compromisso assumido com os entrevistados.

das outras. **Então você não é fiel da Assembleia de Deus se não seguir as doutrinas da igreja bem como a Bíblia.** (Relato da jovem Daiane - convertida – moradora de região central – outubro de 2017).

Reafirma-se com isso que os fiéis seguem os dogmas doutrinas e costumes da religião, e que acima da própria igreja e da religião estaria a palavra de Deus, transcendendo todos os aspectos conforme destaca o relato de Rubens.

**[..] Então eu falaria para pessoa que em primeiro lugar não é uma igreja, não é uma religião ou denominação, algo ou uma instituição que estaria sendo divulgado, mas a palavra Deus [...]. Eu creio que nenhuma igreja tem o poder de transformar as pessoas eu acho que é a palavra mesmo. A palavra que a pessoa vai encontra respostas para sua vida. [...]** (Relato Rubens – fiel nato na fé evangélica – morador da Praia de Ajuruteua – setembro de 2016)

A sentimento de bem-estar em fazer parte desse grupo religioso aparece inúmeras vezes nos relatos sob múltiplas formas, seja pela sensação de conforto, prazer e segurança que os fiéis dizem sentir, conforme exemplifica o relato de Maria no trecho em que diz:

Olha, pra mim é uma alegria muito grande, é uma sensação de segurança, [...] Então pra mim, ser da Assembleia de Deus é uma sensação de segurança, do meu futuro, da minha alma. [...] Eu me sinto muito bem sendo da Assembleia de Deus. (Relato de Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016)

Os relatos de duas jovens, chamam a atenção ao destacar que seu sentimento de pertença como fiel da Assembleia de Deus está muito mais ligado a outro plano, ou como ela mesmas afirmam reiteradamente que esse mundo não as pertence e sim um outro mundo. Elas afirmam: “a gente está nesse mundo, mas a gente não é deste mundo, até porque a gente é de lá. [...] eu pertença ao outro lado, não a esse aqui [...]”<sup>47</sup>. [...] Lá acima, que é o meu lugar certo. Aqui, eu não pertença a esse lugar, porque aqui não é o meu lugar<sup>48</sup>”. As relatantes, portanto afirmam taxativamente que seu lugar de pertencimento é um mundo invisível e imaterial ao qual ela terão acesso depois de sua morte e a religião serve como uma forma de preparação para esse “novo lugar” de real pertencimento. Esse desprendimento as coisas ditas “mundanas”, portanto, explica de certo modo a priorização das atividades do Reino de Deus em detrimento do mundo. Tais afirmações suscitam ainda um aprofundamento da problemática do que efetivamente seria o conceito desse lugar imaterial e intangível para os evangélicos. Muito embora a discussão desses mundos intangíveis da religião esteja presente rotineiramente no discurso de seus integrantes, pouco se sabe sobre essa espacialidade ou geografia espiritual. Nesse sentido

---

<sup>47</sup> Relato da jovem Liliane - convertida – moradora de região central – outubro de 2017.

<sup>48</sup> Relato da jovem Liliane - convertida – moradora de região central – outubro de 2017.

é interessante observar um apontamento realizado, no qual considera-se que ao contrário da palavra de Deus, “os usos e costumes são coisas dos lugares, dos territórios”<sup>49</sup>, reafirmando assim que muito embora os usos e costumes possam ser variáveis de acordo com o lugar e o tempo histórico, tal mutabilidade ou variância não se aplicaria a palavra de Deus. O mesmo relata que “a doutrina é universal e o costume é local”, dessa forma, enquanto as igrejas das metrópoles como Belém são teoricamente mais liberais, nas regiões mais afastadas se preservariam usos e costumes como o uso obrigatório de saia e proibição de calças pelas mulheres. Entretanto como verificado nos relatos, isso não impede que exista resistências por parte dos fiéis e pastores na interpretação em relação aos usos e costumes. Reafirmando de que a doutrina é universal e os usos e costumes diferem no tempo e no espaço é corroborado pela fala do Pastor, quando diz:

**[...] Na proporção que o tempo tem passado, mudam-se os conceitos, doutrinários é diferente.** Por exemplo, eu entendo essa doutrina assim. Doutrina não é o costume. Vamos dizer assim, essa é a doutrina da salvação, isso é uma doutrina. Doutrina dos anjos, os anjos existem. A doutrina dos seres espirituais demoníacos, tem que fazer a transposição. É diferente de costume, costume ele é local. Aí você vai pegar costume versus cultura, versus hábito que vai influenciar toda essa formação. **A igreja trabalha a bíblia de acordo com a região. Se eu for ministrar na África eu não posso chegar e confrontar a cultura deles. Eu tenho que trazer o evangelho pra salvação, ensinar o que é correto. Não posso confrontar aquela cultura.** [...] (Relato de Pastor de uma congregação urbana – maio de 2015 – grifo nosso)

Nesse sentido, poderíamos dizer que os usos e costumes de um determinado local são uma forma de código de identificação daqueles que são fiéis de um determinado local. Como bem destaca uma das fiéis, os evangélicos se diferenciam pelo “jeito de andar, falar, como se comportar”<sup>50</sup> e também acabam reconhecendo seus pares por esses códigos.

Entretanto, devido a flexibilização dos usos e costumes reivindicados por muitos fiéis, “não dá mais para ver a diferença entre o crente e o ímpio, eles estão deixando o evangelho de lado”, conforme relata Lorena<sup>51</sup>.

Se para alguns fiéis essa flexibilização dos usos e costumes é vista como positiva, outros veem tal movimento como de forma negativa, não sendo mais possível identificar aparentemente quem é evangélico. Tal problemática atinge também as autoridades da igreja,

---

<sup>49</sup> Relato Rubens – fiel nato na fé evangélica – morador da Praia de Ajuruteua – setembro de 2016.

<sup>50</sup> Relato da jovem Angélica - convertida – moradora de região central – outubro de 2017.

<sup>51</sup> Relato de Lorena - convertida – moradora do Bairro Aldeia – setembro de 2016.

visto que dificultada a identificação do fiel, tornando-se mais difícil vigiá-los e puni-los ante alguma transgressão. Aqui poderíamos fazer referência a ao conceito e “sociedade disciplinar” e “panóptico” de Foucault (1987b). Segundo Foucault (1987b), a disciplina é interiorizada e exercida por três formas: o medo, o julgamento e a destruição, todos elementos presentes no discurso assembleiano. O panóptico nesse caso seria o papel de vigilância, o observador está em todos os lugares, seja outros fiéis, amigos, familiares e os próprios pastores e a própria consciência e a figura de Deus onipresente. A aproximação da teoria foucautina as sociedades disciplinares se baseiam fundamentalmente na casa da família, no prédio da escola, no edifício do quartel, no edifício da fábrica e no templo religioso. Todavia, como já defendemos anteriormente, a Assembleia de Deus, em nossa concepção se baseia na materialidade e da modernidade, estando inserida, todavia num mundo “moderno liquido” onde as relações sociais mais móveis e flexíveis. Se nas sociedades disciplinares o modelo Panóptico é dominante, implicando o observador estar de corpo presente e em tempo real a observar e a vigiar, nas sociedades de controle essa vigilância torna-se rarefeita e virtual. Todavia essa nova horda de flexibilização de usos e costumes pode estar encaminhando para o que é chamado de anti-arquitetura, ou seja, da ausência de locais físicos de controle, pois esse agora é exercido de forma cada vez mais virtual. Na sociedade de controle, esse é feito de maneira abstrata.

A criação de certas proibições, ainda segundo relato de Rubens, teria sido de certa forma responsabilidade dos pastores brasileiros, que acabaram interpretando a palavra literalmente, criando assim alguns equívocos, como ele explica.

Olha só, eu acompanhei o início da história da Assembleia de Deus no Brasil. Sabe que começou muito forte no Pará, aqui em Bragança inclusive foi o segundo município aonde surgiu a Assembleia de Deus. A primeira foi Belém e a segunda Bragança com um ano de diferença em relação a Belém. **A gente percebe nas fotos antigas dos Missionários, da sua família, das suas esposas, que elas usam cordão (colar). Vou pega umas fotos antigas e pode perceber que os filhos tinham o cabelo arredondados, aquele cabelo em forma de sorvete sabe? Até algum tempo era proibido usar cordão na igreja [...]. Quando esses missionários foram embora foram os pastores brasileiros que implantaram, numa interpretação meio que literal da palavra. Lá no antigo testamento alguma coisa fala sobre essa questão de cabelos arredondados quando se referem a pessoas de outra nação. [...] Então as pessoas se prendem a literalidade.** Então eu digo o seguinte, Assembleia de Deus ele tem um grande problema, pode ser um problema ou qualidade. (Relato Rubens – fiel nato na fé evangélica – morador da Praia de Ajuruteua - 23/09/2016)

Além dos supostos equívocos da interpretação bíblica apontados por Rubens seriam oriundos de uma falta de formação dos pastores, uma característica oriunda do próprio processo

histórico de formação da Assembleia de Deus, pautada no trabalho leigo e no carisma dos seus líderes<sup>52</sup>.

Uma postura mais conciliadora é adotada em um dos relatos de um presbítero da Igreja, ao falar sobre o processo de formação dos pastores, diz que:

Tem em Belém e tem Bragança também. Leva de 1 a 2 anos, um curso teológico básico Curso Teológico avançado. Eu vejo que existe diferença na formação de alguns pastores, alguns possuem um discurso mais conservador enquanto outros um discurso mais moderno. Mas você vai ver que tanto no Rio de Janeiro poderá existir pastores conservadores ou mais modernos, isso existe em todo lugar. Mesmo dentro de uma mesma igreja podem existir pastores que possuem diferentes métodos de abordagem. (Relato de presbítero 2 – convertido – junho de 2016)

A apresentação de um dos pastores locais, também de certo modo reitera que alguns deles possuem uma formação acadêmica tal como um dos pastores que ao se apresentar, relata sua a formação teológica e acadêmica:

Eu vim pra cá em 1976, estudar teologia, estudo bíblico na época. Daí em fiquei aqui e estou a 40 anos, de Bragança eu tenho 21 anos. E também morei em Belém, fiz seminário lá. E daí eu fiz a faculdade pra ser reconhecido pelo MEC, pra reconhecer as disciplinas. Aí me chamaram pra fazer o mestrado mas eu não fiz. Eu fiz o curso técnico em Salvador e fiz um curso de especialização, que eu gosto muito, de introdução a psicologia. Só pra ter conhecimento como é as relações humanas, pra saber como lidar com o povo. (Relato de Pastor de uma congregação urbana – maio de 2015)

O fato de trabalhadores leigos terem a possibilidade de ascensão junto a estrutura hierárquica da Igreja Assembleia de Deus, cria a expectativa de que seus fiéis, trabalhadores possam progredir de cargo e função dentro da igreja, fato esse impensável em algumas religiões, que se exige uma formação institucional que passa por cursos universitários ou processos formativos dentro da própria instituição.

#### **4.2. As territorialidades religiosas e do lazer dos sujeitos das comunidades de Bragança**

Para compreender as territorialidades do lazer e da religiosidade dos sujeitos da pesquisa, buscou-se compreender como eles descreviam suas atividades realizadas durante a semana e nos finais de semana. Optamos por não questionar quais eram suas atividades de lazer,

---

<sup>52</sup> Para maiores informações sobre a relação do Carisma e poder na Igreja Assembleia de Deus consultar: CORREA, M. A. O. S. A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos Ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil. 2012. 351 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

pois gostaríamos de verificar qual era a concepção de lazer que eles possuíam. As perguntas sobre suas atividades diárias e dos finais de semana acabaríamos identificando quais seriam as atividades de lazer realizada por eles.

Conforme já apontava a primeira etapa da pesquisa, uma das características de muitos evangélicos, principalmente aqueles que são natos na fé evangélica é o fato de que a maioria diz possuir hábitos “caseiros”, preferindo a permanecer em seus lares e estabelecendo uma rotina de relações com familiares e amigos.

Se entre aqueles que são evangélicos natos na fé, as atividades cotidianas e dos finais de semana são marcadas pelo trajeto entre trabalho e igreja ou trabalho, igreja e escola, conforme confirma um outro presbítero que diz, “[...] eu só vou para o trabalho para igreja. Fora do trabalho só vou para o restaurante jantar com os amigos. Eu sou muito caseiro [...]”<sup>53</sup>.

Todavia, ele segue seu relato, informando de que suas atividades se alteraram quando mudou-se de Belém para Bragança, fato este que repercutiu numa mudança de hábitos e de novas territorialidades. Diz ele:

[...] Olha eu quase acabo não tendo muito tempo para fazer. Mas eu gostava muito de bola. E também até vôlei, ping-pong (tênis de mesa), mas não. Mas como não tem muito tempo e também como não consegui um grupo de colegas que compartilham disso. **Então eu acabo que frustrando e não fazendo isso. E acaba que o final de semana acaba sendo mais de ficar em casa descansando e forte mesmo de ir para a igreja principalmente no domingo.** Mas às vezes a gente sai, mas é raro. Os colegas convidam e a gente vai comer um churrasco, tomar banho de Igarapé. Mas não é tão frequente, hoje me congrego no templo central. Quando me congreguei no Monte Muria eu tinha uma amizade mais forte lá, e a gente saía, mais para isso entendeu, para comer, tomar banho de Igarapé. Eu fazia com mais frequência e hoje a frequência é menor. Então depende muito da amizade como eu tô te falando. (Relato de presbítero 2 – convertido – junho de 2016)

Observa-se que as práticas de atividades de lazer que sujeito diz realizar de modo costumeiro, não o faz atualmente em razão da escassez de tempo para tais atividades, fato esse que acaba culminando com hábitos mais ligados a residência e a igreja. Inclusive, algumas atividades de lazer relatadas por ele, perpassam de certo modo pela igreja e os grupos de afinidades constituídos.

O relato dos jovens acrescenta novas territorialidades quando comparados a aqueles natos na fé evangélica, tal como o jovem novo convertido, quando além de descrever suas atividades como fiel e trabalhador da Igreja Assembleia de Deus acrescenta:

---

<sup>53</sup> Relato de presbítero nato na Assembleia de Deus – 13/06/2016.

[...]. **Outro lugar que eu frequento muito na praça da Aldeia, aqui na aldeia em si.** Fica aqui do lado da universidade, essa praça, se chama rosa branca. **Quando eu não tô aqui eu estou mais em casa, eu sou muito caseiro.** Mas também a gente vai nos locais outros rios, entendeu? (Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015- grifos nossos)

Como pode ser observado o jovem além da igreja, da universidade e de espaços públicos também frequenta rios, mas de modo geral se auto classifica como uma pessoa caseira. Alguns fragmentos dos relatos podem corroborar uma ideia inicial de que muitos dos fiéis se autodenominam como pessoas de hábitos caseiros.

Como pode ser verificado nas falas dos sujeitos no quadro 8 (Apêndice 10), ainda que cada um tenha sua especificidade, a residência e a igreja e o local de trabalho (ou estudo) ocupam papel de destaque na territorialidade de um grande volume de fiéis. Teríamos assim uma territorialidade que se pauta principalmente na igreja, na casa, no local de trabalho/estudo e alguns equipamentos de alimentação, formando o que no turismo é chamado de “*Tourist Bubble*”, [Bolha Turística], nesse caso uma “Bolha Evangélica”, em que se têm a frequência de locais já conhecidos e sabe que vão encontrar pessoas, produtos e serviços já conhecidos, oferecendo assim um certo padrão de segurança física e espiritual, ou talvez em termos geográficos poderíamos denominar de uma típica territorialidade evangélica.

Tal territorialidade não é fortuita e possui um embasamento nos fundamentos teológicos e de usos e costumes da religião. Com usos e costumes mais tradicionais, de origem pentecostal, a Igreja Assembleia de Deus, orienta seus fiéis para que tenham uma vida mais voltada a Igreja e a família e amigos da igreja. Buscam-se evitar locais mundanos que ofereçam risco a fé dos fiéis, conforme pode ser observado no segundo relato. Priorizam-se também as relações com “irmãos” da igreja, conforme os relatos dos sujeitos:

1. [...] sábado eu geralmente vou pra igreja **ouvir me encontrar com meus colegas que são evangélicos**, porque você sente uma coisa muito diferente, quando você vai procurar se divertir com um grupo de amigos evangélicos. **Quando a gente vai se divertir com os jovens que são evangélicos você não vê saiu um palavrão, você vai se divertir um ajudando o outro e não levantando falso testemunho falando que aquele fulano é uma coisa ou outra.** A gente vai ajudar um ao outro e a gente se alegra. A gente não sente o mesmo peso, aquele peso. Aquele lugar aquele grupo de amigos que fuma. Vai um peso parece que tudo aquilo quer te sufocar. **A presença do inimigo a gente sente a presença do inimigo quando a gente está no lugar, a gente sente muito forte isso.** Mas eu sei que a presença do espírito santo é maior ainda. (Relato de André– convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017- grifos nosso)
2. [...] Sim, às vezes eu vou [para a praia] com os meus amigos com pessoal da igreja com a minha família. (Relato de Daiane– convertida – morador do centro – maio de 2015)

3. [...] os jovens [evangélicos] vão muito, quando termina o culto eles descem pra praça e vão pra pizzaria. Mas o pessoal, eu me vejo e vejo os evangélicos sempre em pizzaria sempre em restaurantes. Assim a gente não bebe cerveja, mas a gente come muito, então a gente ajuda muito a economia nessa parte. Onde tem evangélicos tá se alimentando. **Então primeiro a gente vai muito em pizzaria, em primeiro lugar, aí segundo o restaurante.** Aí a gente vai com a família pra pizzaria, geralmente. (Relato Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016 – grifo nosso)
4. [...] Hoje é terça-feira, eu tenho um hobby esportivo, eu jogo futebol, eu bato bola, mas é um grupo nosso fechado. **E daí a gente não convida ninguém, só aquela pessoa que frequenta a igreja.** É um lazer nosso, que faz parte do grupo. Então se tem alguém de fora, que não pertence ao grupo, eles vão querer brigar, vão xingar, beber cachaça e daí vai sair do nosso conceito de pensamento, não vai compartilhar com a gente de nossas ideias. (Relato de Pastor de uma congregação urbana – maio de 2015 – grifo nosso)

No primeiro relato a fiel relata a priorização de suas relações com irmãos da igreja, como destaca o perigo de frequentar lugares que são frequentados por pessoas que possuem vício como o cigarro. Ela relata sentir a presença “do inimigo” nesses locais. O inimigo a que a relatante se refere são os inimigos invisíveis, e que ofereceriam risco a segurança espiritual da mesma. Por uma razão de segurança física e espiritual, muitos relatam que preferem andar com o grupo da igreja a frequentar locais públicos e principalmente restaurantes e pizzarias, como informa o terceiro relato. Cabe aqui um adendo do relato de Rubens, que informa que a escolha de muitos locais que são frequentados pelos fiéis não é aleatória, segundo diz ele “[...] muitos irmãos procuram ir em estabelecimentos de outros irmãos como pizzarias, restaurantes, etc. Pode ter vários locais perto da sua casa, mas existe a ideia de que um irmão tem que abençoar outro irmão frequentando seu estabelecimento”. A escolha, portanto, da escolha de frequência de alguns lugares de comércio e serviços, portanto, tem como fator preponderante de escolha, o fato deste ser ou não de propriedade de um fiel da igreja. Tal concepção está pautada na ideia de que deve haver uma cooperação entre os mesmos. Cria-se, portanto, uma rede de cooperação que muitas vezes não é explícita no cotidiano, que só serão desveladas ao se testemunhar o dia-a-dia dos fiéis.

No quarta fala, um dos pastores destaca que em uma de suas atividades de lazer (o futebol) se dá exclusivamente com os membros da igreja, pois segundo ele, convidar pessoas externas as igrejas acarretariam em comportamentos não aprovados pela igreja. Todavia, em outros trechos das falas trazem a ideia de que os fiéis podem frequentar qualquer lugar, desde que estes não ofereçam risco para sua salvação.

#### **4.2.1 Os lugares da salvação e da perdição – em busca de uma territorialidade da Assembleia de Deus**

Pensando na suposta dualidade que alguns autores da geografia da religião, consideram existir, uma dualidade entre os lugares sagrados e profanos, conversamos com os fiéis sobre qual era seu posicionamento em relação a dois termos comumente usados por evangélicos como “lugares da perdição” e “lugares da salvação” (FARIAS e BLANC, 2011). Aqui lugares da salvação seria como o próprio nome sugere aqueles lugares que oferecem ou possibilitam a salvação do indivíduo, a exemplo dos templos. Já os lugares da perdição são inversamente aqueles locais que oferecem risco físico e espiritual para os fiéis, como bares, boates, prostíbulos, motéis e outros. Entretanto, em nenhum momento colocamos tal posicionamento aos relatantes, questionando qual era a opinião deles em relação a esses termos e que correspondência teriam na sua realidade, ou seja, que locais eles enxergavam como favoráveis ou desfavoráveis à sua prática religiosa. Na verdade, nossa hipótese residia justamente no fato de que não existem lugares sagrados ou profanos ou de salvação e perdição. Consideramos que quem dá sentido e significado a aquilo entendido como sagrado e profano é o sujeito, que em muitos casos, mudam seus conceitos e convenções constantemente. Conforme já ressaltado anteriormente, a partir da concepção de Cassirer, é o sujeito que dá sentido. E o sentido desse mundo e dos fenômenos podem ser entendidos pelos símbolos.

Antes de nos referirmos a lugares de salvação e de perdição, torna-se necessário o que é entendido pelos fiéis como salvação. Para conseguir a salvação vários processos são necessários.

Nos relatos dos fiéis é frequente verificarmos que muitos deles relatam que consideram como “locais de salvação”, principalmente igreja e a sua casa. A casa aqui é entendida não só como a construção em si, mas como uma unidade familiar, um lar onde se congrega a família. De forma semelhante a igreja não é considerado em si como um lugar de salvação mas sim o que ela representa, pois como bem explica um dos depoentes “[...]a Igreja é tipo um prédio, uma simples estrutura, eu não vejo aquilo como algo sagrado, é um objeto no qual eu não tenho que me apegar”<sup>54</sup>. Alguns consideram que a igreja a casa são elementos complementares ou um só elemento, quando dizem que sua casa é a igreja. Tanta a igreja como a casa têm papéis

---

<sup>54</sup> Trecho do relato de Rubens – fiel nato na fé evangélica – setembro de 2016.

centrais na religião como sendo o esteio, o suporte para vida do indivíduo. Compreender as espacialidades do lar e da igreja as relações que poder que neles se estabelecem ajudam a compreender as relações em sociedade. E como já verificado anteriormente se de um lado temos lares formados por gerações nascidas na Igreja Assembleia de Deus, em outros casos temos elementos isolados se convertendo, fazendo com que o lar seja muitas vezes o *locus* da contradição, conflito e complementariedade de féis religiosas diversas. Quando nos referimos a família, estamos nos remetendo a concepção do *ethos* pentecostal como destacam Pantoja e Costa (2013, p. 254), a família seria assim concebida:

A família é um bem precioso e deve ser preservada e mantida de acordo com a determinação de Deus: monogâmica, heterossexual e com fidelidade conjugal para os dois cônjuges. Os conflitos familiares são provocados pelos demônios. (PANTOJA E COSTA, 2013, p. 254)

Embora a monogamia e infidelidade não tenham tido grande destaque nas falas dos fiéis, a homossexualidade foi tratada em muitos relatos como um problema<sup>55</sup>, bem como muitos relatos atribuíam aos demônios certos problemas que ocorrem em sua família, conforme abordaremos mais a frente quando tratarmos da influência das forças espirituais na vida das pessoas.

O papel da família e das relações que nela se estabelecem é aprofundado no estudo de Magalhães Filho (2014), que em sua tese de doutorado afirma que existiria da comunidade pentecostal:

[...] um movimento de construção de uma sociedade fundamentada em princípios conservadores e que tem como fundamento e valores a obediência, a ordem, o modelo centrado na família monogâmica e heterossexual e a meritocracia. Estes valores têm uma base religiosa (a Bíblia Cristã), mas também uma orientação de manutenção de uma sociedade comprometida com o capital e que precisa de uma população satisfeita com sua condição. (MAGALHÃES FILHO, 2014, p. 8)

---

<sup>55</sup> [...] Mas se você sabe e sabe que não agrada a Deus, numa festa mundana, de diversão, onde você encontrar álcool, droga, onde você encontra todo tipo de perdição, o **homossexualismo, e lesbianismo** e vários outros tipos de perdição, então não era pra você estar lá. (Relato de Juliana – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017)

[...] Nós também temos esse projeto social de conversar com as prostitutas e os moradores de rua, e muitas vezes eles vem para Cristo. **Como teve caso de homossexuais que vieram para Cristo. E como pode dizer, eles deixavam as práticas que eles praticavam.** (Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015)

[...] E quando ela falava que vivia num sonho dela triste chorando, porque ela diz que ouvia a voz do meu filho clamando dentro daquela casa, sabe porque meu amado, porque o meu joelho aqui, quando ele se dobra é clamando pelo senhor para libertar meu filho que é homossexual. [...] E meu filho vem também meu amado, Ele é homossexual, eu falo das coisas de Deus Para ele, mas entra por um ouvido e sai pelo outro. Mas é Deus que faz a obra. Deus falou para eu falar a palavra dele, mas quem prepara o Espírito Santo, porque ele é poderoso. (Relato da senhora Claudia – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017).

Não só a família é considerada uma das mais importantes instituições da sociedade como também ocupa papel central no meio religioso. E o arranjo familiar ideal pregado pela igreja, conforme pode ser verificado na citação de Magalhães Filho (2014), é daquela família que além dos aspectos já citados também sejam casadas oficialmente (no civil), existindo ainda a possibilidade de existência de famílias monoparentais, que são aceitos em alguns casos devido a fatalidades como viuvez ou divórcio por adultério. Nas famílias onde a Assembleia de Deus não é unanimidade, existe o desejo dos relatantes que os demais membros da família se convertam, como já verificado nos discursos dos fiéis convertidos. Todavia, conforme verificado na primeira parte da pesquisa uma das buscas dos sujeitos é de que todos os membros de sua família se convertam. Tal premissa de converter desde os mais próximos até levar a ação da igreja por meio das missões para todo o globo se dá em várias passagens Bíblica, sendo que a principal delas e grande lema das Missões Assembleianas é: “[...] mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (Bíblia Sagrada, Ato, c.1.v.8). Outras Passagens bíblicas fazem referência a missão de disseminar a palavra de Deus para o mundo<sup>56</sup>. Podemos dizer que a começar pelo sujeito a partir de sua casa, na tentativa de converter seus familiares, amigos, vizinhos e colegas de trabalho, têm-se uma ação institucional da Igreja, chamada de Missões que tem como objetivo levar a palavra de Deus para o mundo, conforme relata a Missionária, falando na necessidade de conquistar um terço do mundo.<sup>57</sup>

Para não adotarmos aqui os conceitos de sagrado e profano, preferimos como relatado anteriormente adotarmos as expressões “locais de perdição” e “locais de salvação” (conforme propõe Farias e Blanc (2011). Nesse sentido, ao propor essas denominações primeiramente questionamos aos nossos sujeitos o que achavam dessa expressão e se concordavam com elas e na sequência provocávamos a saber que locais eles poderiam e deveriam ir para alcançar os desígnios dos dogmas de sua igreja e que locais eram proibidos e ou não indicados para serem frequentados por um fiel da Igreja. No primeiro grupo de relatos que trazemos aqui, evidenciaremos um grupo que acredita que existem esses “lugares da salvação” e da “perdição” de nos indicaram quais são esses locais e essa territorialidade da salvação e da perdição, constante no Apêndice 9.

---

<sup>56</sup> [...] ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” - Mc 16.15; [...] ide a todas as nações” - Mt 28.19; [...] em todas as nações” - Lc 24.47; [...] trazendo salvação a todos os homens” - Tt 2.11 (Bíblia Sagrada).

<sup>57</sup> Pregação da Missionária Kelen Gaspar durante o XVIII Congresso das Missões em Bragança – 2016.

Essa territorialidade da salvação se atém principalmente a Igreja, a casa e ao corpo dos fiéis. Alguns chegam a argumentar que é justamente por meio do corpo que se constitui a residência, o lar e a família, e também a própria igreja é composta por pessoas que possuem dentro de si, aquilo que é considerado sagrado.

Um dos primeiros relatos o fiel considera que a salvação, seria toda ação levada a cabo tendo como objetivo os desígnios divinos, podendo, portanto, ocorrer em qualquer lugar. Nesses relatos coletivos que existe uma tríade entre igreja, casa e corpo, como locais de salvação, ou a territorialidade da salvação, locais que são apropriados, ou na linguagem evangélica, consagrados para finalidades divinas.

Todavia, também existe uma territorialidade da perdição, que corrobora a primeira parte dessa pesquisa, onde os locais de perdição seriam os bares, locais de festas, locais de tráfico de drogas (lícitas e não lícitas).

Num dos relatos, a fiel não condena as festas como um todo, se refere apenas as “festas mundanas”, talvez considerando que as festas realizadas pela igreja possuem outro status. Tal inferência que aqui fazemos é baseada no que não foi dito pela fiel.

Em outro relato evoca a questão da identidade evangélica, que para além da vestimenta e do hábito de portar a Bíblia consigo, conforme relata a fiel, transcende tal estereótipo para uma identidade mais profunda que é seu modo de vida, seu comportamento. O relato externaliza uma grande preocupação que se repete em inúmeros depoimentos dos fiéis, ou seja, não somente o fato de frequentarem “locais de perdição”, uma das grandes preocupações é não ser visto neles. Aqui, indiferentemente da ação que estejam realizando em um determinado local, um bar por exemplo, mesmo o que o fiel não esteja bebendo ou realizado algo que vá contra os princípios da igreja e da palavra de Deus, muitas pessoas “os outros”, podem fazer um pré-conceito ou pré-julgamento ao avistá-la nesses locais. Tal postura evidencia uma vigilância constante entre os fiéis, que por vezes podem redundar em uma punição, ou sofrer algum tipo de disciplina, conforme relata uma fiel<sup>58</sup>. Aqui mais uma vez fazemos referência a Foucault e sua teoria no Panóptico, um instrumento eficaz porque a sensação de vigilância constante, ao

---

<sup>58</sup> [...] a gente se baseia muito em Galatas, todas as coisa que lá em Galatas diz assim, obras da carne e obras do espirito. Ai a gente vê, as obras da carne o que é? E as obras do espirito o que é? Obras da carne: feitiçaria, adultério, facções, glutoneria, então bem um bocado de coisa que a gente se baseia ali. Olha essas coisas estão escritas em Galatas e diz que praticam essas coisas não herdaram o reino dos céus. Então a gente evita praticar, mas não quer dizer que ninguém não pratique. E se praticar a gente sabe que **nossa punição vai ser exemplar [...]** (Relato de Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016- grifo nosso)

menos na teoria, faz moldar o caráter do indivíduo vigiado para que ele pareça estar cada vez mais dentro dos limites estabelecidos de comportamento, ou seja, se utiliza um recurso essencial: o poder visível e inverificável (FOUCAULT, 2008). A pessoa vigiada sabe que está sendo vigiada (seja por outras pessoas – ou pela onipresença de anjos, demônios e do próprio Deus), porém não tem certeza de quem o está vigiando, mas tem certeza que está sempre sendo vigiado, fato esse que faz com que esse faça o que é esperado, segue as regras para não ser punido<sup>59</sup>.

Um segundo grupamento de respostas a mesma problemática sobre os “locais da salvação” e de “perdição” nos oferecem respostas, que além da igreja, da casa e do próprio corpo, considerados como locais de salvação. O corpo é citado por inúmeras vezes como um local sagrado, razão pela qual muitos dos assembleianos tem como orientação preservá-lo evitando vício de qualquer natureza (drogas, álcool, cigarro, sexo, etc.). Conforme apontamos na revisão teórica Cavalcante (2012. p. 39) explica que os evangélicos no Brasil buscaram uma cultura de “repressão do corpo e de todo prazer que pudesse advir dele ou a ele ser direcionado”. Todavia, diante das demandas por lazer atuais as igrejas tem promovido atividades de um lazer “consagrado” e saudável, voltado a questões de edificação espiritual.

Sob o cuidado com o corpo, relata Maria:

**Meu corpo é sagrado, minha casa também.** Tanto é que na minha casa, eu evitaria levar. Eu oro sempre pela minha casa, a gente pede sempre proteção de Deus. **Mas muito mais que minha casa meu corpo é um lugar sagrado, isso com certeza.** É algo sagrado demais, porque assim, como eu vejo isso como sagrado, porque a gente aprende que o espírito santo habita na gente. Então tudo de ruim que a gente fizer a gente a gente também vai estar fazendo contra o Espírito Santo que habita em mim. Então eu vou estar pecando contra o espírito santo e contra a casa do espírito santo que é meu corpo. Então o mal vai ser dobrado. Se eu pecar contra o meu corpo, o Espírito Santo de Deus vai sair de mim, eu vou sentir angustias e tristezas. E isso já senti na pele, por exemplo, de coisas que não era pra eu ter feito, naquele momento e depois eu me senti muito mal. Eu chorei bastante, eu pedi perdão, porque eu sei que pequei contra Deus e conta o Espírito Santo de Deus. Não agora né, mas no passado, principalmente na juventude, quando a gente não mede muito bem as coisas. (Relato de Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016- grifo nosso)

---

<sup>59</sup> [...] Este estado de “vigilância constante” no Panóptico é o mesmo empregado pela Igreja: a figura de um deus que vigia cada passo e para quem se prestaria contas após a morte de um indivíduo, mas que é uma figura que nunca é vista. Um crente afirmar que Deus está em todos os lugares e que Ele segue todos os seus passos torna-se igualmente aterrorizante pelo fato de que religiões, assim como prisões ou manicômios, trabalham com sistemas de recompensas e punições. Se o prisioneiro não se rebela, terá seu alimento e seu banho de sol como recompensas pelo bom comportamento; se ele se rebela, poderá sofrer punições severas. Um crente que segue os mandamentos da Igreja e se comporta como Deus espera terá como recompensa a salvação, como citado na Bíblia, Livro de Marcos, Capítulo 16, versículo 16: “Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado”. [...] A Igreja é o sistema burocrático que averigua se tudo o que Deus pediu está acontecendo. A Igreja também exerce o papel de dispositivo de poder por criar outros sistemas paralelos que fazem a manutenção deste sistema burocrático maior. (AMARAL 2016, p. 6)

No relato de Darci<sup>60</sup>, esse reitera que o local da perdição é aquele que induz ao erro, e que se deve afastar desses locais em razão destes apresentarem risco a sua espiritualidade.

No primeiro relato<sup>61</sup>, do quadro 10 (Apêndice12), o fiel reitera a preocupação com o juízo que outros fiéis podem fazer ao visualizar um outro fiel em um “lugar da perdição”, retomando a preocupação com a transgressão e a vigilância. Todavia, essa mesma pessoa afirma que o local por si só não possui significação, ou seja, são as pessoas e sua intencionalidades que definem o lugar, característica esta que vai ser aprofundado no terceiro conjunto de relatos (confirmando com isso nossa ideia de que não são os lugares que são sagrados, mas sim que os indivíduos atribuem significado a esses locais).

Nesse conjunto de relatos, os dois presbíteros formam um grupo distinto dos demais ao discordar da existência a priori de locais de salvação e perdição. O primeiro relato<sup>62</sup> afirma taxativamente “lugares sagrados eles não existem”, e que “qualquer lugar pode ser de salvação e perdição”. Aqui o sujeito destitui qualquer aceção pré-concebida em relação aos lugares, ou seja, o que atribui se um lugar é “de salvação” ou “de perdição”, é a intenção do indivíduo que o caracteriza. Todavia, lembra que os locais da perdição são caracterizados por desconstruir os preceitos da igreja. Diz também (assim como no segundo relato), que existem lugares e objetos que podem ser consagrados, ou seja, que são designados para seu uso específico da igreja. O segundo entrevistado<sup>63</sup> além de reiterar a fala do primeiro, considera que o que é aspecto sagrado ou profano reside nos indivíduos. Reafirma tal posicionamento dessas pré-concepções que por vezes são feitas por outros fiéis, usando o exemplo de um jogo de bilhar, que sendo usado como distração não possui problema algum, todavia quando usado para apostas e outros fins poderia ter uma outra leitura. Possuir uma dessas mesas de bilhar poderia ser interpretado e julgado erroneamente por outros fiéis. Mais uma vez surge o elemento do controle e da vigília por parte de outros fiéis como uma preocupação reiterante.

Também com uma posição inicial que corrobora o relato dos presbíteros a fiel Ana<sup>64</sup> diz que também considera que qualquer lugar pode ser um lugar da salvação. Ela considera que quando as ações levadas a cabo pela igreja faz com que espaços públicos e privados tenham

---

<sup>60</sup> Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015.

<sup>61</sup> Relato de Mariano – convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017.

<sup>62</sup> Relato de Presbítero 1 - nato na Assembleia de Deus – junho de 2016.

<sup>63</sup> Relato de presbítero 2 – convertido – junho de 2016.

<sup>64</sup> Relato da Ana – fiel nata na fé evangélica – 24/09/2016.

uma significação sagrado e que esse mesmos espaços podem ser usado para fins mundanos e portanto, podem se tornar locais de perdição. Exemplifica ela

**[...] Mas a praça não é o momento de salvação quando ela leva para lá uma pessoa que vai cantar músicas, por exemplo, músicas que vão denegrir a imagem das pessoas. Aqueles funks horríveis onde se rebola e que a dança é sensual. Crianças estão dançando sim sensual. Estão se erotizando com certeza. Então esse é o momento onde tem bebida onde tem droga, então aí, lá, não vai ser momento de salvação. Vou lá no balneário, e quando levo todos os jovens para lá, é um momento da salvação, para que eles se divirtam, jogue a bola deles. As crianças brincam, mas de uma maneira harmoniosa. Mas se tem um dia que tem uma festa e tem lá um tremendão ou um qualquer outro som. Ou uma festa onde tem álcool, já não é um ambiente da salvação. É o mesmo local, só que num momento é de salvação e de outro de perdição.** As intenções são diferentes. [...] (Relato da Ana – fiel nata na fé evangélica – 24/09/2016)

O relato dessa fiel destaca a apropriação de espaços públicos como praças e ruas onde com ajuda de crianças e outros fiéis são feitas campanhas de evangelização. Ela destaca que a praça em um momento pode ser lugar de salvação ou mesmo local de perdição quando é utilizada para outros fins como festas, onde é feito consumo de bebida alcoólica, onde se toca o Funk e usa-se roupas sensuais, nesse momento, segundo ela esse espaço se torna um espaço de perdição. Relata também essa mesma capacidade dual de salvação se aplica aos balneários. Em certo momento ela reitera que “não importo qual é o lugar, o que importa é a sua intenção”, corroborando os relatos anteriores e deixando evidente que o espaço, possui um uso múltiplo por diversos sujeitos sociais, que se apropriam<sup>65</sup> dele com finalidades diferentes. Nesse sentido, cabe aqui a discussão de Haesbaert (1999), sobre o território e a territorialidade diz:

O território envolve sempre, ao mesmo tempo [...] uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de 'controle simbólico' sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta de caráter político-disciplinar; a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1997, p. 42)

[...] a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está ‘intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar’ (HAESBAERT, 2007b, p. 22)

Quando refere-se a esse processo de apropriação de um espaço público ou mesmo privado pela igreja e seus fiéis, essa é uma forma de identidade territorial atribuída pelos sujeitos e por seu grupo (igreja), que não só é cultural como é simbólica. Ou como considera Bonnemaison, para analisar e compreender essa territorialidade se apoia numa relação endógena e exógena, devemos apreendê-la na movimentação entre o fixo e o móvel. Em suas

---

<sup>65</sup> Apropriação sendo “[...] um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do "vivido", do valor de uso” (HAESBAERT, 2004, p. 19)

palavras “... a territorialidade é uma oscilação contínua entre o fixo e o móvel, entre o território “que dá segurança”, símbolo de identidade que se abre para a liberdade, às vezes também para a alienação. ” (2002, p. 107). Ao conceber o espaço público em seu momento de perdição, da festa, o fiel pode estar adentrando em uma territorialidade que não lhe é permitida pela religião, estando sujeito, portanto a disciplina ou mesmo punição da igreja e/ou divina.

Assim, ao objetivar “ganhar almas para Jesus” (para usar a expressão dos assembleianos), eles estão buscando atrair as pessoas para seus ideais religiosos e ao modo como esses significam o lugar. Portanto, para eles, no momento em que estão realizando uma atividade para igreja e em nome de Deus aquele lugar pode ser um lugar sagrado ou da salvação, desde uma praça, um ônibus, ou qualquer outro lugar onde esteja sendo feita uma pregação, testemunho, etc. Do contrário, se as práticas ali exercidas são consideradas como uma violação aos princípios da igreja, essas são práticas que levam a perdição, são “espaços de perdição”, uma territorialidade que deve ser evitada. Assim, o espaço não é em si, mas sim segundo a intencionalidade dos sujeitos.

Quando nos referimos as atividades de lazer que eles realizavam nessa segunda etapa da pesquisa, as atividades de lazer envolvendo a igreja ainda continuam muito fortes, corroborando os resultados na primeira etapa da pesquisa. Todavia, percebe-se que as respostas desse segundo momento apresentam uma territorialidade mais reduzida, ficando restrita principalmente à locais como a igreja e suas atividades correlatas, atividades realizadas junto a família e também certa frequência a praias, balneários e locais de alimentação. Teríamos uma territorialidade evangélica em Bragança que se dá no circuito da casa, igreja, trabalho e escola e locais de alimentação.

Em relação as atividades, existe certo predomínio das atividades que envolvem a música e o canto, com muitas ocorrências desse tipo de atividade, seja na elaboração de canções e cantos por parte de membros da igreja que trabalham com essa área e os fiéis que dizem escutar e cantar com certa frequência. As canções evangélicas além de estar presentes nos rádios e TVs das residências dos fiéis, também estão presentes em muitos pontos comerciais e até mesmo nos transportes públicos, bancos, repartições públicas e outros. Fazemos tal afirmação não só baseado nos trabalhos de campo, mas pelas experiências vividas no cotidiano da cidade, ao presenciar a reprodução de músicas evangélicas em lojas de roupas, em ônibus intermunicipais, em órgãos de repartições públicas e outros. Conforme defendem Duffy e Waitt (2011), os sons são um modo de compreender os lugares de nosso dia-a-dia (DUFFY e WAITT, 2011). A

geografia tem se debruçado a algum tempo buscando desvendar essa geografia dos sons (TORRES, 2016a; TORRES e KOZEL, 2010, TORRES e KOZEL, 2012), seja em centros urbanos (WISSMANN, 2016), rurais e chegou até mesmo a analisar a espacialidade das músicas religiosas (PAIVA, 2018, TORRES, 2016b).

Participar das atividades da igreja também tem grande destaque, como servir, ler a palavra, conforme demonstram os relatos dos fiéis do quadro 8 (Apêndice13).

Curiosamente, aqueles que são natos na fé evangélica possuem hábitos de lazer mais diversificados, conforme pode ser observado em alguns relatos:

[...] **As coisas que eu gosto de fazer é tomar banho de rio, ir a praia.** Se eu pudesse eu gostaria de ir nos **cinemas** mas aqui não tem. Mas o meu lazer mesmo é ir a **praia e ao rio, ir as pizzarias, sorveterias, restaurantes, se tiver circo, ir no circo e shows, principalmente shows, principalmente shows gospel.** E mesmo se não for Gospel eu também vou, porque é festival de **música**, eu vou estar lá como musicista e aprendiz. (Relato de Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016- grifos nossos)

[...] Olha, assim, eu gostava de **futebol**, mas eu não pratico mais por causa da ocupação diária. Mas eu gosto muito de **tocar violão. Eu tinha uma banda, eu tocava violão**, mas hoje só toco em casa. **Eu jogo xadrez.** Eu deixei algumas atividades de lazer não porque eram proibidas. **Eu gostava de pedalar também.** Eu também assisto muita série, muito filme. E aos finais de semana eu sempre **vou para um Igarapé, um rio, junto da natureza. Quando a gente vai pra fora, vai conhecer alguma praia, algum igarapé. Eu sempre vou nas praças também, vou no Bem Querência [restaurante], jantar, na Orla. [...] Muitos irmãos procuram ir em estabelecimentos de outros irmãos como pizzarias, restaurantes, etc.** (Relato de Rubens – fiel nato na fé evangélica – 24/09/2016)

Na primeira fala está presente uma preferência por atividades musicais, sendo um hobby para esta fiel. Esta apresenta uma territorialidade de lazer diversificada, frequentando restaurantes, pizzarias, sorveterias, bares, shows de música gospel e de MPB. Ela diz não gostar das festas dançantes e das praças por não se sentir segura. Outra atividade destacada pela fiel como uma de suas preferidas é ir ao circo. Em outro trecho de sua fala ela relata uma história ocorrida quando era ainda criança e que envolvem a proibição da visitação ao circo, segundo os costumes de sua igreja na época. Diz ela:

[...] a mamãe tinha ido no circo, no cinema acho que foi com outra irmã dela. Eu sei é que mamãe foi penalizada por causa disso. [imitando o pastor] **‘você vai ser disciplina na igreja, você vai ser excluída, porque você foi ao circo. Você não sabe que isso não é lazer para evangélico?’.** Então mamãe foi afastada da igreja, ia pra igreja e chorava, porque ela não podia participar de nada. Ficava lá sentada num banco. Dai quando foi um dia ele foi lá e disse, pode voltar, se você se arrependeu de um teu tempo. **Então quando se dava um tempo era tipo 6 meses de punição, 6 meses**

**em disciplina, conforme era o tamanho do pecado.** Então minha mãe foi, pediu perdão, disse que nunca mais ia ir. Então pra nós foi muito difícil enquanto filho, botar na cabeça da mamãe que a gente queria ir. Mas como nosso pai era mais doidão ele dizia, **todo mundo vai pro circo hoje [...]** (Relato de Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016- grifo nosso)

Nesse trecho podemos destacar que a experiência vivida em sua infância, de restrição de certas atividades, seja de ir ao circo, ou mesmo participar de práticas esportivas (como relato em outro momento) poderia ser considerado um grave pecado segundo os usos e costumes da época. Ainda que esse costume esteja cristalizado no comportamento de muitos fiéis mais tradicionais, há que se considerar que alguns conseguem se adaptar as mudanças desses usos e costumes enquanto outros buscam permanecer nessas práticas e exigir que seus filhos e parentes também o façam. Como pode ser verificado e, alguns relatos a nova geração de fiéis por vezes acaba entrando em conflito com as gerações mais antigas em função dos usos e costumes. Mesmo conflito acaba ocorrendo dessas diferentes gerações de acordo com a postura de cada pastor em suas congregações. Outro foco de conflito crescente é em relação à discussão de gênero na igreja Assembleia de Deus, como bem destaca o estudo de Bandini (2015).

Ir aos rios, praias e igarapés é uma territorialidade que permanece, seja em os fiéis nascidos na fé evangélica ou mesmo daqueles que se converteram, já que constitui um traço característico de comunidades que vivem próximos aos rios e praias da região. A defesa para fundamentar esses lugares acaba ganhando vários contornos, pois conforme uma das relatantes:

Vamos em Balneário sim, vamos na praia sim. **Porque as pessoas costumam dizer, “tu vieste para praia, tu não tá pecando não?”. Eu não tô pecando!** Deus fez a praia para mim, ele fez o rio para mim ele fez a natureza para mim. **Agora como eu vou à praia? Eu vou em família!** Eu não preciso estar fazendo coisas erradas, vou me divertir com a minha família, eu vou usufruir do que Deus me deu. Nós vamos nos finais de semana, e tem o sítio da minha mãe dos meus irmãos, nós vamos e nos divertimos. Só que lá não tem a bebida, não tem essas coisas pecaminosas também. Não tem prostituição e essas coisas. **É tudo em família.** (Relato da Ana – fiel nata na fé evangélica – 24/09/2016)

Considerando a fala da fiel, podemos inferir que a mesma já deve ter sido interpelada por outras pessoas pelo fato de frequentar tais locais, razão pela qual ela justifica sua visitação. Ela considera que a natureza é uma obra de Deus e deve ser usufruída por ela e seus familiares, dentro do que pregam os fundamentos de sua fé, sendo considerada, portanto uma atividade saudável de lazer para ela e sua família. A forma e a intenção de como se frequenta os locais também é levada em consideração. Ao falar sobre a praia de modo específico da natureza como um todo, como uma obra divina legada aos homens, aos quais devem cuidar e preservá-la da melhor forma possível, fazendo uso desse recurso de igual modo. Diz ela:

Por exemplo, quando se fala na praia [...] **Não é a praia! É a pessoa! Tudo que Deus fez, o mundo, ele fez para nós. Para nosso habitar, para nós cuidar, para nós viver, para nós aproveitar.** [...] **Então eu acho que a intenção da pessoa que conta e não lugar.** Todo lugar foi ele que criou, não a parte material que são as casas, que faz a parte do homem que o homem criou. Então os locais é tudo dele, foi ele [Deus] quem criou. (Relato da senhora Graça – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017 – grifo nosso).

Mais uma vez os sujeitos informam que o lugar em si não possui uma determinação de valor em, ou seja, nele não é bom ou ruim, de “salvação” ou “perdição”, pois depende daqueles que fazem uso desse e das intenções que os movem. Os usos e costumes das religiões, como já afirmamos anteriormente mudam de acordo com o tempo e o espaço, ou seja, o local onde ocorrem. Exemplo disso é fornecido na fala de Rubens que afirma que mesmo a praia, considerada no passado como um local que oferecia risco a espiritualidade dos fiéis, hoje isso não estaria acontecendo nas pregações assistidas por ele, embora reconheça que existem alguns lugares onde isso ocorre.

Ainda enquanto é criança adolescente havia uma certa restrição com relação a gente ir para praia por exemplo, no período do verão, meio de julho, porque não poderia ir para praia porque era o período em que estaria mulheres semi-nuas. Hoje em dia isso mudou um pouco, **não eu não vejo mais isso nos sermões, eu vejo, em alguns lugares ainda vejo. Não vejo mais isso nos sermões de maneira assim bem trabalhada como era antigamente, muita coisa mudou.** (Relato Rubens – fiel nato na fé evangélica – morador da Praia de Ajuruteua - 23/09/2016 – grifo nosso).

Todavia, ao que parece, não existe um consenso entre os fiéis sobre a proibição ou não de se frequentar a praia, conforma nos diz, que além nos alertar que encontraríamos durante a pesquisa visões opostas a respeito do lazer dentro da Assembleia de Deus, relata uma discussão que teria ocorrido durante um grupo de estudos da igreja a respeito da frequência da praia. Ela relata:

Talvez você veja duas visões uma voltada a uma igreja mais tradicional e outra renovada dois tipos de lazer. Eu tava pensando ontem tem certos lugares a praia o rio são lugares que a gente vai muito e tem muita gente que combate [não aceita]. **Teve um seminário esses tempos atrás um irmão disse que em julho não era tempo para os crentes de ir para praia porque tem um aglomerado de gente, tem que ir fora da temporada.** E eu perguntei e o que que tem? As pessoas por acaso vão matar umas às outras? **Mas aí que tá querida você tá lá tem muita bagunça você vai acabar caindo em tentação, pode isso, pode aquilo. Então eu disse: ‘se o senhor é fraco e não consegue ver uma mulher de biquíni é melhor o senhor ficar em casa, melhor o senhor não vá’.** E daí foi uma confusão o pastor disse: ‘gente não vamos se agredir’. Mas aqui não é culto então se esse senhor vem falar que não é para nós irmos à praia nós podemos discutir isso aqui. O que eu sou contra é que fica impedindo as pessoas de irem. **O problema não é o lugar e sim a intenção da pessoa.** (Relato Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016)

Pelo que podemos inferir a partir do relato da fiel, existe ainda a resistência de muitos fiéis que enxergam a praia como um lugar que oferece riscos para os evangélicos, já que seriam

o *locus* onde outras pessoas com intenções diferentes das suas, poderiam oferecer riscos por meio de “tentações”. A fiel assim como muitos outros relatam, considera mais uma vez, que não seria o local o problema e sim as intenções pelas quais as pessoas se apossam o usufruem do território segundo seus interesses. Se no plano material as intenções não são visíveis, o comportamento em muitos casos se traduz como a representação daquilo que os sujeitos ambicionam. Assim, numa mesma praia teríamos territorialidades sobrepostas, com intenções diferenciadas, um local de conflito exteriorizado ou não. Se de um lado temos famílias procurando lazer, no mesmo local temos pessoas em busca de diversão, descanso, relaxamento, pesca, natação, práticas esportivas, por outro lado, existem pessoas que procuram festas, sexo, drogas, furtos e roubos, etc. E para um outro grupo ainda a praia, é um local de trabalho seja para pescadores, hoteleiros, vendedores ambulantes, comerciantes, policiais, marinha, entre outros.

Importante reiterar que respeitado os pressupostos religiosos da religião, existe atividades de lazer do chamado “*Abnormal leisure*” ou “*Dark Leisure*”, ou seja, o lazer anormal ou lazer obscuro, pode envolver violência, prazer, sexo, prostituição, uso de drogas, envolver dor, tortura, morte, medo, shows, etc. Existe uma grande número de pesquisadores (CARR e PORIA, 2010; CARR e PORIA, 2010; STENSENG, RISE e KRAFT, 2011; STONE e SHARPLEY, 2013; ROJEK, 1999; WILLIAMS, 2009), se que se debruçam, sob essas temáticas trabalhando.

Considerando que a igreja possui uma forte relação entre o mundo material e o mundo imaterial, e que muitos fiéis ao buscar a igreja o fazem não somente para tonar sua vida terrestre melhor, mas também uma vida pós-morte melhor. Assim conforme vê-se nos relatos que irão ser proferidos pelos fiéis, a vida “mundana” e as ações realizadas nessa vida, têm reflexo em outra territorialidade, a territorialidade espiritual. Existe uma ambição de uma melhor morada em outro plano, uma nova territorialidade com menos obstáculos e menos sofrimentos. Não só no dia-a-dia o conflito estaria presente no mundo percebido pelas pessoas, mas também existiria uma outra guerra sendo travada por forças invisíveis entre o bem e o mal em nosso mundo, onde os seres humanos seriam influenciados por essas forças e seres invisíveis (anjos e demônios). Partimos do pressuposto nessa pesquisa que as territorialidades adotadas pelos fiéis após sua conversão, está fundada em um conjunto de valores, doutrinas e dogmas religiosos que não só podem mudar suas ações e territorialidades terrenas, com lhe prometem legar uma territorialidade celeste e divina, em um ambiente harmonioso, de alegria e isento de todos os

problemas que se têm na terra. Do contrário, aqueles que, conforme as palavras de uma fiel, “[...] se desviar do caminho acontece algo que é totalmente inverso do céu que é sofrimento eterno, que é inferno”. A ideia de caminho, portanto pautada nos pressupostos religiosos, de ordem e de submissão as doutrinas da igreja, assegura uma melhor situação em um outro plano. Mais uma vez, é propagada pela igreja a promessa de que aqueles que seguirem as regras, serão recompensados e aqueles que não o fizerem serão punidos. Uma das recompensas mais comumente reconhecidas em muitas religiões cristãs concebe que o pós-morte constituiria num descanso eterno nos céus. Parece lógico nessa narrativa mítica de origem do universo criado por Deus que se iniciou com trabalho e teria sido finalizado com um dia de descanso, da mesma forma, os fiéis adotam essa lógica narrativa que após uma vida de trabalho, seria coerente que obtivessem o tão almejado descanso.

### **4.3. As territorialidades imateriais dos sujeitos**

De forma a melhor entender esse espaço intangível e tão almejado pelos fiéis, o céu ou o paraíso. Perguntamos à eles como estes imaginavam esse reino prometido, que é condicionado à aqueles que tiveram conduta exemplar seguiram os preceitos religiosos e que assim conseguiram a tão almejada salvação. Ao tentar compreender como estes pensam/imaginam como é o céu, acreditamos não estar escapando ao nosso tema, já que a origem e o fim do mundo o mito fundador e o mito “finalizador” (se é que se pode falar em fim considerando que o pós-morte é uma eternidade) são narrativas que permeiam todo o discurso religioso, condicionando sua destinação final de acordo com as ações levadas a cabo na vida terrena. A territorialidade terrena, portanto, segundo nosso ponto de vista, está voltada a conquista de uma territorialidade intangível em outro plano após a morte. Assim, de acordo com o discurso religioso, aquele que conseguiu controlar seus impulsos e seus desejos, freando-os, impedindo que esses fossem efetivados, nesse caso obteriam a recompensa de adentrar o Reino dos Céus, do contrário, aqueles que deram vazão aos seus desejos e instintos e se debruçaram a desfrutar de bebidas, sexo, drogas, prostituição, jogos, e outros teriam como destino final o inferno. Acreditamos que não podemos compreender a postura dos sujeitos e suas territorialidades terrenas ou mundanas, sem conhecer qual é a verdadeiro reino que tantos procuram, que é um mundo que não se situa na materialidade.

Nesse sentido, buscamos compreender de que forma os fiéis nascidos ou não na fé evangélica enxergavam o céu, o paraíso ou Reino de Deus. Apesar de grande parte dos relatos apresentar sua concepção de céu, chama atenção certas dúvidas e incertezas de como efetivamente seria esse “lugar”, conforme pode ser verificado em vários relatos<sup>66</sup>. Alguns alegam que tal imaginação transcenderia a compreensão humana, enquanto outros alegam não conseguir descrever exatamente o que pensam, fato esse que nos faz questionar talvez os limites das teorias representacionais, conforme já apontado por Thrift (2007)<sup>67</sup>. Segundo Paiva (2018), essas teorias não-representacionais (muito embora alguns acreditem que elas não representam uma teoria e sim uma nova forma de análise dos fenômenos que tenta superar as limitações das teorias representacionais, consideradas por alguns autores como teorias mais-do-que-representacional<sup>68</sup> (LORIMER, 2005):

[...] vêm contestar essa divisão, afirmando que o conhecimento não é divisível da realidade no qual emerge, contrariando a clássica divisão cartesiana entre representação e realidade, entre mente e corpo. Neste sentido, a produção de conhecimento passa a preocupar -se não apenas com as representações mentais da realidade (e.g. significados, sentimentos, discursos, estruturas), mas também com o modo como essas representações são produzidas e praticadas corporeamente no decorrer das ações e interações de que o mundo é constituído (incluindo práticas, hábitos, afetos). A performance torna -se assim numa palavra -chave. [...] não é possível, ou pelo menos não é produtor, separar em absoluto o sujeito e o seu exterior, bem como não o é separar a mente (ou psicologia) e o corpo (ou fisiologia) do sujeito. O conceito comum que articula estas noções tem sido o conceito de afeto. A leitura mais tradicional de afeto será a de Espinosa, que é recuperada e repensada por Deleuze (1988), sendo afeto definido como o conjunto de capacidades de um organismo para afetar outros organismos e ser ele próprio afetado. Pensar a partir da noção de afeto implica perceber que a ação humana não é apenas determinada pelo pensamento consciente. Ela é também determinada por vários processos não - representacionais, como sensações ou sentidos, sentimentos, pulsões, hábitos, reflexos fisiológicos automáticos, entre outros [...] (PAIVA, 2018, p. 161-162)

Creemos que talvez essa geografia religiosa possa se servir dessa nova proposição teórica para que se aproxime mais da compreensão desse sujeito único e indivisível que é permeado por um universo de percepções, sentidos e sensações que transcendem a materialidade, como é

---

<sup>66</sup> [...] o céu, tá além do entendimento humano, **eu não sei descrever**”. (Relato de Presbítero 1 - nato na Assembleia de Deus – junho de 2016 – grifo nosso)

[...] **Eu não sei, porque não sei mesmo** [...] (Relato de Batista – fiel convertido na fé evangélica – 20/09/2016 – grifo nosso)

[...] Deus é dinâmico a velocidade dividida pelo tempo e **mais outras coisas que eu não sei alcançar ainda**. [...] **. Tem coisas ainda que eu preciso me aprofundar**. (Relato de Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016).

<sup>67</sup> THRIFT, N. **Non-Representational Theory: Space, Politics, Affect**. Routledge, London, 2007.

<sup>68</sup> “Este foco tende a esbater alguns dos limites tradicionais nas ciências sociais, como as divisões social/biológico ou mente/ corpo, alargando assim o espectro de análise do que é ‘cultural’, passando agora a incluir o biológico, o natural, e o físico”. (PAIVA, 2018, p. 160).

o caso da religião. Reconhecemos que existem críticas atribuídas a essas teorias não-representacionais<sup>69</sup>, ou nova proposta de leitura dos fenômenos.

Além daqueles que se dizem imprecisos com relação ao que entendem ser o céu, podemos dizer que grande parte dos relatos se refere a ele como “um lugar”, acrescentando seus adjetivos e qualidades na sequência. Os relatos também corroboram um discurso coletivo de que este seria um local onde os sofrimentos e padecimentos humanos não existiriam, dando lugar a outras qualidades. O céu seria, portanto, um lugar onde predominaria: a paz, tranquilidade, prazer, gozo, felicidade, segurança e descanso, características seriam escassas ou inexistente nessa existência. Cabe destacar aqui, que muitas das características elencadas pelos fiéis são também características atribuídas ao lazer, ou seja, a tranquilidade, o descanso, a felicidade, o prazer e o gozo. Alguns fiéis destacam que diferente das experiências terrenas, no céu essas teriam um caráter sagrado e seriam eternas.

As privações terrenas enfrentadas pelos sujeitos que obedecem aos dogmas da igreja e do evangelho, portanto seriam recompensados com tudo aquilo de que possa ter sido privado em sua experiência corpórea e de muitas outras que a imaginação não alcança, não representáveis em função de sua própria natureza.

Segundo o quadro 9 (Apêndice 11) de relatos, ao descrever as características o céu, muitos dizem que conforme os relatos bíblicos, as ruas e paredes seriam constituídas de ouro e outros materiais preciosos. Todavia, o primeiro relato descontrói essa narrativa afirmando que essas descrições do céu constituído por riquezas terrenas estariam ligadas a ganância humana. A ideia de beleza e perfeição é também lembrada em alguns relatos, como sendo um local de extrema beleza e perfeição. Outra característica de ligação entre o céu e o plano terreno seria o fato de que para chegar até ele, as pessoas devem seguir os preceitos e estar entre os “escolhidos” ou “salvos” para que assim pudessem “ir morar com Deus”.

Para conseguir realizar tal intento, como já ressaltado, os fiéis usam a metáfora da vida como uma estrada, onde o caminho mais largo e fácil seria o caminho das tentações e do pecado que leva conseqüentemente ao inferno e aquele mais estreito e com privações e sacrifícios que levaria ao céu. O uso de metáforas e parábolas são uma constante no discurso religioso, que busca tentar explicar questões existenciais complexas. As trajetórias de vida dos sujeitos e como

---

<sup>69</sup> Sobre maiores informações sobre a teoria não-representacional na geografia e alguma críticas a ela endereçadas consultar:<http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199874002/obo-9780199874002-0117.xml>

esses se definem e são definidos por outros sujeitos acaba contribuindo para uma formação identitária que serve como referencial norteador das ações desses sujeitos, ainda que imerso em um universo de incertezas e contradições de uma modernidade líquida. As ações, portanto, dos sujeitos em sua experiência terrestre determinam, portanto, sua futura destina(ação), no que poderíamos chamar de “determinismo geográfico espiritual”. O controle das ações dos sujeitos seria e seu julgamento ficaria a cargo de Deus e seus anjos e seu poder de onisciência e onipresença durante toda a existência deste.

Sobre a destinação do céu e do inferno e o poder a vigilância constante a que os fiéis estariam sujeitos o pastor João Aguiar (Bahia), em sua pregação no Congresso de Missões (2016) destaca:

**[..] Tá achando que Deus não sabe o teu comportamento lá na faculdade, lá no teu emprego. Tá pensando que Deus não viu? Está vendo o que você anda fazendo na madrugada na internet. Tá pensando que Deus não sabe o que você tem no seu computador no seu celular guardado? [...] Pergunta para alguém quem é você quando você está sozinho? Não quero ver você aqui meu irmão! Aqui você tem cara de crente, eu quero ver você lá na sua casa de madrugada com o controle da televisão, quando sua mulher vai dormir. Eu quero ver você na internet. [...] Mas ninguém sabia que você namorava por WhatsApp e manda fotos nu, recebendo fotos de mulheres. Quando você terminar de pregar e ia lá para o Hotel e convidava as meninas da igreja para ir lá visitar? Quantas coisas você fez e agora você está aqui. Venha para o lago de fogo, você não gostava de fogo? Agora você vai viver no fogo, coisa triste. (Pregação do Pastor João Aguiar durante o XVIII Congresso das Missões em Bragança - 2016)**

A fala do pastor deixa claro que mesmo, quando as pessoas se acham sozinhas elas estariam sendo vigiadas sem que necessariamente conseguissem visualizar quem as observa, mecanismo semelhante a panóptico de Foucault. O plano do visível, estaria sendo constantemente vigiado pelo plano invisível numa ação contínua e ininterrupta. Outro elemento que estaria inserido nesse processo seria a aparência da essência, quando o pastor relata que embora as pessoas se portem de determinado modo na igreja, podem apresentar comportamentos diferentes em outros ambientes como no trabalho, nos locais de estudo e inclusive na própria residência. Para além do plano das ações não presenciadas por outros sujeitos nos questionamos sobre suas intenções e pensamentos não verbalizados ou representadas, que segundo os pastores, até mesmo estes seriam alvo do escrutínio divino, ao qual tem acesso a tudo e todos.

Quando os fiéis foram convidados a falar sobre o inferno, as descrições e os relatos foram muitos mais longos e rico em detalhes, evidenciando maior conhecimento e capacidade de descrição desse lugar imaginado. De um modo geral, os relatos sobre o inferno trazem um

discurso coletivo em que predomina especialmente o medo, a dor e o sofrimento eterno, muito embora não seja um consenso entre os fiéis. Da mesma forma que alguns depoentes relataram haver uma certa divisão espacial no céu em vários níveis, também em relação ao inferno compreensão se aplica ao inferno. Exemplo disso é realizado no primeiro relato em que o fiel faz referência a apresentação do inferno realizado por meio da música e de obras de literatura, como a obra de do Dante Alighieri (1998 -A Divina Comédia<sup>70</sup>) e de um sinfonia que teria sido inspirada nessa obra, poema sinfônico de *Liszt*.

Essa seria uma das poucas cartografias descritivas do inferno, para além de textos sagrados, que busca realizar uma interpretação literária do que é o inferno, muito embora, existam outras descrições e formas de representação do inferno. Lógica parecida de compartimentação do inferno em setores de acordo com os pecados é relatado por Graça em seu relato ao contar a história de uma artista coreana, que tal como Dante, teria sido levada a visitar o inferno e buscou representar essa experiência em suas pinturas. Tal como Dante, a pintora relata que cada tipo de pecado cometido na terra possui uma punição conforme a transgressão cometida. Diz ela:

[...] E sobre o inferno eu disse uma vez para minha mãe que eu fiquei triste porque eu não consegui pegar para mostrar isso para minha família. Vendo na internet eu vi o relato de uma coreana dizendo que lá na Coreia é muito difícil ser evangélica. **Porque lá eles são muito rígidos e odeiam religião.** Então ela relata que servindo uma determinada religião, ela se incomodou e sentiu um vazio. **Então ela conheceu Missionários da Assembleia de Deus e foi servir junto com eles.** Então ela orando na casa dela ela se ajoelhou nessa manhã, logo ao se acordar. Ela disse, senhor da mesma forma que o senhor tirou essa venda dos meus olhos, faz isso com a minha família. Eu queria que o senhor me desse uma oportunidade, mesmo que distante, de ver só o portal de sua cidade celestial, me dá esse prazer. **Mas Deus fez melhor, porque tudo que Deus faz é melhor, ele mostrou o inferno para ela. Como ela era pintora, tudo o que ela viu nos sonhos ela retratou nas pinturas**<sup>71</sup>. Ela ficou desesperada ficou pintando tudo que ela viu lá no inferno, eu queria tanto ter baixado o vídeo, mas eu não consegui. As imagens que ela postou no site que ela fez, são muito fortes, muito fortes, tanto que tinha coisas que a gente vê no dia-a-dia e nem conhecem e fazem. Ela sendo levada pelo senhor para o inferno e o dizendo, senhor não foi aqui que eu pedi pra me trazer. Aquele lugar que era só a escuridão de pessoas aprisionadas gritando. Ela pintou assim ela entrando e uma luz levando ela e as pessoas aprisionadas gritando. **E logo ela chegou e ela viu aqueles símbolos que eles fazem muito nas tatuagens, aquele símbolo do infinito, um oito de lado. Ele é o símbolo do Portal da porta do inferno.** Ela havia um portão com aquele símbolo em cima um monte de demônios voando. (figura 15) Então ela perguntou eu acho que não é muito diferente não. Tanto que quando ela entrou, cada pecado os demônios tratavam de uma forma. **Os homossexuais eles enviavam lanças pelas partes, é horrível, muito feio. As pessoas que cuidavam muito da beleza tinham “tapurus” [vermes] saindo das suas partes. E uma moça que adora tudo o que tinha na casa dela, as coisas materiais, ela estava sendo estirada, pedaço a pedaço pelos demônios, mas**

<sup>70</sup> ALIGHIERI, D. Divina Comédia: São Paulo, Editora, v. 34, 1998.

<sup>71</sup> Possível vídeo assistido pela fiel, relatado em sua entrevista disponível no seguinte endereço: [https://www.youtube.com/watch?v=HPgTD\\_cQ16Q](https://www.youtube.com/watch?v=HPgTD_cQ16Q)

**ela olhava de dentro da própria casa e via o paraíso. Então lá ela via mães que cuidavam de seus filhos matando seus próprios filhos.** Então era cada coisa. As pessoas que falavam muito da obra eram enfiadas facas nas suas línguas. Que o inimigo puxava a língua e enfiava assim. Então ela foi pintando cada pecado, **cada pecado é tratado de uma forma.** Então eu digo assim, cada coisa que você faz pra Deus é uma coisa que você vai ganhar, é um galardão que você vai ganhar. E o inimigo ele não faz diferente não, mas ele faz para pior. Cada mal que a pessoa faz aquele que não é salvo. Já pensou, aqui a gente passa a mão no fogo e já dói, imagina eternamente. (Relato da senhora Graça – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017).

Conforme o relato de Graça, tal fosse o pecado apresentado a punição era condizente. Assim, os homossexuais eram empalados, a moça vaidosa tinha seu rosto destruído por vermes e aqueles apegados aos bens materiais tinham seu couro sendo estirado, pedaço a pedaço. A dor, o sofrimento são, portanto, uma constante na quase totalidade dos relatos. Os sofrimentos infernais têm como base de comparação os sofrimentos terrenos, ainda que se relate que os sofrimentos do inferno possuem acréscimos dos quais não se pode dimensionar pela imaginação humana. Da mesma forma, as comparações se utilizam de elementos terrestres para construção imaginária do inferno, onde se utiliza o fogo, a lava, os raios, os fossos, lama, escuridão. Segundo Katherine Rousseau (2014), da mesma forma que os fiéis constroem imaginariamente o apocalipse, e lugares intangíveis, como céu, inferno descrevemos territórios do outro mundo tendo como base referências de lugares do nosso próprio mundo em um outro plano temporal-espacial. Existiria assim uma fronteira entre o humano e o divino, uma fronteira entre territórios imaginados e os espaços vividos.

Aqui sobre alguns desses elementos seria interessante retomar as reflexões da pesquisadora Barbara Weightman, quando em sua obra *“Sacred Landscapes and the Phenomenon of Light.”*, discute as paisagens religiosas a partir de elementos materiais e simbólicos como o fogo, a luz e a escuridão. Na descrição do inferno feita por Dante Alighieri (A Divina Comédia), encontraremos não só a apresentação do inferno como um lugar de fogo, mas também como um lugar de gelo em suas camadas mais profundas. Até mesmo a territorialidade do inferno é marcada por elementos terrestres amplificados. Como é frequente nos relatos a noção de fogo eterno, que queimaduras e padecimentos, relativos ao calor insuportável é frequente. Todavia, o elemento fogo é dos elementos fundantes do pentecostes<sup>72</sup>

---

<sup>72</sup> “Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como de um vento forte, que encheu toda a casa em que se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo

tem um papel ambivalente, hora como elemento de suplício, hora como elemento de pureza enaltecido nos cultos como uma característica do Espírito Santo.

Um dos jovens inclusive relata o sofrimento do calor da cidade e diz tentar imaginar como seria o calor do inferno. Os mundos imaginados são assim construídos a partir da daquilo que se conhece ou experiência. A relatividade da imaginação desses lugares invisíveis fica clara, quando esquimós consideram que o inferno é um lugar de escuridão frígida, enquanto que para os cristãos um lugar de calor intenso, um território de dor e sofrimento (CORRIGAN *et. al.* (2000).

Tamanho é o medo dos padecimentos terrenos, que muitos chegam a afirmar que o inferno seria a própria terra, a existência terrena ou então seria um estado de consciência criada pelo próprio indivíduo nesse plano terrestre, tal como relata o senhor Batista “[...] **o inferno é aqui. Quem faz o inferno é você ou é eu.**”<sup>73</sup>. A ideia de complementariedade dois planos é destaca pelo Presbítero I:

E o inferno é antítese do céu e tem **muita gente que quer o céu por ter medo do inferno. Se não tivesse um inferno, se não tivesse um inferno, as pessoas achariam que o inferno está aqui mesmo, então o céu vai ser uma consequência.** Então para que nós passamos ir para o céu, no nosso conceito, **nós temos que renunciar as coisas que é carnalmente prazeroso. Então se não tiver esses dois, o bem e o mal ajudam a se compreender a relação entre um e outro. Os dois estão ligados, por exemplo, você sofre, mas você acaba aprendendo.** (Relato de Presbítero 1 - nato na Assembleia de Deus – junho de 2016 – grifos nossos)

Interessante notar que o presbítero reitera que muitas pessoas teriam medo do inferno e a existência dele é necessária, pois se as pessoas achassem que a própria vida na terra seria um inferno e o céu seria uma consequência, poderiam haver problemas (embora não tenha fica claro que problemas seriam esses). Portanto, a dúvida e principalmente o medo de ir para o inferno, influenciam as ações na terra, visando essa territorialidade divina. Outro aspecto enunciado pelo presbítero é o fato de que para acessar s céus, torna-se necessária e negação do que é “carnalmente prazeroso”. Embora não possamos falar pelo sujeito, podemos inferir que o que

---

e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressar-se. Residiam em Jerusalém judeus devotos, de todas as nações que há debaixo do céu. Quando ouviram o ruído, reuniu-se a multidão, e todos ficaram confusos, pois cada um ouvia os discípulos falar em sua própria língua” (At, 2, 1-6).

<sup>73</sup> Relato de Batista – fiel convertido na fé evangélica – 20/09/2016 – grifo nosso.

de certa forma pode ser interpretado como desejos instintivos mais básicos e vícios, como pode ser verificado nos relatos.

Descreve-se o inferno como um lugar de dor sofrimento, como destaca um dos relatos ao afirmar que o inferno é “um lugar de tormento eterno, não terá fim, eternamente. É um ambiente de tormento, de solidão, é choro, é totalmente o contrário do céu”<sup>74</sup>.

Descreve-se o céu como um lugar situado em regiões inferiores onde o fogo e o calor são destacados como características desse local. Alguns depoentes chegam a relatar que o inferno pode ser na própria terra eu estar dentro de cada pessoa, como se pode verificar nos relatos seguintes:

**[...] o inferno é aqui. Quem faz o inferno é você ou é eu.** [...] Você é uma pessoa boa mas daí eu venho lhe provocar, daí eu vou fazer o inferno na sua vida. (Relato de Batista – fiel convertido na fé evangélica – 20/09/2016 – grifo nosso).

**[...] o inferno fica aqui na terra mesmo, na terra mesmo, é aqui ó, na crosta terrestre.** Aonde tem só labaredas de fogo. ((Relato de Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016).

**[...] Eu imagino que é um lugar muito triste, de muita dor, muito sofrimento, de muito desespero.** Na Bíblia fala que **é lugar de terror e horror mesmo** e aí a gente imagina que é daí pra pior. **É um lugar de sofrimento. A gente já acha que já sofre aqui, nesse mundo né, a gente acha que já sofre, com a corrupção, com a maldade do homem.**(Relato de Juliana – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017)

A construção do inferno seja em seu nível imaginário, seja como uma condição de sofrimento, se dá a partir das ações dos sujeitos, ações estas que iriam contra os dogmas da igreja e do evangelho. Nesse sentido, como bem destaca um dos relatos, o inferno é feito pelas pessoas. Assim, as almas que não obedecerem aos desígnios do evangelho, iriam para o inferno, enquanto aqueles que “permanecessem no caminho de Deus”, seriam salvos e levados ao céu. A ideia de caminho físico e caminho não-físico (tratado como jornada espiritual), caminham lado a lado influenciando-se reciprocamente. O inferno acaba sendo um lugar de punição e sofrimento pelas escolhas “erradas” feitas em vida, pelo livre arbítrio, quando em vida. O inferno geralmente é acompanhado em suas narrativas como um local onde predomina a escuridão, locais acidentados como vales e abismos, lugares que possuíam lagos de fogo, altas

---

<sup>74</sup> Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015.

temperaturas. Muitas dessas características podem ser encontradas inclusive em alguns lugares na terra, seja em penitenciárias ou mesmo em ocupações de centros urbanos, onde essas ocupam fundos de vale, grande densidade demográfica em espaço limitados, problemas de condições sanitárias, riscos ambientais (exemplo de desmoronamentos), entre outras características, que dão a ideia de caos urbano, razão pela qual muitos consideram a ideia de que o inferno seria também terreno. Sobre a vida nas cidades e nas grandes aglomerações humanas destaca Tuan (2009, p. 18) em algumas situações a cidade deixou de “simbolizar a ordem e a justiça, e agora é tão provável que represente o caos e a opressão - uma expansão sem fronteira discernível, poluída e perigosa”, enquanto as áreas naturais ganharam uma aura quase sagrada. Na idade média tais papéis de sacralidade proteção eram atribuídas as cidades, enquanto que a barbárie e todos os perigos se encontravam nas florestas e em campo aberto. Como relata a fiel em sua fala “[...] Tem gente que diz, senhor, me dá paz, eu quero tranquilidade. **Mas aqui não, aqui não é o lugar pra ti ter.** Por isso eu digo, Senhor, tu me deu essa peleja porque eu sei que o meu descanso tu vai me dar..[...] (grifo nosso)”<sup>75</sup>. Importante destacar que a fiel convertida acredita que a existência atual não possui a possibilidade de ser um lugar de paz e tranquilidade, e que isso só seria possível num mundo posterior, onde finalmente haveria descanso e não mais haveriam conflitos.

Outra característica destacada atribuída aos seres malignos como os demônios e o próprio inferno é a ideia de prisão, de correntes e amarras que prendem os sujeitos a lugares desagradáveis. Conforme destaca a obra de Dante, o livre arbítrio é uma condição do humano enquanto encarnado, perdendo essa prerrogativa após sua morte, sendo sentenciado e julgado por suas ações em vida. As correntes e a prisão também representam o aprisionamento por vícios e paixões.

Aqui nos parece importante que os geógrafos que se debruçam sobre a temática religiosa, adentrem nas inter-relações entre a realidade e esses espaços imaginados, míticos da religião que povoam o imaginário dos fiéis, até porque essas questões possuem implicações diretas na forma como as pessoas vivem e balizam suas decisões cotidianas. Retomamos aqui a importância de estudos como de Costa (2012), Corrigan *et. al.* (2000), Davenport (1981), que se debruçam sobre a imaginação geográfica e a forma como os lugares sagrados são representados. Também nos remetemos a ideia de Tuan (2009) no sentido de que muitas das experiências religiosas vividas por indivíduos não se dão em lugares físicos

---

<sup>75</sup> Relato da senhora Graça – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017.

propriamente ditos, mas sim em construções de memória, imaginação de mundos possíveis e invisíveis. O espaço muitas vezes pode ser concebido como neutro na visão de Tuan (2009), pois ele não teria significado em si, mas sim um significado de sacralidade ou mundanidade que é conferido pelo indivíduo ou seu grupo religioso. Também nos trabalhos de Cooper (1997a, 1997b), que também teria destacado a importância, como já citado no referencial teórico, da necessidade de enfatizar o papel ativo da individualidade humana, imaginação e emoção.

Ou como também já fundamentou Gil Filho (2011) destaca a importância do imaginário humano frente a realidade, pois o homem estaria envolto em formas linguísticas, em imagens artísticas, em símbolos míticos ou em ritos religiosos. Ainda segundo ele, o homem vive mais na névoa de emoções imaginárias, entre esperanças e temores, em suas fantasias e sonhos.

#### **4.4. Dos seres invisíveis que influenciam a vida material e imaterial dos fiéis**

De acordo com o texto bíblico, além de Deus e do homem, existiriam outros seres que povoam o céu e o inferno. Tais seres poderiam ter influência na vida das pessoas, conforme destacam a maioria dos relatantes. Questionamos se os fiéis acreditavam nesses seres, em caso positivo, foi pedido que esses falassem sobre o que pensavam ou imaginavam a respeito desses. Nos relatos a presença de seres invisíveis aos nossos olhos, habitariam o céu e o inferno (anjos e demônios) e também transitariam em nosso mundo físico e teriam o poder de influenciar a vida das pessoas, seja para o “bem” ou para o “mal”, interferindo inclusive nos hábitos de lazer.

Conforme já destacamos anteriormente, nosso objetivo não é realizar uma discussão teológica dessas questões e sim, a partir desses elementos, tentar compreender como se constrói essa territorialidade religiosa e do lazer dos fiéis da Assembleia de Deus de algumas comunidades da cidade de Bragança.

Parte-se do pressuposto que as ações de muitos de nossos sujeitos estão atreladas a forma como se apossam do espaço, ou seja, da territorialidade que exercem física ou simbolicamente. Tais ações e territorialidades teriam impacto direto em sua vida pós-morte. De igual modo suas atividades de lazer, ou seja, sobre o que é lícito ou não-lícito fazer de acordo com o seu livre arbítrio e seus dogmas religiosos, consideramos que se estes seres podem influenciar a vida

cotidiana. Cabe portanto uma aproximação sobre que tipo de influência esses possuem na vida cotidiana dos sujeitos e principalmente como isso se dá na territorialidade tangível e intangível.

Grande parte dos sujeitos diz crer na existência de anjos e demônios. Acreditam ainda que estes além de entrarem em conflito entre si acabam também influenciando a vida das pessoas na terra. Tal passagem pode ser exemplificada na seguinte passagem:

Na vida de cada ser humano, independente se ele acredite em Deus ou não, há uma Guerra Espiritual, os anjos querem lhe proteger e os demônios querem lhe destruir. Só que se você der brecha para Satanás, daí vai. E é muito difícil combater a carne e o espírito. E é muito difícil conciliar esses dois, se você der brecha para a carne ela vai te dominar, se você der brecha para o espírito ele vai te dominar. Mas sempre há uma guerra constante, diariamente. Exemplo, agora mesmo está acontecendo uma guerra espiritual, Satanás não está querendo que a gente fale de Deus, nós temos que estar preparados e vigilantes. Vigiai e orai como diz. A gente tem que orar e não só orar, mas também vigiar. Vigiar o que a gente fala, o que a gente ouve. Porque na Bíblia diz que se a gente que arrancar um olho para pode entrar no céu. É uma metáfora muito forte, arrancar um olho para poder entrar no céu? Então a gente tem que vigiar e orar, porque há uma batalha constante. (Relato da jovem Angélica - convertida – moradora de região central – outubro de 2017).

A ação desses seres na vida dos fiéis depende da participação dos sujeitos que podem através de seu livre arbítrio, possibilitar que ambos atuem em suas vidas, tal como relata a fiel:

[...] existe anjos e demônios. Então eu creio que existem demônios também, por exemplo, uma irmã revela que você tem um espírito de uma pomba gira e isso é o demônio. Daí você vai dizer: “Eu tenho um demônio?” Não, você não tem, é algo que te persegue, se você der brecha ela vai entrar. [...] Então existe conflito entre anjos e demônios. [...] Deus mandou seus anjos de guerra para que quebrassem os demônios e as bênçãos descessem. Muitas vezes a gente não consegue algo porque a gente dá brecha para que algo entre dentro de nossa vida, então eu acho que existe conflito entre anjo e demônios 24 horas nesse plano mesmo. (Relato de Mariano – convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017).

Considerando, portanto, a possibilidade de atuação dos demônios na vida das pessoas os depoentes consideram a importância da oração e dos usos e costumes para que se evite a atuação desses seres na vida dos fiéis.

De igual forma o pedido de intercessão e proteção dos anjos é feito por orações, invocando proteção e bênçãos. Ou como relata uma fiel, os anjos podem atuar **“no seu dia a dia mesmo você pode ver as coisas que Deus faz, são os anjos de Deus tocando no coração das pessoas para nos ajudarem e abençoarem”**.<sup>76</sup>

Partindo do princípio que existe um céu e o inferno, segundo o relato dos fiéis, os mesmos relatam existir seres que habitam esses locais e teriam inclusive a possibilidade de

---

<sup>76</sup> Relato da senhora Graça – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017.

realizar esse trânsito pela terra influenciando a vida das pessoas. Poderíamos a partir dessa lógica dual entre céu e inferno, a terra seria uma área de transição entre esses dois mundos, um lugar entre um mundo e outro, ou dito de um outro modo, um entre lugar. Todavia, conforme pode ser lido no primeiro relato, uma das fiéis crê que não existem esses seres como anjos e demônios e que só Deus existiria. Posicionamento este completamente diverso dos demais relatos que não só creem na existência desses seres como consideram que estes possuem influência sobre sua vida cotidiana. Esses seres em trânsito, conviveriam entre nós, embora não possamos vê-los com os “olhos da carne”, conforme afirmam nossos sujeitos. Todavia, segundo os depoentes algumas pessoas teriam a capacidade de vê-los ou senti-los. Os demônios teriam como objetivo desviar os fiéis do bem, influenciando o pensamento do fiel ou agindo indiretamente através de outras pessoas com o intuito de causar mal a uma determinada pessoa, já os anjos teriam a função de proteção. Todavia, em ambos os casos dessa influência, seja para o “bem” ou para o “mal” (segundo a lógica evangélica), seria necessário a anuência do sujeito para que se efetive essa influência, como bem traduz um dos relatos quando diz “[...] se você der brecha para a carne ela vai te dominar, se você der brecha para o espírito ele vai te dominar”. Outra fiel vai mais além e considera que cada demônio possuiria uma função em suas ações terrenas, influenciando a vida das pessoas:

[...] Mas aqueles que não tem Deus na vida dele são influenciados pelo demônio, são usados pelos demônios. **Demônio da Pomba Gira, do Zé Pilintra, Demônio do Tranca Rua, e cada um tem um homem e cada um tem sua função. Você sabia disso, cada um tem sua função, para agir na vida do ser humano para aqueles que dão lugar.** Porque entre o céu e a terra a uma legião de demônios que só Deus para nos livrar. Potestades e principados, por isso a gente tem não só que orar mas também que vigiar, na nossa boca, nas nossas roupas, nas nossas atitudes.[...] (Relato da senhora Cláudia – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017 – grifo nosso).

Os sujeitos são considerados, portanto, conforme o relato, são usadas pelas forças demoníacas, sendo que cada tipo de demônio possuiria uma função específica a ser cumprida na existência terrestre, condicionado ao fato de que esses precisam de uma certa permissibilidade da pessoa que vai influenciar, onde o influenciado se torna vítima também quando “não tem Deus na sua vida [...]”. Diante de tais ameaças, alguns sujeitos apresentam em vários relatos um mecanismo de defesa contra essas ameaças demoníacas invisíveis, ou seja, orar e vigiar. Orar sempre no sentido de pedir proteção e discernimento em suas ações assim como vigiando, suas ações, pensamentos e usos e costumes. Ou seja, as pessoas devem cuidar com o que veem, ouvem, falam, vestem, etc, conforme informam o conteúdo dos relatos. A vigilância aqui entendida como um mecanismo de autovigilância ou de avaliação de consciência

continua. Esses sujeitos invisíveis aos olhos da carne (anjos e demônios), estariam sempre a nossa, volta, ocupando o mesmo espaço que ocupamos e que orientados por sua missão (de orientar e proteger no caso dos anjos ou de desviar e causar o mal no caso dos demônios), os fiéis, atuariam no cotidiano de todas essas pessoas que se sintonizam a essas forças. Embora como já verificado, não haja consenso entre os fiéis de que existam “lugares de salvação” e “perdição”, mas sim de que a intenção daqueles que ocupam o espaço é que vai determinar qual a função ou objetivo a que se destina. Podemos dizer que conforme o relato dos fiéis essas figuras invisíveis estariam em todos os lugares. Como relata Claudia do modo como considera que os demônios surgiram, diz que:

[...] Satanás que era Lúcifer foi jogado do céu para a terra porque ele queria tirar o lugar de Deus, usurpar o lugar do Senhor, mas Deus não divide a glória dele com ninguém. Quando ele desceu lá do céu ele trouxe uma legião de anjos lá com ele. Antes eram anjos mas quando chegaram aqui na terra junto com ele passaram a ser demônios. **Esses demônios caíram no mar, na terra, quanto nas matas.** Assim como nós temos também através de Deus os anjos, que nos guarda e nos livram do mal [...] (Relato da senhora Claudia – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017 – grifo nosso).

Os anjos que se tornaram demônios, segundo a fiel, habitariam o mar, a terra, as florestas, reforçando, portanto, a ideia de que em muitos desses locais residem demônios. Na Idade Média e até mesmo em muitas religiões acreditasse que demônios tenham como residência, vales, cavernas, florestas e outros, gerando com isso uma toponímia encontrada em muitos locais de valores com águas correntes que recebem o nome de Garganta do Diabo, Vale dos Mortos, entre outros.

Tomando novamente o subtópico onde discutimos os “lugares da salvação” e da “perdição”, podemos considerar que alguns locais possuem uma maior ou menor concentração de anjos e demônios, sendo que esses últimos estariam ocupando lugares onde o mal predomina, nesse caso, segundo o ponto de vista dos próprios fiéis, lugares onde se faz venda e consumo de bebidas, drogas, locais de jogos, prostituição, festas, shows, boates, etc. Em contraponto, os anjos estariam em locais mais diversos, hospitais, residências, igrejas, missões evangélicas, entre outros.

Outra característica desses seres seria ao fato de que vivem em uma “guerra constante”<sup>77</sup>, em que os seres humanos então inseridos e são mecanismos que sofrem influência

---

<sup>77</sup> Relato 5 [...] então eu acho que existe conflito entre anjo e demônios 24 horas nesse plano mesmo.; Relato 7 - [...] por que a guerra espiritual a gente não vê com os olhos carnis [...].; Relato 9 - [...] Então a gente tem que vigiar e orar, porque há uma batalha constante.; Relato 10 -[...] existem e estão numa batalha agora.[...].

desses seres e dessa guerra. Igual conflito interno toma conta dos indivíduos na sua constante autovigilância avaliando seus pensamentos e ações segundo os pressupostos religiosos. A figura dos demônios e daqueles que são influenciados por esses seres, são representados em muitas falas como “inimigos”. Todavia, como destaca a pregação do pastor a seguir, Deus também seria o responsável por erguer inimigo como forma de obstáculos a serem vencidos pelos fiéis e pela própria igreja. Diz ele:

**Se Deus está mandando você marchar, não marcha não para ver se o inimigo não chega.** É melhor marchar enquanto Deus está mandando porque se Deus mandar o **inimigo** para te fazer marchar. Porque na hora que Israel olhou para traz e viu o perseguidor eles começaram a marchar e o mar abriu. Vai esperar a perseguição chegar para você adorá-lo? **Vai esperar o inimigo se aproximar para você marchar, terra?** [...] **E diz a bíblia que ele foi adversário e foi inimigo de Salomão. Mas Deus levantou o outro inimigo, Versículo 23, só que esse inimigo aqui disse que foi para sempre.** Sabe o que Deus disse? Eu te coloquei na frente do povo, mas você não tem pulso. Você deixa meu povo adorar outros Deuses. Ao invés de colocar no povo para orar, meu povo para evangelizar, ao invés de fazer o meu povo crente, você como líder está desviando o meu povo. **Peraí que eu vou fazer você crente agora seu miserável. Eu vou colocar inimigos na sua cola.** Chega o dia de adorar cada mulher ia para um canto adorar um dos Deuses na terra em que Deus.... **Porque que Deus se tornou adversário e inimigo de Salomão? Primeiro, porque ninguém recebeu de Deus o que Salomão recebeu. Deus jamais vai se tornando inimigo de alguém para o qual e não deu nada. Deus jamais vai cobrar de alguém que ele nunca fez nada por aquela pessoa. O que Deus se tornou inimigo de Salomão? Por que Salomão fez diferente do pai.** Davi pecou, pecou. Mas Davi ele se envolveu com as mulheres, mandou até matar o marido de uma delas, Davi fez coisas horríveis. **Só que o adultério de Salomão foi espiritual, ele traiu Deus com outros Deuses.** [inaudível]... [...] **Ninguém é mais ciumento do que Deus. Deus tem ciúme de você. Diga para alguém Deus tem ciúmes de nós. Versículo 10 acerca desse assunto, lhe tinha dado ordem que não seguisse outros Deuses. Eu avisei você Salomão.** [...] Eu sei que você conhece, mas é preciso ver vamos acompanhar Atos Capítulo 3. Tem umas coisas interessantes nesse texto. E indo no caminho aconteceu que chegando perto de Damasco subitamente o cercou um resplendor de luz do céu. E caindo em terra ouviu uma voz que dizia Saulo porque me persegues? **Aqui tem uma coisa, porque que Deus se torna inimigo do homem. Saulo perseguia a Deus? Jesus? Ele perseguia quem? A igreja! Quer Deus como inimigo é só perseguir a igreja. Aí você vai ver o que Deus faz?** [...] Tu é grandão, tú é forte, mas aqui no ferrão eu te domino. Diga para alguém que se você conseguir a igreja Jeová vai colocar o ferrão com sua testa. O senhor, você quer se meter comigo um amigo seu? Deus tira a visão dele por um tempo. **Todo perseguidor, o que Deus faz a primeira coisa é tirar a visão. Se pregava já não pega mais. Deus tira a visão dele, ele não enxerga mais nada. Pode pegar fogo esse congresso, mas ele disse que não viu nada, lógico, ele tá cego, por isso ele não viu nada.** [...] Quem se torna inimigo de Deus e da igreja, automaticamente inimigo do pai do filho do Espírito Santo porque eles estão juntos. É o tema, o pai o filho e o Espírito Santo e a igreja. (Pregação do Pastor João Aguiar durante o XVIII Congresso das Missões em Bragança - 2016)

Segundo o relato do pastor, Deus colocaria inimigos na vida das pessoas, pelo fato delas contrariarem sua vontade, uma forma de puni-las. E os inimigos seriam uma forma das pessoas se tornarem crentes ao buscar amparo em Deus em função de seus sofrimentos. Outro fato

elencado pelo pastor que “ninguém é mais ciumento do que Deus”. Reitera ainda que os inimigos da igreja, ou perseguidores da igreja seriam automaticamente inimigos de Deus e seriam punidos de forma exemplar, em alguns casos como a cegueira e outros castigos.

A figura do inimigo, da guerra, do conflito está presente em muitos discursos dos fiéis e pastores seja de formas simbólica fazendo uma analogia a uma guerra em curso entre as forças do bem e do mal. Muitos missionários e pastores relatam o fato de que aqueles que agem no sentido de propagar o evangelho seriam alvos constantes, não só na vida material, como aconteceram com os fundadores da igreja, como acontecem até os dias atuais, conforme relata a Missionária Kelen Gaspar:

**Como já disse o pastor quem decide segurar a bandeira do evangelho sofre, sofre de perto os ataques do diabo.** Eu soube de um missionário no Iraque enviado pela igreja brasileira. Depois de alguns meses no Iraque sua esposa se converteu ao estado islâmico. E hoje esse missionário come e dorme dentro do banheiro. Não come bebe nada dentro de casa porque tem medo de ser envenenado pela sua própria esposa. Sua esposa se tornou uma extremista. (Pregação da Missionária Kelen Gaspar durante o XVIII Congresso das Missões em Bragança - 2016)

Todavia, essa metáfora da guerra não fica restrito ao discurso dos fiéis ou dirigentes da igreja. Ela se materializa simbolicamente em algumas ocasiões, onde os fiéis são considerados “soldados de Cristo” ou “exército de Cristo”, numa batalha contra as forças do mal, a exemplo da imagem do Congresso das Missões ocorrido no dia 16 de setembro de 2017 em Bragança, onde as crianças do Coral, estão vestidas em trajes análogos a vestimentas militares, conforme demonstra imagem que segue (de domínio público):



Figura 20. Coral Infantil da Igreja Assembleia de Deus - Congresso de Missões – Bragança – 16/09/2017

Autora: Cleice Feitosa

Fonte: <http://www.adbraganca.org/search/label/Congresso%20de%20Miss%C3%B5es?updated-max=2017-09-17T06%3A42%3A00-07%3A00&max-results=3>

A ideia de força militar celestial como fator de proteção para aos fiéis é traduzida em um trecho da pregação da Missionária

Eu ouvi um testemunho de um missionário na Bahia. Ele precisava viajar 3 dias para cidade para fazer compras. Ele viajava sozinho no lombo de um animal. E 3 meses depois ele viajou mais três dias. E quando ele estava na cidade para fazer suas compras um perigoso marginal se aproximou dele e fez uma pergunta. Quem era aquele que estava acompanhando ele na viagem passada dele. Ele disse eu estava sozinho. E novamente o rapaz, perguntou quem estava com ele naquela viagem anterior. E ele novamente respondeu que viajava sozinho. Ele disse não precisa ter medo. Mas porque você está me perguntando? Eu lhe segui. Eu e mais dois companheiros lhe seguimos. O plano era muito simples me roubaram me matar. E roubar todos os seus pertences. Nós armamos nosso acampamento perto do seu e às 2 horas da manhã nós pegamos nossas armas e fomos em direção ao seu acampamento. Em direção a sua rede. **Quando nós fomos chegando. O fogo ainda estava aceso. E quando nos aproximamos. E havia 17 homens de pé ao redor da sua rede e estavam todos de uniforme, todos com uma lapela brilhante no ombro. Estavam todos de pé em posição de sentinela e os olhos pareciam de fogo e ficamos com muito medo que corremos até a cidade. A que exército pertencem aqueles soldados?** Eu não sei eu não sei o que o senhor está falando. **Quando chegou em sua igreja de origem e contou aquela história e disse aos irmãos “eu não entendo essa história”. Então um obreiro ficou em pé e disse. Eu quero que fique em pé todos aqueles que estavam em campanha de oração para proteção de nossos missionários. 16 pessoas ficaram de pé, 17 com o obreiro. Então Deus enviou um anjo para cada par de joelhos dobrados. Ore mais. Ore mais. Ore mais.** (Pregação da Missionária Kelen Gaspar durante o XVIII Congresso das Missões em Bragança - 2016)

A história replicada pela Missionária, reforça que os pedidos feitos em oração pelos fiéis têm o poder de mobilizar forças militares celestiais, que dariam proteção, principalmente para aquelas pessoas que estão envolvidas com as obras e no trabalho da igreja. Haveria, portanto, uma inter-relação entre as forças visíveis e invisíveis que podem ter influência da vida cotidiana do fiel.

A ideia de território e de territorialidade traz consigo implicitamente a noção de que os sujeitos possuem uma posse material e as vezes simplesmente o sentimento de pertença a determinado lugar. Ao discutir a territorialidade religiosa, temos ciência de que para além da territorialidade da religião enquanto instituição, que constrói instalações físicas para instalação de seus templos, ela também age politicamente pela defesa de seus interesses. Existe, portanto, a possibilidade de ser mapear cartograficamente a localização dos fiéis e das igrejas, locais de cultos e de outras atividades da igreja, tal qual faziam os primeiros estudos de geografia da religião e inclusive alguns nos dias atuais. O conflito no seio religioso é quase tão antigo como a própria história do homem.

As diferenças e conflitos fazem parte da história da religião e na Igreja Assembleia de Deus isso não é diferente, tanto é que seu nascimento, ocorre justamente de um conflito entre seus fundadores Daniel Berg e Gunnar Virgren, ao divergirem dos membros da Igreja Batista em Belém criam a Assembleia de Deus do Brasil. Na verdade, a história de conflito de rompimentos e surgimento de cisões fazem parte da igreja Assembleia de Deus, fato este que criou inúmeros Ministérios por todo o país. Os conflitos internos vão desde de uma macro perspectiva de cisões dentro da igreja, até os conflitos locais entre pastores e fiéis e divergências entre os próprios fiéis. Pudemos verificar nos relatos já verificados até aqui que muitos dos fiéis não concordam com muitos usos e costumes defendidos por alguns pastores, assim como verificamos o relato de conflito dos próprios fiéis em cultos e até mesmo nas entrevistas.

Conforme determinam os princípios doutrinários da Assembleia de Deus e de muitas outras religiões protestantes, uma das missões desta é se espalhar a palavra de Deus para o mundo, num nítido processo de “expansionismo evangélico”, principalmente pautado na ideia de missões evangélicas. Tal processo de expansão em território nacional onde o catolicismo ainda é numericamente superior e onde a inserção de uma pluralidade religiosa cada dia mais frequente gera conflitos de todos as ordens, que vão da discordância teológica da interpretação do evangelho, de usos e costumes, podendo culminar em última instância em um conflitos de agressão física e depredação, seja de evangélicos sendo atacados por outras religiões (como

relatado na própria história da igreja Assembleia de Deus em Bragança) e vice-versa, conforme noticiado rotineiramente nos noticiários nacionais. Outra dimensão do conflito e talvez a mais predominante nesse no discurso e nas falas de pastores e fiéis esteja na esfera espiritual, na guerra espiritual entre o bem e o mal que é travada cotidianamente, ainda que conforme diz o relato de uma fiel, não possa ser visualizada pelos olhos da carne.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos uma longa lista de filósofos, naturalistas, escritores e poetas que foram pesquisadores de paisagens religiosas, que contribuíram para entender a espacialidade e a territorialidade do fenômeno religioso, seja em sua face morfológica, seus fundamentos ideológicos, seu controle sobre as pessoas e sobre o território. Existe também uma rica exploração desses mundos invisíveis desse universo religioso, dessas espacialidades, paisagens e territorialidades que podem contribuir para melhor compreensão de sua religião pelos próprios crentes assim como enriquecer o estudo científico desses processos na academia. A história da religião é mais que a própria ciência, razão pela qual temos um grande arcabouço de dados, relatos, narrativas à serem explorados. A religião caminha de modo concomitante a história dos povos e ao modo como outras características mutaram no tempo como sua forma de exploração terra, línguas, sociedade, climas e todos os outros aspectos da vida na Terra. Conforme destaca Tuan (2009), a religião é uma busca de segurança, certeza e elevação espiritual que começou orientada no lugar e práticas culturais particulares, mas que se desenvolvem atualmente numa direção ao universalismo e a des-lugar (ou não-lugar). Ainda segundo Tuan (2009) a religião teria uma estreita relação com a geografia, uma tentativa em conjunto pela qual os seres humanos tentaram se sentir à vontade na Terra, tentando torná-la mais segura, criando lugares sagrados, crenças e práticas que vão sob o nome de religião.

A religião está num entre lugar entre o visível e o invisível, entre o mundo dos sentidos e da imaginação e das sensações, razão pela qual novos métodos de abordagem sejam necessários para que deem suporte a estas interfaces que não podem ser separadas dos já consagrados temas e métodos estudados.

Esses mundos invisíveis já fizeram parte da história da religião e da própria humanidade, como sua presença nos dias de hoje, chegando a influenciar sua vida visível e material. Para os fiéis, esses mundos invisíveis e imaginados que podem não fazer sentido algum para um pesquisador ou um ateu, são muito reais e significativos para aqueles que creem. Embora alguns autores sejam taxativos em definir espaços sagrados e profanos, pelo contrário, acreditamos que o significado do espaço raramente é claro e preciso. O investimento realizado por uma comunidade em certos territórios imaginados e invisíveis da religião (como é céu e o inferno), levam em consideração também a dinâmica religiosa do dia a dia, ou seja, gênero, nacionalidade, ritual, etnia, política, sexualidade, etc. Os mundos imaginados são assim construídos a partir da experiência vivida no meio terrestre. Assim como na narrativa de Dante,

ao descrever o inferno, onde o fogo e o gelo estão presentes, também os crentes narram esses locais invisíveis por meio de elementos com os quais tiveram contato ou conhecem e quando não, dizem não saber como representar esses lugares pois isso lhe fugiria a compreensão. O movimento no plano físico e visível e no plano invisível do universo religioso é uma constante. Muitos sistemas de crença situam as pessoas em relação a passados vividos e futuros idealizados. O céu, o inferno, o purgatório ou outras paisagens da vida após a morte se assemelham a esses futuros possíveis.

Por essa razão, estudar simplesmente a localização física dos fenômenos religiosos, deixa escapar uma parte importante desse mundo invisível, a experiência vivida pelo sujeito enquanto crente, pois ele, através dos seus sentidos é quem de fato possui uma relação íntima e pessoal com o mundo invisível da religião. Por essa razão, nossa preocupação em ao estudar a territorialidade religiosa, de incorporar relatos extraídos do testemunho daqueles que veem, ouvem, saboreiam, tocam e cheiram lugares que não estão disponíveis para um não crente, quanto mais para os mapas dos geógrafos. A territorialidade, portanto, é sempre polilocativo, ou seja, evoca não só relações com outros lugares e pessoas que podem ser visíveis e invisíveis, e que sobretudo, são resultado de forças maiores que atuam em um projeto perfeito e divino pelo domínio desses territórios e desses sujeitos, segundo a perspectiva religiosa.

Verificamos que conforme o discurso religioso pode se dar diretamente pela instituição, pelos líderes religiosos e ainda pelos seguidores, teríamos uma grande variabilidade dos discursos, em nosso caso dos relatos, fato este que se mostrou verdadeiro. Os fiéis e os líderes religiosos além de possuir uma relação direta de interpretação da narrativa e da experiência religiosa, muito embora limitados pela interpretação dada pela instituição em relação ao discurso fundador. A apropriação e desejo de apropriação de determinados espaços, seja para o lazer ou até mesmo esses lugares imaginados como o céu e o inferno, transcende, portanto, a materialidade da apropriação propriamente física do território. Temos nos relatos uma supressão dos desejos na existência terrena, suprimindo desejos, paixões e tentações, para que se alcance uma nova [e melhor] territorialidade em outro plano. Esse uso efêmero dos elementos espaciais disponíveis, que vamos chamar de territorialidade, tem como finalidade última o acesso a outros espaços invisíveis (o céu), embora na existência terrenas esses digam sentir certas presenças (angelicais e demoníacas), que acabam tendo influência direta em sua vida terrena e em sua territorialidade por consequência. Conforme já havíamos apontado, muito embora as instituições não possuam sentimentos e outras capacidades só possíveis aos sujeitos

em sua experiência direta com o fenômeno, no caso sua relação com a espiritualidade, temos, portanto, um sentir mítico onde cada um representa à sua maneira o fenômeno religioso. Cada fiel fará assim de seu modo a construção imaginária do discurso religioso (seja ele escrito ou oral) e imaginam os locais ali descritos e por vezes dizem ter vivido experiências paranormais, vivenciado outros lugares, sejam eles celestiais, infernais ou mesmo apocalípticos. Conforme os relatos colhidos, existe uma relação estreita entre o mundo vivido e sua interface com mundos celestiais e infernais, permeados por seres desses locais. Por vezes, há até um estranhamento dos sujeitos em relação a sua própria condição de encarnado, dizendo que eles não foram feitos para esse mundo e sim para o outro que está por vir, nesse caso o Reino de Deus.

As cidades de Belém e Bragança (no estado do Pará), possuem uma importância simbólica muito forte aos seus fiéis por terem sido as primeiras cidades onde surgiu a Assembleia de Deus que graças ao trabalho de Missionários Suecos, e a continuidade do trabalho de pastores brasileiros acabou por se disseminar por todo território nacional, chegando até mesmo a ganhar outros países da Europa, África e América do Norte. A Igreja Assembleia de Deus, carrega em seu histórico uma territorialidade de seus fundadores, nascidos na Suécia, que migraram para os Estados Unidos, que por sua vez, fixaram sua obra em solo brasileiro e retornam para sua terra natal para viver seus últimos dias. Há nessa narrativa um itinerário que carrega consigo diferentes territorialidades que se cruzam no surgimento e fragmentação da Igreja ao longo de sua história.

A maneira como a Igreja se organizou institucionalmente e a forma como esta se organizou no espaço geográfico diz muito sobre ela, já que as instituições religiosas são construídos e mantidas por laços simultâneos no poder em lugares delimitados (seja em sua estrutura hierárquica e na organização territorial das congregações) e também do desejo de transgredir certas fronteiras, ir onde a palavra de Deus ainda não chegou, ou pelo menos ir até onde a Assembleia de Deus e sua verdade ainda não chegaram, segundo relatam os fiéis. Para transpor fronteiras e conquistar novos territórios e novas almas para Deus, para alcançar o Reino de Deus, a terra prometida. Nesse sentido, essa missão terrena espiritual envolve diásporas, migrações, territorializações e desterritorializações que por vezes transcendem o próprio corpo numa busca espiritual, num movimento contínuo e ininterrupto por parte dos fiéis. Um movimento que não é apenas material, mas sobretudo imaterial, espiritual.

A migração, seja forçada ou livre tem sido crucial para o desenvolvimento histórico da religião e no caso específico da Assembleia de Deus, se inicia na história de seus fundadores e chega aos dias atuais. Em muitos ministérios foram os imigrantes os principais convertidos pela igreja Assembleia de Deus. Esse movimento de buscar o próprio sustento em terra e também de buscar a Deus em vida, faz a migração possuir um caráter ambivalente, ora funcionando como um sacrifício, ou como um recurso, uma vantagem. A religião em muitos casos, explora a oportunidade criativa de inter-relacionamento e do desapego ao concreto, tal como faz a igreja Assembleia de Deus ao priorizar o reino de Deus em detrimento a tudo o que é do mundo. Esse movimento migratório no território e na religiosidade (ou seja, de mudar de religião), fornece a matéria-prima para a reconstrução da identidade, ou ressignificação do seu mundo frente a um novo modelo interpretativo. Ao mudar de religião, assim como mudar de território, gera a diáspora, um lugar de tensões, de reajustes contínuos, um espaço de fragmentações e de processos unificadores, tanto simbolicamente como de práticas sociais. A religião pode ajudar a promover a desterritorialização como a reterritorialização. Todavia, como bem lembrado por Bauman (2017a), a migração não é um fenômeno da modernidade, mas sim quase tão antigo quanto as religiões, muito embora as análises espaciais dessa religiosidade não tenham acompanhado essa evolução e complexidade dos dias atuais. O processo de territorialização e desterritorização religiosa, portanto pode envolver a construção de identidades religiosas plurais.

Os rituais da religiosidade, seja através de orações, gestos corporais, lágrimas, silêncio, relações sexuais e por uma multiplicidade de outros meios, podem sacralizar (ou como reiterado nos relatos, consagrar locais e objetos) localiza-as tendo como referência o corpo humano. Os rituais têm uma importância especial para muitas religiões, pois é por meio desse que muitas pessoas transitam nessa territorialidade espiritual e mundana. Conforme verificado nos relatos, orar e vigiar, controlar pensamentos, palavras e ações criam uma base de confiança na relação com o mundo imaterial. É na sua relação com o próprio corpo, com a igrejas e em seus lares que os sujeitos conseguem estabelecer uma relação de segurança e familiaridade com tudo o que é divino a ele. Se estabelece assim esse território uma relação de possessão afetiva e simbólica, conseguida com relativa segurança. É nos cultos e em suas orações e sonhos que os fiéis conseguem transpor a materialidade da existência e atravessam as fronteiras mundanas, possibilitando vislumbrar esses mundos invisíveis (céu ou inferno), indiferentemente de sua posição social, gênero, etnia, etc. A importância do sujeito nesse processo de criação de sua própria territorialidade baseado na condição de sua fé (bem estabelecida ou não), está

diretamente ligada as suas intenções, pouco importando, portanto, as aparências. O que define, portanto se um local possa ser considerado de “salvação” ou “perdição”, não está no local em si mais sim nas intenções que o sujeito carrega para dele fazer uso de acordo com seu livre arbítrio. Livre arbítrio aqui é considerado pode soar como um contrassenso haja visto nos relatos dos fiéis os possíveis perigos oferecidos por diversas situações cotidianas que colocariam sua salvação em risco, todavia, o poder de escolha do sujeito ainda permanece, mesmo depois de estabelecidos os seus usos e costumes e dogmas e doutrinas religiosas.

Conforme apontado na pesquisa, os fiéis da Igreja Assembleia de Deus atribuem grande importância ao corpo, visto que o espírito, uma centelha divina, ali reside. Assim, é importante orientar o mover o corpo humano através do território, sendo um dos papéis mais importantes da religião nesse sentido. O corpo é o lócus de morada de um eu corpóreo ou de uma alma invisível. A religião e igreja, portanto teriam historicamente a função de orientar o corpo no mundo físico e em todas as paisagens - políticas, sociais, étnicas, etc, mas também para o mundo escondido da consciência comum, o mundo dos anjos e dos demônios, deuses e espíritos. O corpo estaria na religião, em muitos casos, situado na junção de duas realidades, um aparente através do testemunho de sentidos corporais e um percebido pelo intangível, por percepções advindas pelos “olhos da alma”. Esta ambiguidade também está presente em preocupações religiosas para o corpo como o repositório do sagrado, ou como uma espécie de reservatório do poder sagrado. O espaço físico em alguns casos, como em cultos onde verifica-se a presença do Espírito Santo, por exemplo, acaba ganhando uma maior dimensão, por aquilo que alguns chamam de dispersão por contágio, onde por exemplo, bênçãos são distribuídas aos presentes, curas, falar em línguas, visões e outros fenômenos que se espalham por um conjunto. Muitos movimentos corporais, tais como a genuflexão, juntar as mãos, erguer as mãos aos céus, acaba ganhando uma conotação simbólica ao buscar-se referência em acontecimentos pretéritos da liturgia religiosa.

O corpo acaba servindo ainda como um elemento identitário em muitas religiões, pois certos marcadores corporais identificam algumas religiões buscam fazer a distinção entre aqueles que são crentes e os ímpios. Alguns povos que se consideram sagrados, em escrituras religiosas são identificados por sinais em seus corpos, como a circuncisão, tatuagens, tonsura, entre outros. Já em outras religiões, de forma semelhante, a identificação de povos ou pessoas impuras podem se manifestar também em seus corpos, os sinais de sua impureza, seja ela comportamental (por exemplo, luxúria desenfreada), ou através das características do corpo ou

da maneira dele de adorná-lo. Esse talvez seja um grande ponto de impasse na Igreja Assembleia de Deus, conforme destacado nos relatos, onde muitos fiéis, diante de uma interpretação conservadora do que consideram ser o correto comportamento de um fiel, consideram que cortar o cabelo (no caso das mulheres), bem como usar calças (também no caso das mulheres), ou usar bermudas e jogar futebol (no caso dos homens), pode ser considerado uma transgressão aos usos e costumes, bem como uma grave infração perante a igreja. Há que se considerar que essas pessoas que buscam manter esses usos e costumes, nada mais fazem do que exigir o que lhe foi exigido quando de sua formação evangélica e também como uma forma de segurança, ao se definir de forma bem clara e aparente quem é evangélico. Conforme externalizado em um dos relatos dessa pesquisa, mesmo que para além das vestimentas alguns fiéis dizem se reconhecer e identificar por suas atitudes e comportamentos, uma das fiéis se diz preocupada em não saber mais identificar pelo vestuário quem é ou não é evangélico, devido a uma suposta flexibilização dos usos e costumes. Na convivência cotidiana como morador da cidade é fácil reconhecer os evangélicos, dada sua regularidade de frequência aos cultos e a forma como se vestem e também pelo fato de que o fazem geralmente em família e sempre levando consigo um exemplar da Bíblia Sagrada, que gradualmente é substituída por versões digitais da Bíblia Sagrada lidas em telas de dispositivos eletrônicos como tablets e smartphones. Também se nota uma mudança na maneira como os mais jovens buscam transgredir as regras de vestuário que acaba sendo gradualmente modificado. Cavalcante (2012), já vislumbra em sua pesquisa que as essas religiões começam a acessar o conteúdo religiosos além dos rádios e TVs, pela internet e redes sociais. A Assembleia de Deus de Bragança, por exemplo, além de possuir programas de rádio, possuem um canal de TV sob administração dos pastores da igreja<sup>78</sup> e contam também com um site<sup>79</sup> e perfis em redes sociais<sup>80</sup>, além de veicular vídeos na rede.

Em relação a territorialidade material da religião, verificasse que esta marca o espaço por meio de suas materializações no ambiente construído, como os locais de culto, locais de eventos, acampamentos e outros. Tais locais são reconhecidos seja por sua localização geográfica, suas dimensões físicas, que de certo modo representam sua posição perante a sociedade, a economia, o comércio, gênero, classe, estética e uma série de outras variáveis estruturais da cultura. As paisagens urbanas antes dominadas pelas torres das igrejas começam a dar lugar a centenas de igrejas que pontuam a paisagem chamam a atenção por sua presença

---

<sup>78</sup> <https://www.sbtbraganca.com.br/sobre>

<sup>79</sup> <http://www.adbraganca.org/>

<sup>80</sup> <https://www.facebook.com/Igreja-Assembleia-de-Deus-em-Bragan%C3%A7a-PA-137958956281349/>

constante no território. Conforme demonstramos na primeira parte de nosso estudo, o fácil acesso as igrejas evangélicas são um fator fundamental para a comodidade e logística de seus fiéis, já que grande parte deles mora a 2 km ou menos de sua congregação.

Se os locais de culto podem representar símbolos condensados da compreensão religiosa do espaço e representam o poder da religião em determinada cultura, pode-se afirmar que a igreja Assembleia de Deus, ao se localizar na região central e altamente valorizado do espaço urbano de Bragança. Está em pé de igualdade com a igreja católica, sendo separadas por algumas dezenas de metros de distância uma sede da outra.

Um local de culto é também uma forma de acessar o mundo invisível, numa reconexão, uma numa religião como a própria etimologia da palavra religião sugere. Conforme rezam os princípios protestantes, os interiores das igrejas evangélicas não possuem imagens, esculturas e outros elementos de estímulo visual. Todavia, junto ao palco, nas laterais, geralmente se tem assentos reservados a convidados especiais e membros importantes da comunidade que assistem o culto de lugar privilegiado. Tais laterais também são utilizadas para a alocação do coral ou da banda da igreja em alguns casos. Além da distribuição dos lugares de assento, as vestimentas por vezes servem como um marcador das diferenças sociais e que ajudam a demarcar espaços. As regulamentações religiosas em relação ao vestuário incluem prescrições para estilos de roupas que devem ser usados e até mesmo aqueles que devem ser evitados ou mesmo proibidos em um local de culto ou durante certos rituais religiosos. Conforme já ressaltado anteriormente, na igreja Assembleia de Deus espera-se que as mulheres usem saias, sem brincos, maquiagens ou outros adornos e os homens usem sapato, camisa ou roupas mais sociais, evitando-se, portanto, o uso de bermudas e chinelo. Conforme já pontuado anteriormente, segundo Arthur (1999), existe um controle do corpo por meio da vestimenta, especialmente do corpo feminino numa sociedade patriarcal. Segundo ela, muitas comunidades religiosas conservadoras o controle sobre a representação visível do corpo externo é tomado como um índice de religiosidade. Ou seja, não se reconhecendo o íntimo das pessoas, ao menos é possível pela representação da exterioridade das vestimentas verificar qual o nível de submissão às regras sobre a apresentação física perante da igreja.

Muito embora muitos jovens e até mesmo fiéis natos na fé evangélica desconsideram total ou parcialmente as regras ou orientações de vestuário, conforme ficou explicitado em alguns relatos, fato esse que corrobora as pesquisas de Arthur (1999), em que as pessoas respondem a esse controle, hora obedecendo fielmente as regras ou então as burlando parcial

ou totalmente. A tentativa de preservar usos e costumes de vestimentas mais tradicionais é considerada para alguns sujeitos como desejável, já que marca a diferença entre aqueles que são evangélicos e os que não são. A forma de vestir seria uma forma de distinção simbólica, um traço identitário, (ARTHUR, 1999), que segundo alguns estaria se perdendo, dificultando assim o reconhecimento entre seus pares bem como o fator da vigilância. O mundo moderno líquido e sua liberalização de vestimentas pode ser visto como uma ameaça para os fiéis mais tradicionais, assim como um fator irrelevante para outros fiéis que consideram que a vestimenta não possui um caráter determinante em sua fé ou crença religiosa.

Conforme destacado na revisão teórica, a relação entre a religião e o Estado, seja ele a união, estados, municípios e outras esferas de poder são fundamentais para o desenvolvimento da igreja e vice-versa. Atualmente, o Brasil registra um grande número de representantes de religiões evangélicas seja nas mais diversas escalas de poder, chegando a ponto de constituir o que se chama de uma bancada evangélica na Câmara de Deputados Federal.

Constitucionalmente considerado laico, o Estado brasileiro se verifica uma forte influência religiosa no âmbito político, conforme se registra em muitas proposições junto ao poder executivo e legislativo, com projetos contra o aborto, relações homo afetivas, entre outros. Conforme foi registrado em cultos e outros eventos, a presença de deputados estaduais, prefeitos e outras autoridades demonstram a estreita relação entre as esferas de poder do Estado e suas ligações religiosas com a Igreja Assembleia de Deus. Tal como cresce o número de evangélicos no país é desejo dos fiéis que a representação evangélica também aumente proporcionalmente nas mais diversas esferas de poder. Durante as eleições para prefeito e vereadores em 2016, muitos pastores solicitavam apoio dos fiéis para eleição de candidatos que fossem evangélicos.

O tempo e a memória são outros importantes variáveis ao se estudar a relação entre a geografia a religião. O espaço existe no tempo e a compreensão do espaço e tempo torna-se fundamental para compreensão da temporalidade e espacialidade de tudo o que é mundano e divino. Pensar na evolução do homem e da religião como um todo e de nossa religião de modo específico possibilita um referencial identitário, de que foram aqueles que nos são próximos e nos antecederam, influenciam quem somos hoje, nossa identidade. Assim como um cemitério é um marcador temporal de nossos ancestrais, aglutinando tempos diversos, o passado, o presente e a eternidade, que por sua vez são inseparáveis dos significados culturais do cemitério como terreno sagrado e lugar religioso. A memória também é conjugada com a construção do

local. Conhecer o passado é uma parte da construção de uma paisagem, mesmo que essa lembrança seja ao longo do tempo sendo alterada. Imaginar o futuro também é crucial para o arranjo de uma territorialidade divina, seja ela material ou imaterial.

Corroboramos com a ideia de Gil Filho (2007, p.212), que analisar o fenômeno religioso apenas em seu aspecto material seria negligenciar seus aspectos mais íntimos e subjetivos.

Se antes os estudos da geografia da religião eram puramente espaciais, agora eles podem adentrar o universo imaterial dos fenômenos religiosos. Faculta-se com isso, a possibilidade de análise de aspectos simbólicos, perceptivos, imaginativos e afetivos que se estabelecem entre a religião e as conceitos e categorias de análise da geografia. O estudo da religião na geografia que durante muito tempo, segundo autores clássicos (Deffontaines e Sorre), deveria ser analisada em seu aspecto coletivo, possibilitou em sua evolução que essa fosse estudada também na escala do sujeito.

Tentamos realizar um levantamento nesse sentido que buscasse de modo que ainda modesto, tentam descrever o estado da arte dessa temática em estudos nacionais e internacionais, buscando demonstrar que temáticas e sobre que enfoques analíticos eles foram utilizados. Mais do que uma tentativa de negar e desmerecer o que foi produzido até então, nossa posição é de reiterar a importância que os estudos clássicos da geografia da religião têm até hoje, já que aspectos materiais e imateriais são fundamentais no estudo da geografia cultural e indissociáveis em especial na geografia da religião.

Nossa aproximação da concepção de que é o ser humano quem designa o caráter sagrado ou mundano dos objetos e das ações, nos aproxima da proposição teórica do núcleo paranaense de estudos da religião (GIL FILHO, 2009). Todavia, mais do que mera simpatia ou concordância com tal posicionamento teórico, encontramos respaldo empírico de tal postura teórica em trabalhos de campo, quando identificou-se na convivência com os sujeitos, alguns afirmam que os espaços não carregam nenhuma rotulação a priori. O que fundamenta se tal lugar é ou está sagrado e profano, mundano ou consagrado é a intenção carregada pelo sujeito no processo de posse material ou simbólica daquele território por um determinado tempo. Queremos dizer com isso, que ao ocupar uma praça pública para pregação ou trabalhos evangelísticos, essa praça se torna um lugar consagrado para os evangélicos. De forma oposta, se uma residência ou o próprio corpo, é considerado por muitos como locais sagrados, são usados com fins opostos ao que se prega na religião, vícios e outras transgressões religiosas, esse local ou corpo e torna um espaço da perdição ou mundano. Por considerar o corpo como

um local sagrado, evita-se, portanto, danificá-lo de qualquer forma, seja física ou espiritualmente. O cuidado com o vestuário também está ligado a essa sacralidade e também aos usos e costumes e por essa razão o uso de determinadas roupas, maquiagem, adornos acabam se tornando alvo de desentendimento entre membros da igreja e fiéis. Corobim (2008), considere que a Assembleia de Deus legitima o estabelecimento dos “usos e costumes” através de passagens bíblicas<sup>81</sup>, embora alguns ministérios tenham flexibilizado seus usos e costumes. Conforme destaca um dos seus relatos da pesquisa, alguns usos e costumes teriam sido instituídos por pastores brasileiros. Outros fiéis ainda defendem que sua indumentária não possui o poder de causar a perdição de sua alma.

Como bem ressalta Hervieu-Léger, D. (2002), a prática religiosa além dos lugares físicos e tangíveis que envolvem práticas concretas de ocupação e gestão de espaços, ao mesmo tempo em que se relaciona com espaços utópicos e imaginários, intercalando passado e o futuro de uma determinada comunidade. As batalhas ordinárias do dia-a-dia das comunidades, também possui uma interseção na esfera mística e espiritual.

O crescimento das religiões evangélicas no Brasil é um dos grandes fenômenos da atualidade de um país que ainda é majoritariamente católico, mas que segundo projeções, pode vir a ser um país com grande percentual de população evangélica, fato esse que pode influenciar inúmeros setores da sociedade, tal como já percebido na política atualmente, com forte representatividade evangélica. Conforme Costa (2013, p. 127) as novas lideranças da igreja “tem o desejo de ampliar o poder econômico em seus ministérios, conseguir expansão territorial, fazer alianças no âmbito político e dentro das convenções internas e obter fama”.

Também na revisão teórica, ficou evidente que a religião possui intercessão com os mais variados setores da sociedade, passando pela economia, política, cultura, comunicação, entre outros. Aliada a discussão das migrações e das diferenças culturais e religiosas em um mundo cada vez mais globalizado vê crescer também as discussões sobre as fronteiras (EBAUGH, 2004; CARNES, T.; YANG, 2004) e o fundamentalismo religioso (HIRSCHMAN, 2004; COOK, 2004, BOWEN, 2004) a partir principalmente após os ataques terroristas nos Estados Unidos ocorridos em 11 de setembro de 2001. Aliado a essas discussões emergem também discussões de gênero, relações intergeracionais na religião e o impacto da tecnologia na

---

<sup>81</sup> Ao dizer que devem ter os cabelos compridos ou fazer cortes extravagantes (1Co 11.14) ou uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica - (1 Co 11.6, 15); as mulheres não devem usar roupas que são peculiares aos homens ou vestimentas indecorosas (1Tm 2.9, 10); uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos (Lv 19.28; 2 Rs 9.30); Mal-uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8); 6. e Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18).30

religiosidade contemporânea. Ao conceber as possibilidades de interface entre a religião e a geografia recorreremos a Knott, (2005), quando esta lembra que a existência humana está indissociavelmente ligada ao espaço e que, portanto, todas as relações humanas (sejam elas relações de fé, amor, luta, virtualidade), são espaciais e relacionais. Assim, segundo ela, indiferentemente da visão de espaço se adote (geométrico, cartesiano, pós-moderno, globalizado), tudo é relacional.

Quando analisados os resultados de nosso estudo, num primeiro momento que os fiéis que grande parte deles são casados ou vivem em união estável. E que mesmo casados a maioria não possui filhos deixando em alguns casos para ter filhos para mais tarde. O estado civil é outra variável que esta indissociavelmente ligada a territorialidade, já que esta pode se alterar, desde territorialidades na sua própria residência, até chegar à territorialidades externas, muitas vezes específicas de cada tipo de estado civil. Da forma semelhante o Estado civil pode ser impacto direto não só na forma como vivenciam a religião como também na forma como usufruem de seu tempo livre e lazer. Quando verifica-se a região de procedência dos sujeitos, grande parte deles, a quase totalidade é do Pará, e mesmo aqueles que migraram para o Estado o fizeram há muitos anos atrás. Tal fato pode inferência a ideia de estreita relação dos laços identitários e de pertencimento a região. Ao analisar os rendimentos, registra-se que a quase 80% ganha menos de 5 salários e uma parcela com rendimentos baixos ou de nenhum rendimento, corroborando assim, quando diz que ao recorrer ao passado histórico da Igreja Assembleia de Deus. Fernandes (2006, p. 81), afirma que esta era composta “majoritariamente por pessoas pobres e de pouca escolaridade discriminadas por protestantes históricos e perseguida pela Igreja Católica”. A autora segue afirmando que atualmente embora o perfil da igreja tenha sido alterado, ainda abrigando principalmente pessoas pobres e com baixa escolaridade, também passou a acolher profissionais liberais e empresários. Se o baixo rendimento é uma variável que pode ser mensurada, o mesmo não se pode dizer do nível de escolaridade e na ocupação dos sujeitos, verificou-se que grande parte deles eram estudantes, e a segunda ocupação mais citada foi a de trabalhadores informais. A idade média dos sujeitos nessa primeira etapa possuía uma idade média de 30 anos e muitos deles recebendo menos de um salário mínimo sendo que dois sujeitos tinham sua renda complementada pelo Programa do Governo Federal de transferência de Renda, o Bolsa Família. Entre aqueles que dizem não possuir profissão, apresentam idade média em torno de 23 anos e apresentam renda que varia de menos 1 salário ou de 1 a 5 salários. Todos eles são negros, solteiros, não possuem filhos, possuem o ensino médio completo e incompleto e possuem emprego e renda. Muito embora o

rendimento não seja determinante nas práticas de lazer, isso ajuda explicar a pouca diversidade e variedade de atividades de lazer bem como o fato de muitos dos fiéis considerarem-se como “caseiros”, optando por atividades de lazer em família ou mesmo em atividades junto a igreja. Conforme pontuado anteriormente, muitas atividades de lazer em comunidades tradicionais da Amazônia têm como base as relações de amizade e parentesco e se pauta em locais de acesso público, sejam praças, praias fluviais de água doce e praias marítimas e até mesmo locais religiosos como igreja e demais dependências acabam servindo como suporte para muitas atividades de lazer.

Todavia, na segunda etapa da pesquisa, verificou-se que mesmo aqueles que possuíam maior nível de escolaridade e renda continuavam a apresentar características de um “lazer caseiro”. Curiosamente, aqueles nascidos na fé evangélica apresentavam um maior nível de atividades e lazer e uma interpretação menos rígida das atividades de lazer que lhe eram facultadas.

Com relação aos aspectos socioeconômicos, registrou-se a maioria dos sujeitos 95% dos sujeitos vivem em casas próprias e quitadas, fato este explicado pela facilidade de acesso a terras e também e baixo custo de construção, que se utiliza de mão-de-obra mais acessível. Tal fato é importante da medida em que a segurança de uma moradia resulta na economia com o aluguel por exemplo, podendo repercutir positivamente nas finanças familiares, com reflexo sobre o lazer e demais setores da economia. Já as condições sanitárias desses locais não adequadas, sendo que 36% dos sujeitos dizem receber o abastecimento de água por rede geral 71% dos domicílios não possui tratamento de esgoto, sendo despejados em fossas. A disponibilidade de serviços médico e hospitalares é tida como positiva segundo os sujeitos, da mesma forma que o sistema de iluminação pública. O sistema de transporte não é considerado suficiente, sendo que maior parte do tráfego ocorre a pé, de bicicleta ou outros meios de transporte coletivo e são recessivos os meios de transporte automotivo particular. Tal fato ajudaria de certo modo a explicar os fluxos da região, que geralmente ocorrem em função de busca de serviços bancários ou realização de compras de alimentos, vestuário e outros.

Para compreender a espacialidade dos evangélicos e das próprias igrejas, verificou-se que elas estão muito próximas de seus fiéis, possuindo uma presença territorial em grande parte do território bragantino. Para quase totalidade dos sujeitos (90%), está literalmente algumas centenas de metros (no máximo 1000 metros) de suas residências. Fato esse que ajuda explicar a grande participação constante dos fiéis nas atividades da igreja, já que 40% deles chega a frequentar a igreja de 4 a 7 vezes por semana. Segundo Bohn (2004), isso é entendido como

nível de religiosidade, que seria o grau de exposição às autoridades religiosas, medido pela frequência com a qual ele participa de missas ou de cultos. Outra explicação para além da fundamentação espiritual e da fé, a religião acaba sendo também uma forma de socialização e suas atividades não extrapolam a territorialidade da igreja propriamente dita. A territorialidade das ações religiosas é bastante diversificada, seja de uma congregação a outra, visitas, acampamentos, eventos, campanhas em locais públicos, shows gospel, etc. Outro fato relevante é que a participação junto a igreja é reiterada com ideia de compromisso em uma ou mais atividades, seja da contribuição financeira, e outras atividades em que o fiel doa seu tempo, serviço ou mesmo orações em prol da igreja. Existem ainda redes de cooperação estabelecidas entre os fiéis que se unem para “reerguer” alguma família evangélica que esteja passando por necessidades. Nesses mutirões de ajuda vão desde o fornecimento de alimentos até o auxílio na obtenção de moradia e emprego.

A proximidade da igreja e de seus dirigentes leva a crer que estes conheçam de perto a realidade e os problemas vivenciados pelos seus fiéis, ajustando assim seu discurso a essas demandas locais. Essa proximidade também acaba funcionando como um fator de controle e vigilância dos fiéis, seja numa vigilância mutua ou feita diretamente por membros da igreja. Tal processo de vigilância pode ser interpretado por alguns fiéis como um cuidado da igreja dispensado a eles. Além da influência das congregações locais e da própria sede da igreja, verifica-se que muitos fiéis tem contato com a igreja por meio de programas de rádio e televisão, já que a igreja Assembleia de Deus dispõe desses dois veículos para chegar até seus fiéis. Recentemente também nota-se a inserção das redes sociais como uma forma de alcançar os fiéis e divulgar eventos e evangelizar por meio destes mecanismos.

Quando procuramos entender o itinerário que levou os fiéis a conversão para igreja evangélica, verificamos que grande parte deles era de origem católica. Quando questionados sobre que razões foram motivados a mudar de religião, se dá pelo fato de que a religião anterior “não pregava a verdade”, havendo uma insatisfação com a doutrina de uma forma geral, seja pela discordância pela adoração de imagens ou mesmo pelo fato de trabalhar a ideia de um Deus menos pragmático, muito distante do seu dia-a-dia. O desconforto e a insatisfação com a religião anterior também é reiterada em ambas as fases da pesquisa. A busca por uma maior aceitação social e mesmo um movimento de mimetismo de amigos e parentes também são uma das razões pelas quais levam os sujeitos a essa aceitação social e posterior aceitação espiritual. Alguns fiéis reconhecem ainda que sua vida anterior, caminhava em um “rumo errado”, ou de que eles mesmos levavam uma “vida errada”. A falta de pragmatismo também é ressaltada por

alguns, já que estes não viam a igreja operar mudanças efetivas em sua vida, operam milagres por exemplo (livrando de vícios e outros problemas), tal como estes observaram na vida de outras pessoas evangélicas e posteriormente na sua. Quando se analisa o tempo de conversão dos fiéis, nota-se que estes a quase totalidade se converteu nos últimos 10 anos, demonstrando um perfil nitidamente jovem. De forma semelhante, quando se observa que um terço desses convertidos que se desviaram da igreja, o perfil desses desviados é também de menos de 29 anos de idade e que ocorreram por problemas de vícios, problemas familiares e outros.

Quando adentramos ao lazer, este é tido pelos sujeitos como uma atividade que se pratica geralmente em família e que também envolve na maior parte a igreja. Algumas atividades que seriam tidas como religiosas são consideradas pelos fiéis como lazer. Sua vida social, religiosa e lazer acabam tendo linhas muito tênues. Ciente de tais necessidades de seus fiéis, a igreja chega a promover inúmeras atividades como shows gospel, retiros, passeios, ensaios, entre outros, de modo a evitar que o fiel vá buscar outras atividades fora da igreja. Existiria assim o que poderíamos chamar de um lazer consagrado pela igreja.

Quando da mudança de religião, da conversão da religião evangélica, verifica-se que muitos sujeitos mudaram sua territorialidade de lazer, deixando de frequentar, bares, festas e para frequentar a igreja, praias e rios. A igreja é tida novamente como um local de lazer pelos fiéis e estes permanecem frequentando praias e igarapés, apresentando justificativas conforme pode ser verificado na segunda parte da pesquisa para essa forma de lazer. Fato é que o lazer voltado a balneários e praias embora seja citado como um lazer remanescente da religião anterior, sua prática é ressignificada, possuindo, portanto, outro caráter. Existe também alguns fiéis, que conforme os relatos da segunda parte da pesquisa, argumentam que esse tipo de lazer pode oferecer riscos a salvação dos fiéis ao promover as tentações da carne e outros vícios. Podemos afirmar, portanto, que ao mudar de religião, o fiel muda sim sua territorialidade, adotando uma territorialidade evangélica, onde alguns lugares são abandonados, outros são incorporados e alguns são ressignificados de acordo com os pressupostos religiosos. A mudança de religião traz consigo, portanto, uma predisposição a uma auto-segregação, ou seja, ao fato de abandonar lugares e pessoas que ofereçam riscos a sua salvação, como também uma segregação imposta, já que muitos dos fiéis têm medo de ser vistos em alguns lugares e sofrer represálias por frequentar determinados locais. Conforme verificado principalmente na segunda fase da pesquisa muitos fiéis consideram que existem “lugares da salvação” e “lugares da perdição”, sendo que estes últimos devem ser evitados não por serem proibidos, mas sim pelos riscos que eles oferecem. Todavia, um grupo de fiéis destaca que não existem “lugares de

salvação” ou “perdição” a *priori* e sim que o que era mais importante era a intenção do sujeito ao se utilizar de determinado espaço ou território. O que determinaria, portanto se um lugar seria sagrado ou mundano, portanto, seria a intenção carregada pelo sujeito, evidenciando assim que a leitura do fenômeno religioso por parte dos pesquisadores da geografia na religião no núcleo paranaense nos parece a que mais adequada.

Algumas atividades como fumar, beber, prostituir, usar drogas, participar de festas, dançar são tidas como práticas de lazer condenáveis ou não indicadas para os fiéis (Apêndice conforme demonstram os dois momentos da pesquisa, pois poderiam desviar o fiel do “caminho correto” ou “do caminho de Deus”. Essas seriam, portanto, a territorialidade da perdição, os locais onde os fiéis deveriam evitar. As festas por exemplo, são citadas como locais onde existe a presença de inúmeros vícios, sensualidade, roupas inadequadas, letras de música ofensivas, entre outros. Já os “lugares da salvação” seriam primordialmente a igreja, a casa dos fiéis e seu próprio corpo, com destaque para esse último que seria, segundo os fiéis, a morada do Espírito Santo e deveria ser preservado por essa razão, mantido longe dos vícios e de outras máculas a que ele possa estar sujeito.

O fato dos fiéis considerarem o corpo como um lugar, corrobora a leitura contemporâneas de geógrafos que vem estudando a geografia corporal, do corpo enquanto órgão mediador da experiência do sujeito com o mundo, ou como reiterado pela leitura da teoria não-representacional”, como estando em evolução com o/no mundo.

As residências e os lares também ganham o status de sagrado, por seu *o lócus* da família e considerada pela igreja como uma unidade sagrada. A residência e a família não estão isentas dos conflitos a que expusemos anteriormente, onde muitas vezes se torna também um lugar de conflito entre sujeitos que em suas múltiplas diferenças e conflitos, a religião acaba sendo uma das razões desse conflito ou mesmo de harmonia, conforme destacam os relatos dos sujeitos. A igreja e seus espaços correlatos, shows gospel, acampamentos, passeios também seriam uma “territorialidade da salvação”.

Interessante observar que conforme já exposto, alguns locais, como os espaços públicos como praças e até mesmo meio de transporte e outros acabam sendo apropriados, consagrados para fins religiosos, quando os fiéis deles se utilizam para pregação, testemunhos ou mesmos campanhas de evangelização e conscientização. Quando estes mesmos locais públicos são utilizados para fins mundanos, esse acaba sendo considerado um espaço de perdição, não pelo espaço em si, mas pelas intencionalidades ali presentes dos sujeitos e a presença de elementos que oferecem risco aos fiéis. Muitos desses riscos a que os fiéis se referem vão além da

materialidade, ou como eles mesmos dizem não podem ser vistos pelos “olhos da carne”, ou seja, influência de demônios que geram tentações e podem induzir as pessoas a errar.

Os fiéis também fazem uso da infraestrutura de alimentação com regularidade, seja frequentando pizzarias, restaurantes, lanchonetes, sorveterias e outros. Geralmente esses usos ocorrem em grupo e também dando preferência, conforme já relatado, aos estabelecimentos de propriedade de “irmãos da igreja”, atendendo assim a um só tempo a necessidade de consumo e a consolidação de uma rede de cooperação econômica entre os pares. Segundo relato de um dos fiéis, os usos e costumes teriam se flexibilizado ao longo do tempo, permitindo por exemplo, que os fiéis não sejam proibidos de ir as praias. Em conversas informais também foi pontuado que haveria uma diferenciação espacial dos usos e costumes, sendo mais flexíveis nos grandes centros urbanos como Belém, enquanto nas localidades do interior do estado, conforme maior distanciamento espacial, os usos e costumes seriam mais tradicionais, fator esse não determinante, dependendo da postura do pastor. Embora muitos fiéis reconheçam que os usos e costumes diferem de um lugar para outro, e até mesmo se diferenciam no decorrer da história, consideram que a palavra de Deus e o Evangelho são imutáveis.

Ao se balizar pela doutrina da Assembleia de Deus, o fiel por meio do Evangelho e dos pastores e demais trabalhadores da Igreja Assembleia de Deus e de suas interpretações, tem acesso a uma nova cosmovisão, ou seja, uma nova forma de ler e entender o mundo, em que não só lhe é oferecido um conjunto explicativo de sua origem e do mundo, como também de como será o futuro de acordo com a Bíblia. Assim, por meio dessa nova cosmovisão e de posse do conhecimento religioso adquirido, esse passa a não só mudar seu comportamento e territorialidade, tendo em conta a busca por uma nova territorialidade pós-morte, que busca evitar o inferno e seus tormentos e buscar o céu e as bênçãos prometidas. As crises a que os sujeitos estão expostos sejam elas oriundas de si mesmo ou do meio externo, provoca um grande estranhamento do sujeito, provocando-lhe uma sensação de insegurança, de não possuir direção, ou como diz Bauman (2017a), um sentimento de estar “a deriva”, de estar perdido. Não por acaso, a palavra converter-te é mudar de direção ou retornar a Deus numa acepção religiosa. Ao buscar os preceitos religiosos, portanto, o sujeito busca evitar as incertezas e inseguranças desse mundo moderno líquida, para se apoiar num discurso de segurança, de ordem, assegurando justiça paz, descanso, plenitude e uma identidade a partir da religião. Todavia, não há como a igreja e os sujeitos não serem afetados por todas as transformações que os cercam, trazendo com isso novas demandas a serem supridas, uma delas: o lazer.

Nessa nova cosmovisão, a alteração do comportamento e da territorialidade estão em indissociável relação com outros mundos invisíveis, tendo inclusive seu cotidiano sendo influenciado por criaturas igualmente invisíveis que além de lhe influenciar vigiam seus passos durante todos os dias de sua vida até sua morte e julgamento. O desejo e aspiração por uma territorialidade divina ainda quase desconhecida, mas que guarda a promessa de descanso eterno, sem sofrimentos, de muita alegria, gozo, paz, faz com os sujeitos dotados de seu livre-arbítrio, se abstenham dos prazeres da carne e das coisas do mundo, visando tais características negadas na terra, mas desejadas em um outro mundo.

Ao se converter, portanto, o sujeito altera com isso não só de religião, mas seu comportamento, sua rede social, sua territorialidade e seus hábitos e locais de lazer. Essa territorialidade material por sua vez é balizada por uma cosmovisão que possui em seu discurso uma lógica que explica sua origem mítica, estabelece um padrão desejado, tendo como objetivo final a transcendência que se efetivará em uma territorialidade intangível, mas com estreitos laços vinculados a territorialidade empreendida no plano terreno.

## REFERÊNCIAS

ABUMANSSUR, E (Org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003.

ADÃO, K. S. Contribuições de Norbert Elias e Eric Dunning para a teoria do lazer. In. **Revista Conexões** n. 5, Dez. 2000, Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2000. Disponível em < [file:///C:/Users/luizf\\_000/Downloads/313-1178-1-PB.pdf](file:///C:/Users/luizf_000/Downloads/313-1178-1-PB.pdf)>

AITKEN, S. C. **Geographies of young people: the morally contested spaces of identity**. London: Routledge, 2001.

ALBACH, V. M. ; GÂNDARA, J. M. G. ; HACK NETO, E. ; VIEIRA, V. B. . O pensamento de Lefebvre e os usos e consumos dos espaços turísticos. **Revista Hospitalidade**, v. XI, p. 2012-117, 2012.

ALBORNOZ, S. O trabalho na balança dos valores. In. **Revista Cult**. Ed. 139. 03/2010. Disponível em: < <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/o-trabalho-na-balanca-dos-valores/>> Acesso em 07/01/2016.

ALIGHIERI, D. Divina Comédia: **São Paulo, Editora**, v. 34, 1998.

ALENCAR, G. F. Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembleia de Deus - origem, implantação e militância nas quatro primeiras décadas - 1911-1946. 2000. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais e Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2000.

ALMEIDA, A. *et. al.* História das Assembleia de Deus no Brasil. Casa Publicadora das Assembleia de Deus no Brasil, 2ª ed. Rio de Janeiro, 1982.

ALMEIDA, A. B. **80 anos construindo para gloria de Deus**. 1977. S.E.

ALMEIDA, M. G. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**, Fortaleza. Ano 2, n. 2. p. 103-114, 2003.

ALMEIDA, M. G. Fronteiras, Territórios e identidades. **ANPEGE**, ano 2, pgs. 103-114, 2005.

ALMEIDA, M. G. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da Geografia Cultural. In: **Revista Geonordeste**. São Cristóvão: Edição Especial, ano XIX, nº 1, 2008. p. 33-54

ALMEIDA, M. G. Geografia Cultural: contemporaneidade e um flaskback na sua ascensão no Brasil. In. MENDONÇA, F. A. *et. al.* (orgs.) **Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antoina (Ademadan), 2009a. pgs. 243-280.

ALMEIDA, M. G. Diáspora: viver entre-territórios e entre-culturas? In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Saverio. (Orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009b. p. 175-195

ALMEIDA, M. G.; OLIVEIRA, C. D. M; VARGAS, M. A. M. A dimensão territorial das festas populares natalinas e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, pgs. 1-16, 2011.

ALMEIDA, M. G. A Propósito do trato do invisível, do intangível e do discurso na Geografia Cultural. Fortaleza: **Anpege**. v. 9, n. 11, pgs. 41-50, jan/jun. 2013a.

ALMEIDA, M. G. de. Fundamentações teóricas e perspectivas na geografia cultural. **Geografia e Pesquisa**, v. 7, n. 2, 2013b.

ALMEIDA, M. G.; ARRAIS, T. A (Orgs.). **É geografia, é Paul Claval**. Goiânia : FUNAPE, 2013c. Disponível em [http://projetos.extras.ufg.br/posgeo/wp-content/uploads/2013/09/e-geografia\\_e-paul-claval.pdf](http://projetos.extras.ufg.br/posgeo/wp-content/uploads/2013/09/e-geografia_e-paul-claval.pdf). Acesso em 15/12/2015

ALMEIDA, M. G. BARBOSA, R. R.; Os valores culturais numa via de mão dupla: o caso da festa de Nossa Senhora Auxilio dos Cristãos, em Vitória do Xingu–PA. **OKARA: Geografia em debate**, v. 9, n. 3. pgs. 450-461, 2016.

ALVES, R. **O enigma da Religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

ALVES, R. **Religião e repressão**. São Paulo: Loyola, 2005.

AMARAL, L. G. L. A Igreja Segundo o Conceito de Dispositivo de Foucault. **Anais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Salto – SP. 17 a 19 de junho de 2016**. Disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0238-1.pdf>

ANDREOTTI, G. **Riscontri di Geografia Culturale**. Trento: Colibri, 2002

ANDREOTTI, G. La géographie culturelle italienne: orientations de recherches. **Géographie et Cultures**, n. 64, p. 7-34, 2007.

ANDREOTTI, G. Geografia emocional e cultural, em comparação com a racionalista. In. HEIDRICH, Álvaro Luiz, PINÓS DA COSTA, PIRES, Benhur, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs) **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

ANDREOTTI, G. La géographie culturelle italienne. **Géographie et cultures**, número 64, 2008. Disponível em: <http://gc.revues.org/1447>. Acesso em 30/09/2016.

ARAGÃO, I. R; MACEDO, J. R. Festa e Turismo Religioso: a procissão em louvor ao Nosso Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão (Sergipe - Brasil). **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 20, p. 96-113, jan./mar. 2011

ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972

ARNT, L. **Peregrinação x turismo religioso**: um estudo de caso no santuário de Azambuja – Brusque, SC. 2006. Dissertação (Mestrado em Hotelaria e Turismo) – Curso de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário de Camboriú, 2006.

ARTHUR, L. B. **Religion, Dress and the Body**. New York: Berg Publishers, 1999

AUREANICE CORREA. O sagrado é divino, a religião é dos homens: territórios culturais e fronteiras simbólicas, a intolerância religiosa na contemporaneidade. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 31, pgs.125-138, jan./jun. de 2012

BANDINI, C. P. Relações de gênero na assembleia de deus: uma análise de trajetória feminina. **Ciências da Religião**: história e sociedade, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 109-133, jul./dez. 2015

BAPTISTA, S. T. C. **Cultura Política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais**: a presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999-2006). 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

BAUMAN, Z. **Freedom**. Buckingham: Open University Press, 1988

BAUMAN, Z. **Thinking Sociologically**. Oxford: Blackwell, 1990

BAUMAN, Z. **Intimations of Postmodernity**. London: Routledg, 1992.

BAUMAN, Z. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. 1998a

BAUMAN, Z. **Modernidade e Holocausto**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. 1998b.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1999a.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. 1999b.

BAUMAN, Z. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. 2004

BAUMAN, Z. **Globalização, modernidade, sociedade fragmentada**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. 2005.

- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. 2008
- BAUMAN, Z. **Arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BAUMAN, Z. **Legisladores e intérpretes**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. 2010a
- BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. 2010b
- BAUMAN, Z. **Bauman sobre Bauman**: diálogos com Keith Tester. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. 2011a
- BAUMAN, Z. **Vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. Jorge Zahar. 2011b.
- BAUMAN, Z. **Isto não é um diário**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. 2012
- BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. 2012b
- BAUMAN, Z. **Cegueira moral**: A perda da sensibilidade na modernidade líquida. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. 2014
- BAUMAN, Z. **Retropia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2017a.
- BAUMAN, Z. Professor with a past. Entrevista concedida a Aida Edemariam, **The Guardian**. 2017a
- BELL, D. Epílogo de 1996: Las contradicciones culturales del capitalismo. In. BERIAIN, J. AGUILUZ, M. (Eds.). **Las contradicciones culturales de la modernidade**. Bogotá: Antropos, 2007. pgs. 43-138.
- BENTHAM, J. Uma introdução aos princípios da moral e da legislação. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BERG, D. **Entrevista com o missionário Daniel Berg**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jHTTW8Defso> Acesso em 14/04/2018. Entrevista concedida em 1968
- BERG, D. **Enviado por Deus**. Memórias de Daniel Berg. 8 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- BERG, D. **Daniel Berg - Enviado por Deus**: versão ampliada. Rio de Janeiro: CPAD, 2011
- BETINE DE ALMEIDA, M. A. Cultura e lazer: uma aproximação habermasiana. **Lua Nova**, São Paulo, n° 74, pgs. 93-130, 2008

BETINE DE ALMEIDA, M. A. Lazer e reclusão: contribuições da ação comunicativa. **Dissertação** (Mestrado – Faculdade de educação Física, Universidade Estadual de Campinas: [s.n], 2003.

BETINE DE ALMEIDA, M. A. O lazer na reclusão: construção de novos modelos teóricos e partir da estruturação histórico-teorética do lazer. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 10, n° 83, abr/2005.

BÍBLIA SAGRADA. **Gênesis**. São Paulo: Editora Paulus. 1990. São Paulo: Editora Ave Maria, 1982. cap. 1, p. 15.

BÍBLIA SAGRADA. **Gênesis**. São Paulo: Editora Paulus. 1990. São Paulo: Editora Ave Maria, 1982. cap. 3, p. 16

BIESEK, A. S. ; SOUSA, L. F. As Narrativas Míticas nas Interfaces da Linguagem com o Ensino de Geografia nas Séries Iniciais em Porto Velho. In: **ENPEG - 10 Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**, 2009, Porto Alegre – RS, 2009. v. 1.

BIRMAN, P. Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens. **Religião e sociedade**, vol. 17, n 1-2, pgs. 90-109, 1996.

BLACKSHAW, T. 'The Sociology of Sport Reassessed in the Light of the Phenomenon of Zygmunt Bauman', **International Review for the Sociology of Sport**. vol. 37, n°2 pgs 199-217. 2002

BLACKSHAW, T. **Leisure Life: myth, masculinity and modernity**. Routledge. 2003

BLACKSHAW, T. **Zygmunt Bauman**. Routledge. 2005

BLACKSHAW, T. 'Too Good For Sociology', **Polish Sociological Review**. vol. 155, n° 3. pgs 293-306, 2006.

BLACKSHAW, T. 'Zygmunt Bauman'. In: R. Stones (ed.) **Key Sociological Thinkers**. Palgrave Macmillan. pgs 368-382, 2007.

BLACKSHAW, T. Bauman on consumerism : living the market-mediated life. In: JACOBSEN, M., PODER, P. (Eds.) **The sociology of Zygmunt Bauman**. Ashgate, 2008a.

BLACKSHAW, T. Contemporary community theory and football. **Soccer and Society**, vol. 9 n° 3, pgs. 325-345, 2008b.

BLACKSHAW, T. Bauman's challenge to sociology. In: DAVIS, M.; TESTER, K. (Eds.) **Bauman's challenge: sociological issues for the 21st century**. Basingstoke, Palgrave Macmillan, pgs. 70-91, 2010a

BLACKSHAW, T. Emancipation: fractured lives, certain leisure? In: ROJEK, C. (Ed.) **Leisure Studies**. Vol. 4. Key Issues for the 21st Century . Sage, pgs. 311-329, 2010b

BLACKSHAW, T. **Key concepts in community studies**. Sage Key Concepts series. London, Sage, 2010c

BLACKSHAW, T. **Leisure. Key ideas** . London and New York, Routledge, 2010d

BLACKSHAW, T. Leisure and emotional labour: a commentary on Rojek's "Leisure and emotional intelligence". **World Leisure Journal**, vol. 52, n° 4, pgs 253-256, 2010e.

BLACKSHAW, T. The Man from Leisure : an interview with Chris Rojek. **Cultural Sociology**, vol. 6 , n° 3, pgs. 319-335. 2012

BLACKSHAW, T. Two sociologists: Pierre Bourdieu and Zygmunt Bauman. In: BLACKSHAW, T. (Ed.). **Routledge Handbook of Leisure Studies**. Routledge, New York, 2013a.

BLACKSHAW, T. **Working-class life in Northern England, 1945-2010** : the pre-history and after-Life of the inbetweener generation. Palgrave Macmillan, 2013b.

BLACKSHAW, T. How shopping changed leisure. In: BLACKSHAW, T. (Ed.) **The Routledge International Handbook of Leisure Studies**. London, Routledge, pgs. 358-372, 2013c

BLACKSHAW, T. (Org.) **The Routledge international handbook of leisure studies**. London, Routledge. 2013d

BLACKSHAW, T. Social capitalism and leisure policy reconsidered. In: BLACKSHAW, Tony, (Org.) **The Routledge international handbook of leisure studies**. London, Routledge, pgs. 432-442, 2013e

BLACKSHAW, T. Two sociologists: Pierre Bourdieu and Zygmunt Bauman. In: BLACKSHAW, T. (Ed.) **The Routledge international handbook of leisure studies**. London, Routledge, pgs. 168-178. 2013f

BLACKSHAW, T., ROJEK, C. The labour of leisure reconsidered. In: BLACKSHAW, T. (Ed.) **The Routledge international handbook of leisure studies**. London, Routledge, pgs 544-549. 2013g

BLACKSHAW, T. 90-letni Zygmunt Bauman: Schöpferkraft i jego dwoistości. **Studia Krytyczne/ Critical Studies**, vol. 2, pgs 15-34, 2016a

BLACKSHAW, T. (Ed.) **The new Bauman reader: thinking sociologically in liquid modern times**. Manchester, Manchester University Press, 2016b.

BLACKSHAW, T. British sociology, the bourgeois media-sociology hybrid and the problem of social class. **Studia Krytyczne/Critical Studies**, vol. 3, pgs. 13-44, 2016c.

BLACKSHAW, T. Decentring leisure : rethinking leisure theory (Book review). **Annals of Leisure Research**, vol. 20, n° 2, pgs. 240-242, 2017a.

BLACKSHAW, T. **Re-Imagining Leisure Studies**. Routledge Critical Leisure Studies. London and New York, Routledge, 2017b.

BLACKSHAW, T. The crisis in sociological leisure studies and what to do about it. **Annals of Leisure Research**, vol. 17, n° 2, pgs. 127-144, 2014

BONJARDIM, S. G. M. Patrimônio cultural: território e poder da igreja católica em Sergipe. **Revista GeoNordeste**, n. 3, 2013.

BONJARDIM, S. G. M *et al.* **Sob o domínio da cruz: a construção de um território e patrimônio cultural em Sergipe**. 2014.

BONJARDIM, S. G. M; DE ALMEIDA, M. G. Expansão do Sagrado: a Territorialidade da Igreja Católica em Sergipe-Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-16, 2011.

BONJARDIM, S. G. M; DE ALMEIDA, M. G. Hierofanias territorializadas: a igreja católica em sergipe, Brasil. **Cuadernos de Geografía-Revista Colombiana de Geografía**, v. 22, n. 1, 2013.

BONNEMAISON, J. **De la nature de l'espace à l'espace de la culture, images sociales et culturelles d'un espace insulaire**. Espace géographique. Tome 14, n°1, p. 33, 1985

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. **Geografia Cultural: um século (3)**. Ed. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002, pgs. 83-131

BORGES, M. C. Entre as folias do São Francisco: de uma Geografia da religião a uma Geografia da religiosidade popular no norte de Minas Gerais. 2015. 181 f. **Tese** (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

BOWEN, J. R. Beyond migration: Islam as a transnational public space. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, vol. 30, 2004, pgs. 879–894.

BRAMADAT, P.; SELJAK, D. (Ed.). **Religion and ethnicity in Canada**. University of Toronto Press, 2009.

BOHN, S. R.. Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opin. Publica**, Campinas , v. 10, n. 2, pgs. 288-338, Oct. 2004 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-62762004000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762004000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 27/03/2016

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: Rosendahl, Z. e Corrêa, R.L.(Orgs). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1981.

BOURDIEU, P. **Capital Cultural**, Escuela y Espacio Social. México: Siglo Veinteuno, 1997.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CAMARGO, L. O. L. **O que é o lazer**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CAPALBO, C. A subjetividade e a experiência do outro: Maurice Merleau-Ponty e Edmund Husserl. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 13, n. 1, pgs. 25-50, jun. 2007. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100003&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 22/03/2015

CARBALLO, C. Caminos del peregrino gaucho memoria y voces de la tradición religiosa en el Catolicismo Argentino. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 31, pgs. 80-93, jan./jun. de 2012a

CARBALLO, C. T. La corporalidad como nuevos territorios de espacialidad religiosa. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, N. 32, pgs. 61-78, jul./dez. de 2012b.

CARDOSO, D. Cosmopolitismos Alternativos e Religiosidades Fluidas na Urbe: Repensando Cidade e Religião sob o Prisma da Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 31, pgs. 99-114, jan./jun. de 2012

CARNES, T.; YANG, F. Introduction. In T. Caarnes & F. Yang (Eds.), **Asian American religions: The making and remaking of borders and boundaries**. New York: New York University Press, pgs. 1-37, 2004.

CARR, N.; PORIA, Y. (Ed.). **Sex and the sexual during people's leisure and tourism experiences**. Cambridge Scholars Publishing, 2010.

CARRANO, P. C. R. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

CARVALHO, N. C. ; SILVA, C. S. Q. A cultura e a educação amazônica na arte dos brinquedos de Miriti. **Eccos Revista Científica** (Online), v. 27, pgs. 17-229, 2012.

CASSIRER, E. **Ensaio Sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CAVALCANTE, L. G. de S. A construção de uma nova identidade cultural jovem evangélica a partir da “cultura *gospel*” no Brasil: a Igreja Evangélica Bola de Neve Church (1980 – 2010). Curitiba. UFPR, 2012. **Monografia (Graduação em História)** - Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2012

CHAUÍ, M. Sobre o direito e preguiça. In. NOVAES, A. **Mutações: elogio à preguiça**. São Paulo: SESC/SP, 2012

CHAVEIRO, E. F. Corporalidade e lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA, E. JR. Et. al. (orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, pgs. 249-279.

CHRISTOFFLI, A. R.; PEREIRA, R. F. A.; SILVA, Y. F. O lazer no turismo religioso: uma análise dos discursos no turismo. **Revista Pasos de Turismo y Patrimonio Cultural**. vol. 10, n. 5, pgs. 595-603, 2012

CHRISTOFFOLI, A. R. Turismo e religiosidade do Brasil: um estudo dos discursos da produção acadêmica brasileira. 2007, **Tese** (Doutorado em Turismo e Hotelaria) – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2007.

CHRISTOFOLETTI, A. As características da nova geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985, pgs.71-101.

CLARKE, J.; CRITCHER, C. **The Devil Makes Work**. London: Macmillan, 1985

CLAVAL, P. SINGARAVELOU. **Etnogeographies**. L'Harmattan, Paris, 1995

CLAVAL, P. Etnogeografias: conclusão. **Espaço e Cultura**, UERJ, n°7, jan/jun de 1999a. pgs. 69-74.

CLAVAL, P. Les religions et leurs substituts. Réflexions géographiques sur la transcendance et sur l'immanence, **Colloquio Internacional** "Geografia de las religions," Santa Fé, 11 a 15 de maio de 1999, Santa Fe: Universidad Catolica pgs. 21–56, 1999b.

CLAVAL, P. O tema da religião nos estudos geográficos. **Espaço e Cultura**. n. 7. jan.-jun. Rio de Janeiro: UERJ- NEPEC, 1999c. pgs. 37-58

CLAVAL, P. Geografia Cultural: um balanço. **Revista Geografia** (Londrina), v. 20, n° 3, pgs. – 24, set./dez. 2001a

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 2001b.

CLAVAL, P. "A volta do cultural" na geografia. Mercator - **Revista de Geografia da UFC**, ano 01, número 01, 2002.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2007

CLAVAL, P. Uma, ou Algumas, Abordagem(ns) Cultural(is) na Geografia Humana? In: Serpa, A. (Org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008a. pgs. 13-29.

CLAVAL P., **Religions et idéologies**. *Perspectives géographiques*, Paris,PUPS, 2008b.

CLAVAL P., **Les Espaces du Politique**, Paris, A. Colin, 2010a.

CLAVAL, P. La geografía en recomposición: objetos que cambian, giros múltiples. ¿Disolución o profundización? In: LINDÓN, A; HIERNAUX, D. (Orgs.) **Los Giros de la Geografía Humana: Desafíos y horizontes**. México: Anthropos, 2010b. pgs. 63-82.

CLAVAL, P. Política, espaço e cultura: as ligações entre poder e religião. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 12, 2011.

CLAVAL, P. A geografia cultural no Brasil. In: BARTHE-DELOIZY, F., SERPA, A., (Orgs.) **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, pgs. 11-25, 2012

CLAVAL, P. A festa religiosa. **Ateliê Geográfico**, v. 8, n. 1, pgs. 6-29, 2014.

COOK, A. S. *et. al.* Encountering the other; evangelicalism and terrorism in a post 911 world. **Journal of Law and Religion**, vol. 20, pgs. 1–30, 2004

COOK, I, COACH, D., NAYLOR, S., RYAN, J. R. (Eds.). **Cultural Turns - Geographical Turns**, Harlow, Pearson Education Limited. 2000.

COOK, M. **Ancient religions, modern politics: The Islamic case in comparative perspective**. Princeton University Press, 2014.

COOPER, A. **Sacred Mountains**. Ancient wisdom and modern meanings. Floris Books, Edinburgh, 1997a

COOPER, A. Sacred Interpretations of the Ecophysiology in Tropical Forest Canopies. **Pennsylvania Geographer**, n° 35 vol. 2, pgs. 5-31, 1997b

CORRIOLANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. Lazer e turismo: novas centralidades da sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v.1, n.2, mai./ago. 2014.

CORREA, A. M. . Não Acredito em Deuses que não Saibam Dançar: a Festa do Candomblé, Território Encarnador da Cultura. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia Cultural: Uma Antologia**. 1ed. Rio de Janeiro-RJ: EdUERJ, vol. 2, pgs. 203-218. 2013

CORREA, M. A. O. S. A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos Ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil. 2012. 351 f. **Tese** (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CORREA, R. L. A Dimensão Cultural do Espaço: Alguns Temas. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, pgs. 1-21, 1995.

CORREA, R. L. Prefácio. In: ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio De Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996. pgs. 5-6

CORREA, R. L. **Geografia Cultural: Uma Bibliografia**. **Espaço e Cultura**, vol. 5, 1998

CORREA, R. L. Religions et territoires. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 8, pgs. 93-94, ago/dez de 1999. Resenha.

CORRÊA, R. L. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e cultura**, n. 1, p. 1-22, 2012.

CORREA. R. L.; ROSENDAHL Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999a.

CORREA. R. L.; ROSENDAHL Z. (Orgs.). **Geografia Cultural: Um Século (1)**, Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999b.

CORREA. R. L.; ROSENDAHL Z. (Orgs.). **Geografia Cultural: Um Século (2)**, Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999c.

CORREA. R. L.; ROSENDAHL Z. (Orgs.). **Geografia Cultural: Um Século (3)**, Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999d.

CORREA. R. L.; ROSENDAHL Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1999e.

CORREA. R. L.; ROSENDAHL Z. (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000a.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: UERJ, 2000b.

CORREA. R. L.; ROSENDAHL Z. (Orgs.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001

CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. A geografia Cultural brasileira: uma avaliação preliminar. **Revista da ANPEGE**, v.4, pp. 89-108, 2008.

CORRIGAN, J. Spatiality and Religion. In: WARF, Barney; ARIAS, Santa (Ed.). **The spatial turn: Interdisciplinary perspectives**. Routledge, 2008.

CORRIGAN, J. et. al. . **Religion and emotion: Approaches and interpretations**. Oxford University Press, 2000.

COSTA, F. R.; ROCHA, M. M. Geografia: conceitos e paradigmas: apontamentos preliminares. **Revista GEOMAE - Geografia, Meio Ambiente e Ensino**. vol. 1, nº 2, jul/dez, 2010.

COSTA, O. B. R. Alguns apontamentos sobre as mudanças nas relações de Gênero no meio pentecostal. **Revista Vernáculo**, n. 36, 2012.

COSTA, O. J. L. A imaginação geográfica e as representações dos lugares sagrados. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 32, pgs. 48-60, jul./dez. de 2012.

COSTA, W. S. R. **Tem crente no pedaço”**: um estudo sobre religião e lazer entre jovens evangélicos. 2015. 269 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião)–Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

CRISTO, E. F. M. Oralidade em uma comunidade amazônica: comunicação, cultura e contemporaneidade. 2012. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2012

D'ABADIA, M. I. V.; DE ALMEIDA, M. G. Festas religiosas e pós-modernidade. **Revista GeoNordeste**, n. 2, 2009.

D'ABADIA, M. I. V. Louvação e proximidade: as festas de padroeiros fora do Brasil. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 30, n. 1, 2010.

D'ABADIA, M. I. V. Nos Caminhos do Muquém: Romaria e Fé x Turismo e Lazer. In: ALMEIDA, M. G (Org.). **Paradigmas do Turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003.

D'ABADIA, M. I. V. **Diversidade e Identidade Religiosa**. Paco Editorial, 2014.

D'AVILA, E. Assembleia de Deus no Brasil e a Política: Uma Leitura a partir do Mensageiro da Paz. 2006. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Bernardo do Campo, 2006

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: Natureza da Realidade Geográfica. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. pgs. 20-31.

DAVENPORT, Guy. **The Geography of the Imagination**. North Point Press: San Francisco, 1981.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **A thousand plateaus: Capitalism and schizophrenia**. Bloomsbury Publishing, 1988.

DELGADO, J. S. Nem terno nem gravata: as mudanças na identidade pentecostal assembleiana. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais.) - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA), 174 f. 2008.

DE SOUZA, J. A. X. A paisagem de peregrinos a pé: o horizonte é logo ali. **Espaço e Cultura**, n. 35, pgs. 107-124, 2014.

DEFFONTAINES, P. **Géographie et religions**. Paris, Gallimard, 1948

DEWSBURY, J. D.; CLOKE, P. Spiritual landscapes: existence, performance and immanence, **Social & Cultural Geography**, vol. 10, n° 6, pgs. 695-711, 2009.

- DEWSBURY, J. *et. al.* Introduction: Enacting Geographies. **Geoforum**, 33, 437-440, 2002
- DUFFY, M.; WAITT, G. R. **Sound diaries: a method of listening to place.** 2011.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular.** São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular.** São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer.** São Paulo: SP: Perspectiva, 1979
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer.** São Paulo: SP: Perspectiva, 1999
- DUMAZEDIER, J. A revolução cultural do tempo livre. São Paulo: Studio Nobel; SESC, 1994.
- DUNNING, E. Figural Contributions to the Sociological Study of Sport. In. MAGUIRE, J.; YOUNG, K.(Eds.) **Theory sport and society.** Oxford: Elsevier Science, pgs. 311-238, 2002
- DURKHEIM. E. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- EADE, J. **From race to religion: Multiculturalism and contested urban space.** Beaumont & Baker. pgs. 154-167, 2011.
- EBAUGH, H. R. Religion across borders: Transnational religious ties. **Asian Journal of Social Science**, vol. 32, pgs. 216–231. 2004,
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** São Paulo, Martins Fontes, 1992
- ELIAS, N. e DUNNING, E. **Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion.** México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.
- FARIA BRETAS, I; DE ALMEIDA, M. G. A caçada da rainha em colinas do sul: um diálogo entre lugar e identidades. **Revista Geografar**, v. 10, n. 2, pgs. 45-61, 2016.
- FARIAS, C. L.; BLANC, M.V. Juventude, religiosidade e o “tempo livre”: Formas de sociabilidades efetivadas por jovens universitários. In: Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais, v. 1, n. 1, 2011. Universidade Federal do Espírito Santo, Pós Graduação em Ciências Sociais, Espírito Santo. **Anais...** UFES, 2011. Disponível em <http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/viewFile/1559/1151>
- FARIA BRETAS, I; DE ALMEIDA, M. G. A caçada da rainha em colinas do sul: um diálogo entre lugar e identidades. **Revista Geografar**, v. 10, n. 2, p. 45-61, 2016.

FARIAS, M. F. Turismo Religioso na Cidade da Santa: a percepção da comunidade sobre a construção do Complexo Turístico e Religioso Alto de Santa Rita, Santa Cruz/RN, Natal, RN, **Dissertação** (Mestrado em Turismo), Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2013.

FERNANDES, D. Juventudes e Religião: contribuições a partir da Geografia da Religião. In: Seminário de Pesquisa Juventude e Cidades, 2011. Universidade Federal de Juiz de Fora Juiz de Fora, Minas Gerais. **Anais...UFJF**, 2011

FERNANDES, D. Geografia da religião: um olhar sobre as espacialidades da juventude evangélica da Assembleia de Deus. Curitiba, 2012a. 130 f. **Dissertação (mestrado)** – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2012a

FERNANDES, D. A religião “faz” sentido! Contribuições da geografia da religião para abordagem da temática “juventudes”. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 1, n. 2, pgs. 01-14, 2012b.

FERNANDES, D.; GIL FILHO, S. F. Geografia em Cassirer: Perspectivas para a geografia da religião. **GeoTextos**, vol. 7, n. 2, dez. 2011, p. 211-228. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/download/5283/4092>> Acesso em 13/06/2016

FERNANDES, R. O. L. Movimento Pentecostal, Assembléia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal. 2006. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação – Faculdade de Ciência Humanas – Universidade Metodista de Piracicaba, 2006

FERREIRA, C. L. Trabalho, Tempo Livre e Lazer: uma reflexão sobre o uso do tempo da população brasileira. 2010. **Dissertação** (Mestrado em Engenharia da Produção). Universidade Tecnológica Federal do Paraná Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção , Ponta Grossa, PR, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 35ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977

FOUCAULT (Org.) **Foucault: a critical reader**. New York: Basil Blackwell, 1986.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

FOUCAULT, M. **The Order of Things**. Routledge, London, 2002

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 35ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANCA, M. M. F. H. C. M. A expressão territorial da identidade religiosa da população católica portuguesa. Estudo de caso na diocese sde Coimbra. 666f. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia – Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2015.

MAGALHÃES, F. **História da Assembléia de Deus em Bragança**. Edicação do autor. Bragança – Pará, 2001

FREITAS, D.; HOLANDA, A. F. Conversão religiosa: buscando significados na religião. **Gerais**, Rev. Interinst. Psicol. [online]. 2014, vol.7, n.1, pp. 93-105, 2014

GEERTZ, C. A Religião como Sistema Cultural. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.

GIL FILHO, S. F. Identidade religiosa e territorialidade do sagrado: notas para teoria do fato religioso. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

GIL FILHO, S. F. Igreja Católica Romana: Fronteiras do Discurso e Territorialidade do Sagrado. Curitiba Pr, 2002. 247 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná. 2002.

GIL FILHO, S. F. Por uma Geografia do Sagrado. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. 2. Ed. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

GIL FILHO, S. F.. Estruturas da Territorialidade Católica no Brasil. **Scripta Nova - Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales**, Universidad de Barcelona. Vol. X, nº 205, 2006.

GIL FILHO, S. F. Geografia da religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico. Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (1.: 2006 : Curitiba,PR) Espaço e representações: construções teóricas do geográfico; **Anais**, Edição do NEER Geografia/UFPR, Curitiba, v. 1, n. 1, 2007a. 1CD-ROOM. Disponível em: <http://www.neer.com.br/anais/NEER-1/mesas/sylvio-gil.pdf>. Acesso em 02/07/2016.

GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). **Da percepção e Cognição à Representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007b.

GIL FILHO, S. F. **Espaço Sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: Ibpx, 2008.

GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião: Perspectivas e Abordagens. **Revista de Estudos da Religião** - REVER, junho, ano 09, 2009a. Disponível em < [http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2009/editorial.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2009/editorial.htm)>

GIL FILHO, S. F. Da ontologia do sagrado de Rudolf Otto ao sagrado como forma simbólica. In: JUNQUEIRA, S. (org.). **O Sagrado: fundamentos e conteúdo do ensino religioso**. Curitiba: Ibpx, 2009b.

GIL FILHO, S. F. Conformação simbólica dos espaços da vida e da morte: uma aproximação teórica. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 6, n. 18, pgs. 133-144, 2014.

GIL FILHO, S. F. (Org.). *Liberdade e religião: o espaço do sagrado no século XXI*, Editora CRV, 2016. Disponível em: [http://nupper.com.br/arquivos/Liberdade e Religiao\\_S F Gil Filho\(Org\).pdf](http://nupper.com.br/arquivos/Liberdade_e_Religioao_S_F_Gil_Filho(Org).pdf)

GOMES, A. M. A. O pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, aproximações e contrastes. **Fides Reformata**. vol. 7, nº 2, 2002. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_VII\\_2002\\_2/Maspoli.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_VII_2002_2/Maspoli.pdf)>. Acesso em 29/01/2015 às 21:56.

GOMES, A. M. A. Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião. **Ciências da Religião**. História e Sociedade, vol. 9, nº 2, p. 148-174, 2011

GOMES, C. L. Verbete Lazer: Concepções. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pgs. 119-126, 2004.

GOMES, R.; MENDONÇA, E. A.; PONTES, M. L. Como Representações Sociais e a Experiência da Doença. **Cad. Saúde Pública**. 2002, vol.18, n.5, pgs. 1207-1214. 2002.

GONÇALVES, A. T. M.; ROCHA, L. M. Identidades e etnicidades: conceitos e preceitos. In: SILVA, G. V. da; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (Org.). **As identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião**. Vitória: EDUFES, 2006, pgs. 11-31.

GUIMARÃES, D. O. Condições sócio-ambientais da bacia Hidrográfica do Rio Caeté (Pará, Brasil). 2011. **Tese** (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Biologia Ambiental – Universidade Federal do Pará. 2011

GUTIERREZ, G. L. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas: Autores Associados; 2001.

HAESBAERT, R.. “Gaúchos” no Nordeste: Modernidade, Des-Territorialização e Identidade. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Geografia, USP, São Paulo, 1995.

HAESBAERT, R. Des-Territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no nordeste. Rio de Janeiro, EDUFF, 1997.

HAESBAERT, R. Redes de diásporas. **Cadernos do Departamento de Geografia** nº. 2. vol, 2. Niteroi. Universidade Federal Fluminense, Jkan.jun 1999a

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: ROSENDHAL. Z. e CORREA, R. (Orgs.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro, EdUERJ. 1999b

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural á essencialização das identidades). In: ARAÚJO, Frederico Guilherme; HAESBAERT, Rogério (Org.). **Identidade e Territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: accss, 2007a, pgs. 93-123.

HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**. Rio de Janeiro, ano 11, n. 17, pgs. 19-44, mar. 2007b.

HAESBAERT, R. Multi/transterritorialidade e “contornamento: do transito por múltiplos territórios ao contorno dos limites fronteiriços. In. Fraga, N. F. (Org.) **Territórios e fronteiras –(re)arranjos e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2011.

HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997

HEIDEGGER, M. O. La tesis de Kant sobre el Ser. 1962 Disponível em: [http://cmap.upb.edu.co/servlet/SBReadResourceServlet?rid=1154442556421\\_431131448\\_14627](http://cmap.upb.edu.co/servlet/SBReadResourceServlet?rid=1154442556421_431131448_14627)

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espirito**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

HELLER, A. **A Theory of Modernity**. Oxford: Blackwel, 1999.

HELLER, A. Self-representation and the representation of the other. In: HELLER, A.; RUNDELL, J. L. **Aesthetics and Modernity Essay**. Agnes: Rowman and Littlefield, 2011

HERVIEU-LÉGER, D. Space and Religion: New Approaches to Religious Spatiality in Modernity. **International Journal of Urban and Regional Research**, 26: 99–105, 2002.

HIRSCHMAN, C. The role of religion in the origins and adaptation of immigrant groups in the United States. **International Migration Review**, vol. 38, 2004, pgs. 1206–1233, 2004

HOLZER, W. Nossos Clássicos: Carl Sauer (1889-1975). **GEOgraphia**. Ano II, nº4,. pgs. 135-136, 2000

HOLZER, W. A geografia humanista: uma revisão. **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: Eduerj, pgs. 165-178, 2012.

HÖRLLER, K. R. ; BRUNET, A. E. ; TERRA, A. P. ; PIZZINATO, A. . Relações de gênero e religião: os papéis designados à mulher. In: XI **Salão de Iniciação Científica da PUCRS**, 2011, Porto Alegre. XI Salão de Iniciação Científica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. pgs. 1718-1720. 2012

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Perspectiva: São Paulo, 2012.

KESSLER, A. S.; ALVES, C. E. R. **As mulheres nas religiões: cultura, identidade e relevância social**. Disponível em: [http://www.academia.edu/3723260/As\\_Mulheres\\_nas\\_religi%C3%B5es\\_cultura\\_identidade\\_e\\_relev%C3%A2ncia\\_social](http://www.academia.edu/3723260/As_Mulheres_nas_religi%C3%B5es_cultura_identidade_e_relev%C3%A2ncia_social)> Acesso em 13/01/2015

KNOTT, K. Spatial Theory and Method for the Study of Religion. **Temenos: Nordic Journal of Comparative Religion**. vol. 41, nº 2, pgs. 153–184, 2005.

KONG, L. Geography and religion: trends and prospects. **Progress in Human Geography**, vol 14, número 3, pgs. 355 – 371, 1990.

KOZEL, S. Geografia, representação e ensino: um olhar sobre a dimensão conceitual. In. Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (1.: 2006 : Curitiba,PR) Espaço e representações: construções teóricas do geográfico; Anais, Edição do NEER Geografia/UFPR, Curitiba, v. 1, n. 1, 2007. 1CD-ROOM. Disponível em <<http://www.neer.com.br/anais/NEER-1/mesas/salete-kozel.pdf>>. Acesso em 30/06/2016.

KOZEL, S.; COSTA SILVA, J.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). Da Percepção e cognição à representação:Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 114-138

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo – Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2003

LÉVY, J. Qual o sentido da Geografia Cultural?. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 61, pgs. 19-38, ago. 2015

LIN, I. Journey to the far West: Chinese Buddhism in America. In YOO, D. K. (Ed.), **New spiritual homes: Religion and Asian Americans** Honolulu: University of Hawaii Press. pgs. 134–166, 1999.

LIRA, T. M. Política ambiental e comunidades ribeirinhas no amazonas: um estudo do impacto sociocultural no modus vivendi dos ribeirinhos de Maués-AM.. In: **14º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, 2013. Impactos da Crise do capital nas políticas sociais e no trabalho do (a) assistente social., 2013.

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LOCKE, J. **Dois tratados sobre o governo**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LOCKE, J. **Segundo tratado sobre o governo**. São Paulo: Martins Claret, 1998

LOHMANN, G.; PANOSSO NETTO, A. **Teoria do Turismo – conceitos, modelos e sistemas**. São Paulo: Aleph, 2008

LORIMER, H. Cultural geography: the busyness of being ‘more-than-representational’. **Progress in Human Geography**, vol. 29, n° 1, pgs 83-94. 2005.

MACHADO, M. D. C. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 13, n° 2, maio-agosto/2005.

MAFRA, C. Distância territorial, desgaste cultural e conversão pentecostal. In: ALMEIDA, R. (Orgs.). **Religiões e cidades**: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

MAGALHÃES FILHO, J. R. de. A construção de um estilo de vida: família e relações de gênero na participação do projeto ético-político renovado. 2014. 187 f. **Tese** (Doutorado) –

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014

MAGALHÃES, F. **História da Assembléia de Deus em Bragança**. Edicação do autor. Bragança – Pará, 2001

MAGALHÃES, M. G. S. D. A História Oral e os ribeirinhos do baixo rio Branco. In: **X Encontro Nacional de História Oral**, 2010, Recife. A História Oral e os Ribeirinhos do Baixo Rio Branco. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2010. v. 1. p. 107.

MAGALHÃES, M. G. S. D. Populações Tradicionais de Roraima: os relatos orais dos ribeirinhos do Baixo Rio Branco. In: **XI Encontro Nacional de História Oral**, 2012, Rio de Janeiro. Memória, Democracia e Justiça, 2012. pgs. 286-286.

MARINA CORREA, A.O.S. **Assembleia de Deus: Ministérios, Carisma e Exercício de Poder** – São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MARCELINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4. Ed. Campinas, SP: autores associados, 2006.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.

MARIANO, R. **Neopentecostais- sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**, São Paulo: Loyola, 1999.

MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MASI, D. **A economia do ócio**. Rio de Janeiro: Sextante. 2001.

MASI, D. **O futuro do trabalho: Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003

MASCARENHAS, F. Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer. 2005. **Tese** (Doutorado) Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005

MAUSS, M. **On Prayer**. Dordrecht: Springer, 2002

MEDEIROS SILVA, J. Análise do discurso e pesquisa qualitativa na geografia. In: RAMIRES, J. C. L.; PESSOA, V. L. (Orgs.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia, Assis, 2009. pgs. 91-122, 2009.

MELO, V. A. Lazer, esporte e presidiários: algumas reflexões. **Revista digital**, ano 11, nº 106, Buenos Aires, mar/2007.

MENDONÇA, A. G. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista Usp**, São Paulo, n.67, pgs. 48-67, setembro/novembro 2005

MENDONÇA, A. G. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. **Revista Usp**, São Paulo, n.74, pgs. 160-173, junho/agosto 2007.

- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes; 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- MESQUITA, W. A. B. M. Um pé no Reino e outro no Mundo: consumo e lazer entre neopentecostais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, pgs. 117-144, 2007.
- MONTERO, P. Escolhas religiosas e cidadania. In: **Cadernos de Pesquisa**, vol. 6, p. 15 – 53, São Paulo: 1997. Disponível em: [www.cebrap.org.br/v2/files/upload/biblioteca\\_virtual/escolhas\\_religiosas\\_e\\_cidadania.pdf](http://www.cebrap.org.br/v2/files/upload/biblioteca_virtual/escolhas_religiosas_e_cidadania.pdf) f>. Acesso em: 10 no. 2017.
- MORAES, M. J. “Acreanidade”: invenção e reinvenção da identidade acreana. 2008. Tese (Doutorado) -Curso de Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- MOTA, R. D.; ALMEIDA, M. G. A representação dos aspectos simbólicos das festas de Santos Reis de Goiânia por meio de mapas mentais. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 25, pgs. 92-110, 2012.
- MOTA, R. D. “Senhor dono da casa, se não for muito custoso, vem abrir a vossa porta que nós viemos de pouso”: as territorialidades produzidas pelos Grupos das Folias de Reis em Goiânia. 2011. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) - - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.
- MOTA, R. D. O protestantismo nas territorialidades e na identidade territorial da comunidade Quilombola Kalunga – Goiás. 2016. 342 f. **Tese** (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- MOURA, L. C. B. Espaço e Lugar Sagrado: vivência e percepção Pentecostal Assembleiana. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 3, n. 2, pgs. 130-154, 2014.
- MOURA, N. Rumo a Pós-Modernidade: A Virada Lingüística na Geografia. Virada Lingüística? **Geografar**. Curitiba, v.3, nº.1, pgs. 01-15, jan./jun. 2008.
- NABOZNY, A. Abordagens culturais na geografia brasileira: uma compreensão. **Tese** (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia., 2014
- NASCIMENTO, R. M.; MARCELLINO, N. C. Construção de uma teoria do lazer a partir dos autores clássicos: as contribuições de Benjamin, Adorno e Horkheimer, Marcuse, Fromm, Habermas, Elias e Dunning. In. **18º Congresso de Iniciação Científica**, 18º Congresso de Iniciação Científica na 8ª Mostra Acadêmica da UNIMEP, 2010b. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/8mostra/1/191.pdf>>
- NOGUEIRA, C. **A análise do discurso**. Braga, Portugal: CEEP, 2001.

OLIVEIRA, G. S. P. L.; PEZZATO, J. P. A potencialidade da pesquisa narrativa para as investigações sobre o ensino de geografia. In. Anais... IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. 2010. Disponível em <<http://www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/artigos/40.pdf>>. Acesso em 05/06/2016.

OLIVEIRA, H. C. M. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a Geografia da religião do movimento pentecostal. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 34, pgs. 135-158, 2012.

OLIVEIRA, W. C. **Juventude e Religião no Século XXI: a crise dos compromissos religiosos**. Vox Faifae: **Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama**. v. 2 n.1, 2010

OTTO, R. **Das Heilige: Über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen**. München, Beck, 1979

PAIVA, D. Teorias não-representacionais na geografia ii: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. 53, n. 107, 2018.

PANTOJA, V; COSTA, M. Faces do pentecostalismo brasileiro: A assembleia de deus no norte e nordeste. **Debates do NER**, v. 2, n. 24, p. 245-271, 2013.

PARK, C. **Sacred worlds: an introduction to geography and religion**. Routledge London, 1994.

PASSOS, P. R. R. Igreja Neopentecostal Fonte da Vida: a restauração da individualidade como estratégia de conversão e empoderamento da classe média brasileira. 2012. 344 f. **Tese** (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

PEREIRA, A.B. V . O proceder religioso?: uma breve análise sobre conversão religiosa de detentos e sua relação com os demais atores religiosos na ordenação social da prisão. In: **V Congresso da ANPTECRE. Religião, Direitos Humanos e Laicidade**, 2015, Curitiba. V Congresso ANPTECRE, 2015. v. 5.

PEREIRA, C. J. ; Geografia da religião: um olhar panorâmico. **RA'E GA: o Espaço Geográfico em Análise**, v. 27, pgs. 10-37, 2013.

PEREIRA, C. J. Geografia da religião e a teoria do espaço sagrado: a construção de uma categoria de análise e o desvelar de espacialidades do protestantismo batista 2014, 285f. 2014 **Tese** (Tese de doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2014a.

PEREIRA, C. J. **Geografia da religião e a teoria do espaço sagrado: a construção de uma categoria de análise e o desvelar de espacialidades do protestantismo batista**. Curitiba: Editora CRV, 2014b.

PEREIRA, C. J. Geografia da religião e a teoria do espaço sagrado: a construção de uma categoria de análise e o desvelar de espacialidades do protestantismo batista 2014, 285f. 2014 **Tese** (Tese de doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

PEREIRA, C. J.; GIL FILHO, S. F. **Geografia da Religião e Espaço Sagrado**: diferenças entre as noções de lócus material e conformação simbólica. *Ateliê Geográfico Goiânia-GO* v. 6, n. 1, pgs 35-50, abr/2012a.

PEREIRA, C. J.; GIL FILHO, S. F. Geografia da religião, espaço sagrado e pentecostalismo: análise de uma espacialidade pentecostal. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 1, n. 2, pgs. 63-78, 2012b.

PEREIRA, E. A. D. As encruzilhadas das territorialidades ribeirinhas: transformações do exercício espacial do poder em comunidades ribeirinhas na Amazônia Tocantina paraense. **Tese** (Doutorado em Geografia). Universidade Federal Fluminense, Niterói: Rio de Janeiro, 2014. Disponível em <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/pct/mencoeshonrosas/227947.pdf> Acesso em 10/06/2016.

PEREIRA, R. A. Entre imagens e devoções: a pesquisa geográfica nas festas em homenagem a Xangô. **Revista Geografar**, v. 9, n. 1, pgs. 45-62, 2014.

PEREIRA, R. A. O Portal do Guerreiro: As Espacialidades da Umbanda na cidade de Rio Grande/RS. 2016. **Tese** (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências da Terra. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2016.

PIERUCCI, A. F. Bye bye, Brasil: O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, pgs. 17-28, 2004.

PLATÃO. **A República**. São Paulo, Perspectiva, 2006.

PRANDI, J. R.; PIERUCCI, F. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo, Hucitec, 1996.

REIMER, H. **Liberdade religiosa na história e nas Constituições do Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

RIBEIRO, C. M. R. **Turismo religioso: fé, consumo e mercado**. **E-Revista Facitec**, v.5, n.1, ago-dez, 2010.

RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1996

ROBERTS, K. **Contemporary Society and the Growth of Leisure**. London: Longman, 1978.

ROBERTS, K. **Leisure**. London: Longman, 1981

ROJEK, C. **Capitalism and Leisure Theory**. London: Tavistock, 1985

- ROJEK, C. Baudrillard and Leisure, **Leisure Studies**,9 (1): 7–20, 1990
- ROJEK, C. **Decentring Leisure: Rethinking Leisure Theory**. London: Sage, 1995.
- ROJEK, C. Deviant leisure: The dark side of free-time activity. **Leisure studies: Prospects for the twenty-first century**, p. 81-96, 1999.
- ROJEK, C. **Leisure and Culture**. Basingstoke: Macmillan, 2000
- ROJEK, C. The Consumerist Syndrome in Contemporary Society: An Interview with Zygmunt Bauman, **Journal of Consumer Culture**, 4 (3): 291–312, 2004
- ROJEK, C. **Leisure Theory: Principles and Practice**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005
- ROJEK, C. **The Labour of Leisure: The Culture of Free Time**. London: Sage, 2010
- ROMERA, L. A. Juventude, lazer e uso abusivo de álcool. 1999. **Tese (Doutorado)** Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas [s:n], 2008.
- ROSCOCHE, L. F. Pesquisa sobre o lazer da população de Altamira. **JORGE - JORNAL DA GEOGRAFIA** - Boletim Informativo da Faculdade de Geografia, Altamira - Pará, , v. 9, pgs. 3 - 3, 25 set. 2011.
- ROSCOCHE, L. F. Religiões no Brasil segundo o Censo de 2010 do IBGE. **JORGE – Jornal da Geografia – Boletim Informativo da Faculdade de Geografia**. 2012. Disponível em: <http://jorgedealtamira.blogspot.com/> Acesso em 13/01/2014
- ROSCOCHE, L. F. ; VALERIUS, D. M. Os impactos da Usina Hidrelétrica de Belo Monte nos atrativos turísticos da Região do Xingu (Amazônia - Pará - Brasil). **Revista Eletrônica de Administração e Turismo**, v. 5, pgs. 414-430, 2014.
- ROSCOCHE, L. F.; NUNES, P. B. ; MATOS, A. A. ; CASTRO, L. B. ; OLIVEIRA, T. C. S. ; FRANCA, E. P. S. . Caracterização do lazer da população local de Altamira. In: 65ª Reunião Anual da SBPC, 2013, Recife. **Anais da 65ª Reunião Anual da SBPC**. Recife: Sociedade Brasileira para o Progresso Da Ciência, 2013.
- ROSCOCHE, L. F.; NUNES, P. B. ; MATOS, A. A. ; FRANCA, E. P. S. ; OLIVEIRA, T. C. S. . Perfil da demanda do lazer da população local de Altamira (PA). In: **VIII Edição do Turismo em Debate**, 2012, Belém. VIII Edição do Turismo em Debate. Belém, 2012.
- ROSCOCHE, L. F., MOTA, R. D; DE ALMEIDA, M. G. Religião e lazer: sua (i) materialidade no espaço geográfico–práticas de lazer no catolicismo e no protestantismo. **En Revista de Arquitectura, Urbanismo y Territorios v, V. n**, v. 1, 2015.
- ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio De Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

ROSENDAHL, Z. O Sagrado e o Espaço. In: CASTRO, I. E. et al (org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. pgs. 119-153.

ROSENDAHL, Z. O espaço, o sagrado e o profano. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999

ROSENDAHL, Z.; Espaço, Política e Religião. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2000

ROSENDAHL, Z. Construindo a geografia da religião no Brasil. **Espaço e Cultura**, n. 15, 2003.

ROSENDAHL, Z. Geografia de religião: uma proposta. **Espaço e Cultura**, n. 31, p. 45-74, 2012a

ROSENDAHL, Z. História, teoria e método em geografia da religião. **Espaço e Cultura**, n. 31, 2012b.

ROSENDAHL, Z. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org). **Geografia cultural: uma antologia**, Volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 103-118. 2013a

ROSENDAHL, Z. **Território e territorialidade**: Uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. 2005. Disponível em: <[www.comciencia.br/reportagens/2005/05/12.shtml](http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/12.shtml)> Acesso em: 12/12/2013.b

RUGISKI M.; PILATTI, A. Lazer e tempo livre: um olhar sobre a teoria elisiana. In. IX **Simpósio Internacional de processo civilizador**. Nov/2005. Ponta Grossa (PR). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2005. Disponível em < <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/workshop/art11.pdf>>

ROUSSEAU, K. Mapping Our Last Places: Apocalyptic Space and Imagery at Chartres Cathedral—A Social and Visual Analysis of Imagined Space. In: GEORGE, M.K., PEZZOLI-OLGIATI D. (eds) **Religious Representation in Place**. Religion and Spatial Studies. Palgrave Macmillan, New York, 2014

SAGER, A. Philosophy of leisure. In. BLACKSHAW, Tony (Org.). **Routledge Handbook of Leisure Studies**. Routledge, New York, p. 5-14, 2013

SAHR, W.D.; GODOY, M. L. M. Em Contato com o Espaço do Além: Proposta para uma Geografia do Espiritismo. **Revista de Estudos da Religião**. pgs. 1-20, jun/2009.

SANCHIS, P. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In: ANTONIAZZI, A. *et. al.* **Nem anjos, nem demônios**: Interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 34-63

SANTOS, E. C.; KOLLER, S. H.; PEREIRA, M. T. L. N. Religião, Saúde e Cura: um Estudo entre Neopentecostais. *Psicologia Ciência e Profissão*, n 24, vol. 3, pgs. 82-91, 2004.

SANTOS, M. A. F.; RAMIRES, J. C. L. A violência urbana em Uberlândia nas reportagens de jornal: um exemplo de análise de conteúdo. In. RAMIRES, C. L.; SALAZAR, V. L. (Orgs.) **Geografia e Pesquisa qualitativa**; nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009.

SANTOS, M. F. **Cristianismo, a religião do homem**. Bauru: Edusc, 2003.

SANTOS, M. G. L. P. S. M. Espiritualidade e território: estudo geográfico de Fátima. 2005. **Tese** (Doutorado em Geografia), Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005.

SANTOS, M. G. M. P. Conhecimento geográfico e peregrinações: contributo para uma abordagem teórica. In: ROSENDHAL, Z. (Org.). **Trilhas do sagrado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SARAIVA, A. L.; SILVA, J. C. Espacialidade das festas religiosas em comunidades ribeirinhas. **Presença - Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**. n°29, vol. VIII, 2004.

SAGER, A. Philosophy of leisure. **Routledge handbook of leisure studies**, Routledge, Oxon, New York, p. 5-14, 2013.

SCHAUFFERT, O. T. F. A festa do Divino Espírito Santo em Penha – SC: Análise Turística e Antropológica dos Rituais de Preparação da Festa. 2003. **Dissertação** (Mestrado em Hotelaria e Turismo) – Curso de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário de Camboriú, 2003.

SCHLÜTER, O. Die analytische Geographie der Kulturlandschaft. In.: **ZGEB**, edição comemorativa dos 100 anos, p.388-411, 1928.

SHELIGA, E. L. “E me visitastes quando estive preso”: Sobre a conversão religiosa em Unidades penais de Segurança Máxima. 2000. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SILVA JUNIOR, A. C. R. Ressocialização de presos a partir da religião: conversão moral e pluralismo na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC), p. 71 – 98. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, v. 4, n° 2, 2013.

SILVA, A. S.; GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. **Rever** (PUCSP), v. 1, pgs. 73-91, 2009.

SILVA, C. A. B. VASCONSELOS, M. P. Da doença ao milagre: etnografia de soluções terapêuticas entre evangélicos na cidade de Boa Vista, Roraima. **Saúde Soc.** São Paulo, v.22, n.4, pgs.1036-1044, 2013

SILVA, C. M. M. Territorialidades rurais no município de Parintins: habitus, circularidade da cultura e Ethos ambiental na localidade de Zé Açu. 2015. **Tese** (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas. 2015. Disponível em <http://www.ppgcasa.ufam.edu.br/pdf/teses/2015/Charlene%20Muniz.pdf>. Acesso em 10/06/2016.

SILVA, D. A. M. **Colônia de Férias Temática**: fundamentando a ação a partir das contribuições de Paulo Freire. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Metodista de Piracicaba, 2008

SILVA, F. R. **A crítica de Theodor W. Adorno ao tédio**: homem e cultura danificados. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, São Paulo, 2013.

SILVA, J. M. Análise do discurso e pesquisa qualitativa na geografia. In: RAMIRES, J. C. L.; PESSOA, V. L. (Orgs.). **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia, Assis, 2009.

SILVA, M. A. V.; D'ABADIA, M. I. V. A Geografia e o Sagrado: Festa de Nossa Senhora do Rosário em Goiás. **Ateliê Geográfico**, v. 8, n. 3, pgs. 198-214, 2014.

SILVA, R. C. da; COSTA, B. P. Conflitos em Relação às Manifestações Concretas dos Sistemas de Significações Religiosos: uma contribuição para a geografia da religião. In: FIGUEIREDO, L. C. (Org.). **Fronteiras da Pesquisa em Geografia**. Santa Maria: UFSM, 2012. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/ppggeo/files/E-book%20Completo%202011.pdf>

SLOTERDIJK, P. **In the World Interior of Capital**: Towards a Philosophical Theory of Globalization. Cambridge: Polity Press, 2013

SMITH, A. **A Riqueza das Nações**. São Paulo: Editora Nova Cultura. 1996

SOPHER, D. **Geography of Religions**. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1967

SOUZA, E. C. B.; MAGALHAES, M. D. B. Os pentecostais: entre a fé e a política. **Revista Brasileira de História** [online]. vol.22, n.43, pgs. 85-105, 2002.

SOUZA, J. A. A. A. Espacialidade de uma Amazônia Ribeirinha Face ao Urbano: o exemplo de São Domingos do Capim (PA) e o desenvolvimento do turismo. **Turismo em Análise**, v.20, n.1, 2009.

RAMIRES, J. C. L.; PESSOA, V. L. (Orgs.). **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia, Assis, 2009.

SOUZA JUNIOR, X. S. A análise do discurso como estratégia na identificação das intencionalidades e práticas espaciais dos movimentos sociais urbanos de João Pessoa – PB. In.

STADELMANN, L. I. J. Morte como descanso eterno. **Cadernos Teologia Pública**. Ano XIII – vol. 13 – Nº 108 – 2016

STARK, R.; BAINBRIDGE, W. S. **Teoria da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

STENSENG, F.; RISE, J.; KRAFT, P. The dark side of leisure: Obsessive passion and its covariates and outcomes. **Leisure Studies**, v. 30, n. 1, p. 49-62, 2011.

STONE, P. R.; SHARPLEY, R. Deviance, dark tourism and ‘dark leisure’: Towards a (re) configuration of morality and the taboo in secular society. **Contemporary perspectives in leisure: Meanings, motives and lifelong learning**, p. 54-64, 2013.

STORNI, M. O. T.; ESTIMA L. F. L. **A religião como produto de consumo: reflexões**. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 15 , pgs. 15-28. 2010

THRIFT, N. **Non-Representational Theory: Space, Politics, Affect**. Routledge, London, 2007.

TIMOTHY, D.; OLSEN D. Review: Tourism, Religion, and Spiritual Journeys. **Annals of Tourism Research**, Vol. 34, No. 2, pgs. 547–548, 2007

TORRES, M. A. A paisagem sonora religiosa. **Para Onde!?**, v. 6, n. 2, p. 11-19, 2016a

TORRES, M. A. A música religiosa e suas espacialidades. In: DOZENA. A. (Org.). **Geografia e música: diálogos**. 1 ed. Natal: UFRN, pgs. 182-205, 2016b

TORRES, M. A., KOZEL, S. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais na geografia. **Ra'e Ga - O Espaço Geográfico em Análise**, 20, 123–132, 2010

TORRES, M. A.; KOZEL, S. A paisagem sonora da Ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço. In BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (Orgs.). In *Visões do Brasil. Estudos culturais em geografia* (pp. 167–190). Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012

TOURAINÉ, A. **Igualdade e diversidade: o sujeito democrático**. Bauru, SP: EDUSC, 2010

TUAN, Y.F. Religion: **From place to placelessness**. Center Books on the International Scene, Chicago, 2009.

TURRA NETO, N. Geografia Cultural, Juventudes E Ensino De Geografia: Articulações Possíveis. **Revista Formação**, n.20, volume 1, pgs. 38-56, 2013a

TURRA NETO, N. **Pesquisa qualitativa em geografia**. 2013b. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Necio\\_Turra\\_Neto/publication/236848335\\_Pesquisa\\_Qualitativa\\_em\\_Geografia/links/0046351962898014ff000000.pdf/download?version=vtp](https://www.researchgate.net/profile/Necio_Turra_Neto/publication/236848335_Pesquisa_Qualitativa_em_Geografia/links/0046351962898014ff000000.pdf/download?version=vtp) Acesso em 05/06/2016.

VAZ, M. **Aristóteles: a divisão do saber e dos modos de vida**. 12/10/2012. Disponível em <<http://www.psicologiamsn.com/2012/10/aristoteles-a-divisao-do-saber-e-dos-modos-de-vida.html>. Acesso em 07/03/2016>

VELASQUES FILHO, P. —Siml a Deus e —não à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, A. G; VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo, Loyola, 1990.

WEIGHTMAN, B.A. Changing Religious Landscapes in Los Angeles. **Journal of Cultural Geography**, vol. 14, pgs. 1-20, 1993

WEIGHTMAN, B.A. Sacred Landscapes and the Phenomenon of Light” **Geographical Review**, vol. 86. pgs. 59-71, 1996.

WILLIAMS, D. J. Deviant leisure: Rethinking “the good, the bad, and the ugly”. **Leisure sciences**, v. 31, n. 2, p. 207-213, 2009.

WISSMANN, T. **Geographies of urban sound**. Routledge, 2016.

WOODHEAD, L. Gender differences in religious practice and signifiante. In: BECKFORD, J. A.; DEMERATH, J. **The sage handbook of the sociology of religion**. Los Angeles; London; New Delhi; Singapore: Sage, 2007. pgs. 550-570.

XAVIER DE SOUZA, J. A. Entendimentos geográficos da religião e peregrinações: em análise a romaria do Senhor do Bonfim em Natividade (TO). **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 32, n. 2, pgs. 219-238, 2012.

ZANATTA, B. A. A abordagem cultural na Geografia. **Temporais (ação)(UEG)**, v. 1, pgs. 249-262, 2008.

## APENDICE

---

Apêndice 01 – Questionário de Pesquisa de Campos destinado aos fiéis

<b>PESQUISA – IGREJAS NEOPENTECOSTAIS E AS PRÁTICAS DE LAZER NAS COMUNIDADES DA CIDADE DE BRAGANÇA (PA): NOVAS TERRITORIALIDADES</b>	
<b>N° DO QUESTIONÁRIO</b> _____ <b>Data da entrevista:</b> _____ <b>Local da entrevista</b> _____ <b>Entrevistador:</b> _____ <b>Endereço do entrevistado:</b> .....	
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
1. <b>Idade:</b> _____	3. <b>Estado civil:</b> <input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Separado <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> União estável <input type="checkbox"/> Viúvo <input type="checkbox"/> Outro
2. <b>Sexo:</b> <input type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino	6. <b>Profissão – ocupação:</b> <input type="checkbox"/> Empresa privada <input type="checkbox"/> Emprego público <input type="checkbox"/> Profissional liberal <input type="checkbox"/> Empresário <input type="checkbox"/> Estudante <input type="checkbox"/> Aposentado <input type="checkbox"/> Do lar <input type="checkbox"/> Não possui profissão <input type="checkbox"/> Trabalhador informal <input type="checkbox"/> outros.....
4. <b>Natural da cidade de:</b> .....	8. <b>Possui filhos:</b> ( )sim ( )não
5. <b>Estado:</b> .....	9. <b>Número de filhos(as)</b> ( ) mulheres ( ) homens
7. <b>Cor:</b> _____	10. <b>Escolaridade:</b> <input type="checkbox"/> analfabeto <input type="checkbox"/> Fundamental (1ª a 8ª série) <b>COMPLETO</b> <input type="checkbox"/> Fundamental (1ª a 8ª série) <b>INCOMPLETO</b> <input type="checkbox"/> Médio (2º grau) <b>COMPLETO</b> <input type="checkbox"/> Médio (2º grau) <b>INCOMPLETO</b> <input type="checkbox"/> Superior <b>COMPLETO</b> <input type="checkbox"/> Superior <b>INCOMPLETO</b> <input type="checkbox"/> Pós-graduação (Tipo: <input type="checkbox"/> pós, <input type="checkbox"/> mestrado <input type="checkbox"/> doutorado <input type="checkbox"/> pós-doutorado)
11. <b>Qual o valor da sua renda familiar mensal?</b>	12. <b>Tempo de residência na cidade:</b>
13. <b>Recebe algum benefício do governo (Estadual, Federal ou Municipal)?</b> ( ) sim ( ) não	14. <b>Em caso positivo quais benefícios recebe:</b> ( ) bolsa família ( ) bolsa escola ( ) vale gás ( ) Outro.....
<b>CARACTERÍSTICAS DO DOMICÍLIO</b>	
15. <b>Residência:</b> ( ) própria –quitada ( ) própria - financiada ( ) alugada ( ) cedida ( ) emprestada ( ) Ocupação (Invasão)	16. <b>Tipo de abastecimento de água:</b> ( ) rede geral ( ) poço ( ) nascente ( ) rio, córrego, igarapé ( ) água da chuva ( ) outro especifique: .....
17. <b>Tipo de construção:</b> ( ) alvenaria ( ) madeira ( ) mista ( ) taipa ( ) mista – zinco, madeira, etc ( ) Outro	18. <b>Tipo do domicílio:</b> ( ) casa ( ) apartamento ( ) quarto ( ) palafita ( ) barraco ( ) outro –especifique
19. <b>Destino final do esgoto do banheiro:</b> ( ) rede geral ( ) fossa séptica ( ) fossa ( ) vala ( ) céu aberto ( ) rio, córrego ou outro curso de água	20. <b>Destino do lixo doméstico:</b> ( ) Coletado diretamente ( ) Coletado em caçamba ( ) Queimado na propriedade ( ) Enterrado na propriedade ( ) Jogado em terreno baldio, rua, etc ( ) Jogado em rio, lago ( ) outro _____
21. <b>Possui acesso a internet na residência?</b> ( ) sim ( ) não	22. <b>Possui energia elétrica:</b> ( ) Sim ( ) Não
23. <b>Possui iluminação pública na rua do domicílio?</b> ( ) sim ( ) não	24. <b>Possui pavimentação asfáltica ou poliédrica em frente a casa?</b> ( ) sim ( ) não
25. <b>Utiliza transporte público:</b> ( ) sim ( ) não	27. <b>Possui algum atendimento médico hospitalar em seu bairro:</b> ( ) sim ( ) não
26. <b>Que tipo de transporte utiliza frequentemente:</b> ( ) bicicleta ( ) motocicleta ( ) taxi ( ) barco ( ) Ônibus ( ) moto táxi	28. <b>Que tipo de atendimento possui?</b> ( ) posto de saúde ( ) hospital ( ) médico da família ( ) agente de saúde

	( ) agente de endemias
<b>CARACTERIZAÇÃO RELIGIOSA</b>	
<b>29. Já teve outras religiões no passado?</b> ( ) sim ( ) não <b>30. Religiões anteriores:</b> ( ) católico ( ) umbanda ( ) candomblé ( ) espirita	<b>31. Por que saiu de sua religião anterior?</b>
<b>32. Por que escolheu sua atual religião?</b>	<b>33. De que forma teve contato com a igreja evangélica?</b> ( ) iniciativa própria ( ) amigos ( ) familiares ( ) colegas de trabalho ( ) TV ou rádio ( ) Jornais ou revistas ( ) Internet ( ) Outro
<b>34. A quanto tempo se converteu à religião evangélica?</b>	<b>35. Já chegou a se afastar da igreja evangélica alguma vez?</b> ( ) sim ( ) não <b>36. Razão do afastamento:</b>
<b>37. Que tipo de atividades sua religião promove:</b> ( ) cultos ( ) retiros ( ) treinamento ( ) ensino/estudos ( ) Confraternizações ( ) atividades culturais	<b>38. De quais atividades você participa:</b> ( ) cultos ( ) retiros ( ) treinamento ( ) ensino/ estudos ( ) Confraternização ( ) atividades culturais
<b>39. Quais são os locais onde exerce suas práticas religiosas?:</b> ( ) em casa ( ) na casa de outros fiéis ( ) na igreja do seu bairro ( ) na sede da igreja ( ) Em locais públicos ( ) outros locais.....	<b>40. Você costuma frequentar o seu local de religião:</b> ( ) sozinho ( ) com a família ( ) amigos ( ) colegas de trabalho ( ) outro: especifique:
<b>41. Qual a frequência com que vai ao local de sua religião?</b> ( ) 1 vez na semana ( ) 2 à 3 vezes na semana ( ) 4 à 5 vezes na semana ( ) 6 à 7 vezes ( ) 1 vez ao mês ( ) nunca	<b>42. Que tipo de auxílio você oferece à sua religião:</b> ( ) nenhum ( ) financeiro ( ) mão-de-obra ( ) alimentos ( ) orações ( ) Outro
<b>43. Como você avalia a importância da religião em sua vida? Dê uma nota de 0 a 10 sendo que 0 é nenhuma importância e 10 é muitíssima importância.</b> (1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) (8) (9) (10)	
<b>CARACTERÍSTICAS DO LAZER</b>	
<b>44. O que é lazer para você?</b>	
<b>45. Quanto tempo de lazer POSSUI por semana?</b>	<b>50. Quantas horas por semana GOSTARIA DE TER para o lazer?</b>
<b>47. Que atividades de lazer praticava ANTES DE SE TORNAR EVANGÉLICO?</b>	<b>48. Que atividades de lazer pratica atualmente?</b>

<p><b>49. Que locais de lazer você costumava frequentar ANTES DE SE TORNAR EVANGÉLICO?</b></p>	<p><b>50. Que locais de lazer você costumava frequentar atualmente?</b></p>
<p><b>51. Sua igreja promove algum tipo de atividade de lazer? ( ) sim ( ) não</b>  <b>52. Em caso positivo quais são essas atividades?</b></p>	<p><b>53. Como você avalia a importância do lazer em sua vida? Dê uma nota de 0 a 10 sendo que 0 é nenhuma importância e 10 é muitíssima importância.</b>  (1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) (8) (9) (10)</p>
<p><b>54. Quais as formas de lazer que SÃO INDICADAS por sua igreja?</b></p>	<p><b>55. De que forma as atividades de lazer NÃO INDICADAS POR SUA IGREJA podem interferir na sua vida?</b></p>
<p><b>56. Que locais considera que de “salvação” na cidade?</b></p>	<p><b>57. Que locais considera que são espaços “da perdição” na cidade?</b></p>
<p><b>58. Qual a distância de sua residência ao local de culto?</b></p>	<p><b>59. Qual é a forma de transporte que utiliza para ir ao culto:</b>  ( ) a pé ( ) bicicleta ( ) Motocicleta ( ) Carro ( ) ônibus ( ) barco  ( ) outros.....</p>
<p><b>60. O que é território para você?</b></p>	
<p><b>61. Você considera que a sua religião e sua igreja fazem parte do território? De que forma?</b></p>	
<p><b>62. OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES</b></p>	



## Apêndice 02 –Roteiro para entrevista destinado aos pastores



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS

### ROTEIRO DE TRABALHO DE CAMPO

**Discente:** Luiz Fernando Roscoche

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Geralda Almeida

**Curso:** Doutorado em Geografia

**Período:** Segundo semestre de 2015

### QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM OS PASTORES

1. Identificação do pastor (sexo, idade, estado civil, escolaridade, naturalidade, número de filhos, tempo de residência na cidade e no Estado);
2. Caracterização da atuação como pastor (onde obteve os ensinamentos teológicos; tempo atua como pastor ou em outros cargos na igreja);
3. O que ele (o pastor) considera por lazer?
4. Você realiza algum tipo de lazer? Em caso positivo, que atividades?
5. Os grupos (infantil, juvenil e outros) da sua igreja desenvolvem algum tipo de atividade de lazer em suas atividades? Quais?
6. De que forma essas atividades de lazer contribuem para a vida do fiel?
7. Existem atividades ou espaço de lazer não são indicadas pela igreja? Quais?
8. Quais atividades de lazer não indicadas pela igreja interfere na vida do fiel?
9. O(a) senhor(a) considera que ao converter de outras religiões para igreja evangélica existe uma mudança nos hábitos de lazer desses fiéis? Em caso afirmativo que mudanças seriam essas?
10. A igreja propicia espaços de lazer pra seus fiéis? Quais?
11. De que forma a igreja se distribui espacialmente na cidade?

Apêndice 03 – Quadro de Análise do Discurso sobre a questão de motivos de abandono da religião anterior

TRANSCRIÇÃO DA RESPOSTA	IDEIA CENTRAL
“Porque a Igreja Católica só adora as imagens e não o Deus vivo.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contra adoração de imagens;</li> </ul>
“Porque eu não estava mais me sentindo bem, pois a igreja católica prega só adoração de imagens e não prega o Deus vivo”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desconforto íntimo;</li> <li>• Contra adoração de imagens;</li> </ul>
“Porque não prega a verdade da palavra de Deus, a Bíblia”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> </ul>
“Acredito que tinha que ter uma mudança maior em conhecer Deus que não havia na minha religião”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> </ul>
“Porque o catolicismo não é a verdade”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> </ul>
“Procurei sentir Deus e não senti no Catolicismo. Eles não pregam a verdade”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> </ul>
“Porque tem doutrinas que não condizem com a bíblia”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> </ul>
“Porque eu descobri doutrinas <u>erradas</u> na Igreja Católica”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Erros na doutrina da igreja católica;</li> </ul>
“Ocultam a verdade da palavra e não vivem conforme ela ensina”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> <li>• Práxis diferente da bíblia;</li> </ul>
“Não concordava com alguns dogmas da igreja”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discordância com os dogmas da igreja;</li> </ul>
“Não prega o que está escrito na Bíblia”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> </ul>
“Porque a minha vida era muito errada”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vida discordante com preceitos religiosos;</li> </ul>
“Porque não frequentava”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não era praticante da religião;</li> </ul>
“Porque eu queria ter uma nova vida”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Queria mudar de vida;</li> </ul>
“Porque o catolicismo não prega o que condiz com a bíblia”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> </ul>
“Não era suficiente os ensinamentos”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ensinamentos bíblicos insuficientes;</li> </ul>
“Porque não dá assistência de ensino bíblico”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inexistência de ensino bíblicos;</li> </ul>
“Porque não prega a verdade”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> </ul>
“Porque a igreja católica não prega a verdade. Tem muito mecanismo, mas não é dinâmico, não tem a busca do espírito santo”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> <li>• Falta de dinamismo da igreja;</li> </ul>

<i>“Porque meu namorado era crente”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Por conveniência social;</li> </ul>
<i>“Porque meu namorado era evangélico e eu queria estar com ele”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Por conveniência social;</li> </ul>
<i>“Porque Jesus me transformou”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transformação espiritual externa;</li> </ul>
<i>“Porque eu não frequentava a igreja”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não era praticante da religião;</li> </ul>
<i>“Porque eu comecei a conhecer a palavra de Deus”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> </ul>
<i>“Porque eu nem frequentava a Igreja”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não era praticante da religião;</li> </ul>
<i>“Porque eu era muito errado”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comportamento íntimo em discordância com preceitos religiosos;</li> </ul>
<i>“Porque a família toda saiu”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Por conveniência social;</li> </ul>
<i>“Porque não frequentava”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não era praticante da religião;</li> </ul>
<i>“Porque eu não via Deus agir e fazer milagres e nem mudar a vida de ninguém”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de pragmatismo na vida das pessoas;</li> </ul>
<i>“Não me sentia bem. Não aceitava as imagens de Santos, as procissões. Comecei a ler a bíblia e vi que não estava certo o que a igreja pregava”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desconforto íntimo;</li> <li>• Contra adoração de imagens;</li> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> </ul>
Não quis responder	<ul style="list-style-type: none"> <li>• -----</li> </ul>
<i>“Porque falam de adoração de imagem”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contra adoração de imagens;</li> </ul>
<i>“Não frequentava”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não era praticante da religião;</li> </ul>
<i>“Porque não gostava”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desconforto íntimo;</li> </ul>
Não quis responder	<ul style="list-style-type: none"> <li>• -----</li> </ul>
<i>“Porque eu conheci a verdade”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja não pregava a verdade da palavra de Deus;</li> </ul>
<i>“Por meio de um grande milagre que recebi de Deus, que fez eu tomar essa decisão”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Graça (milagre) recebida;</li> </ul>

Apêndice 4 – Quadro de Análise do Discurso sobre a questão de motivos da mudança de crença religiosa para a Igreja Assembleia de Deus

<b>TRANSCRIÇÃO DA RESPOSTA</b>	<b>IDEIA CENTRAL</b>
<i>“Porque eu pude ver o milagre que Deus fez na vida do meu filho e pude ver que Deus pode agir. “</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Milagres ou graças recebidas</li> </ul>
<i>“Porque a igreja evangélica de mostrou como servir um Deus Vivo.”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Servir a Deus</li> </ul>
<i>”Porque eu vi que precisava mais de Deus e a Igreja Evangélica mostra Deus”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
<i>“Inicialmente foi pra conhecer um pouco mais sobre Jesus, sobre a palavra de Deus e o início de tudo”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
<i>“Necessidade de conhecer melhor a Deus”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
<i>“Porque eu tive uma verdadeira experiência com Deus. Ele me libertou das drogas, da bebida e da prostituição”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Milagres ou graças recebidas</li> </ul>
<i>“Porque foi na Igreja Evangélica que eu encontrei Deus. É onde prega a verdade”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a verdade</li> </ul>
<i>“Porque através do evangelho eu pude viver uma mudança em minha vida”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mudança na vida</li> </ul>
<i>“Porque eu pude perceber a verdade que a igreja evangélica prega de acordo com a bíblia”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a verdade</li> <li>• Mudança na vida</li> </ul>
<i>“Porque está mais de acordo com os ensinamentos da palavra”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a verdade</li> </ul>
<i>“Houve identificação no que é ensinado na igreja evangélica. Para mim é a verdade que condiz com a Bíblia”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a verdade</li> </ul>
<i>‘Eu escolho porque eu não conhecia a verdade e depois passei a conhecer e me converti”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a verdade</li> </ul>
<i>“Porque é bom e eu me sinto mais a vontade”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Satisfação pessoal</li> </ul>
<i>“Porque foi nela que eu conheci Deus”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
<i>“Mudança de vida, porque me proporciona melhora de vida”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mudança de vida</li> </ul>
<i>“Porque eu vi milagres na minha família e com amigos. “Vi a mudança que o evangelho traz”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Milagres ou graças recebidas</li> <li>• Mudança de vida</li> </ul>
<i>“Metodologia de ensino da palavra de Deus”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
<i>“Porque tem um ensino aprofundado na palavra de Deus”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
<i>“Sentir o desejo de participar da igreja por causa dos hinos e da palavra ministrada”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
<i>“Porque eu comecei a ler a bíblia e vi que a igreja evangélica prega a bíblia”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
<i>“Eu comecei a ir e gostei”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Satisfação pessoal</li> </ul>

<i>“A princípio pelo meu relacionamento e depois porque me identifiquei e acabei aceitando a Cristo”..</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
<i>“Porque eu gostei de participar”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Satisfação pessoal</li> </ul>
<i>“Porque eu gostei do jeito que era quando eu ia”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Satisfação pessoal</li> </ul>
<i>“Porque eu gostei da doutrina da Igreja”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Satisfação pessoal</li> </ul>
<i>“Porque eu comecei a ir e gostei”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Satisfação pessoal</li> </ul>
<i>“Porque foi nela que eu conheci a verdade”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a verdade</li> </ul>
<i>“Primeiro porque é a igreja que a minha família toda frequenta e porque eu gosto”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conveniência social</li> <li>• Satisfação pessoal</li> </ul>
<i>“Porque eu vi Deus fazer um milagre na vida do meu irmão. Deus transformou a vida dele e eu quis servir a esse Deus”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Milagres</li> <li>• Mudança de vida</li> </ul>
<i>“Porque na igreja evangélica eu via pessoas mudarem de verdade inclusive eu. Eu vi Deus operar milagres nessa igreja”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mudança de vida;</li> <li>• Milagres</li> </ul>
<i>“Comecei a ler a bíblia e me convidaram para ir a igreja e vi o que pregam nessa igreja e como a bíblia ensina”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
<i>“Porque através dela conheci quem é realmente Jesus”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
<i>“Porque fala de um Deus só, e é ele que eu sirvo. Creio no que a bíblia ensina”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
<i>“Foi onde me senti bem”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Satisfação pessoal</li> </ul>
<i>“Por me identificar com a doutrina”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a religião</li> </ul>
Não quis responder.	-----
<i>“Não foi escolha, foi chamado”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atendeu a um chamado de Deus</li> </ul>
<i>“Eu sempre tive influência de amigos e acabei gostando”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conveniência social</li> <li>• Satisfação pessoal</li> </ul>

Apêndice 05 – Quadro de Análise do Discurso sobre a concepção dos sujeitos sobre o que consideração que era o lazer

TRANSCRIÇÃO DA RESPOSTA	IDEIA CENTRAL
<i>“Distração, fazer algo que se sente bem”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Distração;</i></li> <li>• <i>Bem estar;</i></li> </ul>
<i>“Fazer aquilo que gostamos e nos sentimos bem”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Bem estar;</i></li> </ul>
<i>“Divertir, distrair, relaxar e não pensar em trabalho”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Diversão;</i></li> <li>• <i>Distração</i></li> <li>• <i>Relaxamento</i></li> <li>• <i>Não pensar em trabalho</i></li> </ul>
<i>“É um momento de descanso e diversão com amigos ou familiares”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Descanso;</i></li> <li>• <i>Diversão</i></li> <li>• <i>Interação com amigos</i></li> <li>• <i>Interação com familiares;</i></li> </ul>
<i>“Interagir, se alegrar, brincar. Esquecer a semana de trabalho e estar com os filhos”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Bem estar;</i></li> <li>• <i>Brincadeira e jogos;</i></li> <li>• <i>Frequentar a praia</i></li> <li>• <i>Não pensar em trabalho</i></li> <li>• <i>Interação familiar;</i></li> </ul>
<i>“Brincar, pular; sorrir. Jogar futebol. Passar final de semana na praia com a família e assistir filmes”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Brincadeira e jogos;</i></li> <li>• <i>Frequentar a praia;</i></li> <li>• <i>Interação familiar;</i></li> <li>• <i>Assistir filmes</i></li> </ul>
<i>“É fazer o que gosta. Uma forma de relaxar”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Bem estar;</i></li> <li>• <i>Relaxamento;</i></li> </ul>
<i>“Relaxar e descansar”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Relaxamento;</i></li> <li>• <i>Descanso;</i></li> </ul>
<i>“Descontrair, tirar o estresse. Descansar o corpo, a alma e a mente”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Descontração;</i></li> <li>• <i>Tirar o estresse;</i></li> <li>• <i>Descansar;</i></li> </ul>
<i>“Momento de descanso e descontração”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Descanso;</i></li> <li>• <i>Descontração;</i></li> </ul>
<i>“Descansar e relaxar”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Descanso;</i></li> <li>• <i>Relaxamento;</i></li> </ul>
<i>“Lazer pra mim é diversão sadia, com a família, passear na Igreja”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Diversão;</i></li> <li>• <i>Interação Familiar;</i></li> <li>• <i>Frequentar a igreja;</i></li> </ul>
<i>“Estar com a família em lugares que eu possa sentir a presença de Deus”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Interação Familiar;</i></li> </ul>
<i>“Significa um momento de confraternização comigo mesmo”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Confraternização;</i></li> </ul>
<i>“Estar na Igreja fazendo a obra de Deus. Estar com a família”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Interação Familiar;</i></li> <li>• <i>Frequentar a igreja;</i></li> </ul>
<i>“Estar com a família. Confraternização com os irmãos da Igreja”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Interação Familiar;</i></li> <li>• <i>Interação com irmãos da igreja;</i></li> </ul>
<i>“Meio de diversão”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Diversão;</i></li> </ul>
<i>“Descansar, relaxar e ter paz”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Descanso;</i></li> <li>• <i>Relaxamento;</i></li> <li>• <i>Paz;</i></li> </ul>
<i>“Ah, lazer é um momento que a gente fica pra sair da rotina, pra passear”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Sair da rotina;</i></li> <li>• <i>Passear;</i></li> </ul>
<i>“É diversão, alegria, encontrar os amigos, falar de Jesus. Aonde pode se falar de Jesus e muito bom, muito prazeroso”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Interação com amigos;</i></li> <li>• <i>Interação com irmãos da igreja;</i></li> </ul>
<i>“Um momento que tiro pra me divertir”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Diversão;</i></li> </ul>

<i>“Um momento que saio com a minha família pra me divertir”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Interação com a família;</i></li> </ul>
<i>“Um momento de diversão com as pessoas que a gente gosta”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Interação com a família;</i></li> <li>• <i>Interação com amigos;</i></li> </ul>
<i>“Lazer é um momento de diversão”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Diversão;</i></li> </ul>
<i>“Lazer é distrair de forma saudável com quem nós amamos”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Distração;</i></li> <li>• <i>Interação com amigos;</i></li> <li>• <i>Interação com a família;</i></li> </ul>
<i>“Uma forma de se divertir”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Diversão;</i></li> </ul>
<i>“Se divertir com a família, participar das coisas da igreja”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Interação com a família;</i></li> <li>• <i>Frequentar a igreja;</i></li> </ul>
<i>“Estar com a família. Antes de me converter eu não tinha isso”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Interação com a família;</i></li> </ul>
<i>“Onde eu fico a vontade, onde eu me esqueço das coisas do mundo”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Sair do cotidiano;</i></li> </ul>
<i>“Ir para oração. Ler. Passear com os amigos.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Orar;</i></li> <li>• <i>Ler</i></li> <li>• <i>Passear</i></li> </ul>
<i>“Deixar um pouco de lado o trabalho e tudo o que esgota”.</i> <i>“Dedico ao lazer a livrar a cabeça e ler a bíblia. Aproveitar o tempo com a família”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Esquecer do trabalho</i></li> <li>• <i>Ler;</i></li> <li>• <i>Interação com a família;</i></li> </ul>
<i>Momento de diversão. Estar com a família e amigos”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Diversão;</i></li> <li>• <i>Interação com a família;</i></li> </ul>
<i>“Poder se divertir”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Diversão;</i></li> </ul>
<i>“Se divertir. Participar de programações da igreja.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Diversão;</i></li> <li>• <i>Frequentar a igreja;</i></li> </ul>
<i>“Lazer é se divertir, se alegrar com os amigos. Estar fazendo a obra de Deus para mim é lazer”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Diversão;</i></li> <li>• <i>Interação com amigos;</i></li> </ul>
<i>“Lazer é uma atividade onde você vai se divertir, descontrair e sair da rotina”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Diversão;</i></li> <li>• <i>Descontração;</i></li> <li>• <i>Sair da rotina</i></li> </ul>

Apêndice 06 – Quadro comparativo das respostas relativas as atividades de lazer antes e depois da mudança de crença religiosa.

<b>TRANSCRIÇÃO DA RESPOSTA</b>	<b>TRANSCRIÇÃO DA RESPOSTA</b>
<i>Atividades de lazer praticava antes de se tornar evangélico</i>	<i>Atividades de lazer pratica atualmente</i>
"Bebia, jogava bilhar"	"Encontra com os senhores da Igreja e assistir futebol"
"Conversava com minhas amigas".	"Leio a bíblia, confraternizar e visitar com as irmãs da igreja e ir nas orações da minha igreja".
"Não tinha atividades porque meus pais eram muito rígidos e não deixava eu e meus irmãos saírem".	"Ficar em comunhão com os irmãos e sair com a família".
"Jogava futebol. As vezes ia aos balneários e frequentava destas e casas noturnas".	"Jogo futebol, vou a praia, balneários, passeios e retiros da igreja".
"Ia ao sítio, festas mundanas e a festivais de música"	"Ando de bicicleta com os filhos, nado, empino pipa. Como, deito na rede na sombra e vou à praia".
"Jogava bola, bebia, ia aos balneários e ia a praia"	"Jogo bola, assisto filmes, passo dia na praia, Tomo banho nos balneários e vou à praça".
"Dançava, corria atrás do trio elétrico, fumava e fornecava"	"Leio livros e a bíblia. Vejo programas de TV, viajo e fico com minha neta"
"Praticava esportes e dançava"	"Passeio em rios e praias".
"Jogava bola, nadava e pulava corda"	"Ouço música, pulo corda e participo das programações da igreja";
"Jogava futebol, lia e jogava videogame".	"Leio, assisto TV e converso com os amigos".
"Passeava e lia"	"Leio, penso e reflito".
"Bebia muito, ia à festas e bares".	"Vou pras igrejas com os irmãos e também com a minha família, me sinto bem".
"Ia à festas e às praias".	"saio e vou no rio com a família"
"Ia pras festas. Saia pra balada com os amigos".	"Hoje eu me reúno com a minha família e brinco de bola com os amigos"
"Bebia e dançava".	"Vou à igreja"
"Bebia".	"Atividades da igreja"
"Saia com colegas".	"Participo das atividades da igreja como festividades e acampamentos da igreja"
"Jogava futebol me dançava".	"Faço orações e passeio"
"Bebia e dançava".	"Participo das atividades da igreja;
"Bebida e prostituição".	"Leio a bíblia e ouço música"
"Ia muito em festas pois eu gostava de dançar".	"Tomo banho de rio e vou à praça".
"Não tinha muito lazer, a não ser brincar com os colegas na rua".	"Banho de rio, banho de piscina e deito na rede debaixo das árvores".
"Ia para festas, dançava e bebia".	"Brinco de bola com os meus amigos, banho de rio e vou para praça".
"Saia pra beber e ia para festas".	"Tomo banho na praia e de rio e vou na praça com a família".
"Eu quase não saia pra nada".	"Vou a praças, rios, sítios e praias".
"Nenhum, nunca gostei de farras".	"Tomo banho de rio, jogo bola e vou a praia".
"Ia pro bar beber e nas festas".	"Ir na igreja pra mim é também um lazer, mas gosto de ir pra praia e para o sítio".
"Eu quase não ia em nada".	"Vou a praia com a família e amigos".
"Sair com os amigos beber"	"Leio a bíblia; participo de programações da minha igreja e saio com a família".
"Bebia bebida alcoólica e jogava bola. Passeava no rio e nas praias".	"Saio com a família e com irmãos da igreja e passeio".

<i>"Pescava, praticava esportes e bebia".</i>	<i>"Leio a bíblia e pratico esportes"</i>
<i>"Só ficava em casa".</i>	<i>"Passeio, oro e leio".</i>
<i>"Bebia, praticava esportes"</i>	<i>"Pratico esportes, viajo e leio a bíblia"</i>
<i>"Praticava esportes"</i>	<i>"Pratica de esporte, vou à praia a viajo".</i>
<i>"Ia à festas"</i>	<i>"Saio com os amigos da igreja e vou às praças"</i>
<i>"Ia para balneários, jogava bola e ia à festas"</i>	<i>"Participo das programações da igreja"</i>
<i>"Bebia cachaça e ia pra festas dançar"</i>	<i>"Vou no igarapé, pratico esportes e vou à retiros espirituais"</i>
<i>"Dançava muito e adorava ir para o rio"</i>	<i>"Canto, danço e me divirto sempre com a minha família"</i>

Apêndice 07 – Atividades de lazer promovidas pela igreja, segundo os sujeitos.

<b>TRANSCRIÇÃO DA RESPOSTA</b>	<b>IDEIA CENTRAL</b>
"Confraternizações e festas de departamento".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Confraternização;</li> <li>• Festas de departamento/distrital</li> </ul>
"Passeios; confraternizações; encontros e visitar outras igrejas".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios;</li> <li>• Confraternizações;</li> <li>• Encontro;</li> <li>• Visitar outras igrejas;</li> </ul>
"Confraternização; festa distrital de departamento; passeios; gincanas e retiro".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Confraternização;</li> <li>• Festa de departamento/distrital;</li> <li>• Gincana;</li> <li>• Retiro;</li> </ul>
"Passeios, retiros e confraternizações"	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeio;</li> <li>• Retiros;</li> <li>• Confraternizações;</li> </ul>
"Passeios à praia; confraternizações e festas anuais de departamentos"	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios à praia;</li> <li>• Confraternizações;</li> <li>• Festas de departamento/distritais;</li> </ul>
"Retiro espiritual; passeios; confraternizações; festas distritais e evangelização".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retiro espiritual;</li> <li>• Passeios;</li> <li>• Confraternizações;</li> <li>• Festas de departamento/distritais;</li> <li>• Evangelização;</li> </ul>
"Passeios; retiros; festas da igreja e confraternização".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios;</li> <li>• Festas de igreja;</li> <li>• Confraternização;</li> </ul>
"Passeios; confraternização e festas distritais".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios;</li> <li>• Confraternização;</li> <li>• Festas de departamento/distritais;</li> </ul>
"Retiro espiritual; gincana; passeios e programações para os jovens".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retiro espiritual;</li> <li>• Gincana;</li> <li>• Passeios;</li> <li>• Atividades para jovens;</li> </ul>
"Retiro e passeio".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retiro;</li> <li>• Passeio;</li> </ul>
"Passeios; confraternização e festa distrital".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios;</li> <li>• Confraternizações;</li> <li>• Festas de departamento/distritais;</li> </ul>
"Passeio com a igreja e gincana bíblica".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios com a igreja;</li> <li>• Gincana bíblica;</li> </ul>
"Festas em dias comemorativos".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Festas comemorativas;</li> </ul>
"Encontros; gincanas e cruzadas".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontros;</li> <li>• Gincanas;</li> <li>• Cruzadas;</li> </ul>
"Festas de departamento; passeios e confraternização".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Festas de departamento/distritais;</li> <li>• Passeios;</li> <li>• Confraternização;</li> </ul>
"Acampamento de jovens; passeios; confraternização e festa de departamento".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acampamento de jovens;</li> <li>• Passeios;</li> <li>• Confraternização;</li> <li>• Festas de departamento/distritais;</li> </ul>

"Passeios; festas de departamento e confraternização".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios;</li> <li>• Festas de departamento/distritais;</li> <li>• Confraternização;</li> </ul>
"Passeios e festas de departamento".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios;</li> <li>• Festas de departamento/distritais;</li> </ul>
"Retiros espirituais; festas distritais e passeios".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retiros espirituais;</li> <li>• Festas de departamento/distritais;</li> <li>• Passeios;</li> </ul>
"Retiro com os jovens".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retiros com jovens;</li> </ul>
"Acho que é só retiros mesmo".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retiros;</li> </ul>
"De vez em quando uns retiros".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retiros;</li> </ul>
"Retiro de jovens".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retiros com jovens;</li> </ul>
"Passeios; escola bíblica de férias; gincanas e confraternizações".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios;</li> <li>• Evangelização;</li> <li>• Gincanas;</li> <li>• Confraternizações;</li> </ul>
"Confraternizações; festas de departamento e passeios".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Confraternizações;</li> <li>• Festas de departamento/distritais;</li> <li>• Passeios;</li> </ul>
"Festas da igreja; confraternizações e retiros".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Festas da igreja;</li> <li>• Confraternizações;</li> <li>• Retiros;</li> </ul>
"Passeios".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios;</li> </ul>
"Passeios; festas da igreja e retiro".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios;</li> <li>• Festas da igreja;</li> <li>• Retiro;</li> </ul>
"Passeios; confraternizações; congressos; festas distritais".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios;</li> <li>• Confraternizações;</li> <li>• Congressos;</li> <li>• Festas de departamento/distritais;</li> </ul>
"Passeios na praia e rios".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeios às praias;</li> <li>• Passeio aos rios;</li> </ul>
"Retiro espiritual; encontro com jovens e teatro".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retiro espiritual;</li> <li>• Encontro com jovens;</li> <li>• Teatro</li> </ul>
"Passeio para a praia e rios".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passeio à praia;</li> <li>• Passeios aos rios;</li> </ul>

Apêndice 08 – Forma como as atividades de lazer não indicadas pela Igreja podem interferir na vida do entrevistado - completa.

TRANSCRIÇÃO DA RESPOSTA	IDEIA CENTRAL
"Beber; fumar; dançar".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Fumar;</li> <li>• Dança;</li> </ul>
"Dançar; bebidas; fumar; prostituição".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Fumar;</li> <li>• Prostituição;</li> <li>• Dança;</li> </ul>
"Bebidas; estar em locais indevidos com más companhias".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Frequentar locais indevidos;</li> <li>• Más companhias;</li> </ul>
"Podem interferir na minha comunhão com Cristo".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interferência espiritual negativa;</li> </ul>
"Beber bebida alcoólica; festa onde tem prostitutas e bebidas e jogo de apostas".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Festas;</li> <li>• Prostituição;</li> <li>• Jogos de apostas;</li> </ul>
"Bebida alcoólica; festas; casas de show; prostíbulo; shows mundanos; bar".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Festas;</li> <li>• Casas de show;</li> <li>• Prostibulos;</li> <li>• Shows mundanos;</li> <li>• Bar;</li> </ul>
"Festas mundanas; fornicação; beber bebida alcoólica; fumar".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Festas mundanos;</li> <li>• Sexo;</li> <li>• Beber;</li> <li>• Fumar;</li> </ul>
"Dançar; usar roupas indecentes".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dançar;</li> <li>• Usar roupas inadequadas;</li> </ul>
"Beber bebidas alcoólicas; dançar".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Dançar;</li> </ul>
"O lazer que nos tira da presença de Deus interfere muito".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desvio do caminho de Deus;</li> </ul>
"O que escandaliza a igreja".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que escandaliza a igreja;</li> </ul>
"Sim, porque pode levar a gente a se afastar de Deus".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Afasta de Deus.</li> </ul>
"Não interfere porque eu não frequentava".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não interfere;</li> </ul>
"De várias formas: desanimar, me enfraquecer espiritualmente e não ter vontade de caminhar".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desanimo;</li> <li>• Enfraquecimento espiritual;</li> </ul>
"Bebida; fumo; vícios".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Fumar;</li> </ul>
"Bebida; vestir roupas escandalosas; maquiagem".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Vestir roupas inadequadas;</li> <li>• Maquiagem;</li> </ul>
"Participar de eventos do mundo que nos leve para o caminho errado".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desviar do caminho de Deus;</li> </ul>
"Beber; dançar; fumar".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Fumar;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dançar;</li> </ul>
"Não estar sentadona na roda dos escarnecedores"	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Más companhias;</li> </ul>
"Fumar; beber; prostituição"	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fumar;</li> <li>• Beber;</li> <li>• Prostituição;</li> </ul>
"De nenhuma, eu não vou em ambientes que eu ia antes".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nenhuma;</li> </ul>
"De forma negativa, nos afasta de Deus".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desviar do caminho de Deus;</li> </ul>
"Nenhuma".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nenhuma;</li> </ul>
"Graças a Deus de nenhum jeito".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nenhuma;</li> </ul>
"De nenhum jeito, eu não vou mais a esses lugares".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nenhuma;</li> </ul>
"Nunca interferiu".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nenhuma;</li> </ul>
"A gente tem que evitar porque senão, a gente acaba praticando os mesmos erros".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Evitar erros;</li> </ul>
"Pode nos afastar de Deus".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desviar do caminho de Deus;</li> </ul>
"Bebida; fumar; trair o marido".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Fumar;</li> <li>• Trair o conjugue;</li> </ul>
"Beber; trair a esposa; fumar".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Trair o conjugue;</li> <li>• Fumar;</li> </ul>
"Tudo o que levar o cristão a pecar; bebida; vício".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Vícios;</li> </ul>
"Beber; usar drogas; cigarros; fornicar".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beber;</li> <li>• Fumar;</li> <li>• Sexo</li> <li>• Drogas;</li> </ul>
"Ouvir música com letras absurdas; usar roupas indecentes".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvir músicas não indicadas;</li> </ul>
"Festa".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Festas;</li> </ul>
"De maneira negativa pois não me trazem nenhum benefício".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• De modo negativo;</li> </ul>
"Pode ser ruim e afastar da igreja".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• De modo negativo;</li> <li>• Desviar do caminho de Deus;</li> </ul>
"Não interfere, não sinto falta".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nenhuma;</li> </ul>
"De forma como vem do mundo coisa obscenas. Funk pode não ser bom".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvir músicas não indicadas;</li> </ul>

Apêndice 09 – Espaços considerados da salvação e da perdição, segundo a opinião dos sujeitos.

<b>Espaços considerados da “salvação”</b>	<b>Espaços considerados da “perdição”</b>
<b>TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS</b>	<b>TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS</b>
"Rios; praias; igreja".	"Bar; festas; baladas".
"Clubes; praias; retiros e outras igrejas"	"Festas; casas de show".
"Praça; orla; igreja; restaurante. Sair com a família"	"Festas; locais onde tem bebida e fumo".
"A própria casa e a igreja".	"Casas de shows; algumas praças da cidade"
"Igreja; salão de eventos da igreja; praça; restaurante".	"Casas de show; bar; motel".
"Igreja".	"Festas; bocas de fumo; bar; prostíbulo; casas de show".
"Igreja e praça"	"Casas de show; festas; motéis".
"Orla; restaurante; lanchonete; pastelaria"	"Festas; casa de show; bar".
"Igreja; praça".	"Festas; bares".
"Aqueles que nos levam a presença do senhor".	"Qualquer lugar que tire a presença de Deus".
"Confraternização; atividades escolares; igreja".	"Festas do mundo; atividades culturais; onde há bebida".
"A Igreja"	"Festas; onde rola drogas. Há muitos lugares ruins!".
"Igreja".	"Festas".
"Igrejas (Templos)"	"O mundo".
"Igreja".	"Bar; festa".
Não respondeu	"Festas do mundo; bares".
"Igreja".	"Festas; bares".
"Igreja; praça"	"Festas".
"Igreja; viajar".	"Bares; roda de pessoas ímpias".
"Igreja; praça".	"Bares; festas; motel".
"Minha casa; igreja".	"Bar; festas; lugares errados".
"Minha casa; igreja".	"Bocas de fumo; sede de festas; bares"
"Igreja; minha casa".	"Bares; festas mundanas".
"Igreja; nossa casa".	"Bares; festas do mundo".
"Igreja; minha casa".	"Acho que em bares e festas"
"Igreja".	"O mundo".
"Igreja".	"Bares; festas do mundo".
"Igreja".	"Os lugares mundanos".
"Orla; sorveteria; lanchonete; igreja".	"Festas; casas de show".
"Igreja; praça; restaurante; rios; praias".	"Festas; casas de show".
"Praia; igarapé; igreja; praça".	"Festas".
"Na igreja; nas ruas".	"Festas; becos (onde há indícios de usuários de drogas)".
"Show gospel; orla; praça; igreja".	"Festas; boate; casas de show".
"Praça; praia; rios; igreja".	"Festas do mundo".
"Igreja; praças".	"Bares; casa de festas".
"Igreja e outros locais, depende da companhia"	"Bares; sede de festas".
"A igreja e minha casa".	"Festas".
"Minha casa; minha igreja".	"Praças; bares; festas"

Apêndice 10 – Relatos dos sujeitos sobre suas atividades cotidianas

RELATOS DOS SUJEITOS SOBRE SUAS ATIVIDADES COTIDIANAS		
Nº do relato	TRECHO DO ENUNCIADO NO RELATO DO FIEL	DESTAQUE DOS ELEMENTOS PRESENTES NO RELATO
1	[...] Durante a semana eu costumo estudar, jogar uma bola, é uma coisa que eu gosto muito. Tirando isso eu sou muito família, <b>sou muito caseiro</b> . Isso porque ultimamente eu sei que eu tenho um objetivo e esse objetivo envolve tudo isso, amigo, amizade, conhecer novas pessoas. <b>Mas durante o dia-a-dia, é muito casa</b> [ ...] (grifo nosso) (Relato de Mariano – convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017)	1º Estudar e e jogar bola; 2º Fica em casa;
2	[...]Como te disse, sou mais caseiro. Não gosto de ficar muito tempo sem estudar, preciso ter aquela rotina de estudo. Eu gosto muito de ler e estudar e não gosto de ficar muito tempo sem isso. <b>Também não gosto de ficar muitos dias longe da minha casa. [...] como eu te falei, eu sempre fui muito caseiro</b> . Mas quando desse eu sempre ia numa quadrilha com os amigos, só com os amigos. Uma vez eu fui no show do Leonardo, uma vez que ele veio aqui eu Bragança, eu fui no show dele. <b>Mas esses ambientes hoje eu não vou mais, porque eu vejo que isso mexe com a minha espiritualidade e com minha fé</b> , naquilo que eu creio e que a Bíblia me ensina. (grifo nosso) (Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015)	1º Ficar em casa;
3	[...]. Assim eu sou pouco eclética, eu gosto um pouco de cada. <b>Eu sou uma pessoa muito caseira</b> . Eu não dou muito valor em praia, mas como minha família tem casa na praia, minha tia tem casa na praia da ela disse bora para a praia, aí eu vou. E como eu não sei nadar eu tenho medo de morrer afogado então me afasto mais, então eu vou como posso. [...] então, mas à noite a gente assiste um filme em família, uma reunião. <b>E com os amigos como eu falei, a gente vai na praça vai na orla dar uma volta</b> . (grifo nosso) (Relato de Lorena– convertida– moradora do Bairro Aldeia – setembro de 2016)	1º Ficar em casa; 2º Ir na praça e na orla com os amigos;
4	[...] <b>eu gosto muito de cantar</b> . Nos finais de semana a gente tem uma banda na igreja e eu canto, sou um dos vocalistas. Mas fora isso eu canto, toda vez eu canto fico cantando lá em casa. Eu gosto de cantar e muito de <b>ler a palavra</b> . Eu me acho, que tenho algum conhecimento sobre a palavra. (Relato de André– convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017) (grifo nosso).	1º cantar e ler a palavra;
5	[...]. <b>Tem vezes que eu fico lá em casa</b> mexendo no celular. Quando não eu venho pra cá para me deitar. Tem uma casa do lado da casa da minha irmã, eu pego minha rede e vou me deitar. Quando não, tem ensaio dos jovens aqui da igreja. (grifo nosso). (Relato de Denis– convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017)	1º Ficar em casa; 2º Descansar; 3º Ensaio da igreja;
6	[...]. <b>Durante a semana não vou para lugar nenhum, eu fico aqui mesmo</b> . Eu vou nos cultos que tem durante a semana na igreja. Nos finais de semana não tem muito para onde ir. Às vezes eu vou para a praia ver os amigos e conversar com os amigos. (grifo nosso). (Relato de Denis– convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017)	1º Ficar em casa; 2º Conversar com os amigos;
7	Durante a semana <b>eu fico em casa eu não vou para canto nenhum</b> . Durante a semana eu vou para a <b>igreja</b> , dia de quinta-feira, dia de terça. Dia de sábado e domingo eu trabalho no campo do meio. É para onde o sonho não vou para canto nenhum. Às vezes eu vou para Bragança para receber é quando eu saio. Eu não vou para canto nenhum. <b>É a igreja e trabalhar</b> , eu trabalho nos finais de semana no Campo do Meio. Final de semana que eu trabalho daí tem outro que eu não trabalho. Eu trabalho numa pousada lá. É para onde eu saio, <b>não tem assim de estar saindo de casa</b> . (grifo nosso). (Relato de Mariana– convertida – morador de Ajuruteua – outubro de 2017)	1º Ficar em casa; 2º Ir à igreja; 3º Trabalhar;
8	[...]. Olha minha vida é <b>universidade, igreja. A semana inteira é só universidade</b> , não vou mentir, não tenho tempo, não vou a igreja durante a semana a não ser que seja alguma coisa específica. Final de semana vou a igreja,	1º Universidade; 2º Igreja; 3º Ficar em casa;

	relacionado a alguma coisa da igreja. <b>No sábado de manhã por exemplo, eu fico em casa e descanso, quando dá eu vou à praia.</b> Sábado a tarde vou no seminário teológico na igreja, estudando. Ai a noite eu vou a uma pizzaria, nem todo o tempo é assim, mas quando dá eu vou a uma pizzaria ou restaurante. (grifo nosso) (Relato de Maria – fiel nata na fé evangélica – setembro de 2016)	4° Ir para a praia;
9	[...]. Durante a semana <b>só trabalho</b> , de lá vou para <b>casa e de casa para a igreja.</b> Nos finais de semana também eu fico em casa ou vou para igreja. Eu descanso ou vou para uma praia ou sítio ou coisa do tipo. (grifo nosso) (Relato de Daiane– convertida – morador do centro – maio de 2015)	1° Ir ao trabalho; 2° Ficar em casa; 3° Igreja;

**Quadro 8 - Relatos dos sujeitos sobre suas atividades cotidianas.**

**Fonte: Trabalho de campo entre 2015 -2017**

Organização: Roscoche (2018).

Apêndice 11 - Relatos dos sujeitos sobre o que pensam obre os locais de salvação e locais de perdição – parte 1

<b>RELATOS DOS SUJEITOS SOBRE O QUE PENSAM OBRE OS LOCAIS DE SALVAÇÃO E LOCAIS DE PERDIÇÃO – PARTE 1</b>		
<b>Nº do relato</b>	<b>TRECHO DO ENUNCIADO NO RELATO DO FIEL</b>	<b>DESTAQUE DOS ELEMENTOS PRESENTES NO RELATO</b>
1	Para mim um <b>lugar sagrado é servir a Deus. É o amor na presença de Deus, é buscar nas igrejas, né? Ela não Igreja do Senhor onde a gente vai fazer nossas orações. É lá onde a gente vai buscar a presença do Senhor. A igreja é um lugar sagrado né? A minha casa também, a minha família também é um lugar sagrado. É onde eu vivo todos os dias da minha vida.</b> (Relato da senhora Helena – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017 - grifo nosso).	1º- Ações voltadas para Deus; 2º- Igreja como principal lugar sagrado e de busca a Deus; 3º- Residência como local sagrado; 4º- Casa como um lugar sagrado e lugar de vida cotidiana da família;
2	Eles já falaram tudo isso ai, <b>os da salvação é a nossa igreja, a nossa casa, onde a gente vai buscar o senhor, na igreja onde a gente vai ouvir a palavra, cantar os louvores, que eles cantam, lá é um lugar sagrado.</b> Os lugares da perdição é o mundo, a festa, os bares e da bebedice [sic]. É isso. (Relato da Marcelo – convertido – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017 - grifo nosso).	1º- Lugares da salvação voltado a ações à Deus; 2º- Lugares da salvação são igreja, casa e onde se busca a palavra do senhor; 3º- Lugares da perdição são festas, bares e lugares onde se consome álcool;
3	<b>Nossa casa é um lugar de salvação e segundo lá fora né?. Nossa casa significa uma igreja. Nós somos uma igreja.</b> O lugar onde congregamos é um templo de oração e <b>nós somos um templo.</b> Nos complicamos né, a gente diz, eu vou pra igreja. <b>Mas quem é a igreja? Somos nós! Nós somos a igreja e vamos lá para adorar a Deus. É um templo de oração, para orar, consagrar, jejuar, nós somos a igreja. O Pastor sempre diz se você é a igreja, você diz que vai pra Igreja. Na verdade você vai pra adorar, é uma casa de adoração.</b> A Igreja é uma arca né, onde nós ficamos a salvo. Noé, quando colocou todas as espécies ali, fez pra proteger. A Igreja significa uma arca, se nós estivermos dentro, estamos guardados e protegidos. [...] <b>É os lugares de droga, festas mundanas, os bairros que tem os traficantes, são lugares de perdição, que como diz a palavra, onde estão os perdidos. Nós estamos do mundo né, mas quando a gente passar dessa vida para outra a gente vai pra outra cidade, mais santa.</b> Porque onde nós estamos é muito sofrimento, mas nós aceitamos <b>Jesus e nós não somos mais do mundo.</b> Somos uma nova criatura e temos que esperar o chamado do senhor. Enquanto ele não chamar a gente tem que passar por pedras, por espinhos, por tribulações. (Relato de Marta – fiel convertida na fé evangélica – setembro de 2016)	1º As pessoas são a base para a família e a igreja; 2º Pessoa e seus corpos são templos sagrado 3º Casa e a igreja como local de salvação; 4º Igreja como local de adoração; 5º Festas mundanas e locais de tráfico de drogas; 6º A fiel não se identifica como sendo desse mundo e espera ir para outra cidade mais santa. 7º Ideia da vida como um percurso

		com obstáculos dolorosos;
4	<p><b>Como a palavra de Deus diz nós não devemos nos assentar na roda dos escarneceadores.</b> Então eu como serva de Deus, desde pequena, como todo mundo sabe, <b>não preciso dizer que eu sou evangélica, todo mundo sabe devido ao meu modo de vida.</b> Na minha casa só mora eu meu irmão e minha tia, e nós servimos a Deus. <b>Eu não preciso sair andando com a Bíblia debaixo do braço porque todo mundo sabe que eu sou serva de Deus.</b> Então por exemplo eu como serva do senhor, tenho amigos que não são crentes. Então eu levo o evangelho para eles, convido para ir na igreja. <b>Mas se eles estão em lugares onde rola bebida alcoólica e sexo, eu não posso estar lá porque aquilo não é lugar para mim. Até porque se outras pessoas me verem lá elas vão falar o quê de mim? Ela não é crente então que ela tá fazendo? Então nós que servimos a Deus somos bastante perseguidos. Então se alguém me ver no lugar onde rola bebida alcoólica, por exemplo, nem bar, eu sou crente embora não esteja bebendo, mas meus amigos sim, então não fica bem pra mim.</b> Então eu evito esses lugares, até mesmo porque, nós temos que mostrar quem realmente nós somos. Desde que eu estudava na escola eu sempre tive minha posição como crente, eu sempre mantive a minha posição eu nunca vivi de aparência, glória a Deus. Meus inimigos nunca me convidaram para frequentar os lugares que eles frequentavam porque eles já conheciam a minha postura. Então é isso que a gente tem que ter com bastante cautela em relação a isso. <b>Então não fica bem ir para esses lugares como bares festas, festas de aparelhagem, baile funk.</b> (Relato de Lorena – convertida – moradora do Bairro Aldeia – setembro de 2016)</p>	<p>1° As outras pessoas as identificam como evangélica pelo seu “modo de vida”;</p> <p>2° Não se deve frequentar os mesmos locais que os escarneceadores (pecadores);</p> <p>3° Locais que possuem bebida alcoólica e sexo são proibidos;</p> <p>4° Mesmo não realizando nenhuma atividade contra os preceitos religiosos, importa o pré-conceito que os outros farão da pessoa ao associá-la a aquele lugar;</p> <p>5° Bares, festas, baile funk são lugares de perdição;</p>
5	<p>Se me perguntasse qual é o <b>lugar que mais me sinto bem, com certeza seria a igreja, porque lá é pé da cruz.</b> É o lugar onde eu vou estar chorando e Deus vai estar lá me abraçando. Ele vai dizer “minha filha”, e vai estar me abraçando. E o lugar <b>da perdição pra mim é o lugar que não tem bênçãos, que não tem convém e tú ta lá e sabe que aquilo vai te fazer mal, bebendo ou coisa do tipo,</b> tu sabes que vai te fazer mal, mas tú quer fazer isso. O pecado as pessoas dizem que é bom, mas não é certo. (Relato da jovem Rafaela - convertida – moradora de região central – outubro de 2017).</p>	<p>A igreja é um lugar sagrado;</p> <p>Lugar da perdição é onde não tem bênçãos;</p>
	<p>Eu acho é assim. Dentro da igreja. Eu percebo assim. Que o fato de você ficar batendo naquela coisa, “não faz isso”, “não faz aquilo”, isso acaba às vezes até levando as pessoas a fazerem. <b>Mas eu acho que os locais da perdição mesmo eu acho que é o carnaval. O carnaval seria esse local profano na minha opinião, o ambiente profano seria esse ambiente carnavalesco. Extremamente mundano.</b> A Bíblia diz que o nosso corpo é um local sagrado, é o templo do espírito. Então <b>nosso corpo é um local sagrado, nós temos que cuidar dele, não podemos fumar, temos que cuidar dele, porque ele é a morada do espírito. A Igreja é tipo um prédio, uma simples estrutura, eu não vejo aquilo como algo sagrado, é um objeto no qual eu não tenho que me apegar.</b> Eu viajo e si lugares onde você tem que tirar os sapatos pra subir no púlpito. <b>Há um tempo atrás só entrava na igreja aquele que tivesse de calça, não pode ir de bermuda. Quando eu viajo pelo interior com a banda da igreja, a gente tentava respeitar esses costumes do pessoal do interior. Mas aqui em Bragança a gente já entrava de bermuda na igreja sem problema, mas quando chegava lá [nos locais do interior do município], a gente tinha que botar a calça e isso a 40, 50 km daqui, não é longe.</b> Eu não tenho essa concepção de que é sagrado, de que se você não fizer isso vai acontecer alguma coisa. <b>Sagrado é a gente mesmo, nosso corpo, nosso espírito.</b> Lugar, lugar mesmo físico não existe. <b>O lugar ter salvação é outra coisa. Só quando a pessoa morrer ela vai pro céu, que é um lugar não físico.</b> (Relato de Rubens – fiel nato na fé evangélica – 24/09/2016 - grifo nosso)</p>	<p>Carnaval como local de perdição;</p> <p>Corpo como lugar sagrado;</p>

Quadro 9 - Relatos dos sujeitos sobre o que pensam obre os locais de salvação e locais de perdição parte 1

Apêndice 12 - Relatos dos sujeitos sobre o que pensam obre os locais de salvação e locais de perdição – parte 2

<b>RELATOS DOS SUJEITOS SOBRE O QUE PENSAM OBRE OS LOCAIS DE SALVAÇÃO E LOCAIS DE PERDIÇÃO – PARTE 2</b>		
<b>Nº do relato</b>	<b>TRECHO DO ENUNCIADO NO RELATO DO FIEL</b>	<b>DESTAQUE DOS ELEMENTOS PRESENTES NO RELATO</b>
1	<p>Eu creio muito, eu penso assim, me diga com quem tu andas que eu te direi quem és. <b>Se você anda com ladrões, mesmo que você não seja ladrão, as pessoas vão ter uma percepção de que você é ladrão. Mesmo que você não tenha vício nenhum e alguém te vê numa cracolândia por exemplo, eles vão dizer que você está usando droga.</b> Então eu vejo assim, que é o ambiente que a gente se encontra, tem diferença entre um ambiente e outro ambiente. <b>Mesmo que você esteja num bar batendo um papo com alguma pessoa e não esteja bebendo, mas as pessoas vão julgar pelo que ela viu e não pelo que você está fazendo. Então eu vejo assim, os lugares definem que a pessoa é. Não é como você entra num lugar mas é como as pessoas veem como você tá se comportando e como você está naquele lugar. Os lugares da salvação para mim seriam os ambiente familiar entendeu?. Eu vejo a casa como um ambiente familiar, a igreja também, entendeu? E o corpo também, ele é o templo do Espírito Santo, ele nos usa como referência. Jesus precisa do homem entendeu, ele já veio em forma humana e é o espírito que usa o corpo humano.</b> E pelo fato do espirito usar o corpo humano, o homem não dá mais liberdade para que isso aconteça. Assim como a gente vê rituais, por exemplo, Satanás precisa de um corpo, de uma casa, assim como Deus precisa de uma casa. Então eu vejo que nosso corpo é muito essencial hoje. As pessoas dizem que não, mas ele é essencial, por isso a bíblia diz que nosso corpo é um templo. Os lugares da perdição eu vejo assim cara, são as pessoas que vão influenciar, se eu vou numa boate e não tiver ninguém lá, então aquilo não é uma perdição. São as pessoas que te levam para perdição na má amizade, na má influência, isso te leva para a perdição. Se você está num bar, e você tá sozinho, você não vai beber, então não é o local, são as pessoas que vão te influenciar. <b>O culto por exemplo, só é um culto se estiver pessoas ali, senão não é um culto. Então eu vejo que é as pessoas que influenciam.</b> (Relato de Mariano – convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017 – grifo nosso)</p>	<p>1º Se a pessoa frequenta um lugar de perdição será vista ou percebida como tal por seus pares;                  2º Os lugares familiares seriam da salvação;                  3º O corpo é um é um local sagrado, morada da alma;                  4º São as pessoas que determinam o que é um lugar;</p>
2	<p><b>Essa casa é sagrada, meu corpo é sagrado.</b> Eu tenho que fazer minha parte, eu faço de tudo, principalmente se é uma criança. Até um filho que eu tenho errado eu respeito ele, eu respeito o errado, o beerrão. Eu tento fazer o melhor pra ajudar. (Relato de Cintia – fiel convertida na fé evangélica – setembro de 2016).</p>	<p>1º A casa e o corpo são sagrados;                  2º Responsabilidade de suas ações perante os demais;</p>
3	<p>Lugares da salvação eu diria, eu vou dizer assim, não é que. Vou chamar de nós, me referindo ao povo evangélico como um todo. Nós temos consagrado aquilo que não nos induz ao erro. Entendeu? Agora <b>lugar de perdição é aquele lugar que nos induz ao erro.</b> Nós que seguimos um padrão bíblico, Jesus Cristo nos ensina e nós seguimos isso. Claramente nós vemos que tem alguns pontos na cidade em que não podemos ir, por que a própria Bíblia diz que nós <b>devemos fugir da aparência do mal.</b> Muitas das vezes nós, exemplo, Se eu trabalho numa empresa de entrega e eu tenho que entrar num bar para fazer uma entrega, aquele ambiente não é favorável para mim e a Bíblia diz que nós devemos ser exemplo. E a gente, usando exemplo, a gente tem que fugir disso né? Até um tempo atrás nós éramos do mundo [...] O que nós fazemos muitas coisas que não agradavam a Deus. <b>Então nós nos afastamos desses ambientes de perdição. Isso acaba nos prejudicando espiritualmente e acaba indo contra o que a Bíblia nos ensina.</b> Entendeu? Eu falo são aqueles lugares que não nos</p>	<p>1º Lugar de perdição induz ao erro;                  2º Afastamento dos locais de perdição que prejudicam espiritualmente;                  3º Igreja como lugar de salvação;                  4º Corpo como local sagrado, templo do Espírito Santo;</p>

	<p>levam a perdição. A praça por exemplo não tem problema nenhum, a gente se encontra com amigos, entendeu? <b>A igreja um lugar de salvação. Corpo também é sagrado, por que a Bíblia diz que ele é o templo do Espírito Santo.</b> O Espírito Santo habita em nós e por isso nós devemos deixar nosso corpo consagrado unicamente a ele. E tudo aquilo que modifica o altera o corpo faz com que ele não seja mais sagrado, Diante de Deus, segundo a Bíblia nos ensina (Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015- grifo nosso).</p>	
--	--	--

**Quadro 10 - Relatos dos sujeitos sobre o que pensam obre os locais de salvação e locais de perdição – parte 2**

**Fonte: Trabalho de campo entre 2015 -2017**

Organização: Roscoche (2018).

Apêndice 13 – Relatos dos sujeitos sobre os seus hábitos de lazer

<b>RELATOS DOS SUJEITOS SOBRE OS SEUS HÁBITOS DE LAZER</b>		
<b>Nº do relato</b>	<b>TRECHO DO ENUNCIADO NO RELATO DO FIEL</b>	<b>DESTAQUE DOS ELEMENTOS PRESENTES NO RELATO</b>
1	Na minha área eu trabalho com música e eu gosto do que faço. [...] <b>Então eu ia visitar os irmãos já não ia almoçar em casa almoçar na casa dos irmãos, então foi legal.</b> (Relato de Presbítero 1 - nato na Assembleia de Deus – junho de 2016)	1º Gosta de trabalhar com música e também do seu trabalho; 2º Visitar amigos e irmãos;
2	<b>As coisas que eu gosto de fazer é tomar banho de rio, ir a praia.</b> Se eu pudesse eu gostaria de ir nos <b>cinemas</b> mas aqui não tem. Mas o meu lazer mesmo é ir a <b>praia e ao rio, ir as pizzarias, sorveterias, restaurantes, se tiver circo, ir no circo e shows, principalmente shows, principalmente shows gospel.</b> E mesmo se não for Gospel eu também vou, porque é festival de <b>música</b> , eu vou estar lá como musicista e aprendiz. O que eu não iria, atividades cotidianas que não gosto de realizar eu não realizo, eu não vou num bar que não me dá segurança, festas dançantes, praças públicas tem algumas coisas que eu também não iria. Tem shows, tem coisas que não me fazem bem. <b>É um show gospel eu posso até ir, se é de MPB (Musica Popular Brasileira) eu posso até assistir. Mas é um show de rock in roll ou de melody brega, eu já não vou porque eu acho que não é meu lugar como evangélica, e também porque musicalmente não me interessa. É uma música, que pra mim é muito pobre musicalmente. Essa pobreza musical de melody e brega não me interessa. Não gosto disso, ela é agressiva, uma agressividade musical.</b> (Relato de Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016- grifo nosso)	1º Gosta de música (tocar, ouvir, assistir shows); 2º Ir a locais como cinema e locais de alimentação; 3º Ir a praias e balneários; 3º Não gosta de shows de rock e melody e brega;
3	Olha, assim, eu gostava de <b>futebol</b> , mas eu não pratico mais por causa da ocupação diária. Mas eu gosto muito de <b>tocar violão. Eu tinha uma banda, eu tocava violão</b> , mas hoje só toco em casa. <b>Eu jogo xadrez.</b> Eu deixei algumas atividades de lazer não porque eram proibidas. <b>Eu gostava de pedalar também.</b> Eu também assisto muita série, muito filme. E aos finais de semana eu sempre <b>vou para um Igarapé, um rio, junto da natureza. Quando a gente vai pra fora, vai conhecer alguma praia, algum igarapé. Eu sempre vou nas praças também, vou no Bem Querência [restaurante], jantar, na Orla.</b> São os lugares que eu frequento na cidade. <b>Muitos fiéis costumam ir nesses locais também, mas tem uns que são mais fechados, então ao invés de ir numa festa eles promovem um show de calouros com o pessoal da igreja. Então eles acabam substituindo aquilo que muitos têm vontade de ir e não podem, daí trazem pra dentro da igreja essas atividades, dando um cunho cristão para essa atividade. Muitos irmãos procuram ir em estabelecimentos de outros irmãos como pizzarias, restaurantes, etc.</b> Pode ter vários locais perto da sua casa mas existe a ideia de que um irmão tem que abençoar outro irmão frequentando seu estabelecimento. (Relato de Rubens – fiel nato na fé evangélica – 24/09/2016)	1º Gosta de atividades esportivas e jogos; 2º Frequenta balneários e praias; 3º Frequenta locais de alimentação (bares, restaurantes, etc)
4	Eu gosto demais de ir numa <b>praia</b> de conversar com os amigos na <b>praça central</b> entendeu? <b>Ir na Igreja</b> conversar com o pessoal, entendeu, como eu falei ainda a pouco. [...] (Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015)	1º Gosta de conversar com amigos e familiares; 2º Frequenta lugares como praia a praça central e a igreja;

5	Muitas coisas que eu mais gosto de fazer é <b>servir o senhor</b> . Estar envolvida naquele meio. (Relato de Juliana – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017)	1° Servir ao senhor;
6	Eu gosto muito de <b>ficar em família, gosto de sair com a minha família e ir para um balneário, uma praia</b> . Eu tenho três irmãos, duas meninas e um rapaz, um mais velho que eu minha irmã, e meu outro irmão e irmã são mais novos. (Relato de Mariano – convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017 – grifo nosso)	1° Gosta de realizara atividades em família; 2° Frequenta balneários e praias;
7	Na minha casa depois que eu termino todo o serviço da casa <b>eu gosto de deitar numa rede e escutar louvor e cantar, eu gosto muito de louvar. [...]</b> Mas as vezes eu louvo alto mesmo, no meu serviço diário [risos]. As vezes eu não durmo de dia, as vezes eu fico só deitada louvando, o dia todo. Essas músicas que passa na rádio dá uma agonia na gente, estressa. As vezes o João coloca no radinho dele essas músicas, mas eu não falo nada, pra não causar discussão né, mas eu não gosto. Fica me irritando aquela música. [...] (Relato da Marcelo – convertido – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017 - grifo nosso).	1° Gostar de cantar louvores; 2° Não gosta de escutar músicas mundanas; .
8	<b>Gosto de ler a palavra, gosto de louvar</b> . Eu gosto de falar das maravilhas que Deus já fez na minha vida. Gosto principalmente de <b>orientar os jovens</b> , lá em casa principalmente, <b>converso muito</b> com meu neto [...] (Relato da senhora Claudia – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017).	1° Gosta de louvar e ler a palavra;
9	Eu passo muito com os meu marido e meus filhos. Mas eu tenho uma coisa aqui comigo, graças a Deus agora não, que eu pedi muito a Deus um companheiro que entenda. Por exemplo aqui, <b>nós estamos reunidos, mas estamos falando da palavra de Deus, então isso é prazeroso e a hora passa e a gente nem vê</b> . Mas quando a gente chega em casa tem um monte de coisa para a gente fazer. Mas às vezes eu estou em casa e ele fala bora <b>assistir um filme</b> , bora fazer outra coisa. Mas quando eu começo <b>ler a palavra</b> , aqui não vai embora. Ele diz, bora para casa da minha mãe. E eu digo, bora <b>ler a palavra</b> . <b>Eu gosto muito de ler a palavra</b> mas eu não faço só isso. Às vezes vou para casa da minha sogra mas a gente ficar junto com os filhos <b>assistindo um filme</b> . Ou então meus filhos querem <b>que eu leve eles para praia</b> . O que é muito difícil por causa da minha rotina. Mas quando eu não tô <b>lendo a palavra</b> , eu estou com eles. (Relato da senhora Graça – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017).	1° Gosta de ler a palavra; 2° Gosta de assistir filmes; 3° Levo os filho a praia;
10	<b>Eu gosto de roça, essas coisas</b> . De loja nunca gostei de trabalhar. Faz um tempo que não sei o que é viajar, última vez fui pra Marabá, mas eu <b>não gosto de viajar</b> , de ficar de um lado pro outro. (Relato de Marta – fiel convertida na fé evangélica – setembro de 2016)	1° Gosta de plantar;
11	[..] <b>eu gosto muito de cantar</b> . Nos finais de semana a gente tem uma banda na igreja e eu <b>canto</b> , sou um dos vocalistas. Mas fora isso eu <b>canto</b> , toda vez eu canto fico cantando lá em casa. <b>Eu gosto de cantar e muito de ler a palavra</b> . [...] A gente se diverte mais como colegas evangélicos, <b>eu deixei de andar com esses meus colegas, digamos assim desse outro mundo, que faziam as práticas velhas. Porque eu busco o fruto da nossa natureza e tenho que deixar a velha natureza para traz</b> . (Relato de André– convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017)	1° Gosta de cantar e ler a palavra;
12	Eu mais gosto de fazer? <b>Ir à igreja, ler a Bíblia</b> . (Relato de Denis – jovem – novo convertido morador da comunidade de Ajuruteua– 23/10/2017)	1° Ir a igreja e ler a Bíblia

**Quadro 11 - Relatos dos sujeitos sobre os seus hábitos de lazer**

Fonte: Trabalho de campo entre 2015 -2017

Organização: Roscoche (2018).

Apêndice 14 – Relatos dos sujeitos sobre o que pensam/imaginam que é céu

RELATOS DOS SUJEITOS SOBRE O QUE PENSAM/IMAGINAM QUE É CÉU		
	TRECHO DO ENUNCIADO NO RELATO DO FIEL	DESTAQUE DOS ELEMENTOS PRESENTES NO RELATO
1	[...] o céu, tá além do entendimento humano, <b>eu não sei descrever</b> . Embora eu leia e conheça as descrições, mas é pequeno em relação ao que é. <b>Mas eu imagino pitoresco, de paz. E tem essas descrições do céu, que está muito ligado a ganancia humana, quando se representa o céu com ruas de ouro.</b> Engraçado, se eu tenho que me desapegar dessas coisas aqui na terra, ela não vai ter valor nenhum pra mim lá no céu. Então para mim o que é fundamental nessa imaginação é entender que eu <b>vou estar conectado com o que é sobrenatural e vou desconectar de tudo que não é supremo e puro.</b> E o que é legal é que eu tenho essa consciência que tenho consciência da fé, desse labor todo. Por isso que eu digo que eu gosto da primeira parte da piada sobre o céu, que conheceu as duas partes e acabou escolhendo o inferno. <b>E o inferno é antítese do céu e tem muita gente que quer o céu por ter medo do inferno.</b> Se não tivesse um inferno, as pessoas achariam que o inferno está aqui mesmo, então o céu vai ser uma consequência. <b>Então para que nós passamos ir para o céu, no nosso conceito, nós temos que renunciar as coisas que é carnalmente prazeroso.</b> Isso me lembra desses caras que vão jogar uma bola e são regadas por orgias, não sabe jogar uma bola se não tiver um som alto e uma bebida. Então ele atrapalha essa atividade. <b>Então você só vai valorizar aquilo que te gera prazer, por conta de tú entender que sem isso você está sofrendo, e se tu sofrer, você não vai valorizar.</b> Tinha um filósofo do campo, que eu não sei o nome dele, e ele dizia assim: “Antônio [Antônio era o nome do meu pai], pobre sofre né, e se morrer ainda vai pro inferno, isso é terrível”. Então só pra tú entender, então se pobre sofre. Eu não sou rico, mas entendo que na tua pobreza, no teu pouco ter você poder ser feliz e pode ser até mais feliz do que aquele que tem abundância. <b>Então se não tiver esses dois, o bem e o mal, ajudam a compreender a relação entre um e outro. Os dois estão ligados, por exemplo, você sofre, mas você acaba aprendendo.</b> (Relato de Presbítero 1 - nato na Assembleia de Deus – junho de 2016 – grifo nosso)	1° Alega não saber ou possui pouco conhecimento sobre o céu e considera além do entendimento humano; 2° Lugar de paz; 3° Ideia errônea de que as pessoas têm de que o céu é um lugar de riquezas materiais; 4° Céu como antítese do inferno; 5° Ingresso ao céu está condicionada, implica as renúncias das coisas terrenas e prazerosas; 6° O bem e o mal estão conectados assim como o inferno e o céu.
2	[...] <b>Eu não sei, porque não sei mesmo.</b> Ele diz que tem o céu e o inferno, mas na minha mente, <b>o inferno é aqui. Quem faz o inferno é você ou é eu.</b> Por exemplo, vamos dizer que você é uma pessoa de bem, você vai praticar só o bem, aí você tá bem. Se por exemplo, você só tá praticando o mal, só quer fazer o mal, então você tá, é o inferno na sua vida. Você só quer matar, roubar, só quer fazer o que não presta. Você é uma pessoa boa mas daí eu venho lhe provocar, daí eu vou fazer o inferno na sua vida. <b>Você é uma pessoa de bem, mas todo o tempo eu estou lhe infernando, daí uma ora você sai da carne.</b> (Relato de Batista – fiel convertido na fé evangélica – 20/09/2016 – grifo nosso)	1° Diz não saber; 2° O inferno é na terra e está nas pessoas;
3	[...] <b>um lugar tranquilo, de muita paz.</b> A gente tem que ficar atento, porque a qualquer momento a gente pode ir. Porque se Jesus chegar numa dessas noites de balada, daí é triste né? (Relato de Cintia – fiel convertida na fé evangélica – setembro de 2016 – grifo nosso)	1° Lugar de tranquilidade e paz;
	<b>Como está escrito na palavra de Deus!. Deus vai vir buscar o seu povo e iremos morar com ele.</b> Muitas pessoas não creio assim que Jesus não vai voltar e o mundo vai acabar. Tem gente que acha que a terra vai virar um paraíso, cheio de árvore e essas coisas, <b>mas eu não creio nisso eu creio na palavra de Deus, na Bíblia. O livro que o senhor deixou para nós para conduzir nossas vidas.</b> Então o reino do céu como eu imagino é um lugar onde <b>não vai haver dor e viveremos aquilo que não vivemos aqui no mundo. Onde não vai ter aflições e as ruas são feitas de ouro. Porque Deus é o dono do ouro e da prata.</b> Porque quando eu era pequena eu ficava	1° Lugar onde não tem dor, aflições; 2° Descrição do céu segundo a palavra; 3° Morada de Deus; 4° Ruas são feitas de ouro e prata – Deus é dono de todo ouro e prata;

	<p>imaginando como essa denominação religiosa [católica] acreditava. Mas não, eu acredito como tá na Bíblia, que <b>a gente vai morar com o senhor na glória</b>. Vai ser um lugar onde nós veremos os anjos e arcanjos tocando suas harpas. <b>Um ambiente de paz junto não haverá guerras. Um lugar onde só vai haver glória, louvores e paz. Tudo aquilo que nós almejamos a gente vai encontrar nesse lugar. Todas as dores vão acabar e todos nós estaremos lá. Vai ser um lugar maravilhoso onde não haverá dores.</b> [inaudível]. Eu creio assim do jeito que tá na Bíblia. (Relato de Lorena– convertida– moradora do Bairro Aldeia – setembro de 2016)</p>	<p>5° Um lugar de paz, glória e louvores;</p>
4	<p><b>Imagino a coisa mais linda que existe. Eu imagino um lugar muito lindo. Muros de ouro, ruas de jade.</b> (Relato de André– convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017)</p>	<p>1° Lugar lindo muros de ouro e ruas de jade;</p>
5	<p><b>O céu eu não sei. [...]</b></p>	<p>1° Não sabe;</p>
6	<p><b>Nesse plano espiritual eu acho que é um local de descanso e de tranquilidade, mas não lugar onde as pessoas ficam paradas, Deus é dinâmico a velocidade dividida pelo tempo e mais outras coisas que eu não sei alcançar ainda. Eu acredito que nesse lugar as pessoas têm um fazer, ninguém vai ficar à toa.</b> A Bíblia diz assim que é um lugar de se louvar de se alegrar. Eu acho que tem algumas atividades, eu com que agora estou aprendendo teologia, para tentar entender tudo que tem na Bíblia, tem coisas que eu ainda não sei mesmo tendo nascido no evangelho. <b>Tem coisas ainda que eu preciso me aprofundar.</b> Mas eu imagino que é <b>um lugar de segurança, de tranquilidade, de paz, de alegria, de se divertir. Eu acredito que lá vai ter lazer assim como a gente tem aqui, não o tempo todo, porque as pessoas vão ter suas ocupações, as aulas vão ter suas ocupações, com um novo corpo.</b> Na Bíblia está escrito que nós teremos um novo corpo, não de carne, mas de um outro material. Quando a gente vê aqueles desenhos, aquele corpo de luz, todo formado, ou de água, de alguma coisa que a gente não sabe o que é, mas o que a gente sabe é que a alma não morre é eterna. <b>O corpo é da terra e a alma é do céu. Espírito é vida.</b> Quando Deus fez o homem, ele deu a vida esse sopro que a gente tem, que qualquer animal, que todo ser vivo tem. E quando morre seu espírito vai voltar para Deus, porque só foi emprestado para nós. <b>A alma é essa essência que a gente tem dentro do corpo, essa capacidade de pensar e de existir. A ideia de Descartes penso, logo existo.</b> E se pensar que é imaterial e que pega emprestado o corpo, esse corpo que vai morrer e vai ficar na terra e a alma vai para este lugar, esse lugar de descanso. Isso é o que eu imagino. (Relato de Maria – fiel nata na fé evangélica – 23/09/2016)</p>	<p>1° Diz não saber exatamente como é; 2° Lugar de descanso e tranquilidade; 3° Lugar de segurança, tranquilidade; paz, alegria, de se divertir; 4° Vida no céu semelhante a vida na terra, com trabalho e lazer, porém sem sofrimentos; 3° Alma como essência do corpo terrestre; 4° Teremos outro corpo no céu, de outro natureza;</p>
7	<p>Seria uma local que <b>não tem sofrimento nem doença, não tem dor nem tristeza é só alegria.</b> Coisa assim de alegria eterna que nunca vai se acabar. Inclusive se percebe isso nos evangélicos da Assembleia de Deus, um pouco nesse pessoal de idade mais avançada, essa esperança no céu. Do céu assim a gente vê isso. Muita clareza é sabe aquela coisa assim é muito interessante ver essa vontade de ir para o céu assim e o cuidado de Deus. <b>Porque se você se desviar do caminho acontece algo que é totalmente inverso do céu que é sofrimento eterno que é inferno.</b> Então eu vejo com muita clareza. Existe mesmo. (Relato Rubens – fiel nato na fé evangélica – morador da Praia de Ajuruteua - 23/09/2016)</p>	<p>1° Lugar de ausência de doença, dor, tristeza e da predominância de alegria; 2° Desviar do caminho leva ao inferno;</p>
8	<p>A Bíblia nos mostra que lá <b>não haverá choro nem dor, mas haverá paz, amor, comunhão com nossos irmãos, aqueles que foram salvos e seguiram os mandamentos de Deus.</b> Eu vejo o céu como um lugar de <b>paz, de gozo, de não ter mais problemas, mais preocupações.</b> Na Bíblia diz que as coisas velhas já se passaram e que tudo aquilo que nos prejudicava, que mexia com a nossa natureza. Muitas das vezes nós erramos, falhamos pelo desejo da carne. E lá não terá isso, só terá <b>paz, alegria, gozo,</b> nos braços do pai. Eu vejo o céu assim entendeu? Mas o estudo de céu é um pouco mais</p>	<p>1° Lugar de paz, gozo, amor, alegria e comunhão para aqueles que foram salvos; 2° Lugar sem choro, dor, sem</p>

	abrangente, porque tem todo um estudo. Mas Jesus Cristo na sua palavra, no Reino de Deus, no Céu, o Paraíso como é chamado é um <b>lugar de paz e de gozo e de alegria</b> . (Relato do jovem Darci – convertido – morador do Bairro Aldeia – maio de 2015)	sofrimentos e preocupações;
9	Esperança que a gente tem da <b>promessa do Senhor</b> , do povo de Israel. É saber que <b>tudo que a gente está vivendo hoje, um dia vai valer a pena</b> . Vai valer a pena quando <b>o senhor voltar e agradar com sua noiva, a igreja, creio que eu vou estar entre os escolhidos, essa certeza de um dia morar no céu. O céu que é um lugar sagrado para nós</b> . É o que a Bíblia nos descreve. <b>Que é um lugar lindo, um lugar que foi feito para nós</b> . Que nenhuma beleza ou riqueza é comparada como a do céu. Então a gente imagina <b>coisas lindas, coisas que está além do nosso imaginário</b> . Coisas tremendas, mas que a gente sabe que está além disso. (Relato de Juliana – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017)	1º Lugar prometido, condicionado a vida que se leva nesse mundo; 2º Céu é para os escolhidos; 3º Lugar sagrado e lindo, além do imaginário humano;
10	Eu tenho uma percepção diferente que o reino dos céus <b>não há tristeza</b> , mesmo <b>porque a Bíblia nos diz que o reino dos céus é alegria</b> . A <b>palavra de Deus diz que nem a nossa mente consegue imaginar como é o reino dos céus</b> . Então a gente acaba se fantasiando pelas coisas que a gente vê. A minha mente só fantasia aquilo que eu consigo imaginar, mas Deus tem algo mais verdadeiro. Eu vejo que no Reino dos Céus, Deus está diante de um trono. <b>Apocalipse já descreve, anjos voando, anjos adorando, para tudo quanto é lado, uma adoração constante e que nada pode parar porque tudo é muito perfeito e Deus é perfeito</b> . Eu imagino que Deus está diante de um trono e Jesus está intercedendo por cada um de nós, porque a Bíblia diz que o Espírito Santo intercede por cada um de nós por gemidos inexprimíveis. <b>Então eu imagino algo muito bonito diante de todo esse cenário, porque a gente tem uma ficção imaginária muito diferente que a de Deus</b> . (Relato de Mariano – convertido – morador de Ajuruteua – outubro de 2017 – grifos nossos)	1º Não consegue imaginar adequadamente o que é o céu; 2º Lugar sem tristeza; 3º Anjos voando, adorando onde tudo é perfeito;
11	[...] Para mim, <b>eu imagino o céu deve ser uma coisa muito maravilhosa</b> . Porque só pelo que Deus mostra, em nossa presença, na presença dele, já é uma coisa maravilhosa, imagina o céu. Na minha visão assim, <b>o céu deve ser como o paraíso, por que lá só vai ter maravilha, por que lá vai ser um reino de santidade. Lá não existe pecado, só santidade</b> . (Relato de Mariana – convertida – morador de Ajuruteua – outubro de 2017)	1º Um reino de maravilha e santidade sem pecado;
12	A palavra de Deus disse que o inferno é um lugar de tormento. Quando a pessoa morre aquela que está em Cristo Jesus, ela vai para um lugar de descanso, olha a diferença. <b>A gente olha assim mas tem três céus né? O primeiro que as nuvens que a gente vê, daí tem aquele azul, daí tem aquele mais lá em cima onde fica o trono do senhor</b> . Então eu creio que a pessoa quando está em Jesus, <b>quando ela morre, vai para esse lugar de descanso</b> . Que ainda não é bem o céu, é uma parte do seu, eu entendo dessa forma. [...] <b>Porque para mim meu amado do céu mesmo, é um lugar muito maravilhoso, a palavra De Deus diz que os céus são ruas de ouro, de cristal, onde vai ser só louvor</b> . [...] Então eu creio que posso ver com os olhos da fé que <b>o céu é um lugar maravilhoso</b> . Nem se compara porque se a gente acha que a natureza que existe aqui que Deus criou lá é muito mais. [...] Quem tem Jesus tá no caminho estreito. <b>Esse caminho estreito aqui, que tá com dificuldade, é esse que vai te levar para o céu</b> . [...] o mundo, que oferece todas as coisas que esta ai, é o caminho fácil. [...] <b>Enquanto que aquele que optar pelo caminho largo e hoje está gostando das coisas do mundo mas que quando morrer vai gozar das lavas de fogo</b> . Olha a diferença então nós temos que ter plena consciência disso. Então a gente tem que pensar nisso e quando a tentação vier, eu não quero isso para mim não, <b>eu quero morar no céu, quero ser cidadão do céu</b> . (Relato da senhora Claudia – convertida – moradora de Ajuruteua – outubro de 2017).	1º Existem vários níveis no céu e só vai para ele quem está em Deus; 2º O caminho para o céu é um caminho de provações e privações enquanto o caminho para o inferno é o caminho do pecado e das tentações; 3º Gostaria de morar no céu e ser uma cidadã do céu;
13	Para mim o céu como a gente ia na Bíblia, é como um lugar onde a gente não vai mais ter tudo né a gente <b>não vai mais ter tristeza, não vai ter mais nenhum desses sentimentos. A gente só vai ter um prazer e gozo eterno</b>	1º Lugar de alegria, prazer e gozo

	<b>por estar ao lado de Deus.</b> E não vai ter mais nada dessas coisas que nos afligem aqui na terra, essas tribulações terrenas não vão mais existir. <b>Um lugar de descanso,</b> no paraíso onde <b>você só vai ter alegria,</b> ou coisa assim.. (Relato de Daiane– convertida – morador do centro – maio de 2015)	eterno, sem tristezas; 2º Lugar de descanso;
14	O céu deve ser um <b>lugar de muita felicidade, de muita oração a Deus.</b> (Relato da jovem Liliane - convertida – moradora de região central – outubro de 2017).	1º Lugar de felicidade;
15	O céu é <b>um lugar perfeito,</b> você <b>vai ter sorrisos em todos os cantos, não vai sentir dor, só vai ter amor.</b> (Relato da jovem Angelica - convertida – moradora de região central – outubro de 2017).	1º Lugar perfeito de muita alegria e amor, sem dor;

**Quadro 12 - . Relatos dos sujeitos sobre o que pensam/imaginam ser o céu**

**Fonte: Trabalho de campo entre 2015 -2017**

Organização: Roscoche (2018).